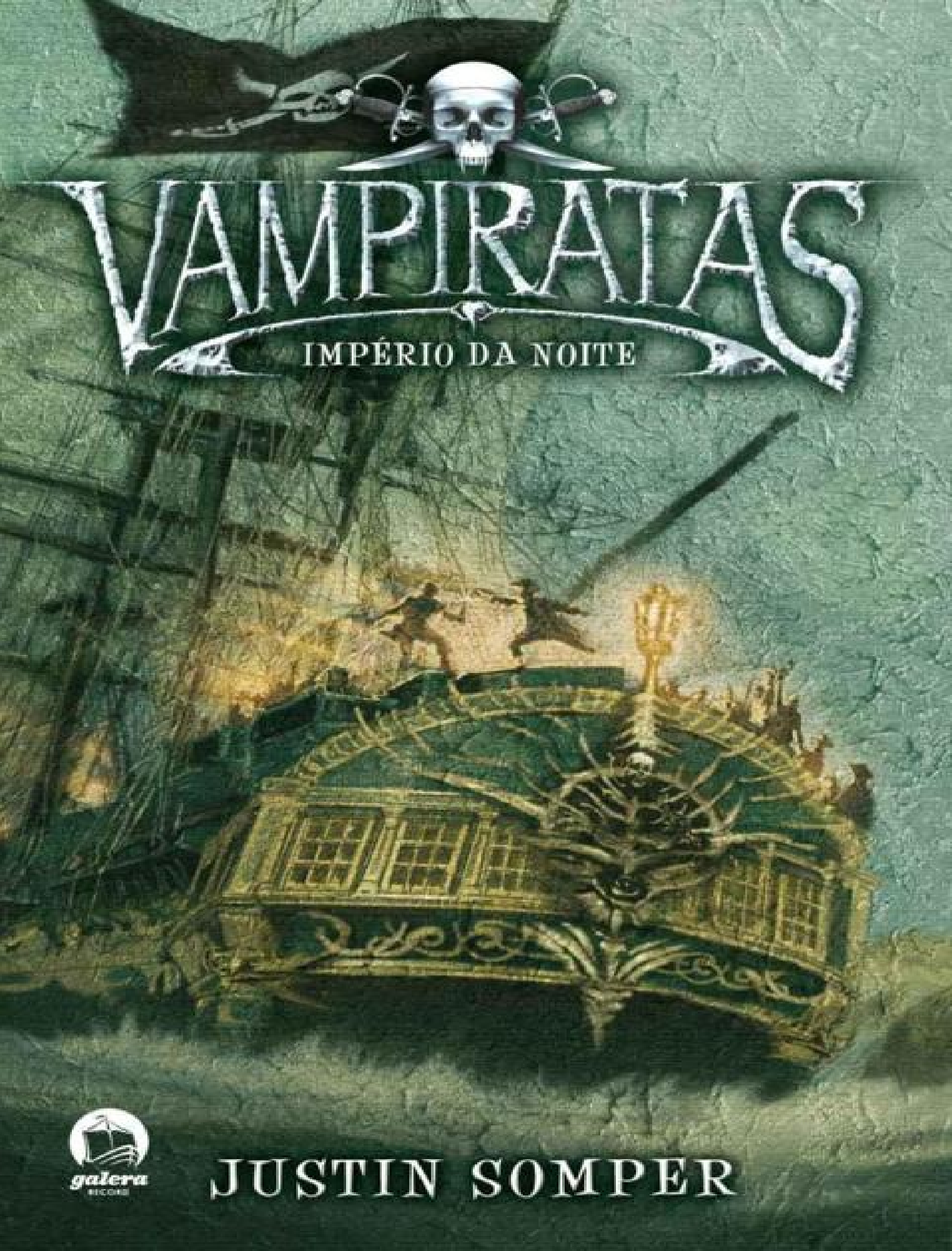
VAMPIRATAS

IMPÉRIO DA NOITE



galera RECORD

JUSTIN SOMPER

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Série Vampiratas

Volume 1 — *Demônio do oceano*

Volume 2 — *Maré de terror*

Volume 3 — *Capitão de Sangue*

Volume 4 — *Coração Negro*

Volume 5 — *Império da noite*

JUSTIN SOMPER

Tradução de
ALVES CALADO

Rio de Janeiro | 2013

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Somper, Justin

S68i

Império da noite [recurso eletrônico] / ; tradução Alves Calado. -1. ed. - Rio de Janeiro : Galera Record, 2013.

recurso digital (Vampiratas ; v. 5)

Tradução de: Vampirates: empire of the night

Sequência de: Vampiratas : coração negro

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-10003-0 (recurso eletrônico)

1.Literatura infantojuvenil inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Alves-Calado, Ivanir, 1953- II. Título. III. Série.

13-02674

CDD: 028.5

CDU: 087.5

Título original em inglês:
Vampirates: Empire of the Night

Copyright © 2010 Justin Somper

Design de logo da série por www.blacksheep-uk.com © 2007 Blacksheep Simon & Schuster

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Ilustração de capa: Renato Guedes

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos

pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-10003-0

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002

Para Sue, Sherri e Scott,
obrigado por me receberem em sua tripulação!

Uma baía em algum lugar
no litoral oeste da Austrália.
Ano 2512.

PRÓLOGO
Os três presentes

Connor,
Meu filho, herdeiro do meu império.
Aqui está o primeiro dos três presentes destinados a marcar esta afortunada primeira noite de ingestão de sangue. Venha à minha cabine quando o relógio indicar meia-noite e lhe entregarei os outros dois presentes.
Seu pai de sangue,
Sidório

Connor estava parado junto à porta do capitão. Instintivamente sua mão baixou até o cinto, os dedos procurando a espada que repousava na bainha. Apertou o punho da arma, como fazia com frequência em momentos de tensão. Isso o lembrava das ocasiões em que estava totalmente no controle — quando a lâmina era desembainhada e ele estava no meio da batalha. Se ao menos pudesse possuir, no restante da vida, a mesma simplicidade e clareza de quando estava engajado durante um combate!

A adrenalina tomou conta de seu corpo. Ela é uma coisa estranha, pensou. As pessoas precisam dela para incentivá-las em momentos de pressão, mas em grande quantidade a substância quase as paralisa. A vida de Connor havia mudado e ele sabia que não havia retorno. Nem podia ter certeza de que sua irmã Grace ainda estaria viva pela manhã. Na última vez em que a vira, ela observou que eles controlavam o próprio destino. Não poderia estar mais errada, pensou ele com amargura. Eles não passavam de moscas apanhadas numa teia de aço.

O relógio de ouro que acompanhara o bilhete de Sidório pesava muito em volta de seu pulso. Connor olhou-o agora, reluzindo sob as luzes do corredor. Faltavam apenas alguns segundos para a meia-noite. Não podia adiar mais. Respirou fundo, levantou a mão e bateu no painel de metal. Houve uma pausa e em seguida o som de trancas deslizando.

A porta pesada se abriu e Connor entrou.

— Connor — disse Sidório, fechando a porta. — Bem-vindo! É bom vê-lo de novo. E você encontrou o primeiro dos meus três presentes. Ficou bom em você.

— É. Obrigado, pai.

— Venha — falou Sidório, acenando para que Connor entrasse na cabine. — Estou com o seu segundo presente.

Connor entrou. Sidório estava parado diante de uma cômoda comprida, feita de madeira laqueada de azul com caracteres prateados gravados na superfície.

— Esta era a arca de guerra de Kublai Khan — disse o pai, passando as mãos pelo tampo. — Era mantida em sua tenda de batalha para que ele pudesse selecionar a melhor arma a ser usada em determinado dia. Esta arca foi presente de casamento de minha esposa. — Havia algo reverente no modo como Sidório abriu a primeira gaveta e puxou-a na direção dos dois. Dentro havia a maior variedade de espadas que Connor já vislumbrara. Ultrapassavam até mesmo as espadas dos capitães expostas na Academia dos Piratas e as da oficina do mestre Yin.

— Estas são armas dignas de um imperador — disse Sidório. — E, portanto, de um filho de imperador. — Ele pôs a mão nos ombros de Connor. — Escolha uma, filho. Será o segundo dos meus três presentes.

Connor ficou momentaneamente deslumbrado enquanto o olhar vagava pelas lâminas de metal polido, dispostas em um mar de seda azul. Qualquer uma daquelas espadas era de fato um presente raro. Independentemente de qual ele fosse escolher.

— Se nenhuma delas lhe agrada — prosseguiu Sidório — abra a segunda gaveta, ou a terceira. Demore o quanto quiser. — Ele deu um passo atrás, permitindo acesso total à arca de guerra.

Connor não precisava abrir mais nenhuma gaveta. Ali, no canto da gaveta superior, estava a espada que o atraía. Não era uma escolha óbvia, pois era uma das armas mais simples, mas Connor viu com seu olhar experiente que essa era *a* espada projetada com perfeição. Sabia, no fundo da alma, que era aquela que o mestre Yin, o artesão de espadas da ilha Lantau, teria escolhido.

Ele estendeu a mão para a gaveta e ergueu a espada que havia escolhido. Quando apertou o punho da arma, soube que tinha tomado a decisão certa. Como as melhores espadas, aquela parecia uma extensão de seu braço. Se algum dia a usasse em combate, não tinha dúvida de que ela iria se mostrar auspiciosa.

— É esta? — perguntou Sidório.

Connor confirmou.

— Obrigado, *pai*. É incrível.

— Escolheu bem. — Sidório fechou a gaveta de novo. — E agora vamos nos sentar.

As palavras eram bastante inócuas, mas o coração de Connor estava batendo forte enquanto acompanhava os passos de Sidório e voltava à mesa. Sidório o empurrou gentilmente na direção da cadeira oposta. Ele sentou-se, deixando sua velha espada pender ao lado do corpo e deitando a nova aos seus pés.

Sobre a mesa havia uma toalha de veludo dobrada, com bordas de brocado. O olhar de Connor acompanhou os detalhes do brocado e depois retornou ao tecido e ao que havia em cima dele: uma taça de ouro, com as alças moldadas para parecerem duas cobras que se retorciam.

Sidório levantou a taça com uma das mãos.

— Isto já pertenceu a César. — Em seguida virou-se para Connor, com a voz orgulhosa e forte. — Agora César é pó e a taça me pertence.

Colocou-a de volta sobre a mesa, ao lado de uma jarra de cristal que fora enchida até a borda com um líquido escuro e carmesim, um tanto opaco.

Sidório não perdeu mais tempo. Connor viu as mãos de seu pai retirarem a tampa de cristal da jarra e virarem-na, derramando uma quantidade generosa do líquido na taça de duas alças. Depois recolocou a jarra sobre a mesa e tampou-a de novo. Sentando-se, levou a taça aos lábios grossos e tomou o conteúdo num gole só. Connor ficou olhando. Sidório engoliu aquilo com muita facilidade. Em seguida seria sua vez.

O pai pousou a taça na mesa, depois ergueu a jarra e encheu-a de novo. Estendeu a taça para Connor.

Connor podia ver seu reflexo pálido no líquido cor de rubi. Tinha previsto que sua mão tremeria ao segurar a taça, mas estranhamente isso não aconteceu. Estava possuído por uma serenidade surpreendente. Isso era um bom sinal, pensou; sinal de que estava preparado. Além do mais, concluiu, não era de fato a primeira vez que bebia sangue — apenas nunca o havia tomado diretamente, assim.

— Meu filho — disse Sidório, com os lábios manchados pela bebida. — Sangue do meu sangue. Herdeiro de meu império eterno. Beba.

Connor levou a taça aos lábios. Não tinha certeza de suas expectativas, mas, ao tomar o primeiro gole, ficou surpreso ao ver como aquilo parecia natural. Tomou um segundo gole, consciente de que Sidório o observava com atenção. O Vampirata sorriu enquanto Connor terminava de beber o conteúdo da taça. Não era muito difícil, pensou, satisfeito

consigo mesmo. Sentia-se quente, de algum modo, ardendo por dentro. E também sentia-se forte, invencível, como se uma nova energia pulsasse dentro dele.

— Bom? — perguntou Sidório.

— É.

— Mais? — A mão de Sidório já estava na jarra.

— Sim, pai.

— Esse é o meu garoto! — Ele encheu de novo a taça de Connor. — Vamos compartilhar esta. Metade para mim, metade para você. — Sorrindo, levou os lábios à taça, depois a entregou a Connor do outro lado da mesa.

Connor bebeu e sentiu o calor se expandir por dentro e, junto com ele, a energia. Sentia-se muito poderoso, como se pudesse lutar sozinho contra um exército devastador, se fosse necessário. Se *optasse* por fazê-lo.

— Outra? — perguntou Sidório.

Connor confirmou com a cabeça.

O tempo ficou turvo, até que de repente Connor tomou consciência de Sidório batendo de leve na jarra vazia.

— Parece que acabamos com esta, mas posso mandar que tragam mais, sem problema. — A expressão dele ficou séria. — Da próxima vez que nos alimentarmos, filho, vamos dispensar essas formalidades e caçar sangue fresco juntos. Lado a lado.

Connor encolheu-se diante das palavras do pai. Caçar em busca de sangue parecia um passo grande demais. Porém, depois de tudo que havia acontecido nas últimas seis semanas, não poderia descartar a hipótese. Como Sidório havia observado, Connor Tormenta não existia mais. Agora ele era Connor Quinto Antônio Sidório.

O capitão tinha voltado a falar:

— Agora é hora de seu terceiro presente. Acho que vai descobrir que guardei o melhor para o final.

— O relógio é maneiro e a espada é incrível, não acredito que algo possa ser melhor do que isso — disse Connor, imaginando o que poderia ser o terceiro presente.

Sidório levantou um dos cordões que estavam pendurados em seu pescoço. A princípio Connor ficou desapontado. Depois da empolgação dos dois primeiros presentes, raros e luxuosos, uma joia de segunda mão era definitivamente um anticlímax. Então notou que havia uma chave presa ao cordão. E gravado no metal da chave estava um número.

Intrigado, virou a chave na mão e olhou para Sidório.

— O que é isso? — perguntou.

— A chave da cabine 329. Seu terceiro presente está esperando por você lá. Tudo o que precisa fazer é abrir a porta.

— Devo ir agora?

— Se quiser. Na verdade, vou com você.

— Claro, certo... pai.

Mais uma vez o uso da palavra provocou um sorriso suave nos lábios de Sidório. Eles se levantaram da mesa e Connor estendeu a mão para sua espada nova. Não iria deixá-la fora do alcance. Era linda demais.

Com orgulho, Sidório levou Connor para fora da cabine e os dois seguiram pelo corredor. Outros tripulantes esperavam do lado de fora, e não fizeram esforço algum para disfarçar o interesse em Connor. Ele não se importou nem ficou incomodado. Quem poderia culpá-los por esse interesse? Sentia-se andando sob um refletor dourado. No breve tempo que havia passado na cabine, seu papel como futuro comandante fora selado. Ele era o filho do capitão; herdeiro do império eterno da noite.

Pai e filho caminharam com determinação pelo corredor, e, no fim, chegaram à outra porta. Sidório fez uma pausa, depois apontou.

— Cabine 329 — disse. — Seu presente espera aí dentro.

Connor estendeu a mão com a chave.

— Devo alertá-lo — prosseguiu Sidório, inclinando-se para perto enquanto Connor posicionava a chave na fechadura. — O presente não está *totalmente* pronto para você.

— Como assim? — perguntou Connor, virando a chave. Sentiu o fecho virar e a porta de metal ceder. Entrou na cabine, e Sidório foi atrás.

— Aí está — disse o capitão. — Meu último presente. Como eu disse, não está *totalmente* pronto para você.

Connor não conseguia falar. Quando olhou para o interior da cabine, cada fibra do seu ser se imobilizou. Seria isso algum truque, alguma alucinação provocada pela sua primeira ingestão verdadeira de sangue? Não. Era o que era. Ele podia ver e sentir. O terceiro presente de Sidório. Isso, esse *horror*, era realmente o que o capitão concebia como um presente melhor do que todos os outros.

— O que você fez? — perguntou Connor, rouco. — *Por que* fez isso? — Ele abriu a boca e soltou um gemido profundo, lancinante.

Seis semanas antes...

CAPÍTULO 1

Se você conseguir manter a cabeça...

Sidório estava parado na praia, aninhando nas mãos a cabeça decapitada de sua nova esposa.

Lola. Abriu a boca para falar o nome dela, mas era doloroso demais pronunciar a palavra e saber que ela se fora. Saber que ela jamais iria olhá-lo de novo, os olhos cintilando com objetividade sombria. Que nunca mais sorriria e seguraria a mão dele. Nunca mais ergueria uma de suas taças antigas prediletas, cheias com líquido de sua safra especial, nem beberia com toda a graça de sua linhagem aristocrática...

Olhou para ela, cheio de espanto. Mesmo nesse estado, com o rosto ficando tão pálido quanto o reflexo da lua no mar calmo, sua beleza era sem igual. Lady Lola Elizabeth Misericórdia Lockwood Sidório. Ainda não fazia uma hora desde que tinham se casado e ela já fora tirada de seus braços. Despachada cruelmente no altar, pelo próprio filho. Uma lágrima surgiu no olho de Sidório. Não era uma sensação familiar. A gota d'água escapou e caiu como um pingo de chuva no rosto de Lola. Sidório teve uma fantasia súbita de que a água poderia revivê-la de algum modo; que ela não estava morta, e sim apenas dormindo. Mas bem no fundo, naquele nó em seu estômago, sabia que ela se fora. Estava sozinho de novo.

Levantou os olhos um momento e viu um barquinho roçando sobre a água: era o esquadrão pirata voltando para o navio após terminar sua terrível missão. Já estavam

longe demais para que pudesse distinguir as silhuetas da maligna capitã Cheng Li e do jovem assassino de Lola. Mas Sidório manteve a imagem do rosto do garoto com clareza na mente, porque era o rosto de alguém que era sangue do seu sangue: seu filho, Connor.

— Meu garoto — disse rouco, agonizante.

De algum lugar veio um som que parecia um suspiro. Olhou instantaneamente para a cabeça da esposa, imaginando se haveria algum modo concebível de o som ter saído dela. Mas não. Era meramente uma onda desgarrada batendo na praia; o rosto de Lola estava impassível como sempre. Sidório passou o dedo pela linha da bochecha dela. A pele havia começado a mudar — não somente na cor, mas também na tonalidade. Não era mais o alabastro liso ao qual estava acostumado.

Olhou para a tatuagem de um coração negro pintado em torno do olho esquerdo de Lola. Aquele coração negro, aquela pálpebra fechada, cobria a mais preciosa das joias. Sidório desejou com toda a força que Lola abrisse os olhos só mais uma vez. Se ao menos pudesse ver seus lindos olhos cor de mogno por um último instante fugaz... Mas não, um único instante com Lola seria demasiadamente hipnotizante, ele sempre iria querer mais. Mesmo que pudesse voltar o relógio em apenas uma hora, até o momento em que toda a eternidade estava diante deles, sempre ansiaria por mais tempo com Lola. A pele dela estava ficando mais enrugada a cada segundo. Agora que o lacre de sua imortalidade fora violado, os anos, famintos, finalmente corriam para alcançá-la e consumi-la. Era algo terrível de se olhar.

Sidório pensou no primeiro encontro dos dois. Fora em outra praia, não muito diferente desta. Ela e sua tripulação vinham pregando peças nele, mas, como confessara naquela noite, tudo fora uma trama para atrair sua atenção. Como ela havia dito? Lola era tão hábil com as palavras! "De que outro modo uma sardinha poderia sinalizar para uma baleia?" Isso mesmo! Quase podia ouvir sua voz. Ele sorriu momentaneamente. Mas em quanto tempo ele perderia a capacidade de evocar aquele timbre característico, de vidro lapidado? Quanto tempo até que essa lembrança se perdesse?

Seus pensamentos retornaram para a ocasião em que ele invadiu o navio de Lola, o *Errante* — uma embarcação consideravelmente menor do que a sua, o poderoso *Capitão de Sangue*. Naquela noite ele a interrompeu enquanto ela se preparava para seu banho de sangue noturno. Isso fazia parte de seu regime secreto, mas ela o deixara de lado por causa dele. Em vez disso os dois beberam juntos com as taças antigas de que ela tanto gostava, e ela lhe dera bombons.

Logo a lembrança transformando-se em outra: a primeira vez em que haviam caçado

juntos. Lola sempre deixou claro que preferia tomar sangue numa taça, mas ainda assim havia caçado com ele, dizendo que queria conhecer seus métodos — não somente conhecer, mas *experimentar*. Ele havia tentado fazer o mesmo por ela, mas nunca entendeu muito bem por que a taça seria mais atraente do que o receptáculo humano. As noites em que haviam caçado juntos, como dois lobos ferozes, haviam sido noites da mais pura alegria de que ele poderia recordar. Pensar nelas agora trazia apenas calafrios aos seus ossos imortais e uma dor profunda, pesada, à cabeça. Em suas mãos o rosto de Lola ficava mais enrugado a cada minuto que passava, a pele tão seca que começava a se soltar em flocos. Ela estava sendo devastada diante dos seus olhos. Sidório começou a temer que sua linda esposa simplesmente virasse pó e escorresse entre seus dedos para o ar noturno.

Fechou os olhos, instigando a escuridão a tragá-lo. Agora simplesmente pensar nela era uma fonte constante de dor. Mas ela estava dentro dele. Imagens de Lola preenchiam seu ser tão completamente quanto as células sanguíneas: a ocasião em que ela o havia ajudado a escolher roupas novas, como o terno de casamento, o qual ele ainda usava — embora essas vestes finas nunca mais venham a ter utilidade —; a noite em que ela pôs a minúscula mão sobre a dele e mostrou como girar o líquido na taça para liberar o aroma; e depois aquele momento mágico em que ela consentira em se tornar sua esposa...

Ela havia se tornado sua esposa; porém, mais do que isso, havia se tornado o seu mundo. E agora não existia mais.

Sidório estivera solitário antes, mas nunca assim. Soltou um rugido de lamento.

O vento sussurrou em seu ouvido, como se de algum modo compartilhasse o luto. O som veio uma segunda vez, e Sidório se perguntou se aquilo poderia, afinal, ser mesmo o vento. A praia estava calma e o ar imóvel e seco.

Houve um terceiro som, não tanto um sussurro quanto uma tosse. Tentado a acreditar que algum resquício de vida permanecia em Lola, olhou para baixo, ao medo do desapontamento amargo que o esperava. Mas não tinha escolha, precisava ver de novo aquele rosto lindo. Aquela tatuagem perfeita de um coração negro.

Contemplou os lábios de rubi. Seria sua imaginação ou eles teriam se aberto ligeiramente desde a última vez que os vira? E a pele parecia, se não mais lisa, pelo menos não tão enrugada e rachada quanto antes. Sidório balançou a cabeça. Era possível enlouquecer com a imaginação.

E agora talvez a loucura *tivesse* mesmo tomado conta de Sidório, porque ao olhar mais uma vez para o rosto da esposa, viu uma pálpebra frágil estremecer. O coração negro

estava partido. E, no lugar, viu a beleza estonteante do olho de Lola.

Sentiu-se afundando inexoravelmente nas profundezas da insanidade.

— Não — gemeu. — Não brinque comigo! Deixe-me permanecer de luto.

Diante disso os lábios rachados de Lola se moveram num sorriso suave. Então ele escutou a voz inconfundível.

— Você está um tanto prematuro em seu luto, meu querido marido.

Sidório ficou paralisado.

— Chega de truques! Quem quer que seja, quem quer que esteja fazendo isso, pare! Preciso deixar que ela se vá!

Os olhos de Lola brilharam.

— Querido Sid. Por enquanto não vou a lugar nenhum. Mas se você fizesse a gentileza de me reunir ao meu corpo, eu voltaria alegremente a algum de nossos navios com você...

Isso não era sonho. Não era loucura. Era um milagre genuíno!

Sidório não pôde conter a torrente de alegria que o invadiu.

— Você voltou! — gritou, com lágrimas escorrendo pelo rosto. — Mas como? Como pode ser?

Lola olhou-o. Ainda que o rosto estivesse rachado e ressecado, continuava a ter uma beleza inconfundivelmente rara.

— Querido, amado Sid. Você achou mesmo que eu iria abandoná-lo na noite do nosso casamento? Sem chance! Um homem como você é difícil de encontrar.

Sidório ficou espantado. Agora sabia que não estava imaginando isso tudo. Somente Lola diria algo assim.

— Você voltou — disse. — Você voltou mesmo!

— Voltei — respondeu Lady Lola Elizabeth Misericórdia Lockwood Sidório. — Voltei, meu marido. Portanto não vamos desperdiçar mais nenhum instante. Leve-me ao meu corpo e depois precisarei de algo tremendamente forte para beber.

— Sei exatamente o quê — disse ele. Enquanto falava, Sidório já ia caminhando pela areia, aninhando a preciosa cabeça da esposa. Em júbilo, começou a correr, depois lançou-se no ar. Voou até o topo do penhasco, onde o corpo esbelto porém inerte de Lady Lola esperava pacientemente, pronto para ser reunido à cabeça desgarrada.

Sidório pôs a cabeça de Lola na grama, segurando-a o mais perto possível das veias e artérias rasgadas, do osso partido e dos músculos do pescoço. Quando fez isso, Lola fechou os olhos de novo e, então, franziu o cenho, como se sentisse uma dor excruciante. Sidório foi tomado pelo medo de que aquilo não funcionasse, mas logo as fibras do

pescoço começaram a se entrelaçar de volta.

Sidório olhou, fascinado, enquanto a pele ferida e sangrenta de Lola começava rapidamente a se curar. A pele descamada caiu do rosto e as rugas foram diminuindo, recuando como a maré vazante. O rosto rapidamente recuperou o brilho e a flexibilidade costumeiros. No mínimo ela parecia mais jovem do que antes. Durante todo o processo, seus olhos permaneceram fechados. Agora ela parecia em paz, como se tirasse um cochilo restaurador.

Sidório pôs as palmas das mãos grossas dos dois lados do lindo rosto da esposa, e os fios do cabelo preto como as penas de um corvo se derramavam sobre seus dedos sujos. Mal conseguia acreditar que ela estivesse de fato ali; que aquela milagrosa reunião não era fruto de sua imaginação. Mas o mero toque da pele de Lola parecia diferente. Podia sentir uma nova energia borbulhando sob a superfície. Sabia pouco sobre a biologia dos vampiros, mas imaginou células escuras se multiplicando, oscilando dentro das veias.

Lola abriu os olhos e uma luz extraordinária saltou de dentro deles — uma luz que parecia iluminar tanto a vida dentro dela quanto a jornada adiante. Agora que Lola estava de novo ao lado dele, poderiam finalmente embarcar em sua viagem juntos. Quem sabia aonde ela iria levá-los?

Sidório sentiu como se retornasse à vida junto com sua esposa. Mais uma vez pensou em Connor. Se aquela reunião milagrosa com Lola fora possível, por que uma reunião com seu filho também não poderia acontecer, por mais improvável que parecesse? E com sua filha, Grace, é claro. Era hora de juntar toda a família.

Percebeu a esposa olhando-o, a cabeça acomodada na grama macia. Sidório se inclinou para baixo, afastando cuidadosamente uma mecha solta de cabelos de cima dos olhos de Lola, de modo que a tatuagem característica ficou visível de novo.

— O que virá em seguida para nós, meu coração negro?

As pálpebras de Lola estremeceram tão delicadamente quanto as asas aveludadas de uma mariposa.

— Depois do casamento — disse ela com a voz rouca — é costume que o noivo leve a noiva para uma lua de mel, não é?

— Uma lua de mel? — Sidório pegou-se acelerando o passo para acompanhá-la. — Uma lua de mel. É claro. Aonde você gostaria de ir?

— Algum lugar frio. Estou cansada desse calor incessante. Me leve a um lugar *tremendamente* frio.

Sidório sorriu para ela, com os dois incisivos de ouro reluzindo ao luar.

— O que seu lindo coração negro desejar, meu amor. Você sabe que eu faria tudo por você.

Lola sorriu e segurou a mão de Sidório.

— E eu por você. Por toda a eternidade.

Capítulo 2
Piratas na praia

Connor Tormenta estava alerta no convés do navio, esperando que Cate "Alfanje" Morgan desse o sinal. Olhou para o lado direito, e seu amigo Bart Pearce deu-lhe uma piscadela tranquilizadora. Como sempre, ele se fortaleceu com a proximidade de Bart. Não havia ninguém em quem fosse possível confiar mais em meio ao caos do conflito — ou mesmo fora dele — do que Bart.

Virando-se para o outro lado, viu Cheng Li adiante. A mais nova capitã da Federação dos Piratas também tinha seus intensos olhos amendoados voltados para Cate. Em muitos sentidos era como nos velhos tempos. Cate, Bart e Cheng Li eram os primeiros piratas que Connor havia conhecido e de quem ficara amigo quando foi levado a bordo do navio de Molucco Wrathe, o *Diablo*.

Mas Connor não estava mais a bordo do *Diablo*; não estava mais acorrentado ao comando instável de Wrathe. Ele e seus jovens colegas tinham percorrido um longo caminho em pouco tempo; nenhum deles mais do que o próprio Connor. Em muitos sentidos, sobreviver aos meses anteriores fora como andar na montanha-russa mais radical já inventada. Mas Connor não queria pensar nas reviravoltas da jornada. Agora não era hora de pensar, e sim de agir. Seu corpo estava alerta como um falcão esperando para saltar sobre a presa. Sua mente também estava excitada com a luta. Que ela viesse com

tudo! Seus novos companheiros estavam por perto. O olhar de Connor passou rapidamente pelos rostos bonitos de Jacoby Blunt e Jasmine Pavão, a dupla de ouro. Era assim que pareciam quando ele os encontrou pela primeira vez na Academia dos Piratas. Jacoby e Jasmine tinham sido dois dos alunos mais talentosos e populares na turma da graduação. Como haviam parecido despreocupados na época! Mais tarde tinham servido como piratas profissionais a bordo do *Tigre*, comandado por Cheng Li. O treinamento de elite lhes servira bem profissionalmente, porém, na esfera particular houvera acontecimentos que nenhum deles tinha previsto. Sim, pensou Connor, enquanto seu olhar acompanhava os contornos do perfil espantosamente lindo de Jasmine. De fato houvera reviravoltas surpreendentes na jornada até ali.

Cate deu o sinal e, sem hesitar, Connor correu em direção à beira do convés, lançando-se no ar com Bart de um lado e Jacoby do outro. Com as espadas em mãos, a batalha já estava acontecendo antes mesmo que pousassem no convés do navio adjacente.

Aço chocou-se contra aço. Houvera ocasiões em que o barulho fizera os pelos da nuca de Connor se eriçarem e a cabeça doer, mas hoje não. Agora o barulho implacável era bem-vindo, pois silenciava instantaneamente os sons interiores. Ali, no inferno do combate, não havia chance de escutar as vozes geladas dentro de sua cabeça. Ali as coisas eram simples, alcançáveis. Ele e seus colegas tinham um serviço a fazer, uma luta a ganhar. E Connor Tormenta tinha vontade de lutar.

— Siga-me, Tormenta! — gritou Jacoby.

Connor não hesitou. Jacoby Blunt era o subcapitão do *Tigre*, o imediato de Cheng Li. Independentemente dos complicados sentimentos pessoais de Connor em relação a Jacoby, em combate havia uma hierarquia simples a seguir.

Os dois jovens piratas correram pelo convés em direção ao coração do navio, perseguindo seus alvos principais: o capitão e seu imediato. Se — ou melhor, *quando* — eles se rendessem, a batalha estaria terminada. Era um navio menor do que o *Tigre* ou o *Diablo*, e Jacoby e Connor precisavam correr em fila única, o que os mantinha em desvantagem devido ao pouco conhecimento sobre o desenho da embarcação. Os adversários eram jovens e rápidos. Cate e Cheng Li haviam dito que aquela era uma missão simples, mas Connor já adquirira experiência suficiente como pirata para saber que nenhuma missão jamais era totalmente simples. Sempre há uma oportunidade para as coisas saírem da linha. Isso acontecera quando ele e o resto da tripulação de Molucco Wrathe foram cercados no convés do *Albatroz* e, como consequência, Jez, um bom amigo de Connor e Bart, perdera a vida. Sangue havia sido derramado de novo durante o ataque

dos piratas contra o Forte do Pôr do Sol, desta vez devido às ações tipicamente egoístas do sobrinho de Molucco, Aluar Wrathe. Connor tivera que matar pela primeira vez para salvar a vida de Aluar. Depois disso fora festejado como herói, mas a experiência levou-o a questionar se ele servia para a vida de pirata.

Agora Jacoby e Connor chegaram a uma escada que descia em espiral até as entranhas do navio. Podiam ver seus alvos dando voltas abaixo, gritando palavrões aos piratas. Connor não ficou muito impressionado com a linguagem espalhafatosa dos adversários, mas com o tom de suas vozes. Desde o início soubera que os alvos eram jovens, mas *quão* jovens exatamente?

Teve que abandonar temporariamente esse pensamento por causa de preocupações mais imediatas. A principal era para onde os dois alvos iam, e por quê. Seus atos desafiavam toda a lógica. Jamais se deveria fugir de um convés aberto para o fundo de um navio — esse era um dos primeiros aspectos de estratégia inculcados nos aprendizes da Academia dos Piratas. Mas os oponentes de Connor jamais haviam estudado lá. Eram "piratas da praia" — crianças oportunistas que esperavam tomar o caminho mais rápido para a fama e a fortuna. Alguns anos antes eles poderiam ter tido sucesso, poderiam ter crescido para receber a adulação dada a Molucco Wrathe, por exemplo. Agora, não. As coisas estavam mudando na velocidade da luz. A Federação dos Piratas estava investindo com toda a força contra as embarcações que não eram federadas e seus capitães autonomeados. Com a crescente ameaça externa nos oceanos, ela não podia mais fechar os olhos para elementos desgarrados dentro da fraternidade pirata. Cheng Li e Cate haviam sido claríssimas quanto ao objetivo desta missão: tornar este navio e seus jovens comandantes inativos imediatamente.

Jacoby lançou-se escada abaixo e, como sempre, Connor ficou pasmo com a capacidade atlética do colega. Às vezes o corpo flexível e tenaz de Jacoby parecia ter mais em comum com uma pantera do que com um ser humano. Connor foi atrás, não se dando crédito pelo fato de que era tão atlético quanto ele.

— Por aqui — gritou Jacoby quando os pés de Connor fizeram contato com o piso do convés inferior. Seguiram rapidamente por outro corredor indo em direção à porta que havia no final. Os oponentes tinham que estar na cabine atrás dela, não havia outro lugar aonde irem. Connor conteve Jacoby por um instante, alerta ao fato de que podiam estar correndo para uma armadilha, e seu companheiro captou a mensagem sem que trocassem uma palavra. Era a Sincronicidade dos Camaradas — Connor lembrou-se de Jasmine falando de uma aula sobre esse assunto na Academia dos Piratas; uma aula dada pelo seu

recém-assassinado diretor, o comodoro John Kuo.

Kuo podia ter morrido, mas seus ensinamentos ainda estavam vivos. Talvez fosse o melhor legado que alguém poderia deixar.

Juntos, Jacoby e Connor examinaram o terreno, avaliando as possibilidades. Satisfeito ao ver que havia apenas uma, Jacoby se virou para Connor. Ele assentiu intuitivamente, e então os dois partiram pelo corredor e se lançaram contra a porta da cabine.

Seus adversários haviam empilhado lastro contra o outro lado da porta, mas isso não bastou para impedir que Jacoby e Connor a atravessassem. Viram-se entrando numa cabine grande e escura que, em sua essência, era como muitas outras que tinham visto antes; no centro havia uma pesada e comprida mesa de banquetes, rodeada por cadeiras altas. Porém, presas às paredes de cada lado da cabine havia centenas de espadas de todos os tamanhos e formas. Parecia que as paredes eram feitas de aço. Era um autêntico arsenal. Seus oponentes não teriam escassez de armas com as quais ameaçá-los. Mas onde *estavam* os oponentes?

Olhando para cima, bem no último instante, Connor viu uma figura pequena, porém atlética, enrolada em volta do lustre de ferro que pendia no centro da cabine, sobre a mesa. Captando o olhar de Connor, o agressor se balançou no lustre para ganhar impulso, lançando-se na direção dele. Ao fazer isso soou um grito, e o segundo atacante voou de baixo da mesa com a força de uma bala de canhão, atingindo Jacoby.

Sem se abalar, Connor saltou sobre a mesa e ficou cara a cara com seu oponente. Pela primeira vez viu o rosto dele — o menino não poderia ter mais de 9 ou 10 anos. Em outra circunstância ele teria aplaudido a ambição do garoto, mas agora não era hora de elogios. O pirata da praia sorriu desembainhando a espada, e Connor aparou-a rapidamente com seu florete.

Ouviu Jacoby cruzar espadas com o capitão dos piratas da praia, mas não podia se arriscar a desviar os olhos de seu próprio oponente. O menino era cheio de energia e Connor não teve dúvida de que se o deixasse tirar vantagem, ele seria implacável. Não deixaria isso acontecer. Atraiu o adversário, consentindo que ele fizesse seus movimentos, confiando que cedo ou tarde pegaria o garoto de surpresa e conquistaria a vitória.

Connor aparava cada golpe da espada do oponente. O menino era delgado e não podia se rivalizar com ele em termos de força, mas utilizava a própria falta de peso com grande efeito acrobático. A leveza e a agilidade de seus movimentos eram deslumbrantes. Ele fazia com que Connor, aos 14 anos, se sentisse velho e pesado em comparação.

Connor ficou impressionado com a coragem e com o talento cru do menino, que,

por sua vez, investiu novamente contra ele. Podia imaginar os professores da Academia dos Piratas enchendo o garoto de elogios, ou Cheng Li colocando-o sob sua asa, como fizera ultimamente com Bo Yin. Mas, de repente, a inexperiência do menino em combate se revelou: ele havia se permitido ser levado a um canto. A luta estava encerrada. O pirata da praia fora facilmente vencido em estratégia pelo profissional. No conflito, os dois tinham parecido equivalentes, apesar da diferença de idade; agora Connor pegou-se olhando para um garoto aterrorizado que cuspia e lançava um jorro de injúrias contra ele. Decidiu, então, que era hora de lhe dar uma lição.

Estendeu a lâmina para tocar o rosto do oponente. Com cuidado, passou a ponta pela bochecha do menino, vendo uma nítida linha de sangue aparecer na pele macia. Pôde ver o terror puro nos olhos do garoto; soube que havia deixado claro quem mandava agora. Tinha o poder de escolher entre a vida ou a morte do oponente. Foi então que Connor percebeu como estava com raiva. Com raiva porque aqueles "piratas da praia" estavam no mar, metendo-se com tripulações de piratas de verdade, como a sua, que tinham negócios sérios a fazer. E com raiva também porque lhe fora negada a luta plena, desafiadora, que outro profissional lhe daria — uma luta da qual precisava; pela qual seu corpo e sua mente ansiavam. Mas acima de tudo estava com raiva de si mesmo. Devido a coisas totalmente fora de seu controle.

— Acabou. — Ouviu a voz de Jacoby, falando com o jovem capitão que fora igualmente forçado a se submeter. Agora Jacoby virou-se para o colega. — Acabou, Connor. Guarde a espada!

A voz do amigo era clara demais, confiante demais. Para ele fora uma missão iniciada e encerrada. Era assim que Jacoby via cada batalha, cada missão, cada dia e cada noite. Em padrões que eram apenas em preto e branco; sem cinza. As coisas nunca serão tão simples para mim, pensou Connor com amargura. Para ele não havia mais começos e finais simples. Não depois do que soubera a seu respeito; sobre o que ele era e sua incapacidade de fazer qualquer coisa para mudar isso. Para todo o sempre, por toda a devoradora eternidade, sua única verdade seria que seu nome era Connor Tormenta e ele era filho de um vampiro.

CAÍTULO 3
Lua de mel

Mar Negro, Odessa, Ucrânia

— Realmente adoro isso aqui — declarou Lola, afastando o olhar de Sidório e se virando para o mar gelado. — Eu sabia que você escolheria o local perfeito para a nossa lua de mel. — Fazia tanto frio que as ondas do oceano congelavam ao bater na costa. Era uma visão rara e mágica, tornada ainda mais mágica pelo tom violeta do luar e o sussurro fraco das ondas a distância, dando os últimos suspiros antes de se transmutarem de líquido em gelo.

Uma nova camada de neve começou a cobrir a mesa entre os dois. Lola se virou para o marido, estendendo a mão para ele.

— Como você é inteligente! — disse.

Sidório sorriu. No tempo dolorosamente longo em que percorria esse mundo, quase podia contar nos dedos de uma das mãos as vezes em que fora chamado de inteligente. Afastou o olhar do rosto reluzente da esposa e virou-o para a construção atrás deles. Uma luz suave emanava das janelas do hotel praticamente deserto. Em tempos anteriores, o prédio rococó fora um palácio real e mantinha certa grandiosidade épica. Os Lockwood Sidório eram os únicos hóspedes e tinham reservado a suíte que já fora usada por Pedro, o Grande, e sua esposa, a imperatriz Catarina.

— Que adequado! — dissera Lola ao pegar a chave com o recepcionista, que também servia como mâitre.

Na ausência de hóspedes durante o inverno longo e severo, o hotel mantinha apenas um mínimo de funcionários. Isso importava pouco para os recém-casados. Suas necessidades eram muito simples.

Agora o mâitre foi em direção ao casal pouco convencional, mas infalivelmente generoso, sentado à mesa na beira da praia coberta de neve. Esta noite, a mulher com a curiosa tatuagem do coração vestia um manto de zibelina de corpo inteiro; o homem usava um sobretudo, o que aumentava seu ar um tanto militar.

— Senhor. — O velho recepcionista pigarreou e anunciou: — Os músicos chegaram. Como o senhor pediu. — Dada a mensagem, o velho anfitrião começou a arrastar os pés de volta pela neve.

Lola bateu palmas, deliciada e, olhando amorosamente para o marido, exclamou:

— Músicos! Bravo!

— Você disse que queria música. — O olhar de Sidório se fixou nos olhos dela. — Qualquer coisa que minha esposa desejar, ela terá.

Lola sorriu.

— Qualquer coisa?

Ele deu uma piscadela e respondeu:

— Surpreenda-me.

— Um novo navio — disse ela, sem parar para pensar. — Igual ao de Trofie Wrathe. O *Tífon.* — Lola fez uma pausa e sorriu. — Não, não *igual* ao *Tífon. O próprio Tífon.* Eu quero o *Tífon.*

Sidório pareceu achar divertido.

— A mão de ouro dela não bastou para você?

Lola fez biquinho por um instante.

— Aquele filho rançoso dela roubou de volta. Não importa, ela serviu ao seu propósito. — Lola sorriu ao se lembrar de como havia usado a mão de Trofie como peça central de seu pouco ortodoxo buquê de noiva.

— Ótimo — disse Sidório. — Então você terá o navio dela. O que mais? Alguma coisa que eu possa lhe dar esta noite?

— Bom. Eu *estou* com um bocado de sede, por acaso. E você?

Sidório fez um movimento afirmativo com a cabeça, sorrindo, e então assobiou para o mâitre, que ainda estava andando com dificuldade pela neve para chamar os músicos.

Quando o assobio de Sidório repercutiu no ar noturno, o velho parou imediatamente, virou-se e começou a voltar, com os sapatos de neve lentos e pouco firmes.

— Traga uma garrafa magnum de sua melhor safra — vociferou Sidório.

O velho ergueu uma sobrancelha desgrenhada — uma onda de pelos brancos incrustados de gelo.

— Nossa melhor safra é cara, senhor, especialmente numa garrafa magnum.

Sidório deu de ombros, sem perder tempo para tirar ouro dos bolsos.

— Não me incomode falando de dinheiro. Você sabe perfeitamente que tenho ouro suficiente para comprar esse hotel pulguento, se quiser. Pegue logo o vinho. — Notando que Lola o olhava com admiração, acrescentou: — Minha esposa é *connoisseur*, tem um palato muito *sofisticado*.

— Muito bem, senhor! — O mâitre se virou para embarcar em sua última jornada pela neve densa que caía.

Lola tirou os sapatos e deixou as solas nuas dos pés tocarem o chão gelado. A sensação era absolutamente deliciosa. Mais uma vez estremeceu de prazer.

Os músicos chegaram. Eram jovens e vestiam casacos, chapéus, cachecóis e luvas sem abertura para os dedos. Subiram no velho coreto de ferro e, com o mínimo de agitação, pegaram os instrumentos e começaram a tocar. A música era fascinante, misturando o ar inocente de uma velha canção folclórica com o ritmo insistente de um tango.

Lola se levantou, deixando o manto de zibelina deslizar dos ombros para o assento da cadeira, e estendeu a mão.

— Dance comigo, esposo!

Sidório se levantou e envolveu a mão minúscula de Lola com a sua. Caminharam pela praia coberta de neve, a pouca distância do coreto. A cantora — uma jovem de olhos escuros e corajosos e cílios que faziam lembrar grossas patas de aranha — sorriu quando o casal começou a dançar. O estilo deles era incomum, porém cheio de originalidade.

Lola gritou de deleite quando Sidório a inclinou, aproximando-a do gelo. Deixou a cabeça tombar para trás, expondo as cicatrizes recentes no pescoço, enquanto fios de seu cabelo comprido e negro roçavam a neve e os olhos espiavam loucamente a lua cheia.

Depois da dança, Sidório levou Lola de volta à mesa. Na ausência dos dois, o velho recepcionista havia depositado a garrafa de vinho e um par de taças, os quais já tinham uma fina camada de novos flocos de neve.

— Eu sirvo — disse Lola, espanando a neve da garrafa. Levantando-a à luz, olhou o rótulo amarelado, e então abriu-a e derramou o conteúdo escuro e glutinoso na neve

enluarada.

Sidório sorriu.

Os músicos iniciaram uma nova canção — o violino e o acordeão aceleraram o ritmo. A cantora batia seu pandeiro e os pés com vigor cada vez maior, absolutamente presa ao mundo frenético de sua música.

Lola estendeu a garrafa vazia para o marido, balançando-a precariamente nos dedos elegantes.

— Lola está com sede — declarou, fazendo voz de menininha. Depois, voltando ao timbre normal, deu um belo sorriso e perguntou: — Não quer pegar uma bebida *de verdade*, querido?

Sem dizer nada, Sidório pegou a garrafa vazia e foi andando pela neve. Lola vislumbrou o fogo nos olhos dele; os profundos poços de chamas que revelavam que o apetite dele era tão forte, profundo e exigente quanto o dela.

No calor do restaurante do hotel, o mâitre percebeu que a música havia parado. Estreitou os olhos ao dirigir-se à janela, mas um véu de condensação recente atrapalhava a visão. Então levou a mão frágil ao vidro, encolhendo-se quando sua carne velha entrou em contato com a superfície gelada. Esfregando o punho nela, limpou um pequeno círculo.

Espiou para fora e viu que o coreto estava vazio, então ajustou a linha de visão e se corrigiu. Na verdade o coreto não estava vazio, e sim atapetado de corpos. Os músicos estavam caídos sobre ele, sem vida. Um rio vermelho, iluminado pela lua, escorria com urgência para o branco virginal da neve.

O homem — o estranho alto com bolsos impressionantemente fundos — voltava pela neve. Balançando entre o polegar grosso e o indicador da mão esquerda estava a garrafa de vinho. Enquanto caminhava, parte do conteúdo se derramou do gargalo e bateu no chão.

Sentindo ondas de náusea, o velho franziu a testa. Deu as costas para a janela e buscou consolo na visão da pilha de moedas de ouro; elas brilhavam à luz das velas, reluzentes como se tivessem sido cunhadas naquela mesma tarde. O mâitre pôs as moedas nas mãos e as acalentou com cuidado. Era mais dinheiro do que jamais vira em sua longa vida; certamente mais dinheiro do que jamais veria.

Lá fora, Sidório ofereceu a garrafa à esposa. Lola estendeu a taça e ele serviu uma pequena porção do líquido, para prova. Ela o havia treinado bem. Murmurando um agradecimento, girou o líquido na taça e levou-a ao nariz, para melhor saborear seu

distinto aroma.

Em seguida olhou para cima e viu o marido deixando de lado a outra taça e levando a garrafa direto a seus lábios grossos. Ele bebeu, sedento. Ela permaneceu olhando; meio pasma, meio fascinada.

Percebendo o olhar da esposa, Sidório afastou a garrafa da boca e sorriu, franco. Seus lábios estavam manchados de sangue. Como um menino travesso apanhado com a boca cheia de chocolate, ele estendeu a língua para lambê-los.

Lola gargalhou.

— Você é tão grosseiro, querido! — disse com a voz dominada pelo afeto. Em seguida estendeu a taça de novo. — Mais um pouco, por favor, se é que você deixou alguma coisa para mim! É uma bebida de origem mista, mas muito saborosa.

— Temos o bastante para nós dois, e muito mais no lugar de onde esta veio.

Lola bebericou, pensativamente.

— Sabe, Sid, você é o mais bruto dos diamantes, mas, assim que eu terminar de lapidá-lo, vai brilhar com toda a luz de Lúcifer.

Sidório ergueu sua taça.

— Um brinde — disse ele. — A você e eu. Juntos sempre. Marido e esposa.

Lola ergueu sua taça.

— A nós, meu querido brutamonte. Juntos pela eternidade. — Ela bebeu, depois olhou para o esposo com fogo novo nos olhos. — Você me perguntou antes o que eu queria. Bom, há mais uma coisa...

— Diga.

— Quero criar um império com você. De mãos dadas.

— Também quero isso. — Sidório fez uma pausa. — E quero que meus filhos façam parte dele.

Lola hesitou.

— Grace e Connor?

Sidório confirmou.

— Não posso fingir que eles não existem. Ainda que Connor tenha *tentado* destruir você.

Lola pensou nisso por um momento.

— Ele realmente fez cair uma mortalha sobre o nosso casamento ao me apunhalar e depois me decapitar. Mas — ela deu de ombros — tenho certeza de que podemos perdoar essa rebeldia típica da juventude. Connor e Grace são sangue do *seu* sangue. E, pelo

casamento, são *meus* enteados. É justo que se tornem parte do nosso império. — Ela sorriu para Sidório. — Você deveria convidá-los a nos visitar, quando retornarmos. Eu adoraria conhecê-los.

— Verdade?

Quando Lola assentiu, Sidório pensou que seu coração poderia se partir de tanta felicidade. Num curto espaço de tempo tinha passado da sensação de que havia perdido tudo para o sentimento de que estava sendo sobrecarregado de presentes. A roda da fortuna certamente girava rápido.

— Nada me deixaria mais feliz — disse ele — do que você e eu construirmos um império, com Connor e Grace ao nosso lado.

— Não vamos desperdiçar nem um instante. — Lola encheu a taça de novo. — Vamos interromper a lua de mel e voltar aos navios esta noite mesmo.

Sidório sorriu.

— Às vezes acho que você consegue ler todos os meus pensamentos.

Lola deu um risinho.

— Não há tempo a perder na luta para dominar o mundo... — Eles bateram as taças. — Apesar de *ainda* haver um pequeno suprimento de bebida que pode ser tomado, lá no hotel... Será que podemos terminar com isso primeiro?

— De fato. Deveríamos fazer um brinde à nossa família!

De braços dados, eles se viraram e foram andando preguiçosamente de volta ao hotel, com os passos abafados pela neve.

A porta se fechou silenciosamente depois de entrarem e, então, tudo que pôde ser ouvido foi o tilintar de moedas de ouro caindo no chão.

CAPÍTULO 4
Viajantes nortunos

Grace Tormenta e sua amiga, Darcy Flotsam, juntaram-se à multidão que seguia pelos corredores do navio. Vestidos com suas roupas mais finas, todos seguiam para o salão de banquetes no convés inferior, onde aconteceria o Festim semanal.

Examinando os rostos dos Vampiratas ao redor, Grace viu sinais claros da fome — uma palidez cinza-prateada na carne visível e um tom distante no olhar, como se não estivessem totalmente presentes neste mundo. Esses sinais sempre ficavam mais pronunciados logo antes de cada Festim, quando os Vampiratas estavam com o menor nível de energia física e tinham uma necessidade mais urgente de sangue. Apesar da evidente fraqueza e da fome premente, eles constituíam uma multidão notavelmente ordeira, que fazia a *passeggiata* semanal pelo navio; os passos marcavam o tempo junto com a música percussiva que vinha de um andar inferior.

Desde o desaparecimento do capitão, Mosh Zu havia assumido o comando do *Noturno*, e era mérito da autoridade calma do guru o fato de não ter mais havido rebeliões nem incidentes envolvendo a ingestão aleatória de sangue enquanto ele estava no poder.

Mosh Zu deixara muito claro, logo depois de chegar, que esperava que os membros da tripulação exercitassem a autodisciplina com relação à fome e limitassem a ingestão de sangue ao longo do compartilhamento semanal que se seguia ao Festim. Deu-lhes uma

opção simples: ou respeitavam esse *modus vivendi* ou podiam partir do navio e se arriscar no mundo lá fora. Alguns poucos *tinham* optado por ir embora e procurar Sidório e seus discípulos renegados, mas isso fora durante as primeiras noites do comando de Mosh Zu. Desde então a ordem fora totalmente restaurada.

Quando o capitão retornasse, imaginou Grace, seria para um navio de Vampiratas trazidos de volta à linha com firmeza.

Darcy a cutucou de leve.

— Você parece perdida em seus pensamentos. O que tem em mente?

— Estava pensando no capitão. Acho impossível não pensar, em noites como essa.

— Eu também. Ele já perdeu tantas noites de Festim. — Ela hesitou antes de continuar. — Sei que é uma coisa terrível de dizer, Grace, mas estou começando a duvidar que ele volte algum dia.

— Darcy! — exclamou Grace, chocada, fazendo com que alguns que andavam à frente se virassem para olhar. Ela baixou a voz antes de prosseguir. — Ele *vai* voltar, Darcy. Eu sei que vai. Ele não iria simplesmente embora, nos abandonando. Você, principalmente, sabe como ele estava fraco, mas Mosh Zu diz que ele vem se recuperando muito bem. Vai retornar logo, tenho certeza.

— Eu gostaria de acreditar nisso, gostaria mesmo. Foi horrível ver alguém tão poderoso ser reduzido a tão pouco.

Grace confirmou com a cabeça, pois tinha experimentado as mesmas emoções esmagadoras quando estivera junto do capitão durante a cura feita por Mosh Zu, mas precisava se agarrar à esperança.

— Ele vai voltar — repetiu com firmeza, tanto para se tranquilizar quanto para acalmar Darcy.

As duas amigas haviam chegado à entrada do salão de banquetes quando Darcy pegou o braço de Grace e elas entraram juntas. Dentro do espaçoso ambiente a música soava mais alta, e havia um burburinho de conversas entre os participantes bem-vestidos. Como sempre, uma mesa comprida se estendia no centro da sala, posta com toalhas de damasco, louças finas, taças de cristal reluzentes e talheres de prata brilhantes. Mas só havia pratos, taças e talheres de um lado da mesa, onde, de pé e prontos para receberem um jantar delicioso e rico em nutrientes, estavam os doadores.

Para cada Vampirata que viajava no *Noturno* — com a exceção de Mosh Zu — havia um doador. Cada um desses homens e mulheres, de várias idades e origens, tinha feito um pacto para doar uma porção semanal de sangue em troca de cama, comida e um dom: a

imortalidade. Como pagamento pelo sangue, os doadores permaneciam tão intocados pela idade quanto seus parceiros Vampiratas.

Ao olhar a fila de rostos, Grace lembrou-se de quando participara de seu primeiro Festim, pensando que ela própria seria uma doadora. Até mesmo havia ocupado um lugar do lado da mesa destinado a eles, pois inicialmente parecia que seria doadora de Sidório ou do capitão. Mas apesar de o capitão tê-la levado para fora do salão de banquetes naquela noite, ele não tinha planos de tomar seu sangue. Como Mosh Zu, ele era um Vampirata tremendamente evoluído — um vampiro *prânico* — que não sentia necessidade de beber sangue. Naquela noite Grace se safou e, apesar de continuar participando de todos os Festins e de sentar-se no lado da mesa destinado aos doadores, desde então fora apenas como convidada.

Os Vampiratas chegavam e cada um procurava seu doador. Os pares faziam reverências e sentavam-se, prontos para o Festim.

— Vejo você mais tarde — disse Darcy a Grace, apertando seu braço gentilmente. — Aproveite o jantar!

Grace ficou olhando a amiga ir encontrar seu doador, James — ou "o meu Jim", como dizia Darcy com carinho. Era fácil interpretar o relacionamento entre um Vampirata e seu doador de forma equivocada, como algo romântico, mas, no geral, não era assim. Os relacionamentos eram íntimos, certamente, e na maior parte eram carinhosos. Todo Vampirata e seu doador tinham consciência da grande dádiva que o compartilhamento trazia a cada um deles, mas havia uma enorme distância entre gratidão e romance. De fato, pensou Grace, as únicas situações de que se lembrava em que um relacionamento entre um Vampirata e seu doador se tornou mais complicado terminaram em tragédia.

Os pensamentos de Grace voltaram-se para Sidório e sua doadora original, Sally — a mãe de Grace —, e depois para Stukeley e sua doadora, Shanti. Tanto Sally quanto Shanti haviam morrido. Sidório e Stukeley agora estavam forjando seu próprio comando sombrio. E o capitão havia desaparecido. Eram muitas mudanças, mas, na cabeça de Grace, os cinco permaneciam no salão do Festim como fantasmas.

— Grace! Já não era sem tempo! — Grace virou-se e viu Oskar, o belo doador de Lorcan, sorrindo e indicando a cadeira ao lado da sua. Ela foi se juntar a ele.

Enquanto Grace ocupava o espaço ao lado de Oskar, ele olhou-a com aprovação.

— Você está *incrível*! Que lindo vestido! Como realça a cor dos seus olhos!

— Obrigada — disse ela, com o ânimo melhorando no mesmo instante, como acontecia invariavelmente na alegre companhia de Oskar.

Ele estava ansioso para continuar a conversa, mas um silêncio começara a baixar na sala. Mosh Zu havia chegado e estava indo para a mesa. Ao seu lado encontrava-se seu tenente de confiança, Lorcan Furey.

Lorcan chegou primeiro à mesa. Fez uma reverência para Oskar, depois estendeu a mão e segurou a de Grace, beijando os dedos. Seus lábios eram suaves e frios como um riacho de montanha.

— Olá — disse ela, subitamente nervosa, como se estivessem se encontrando pela primeira vez.

— Olá para você também — disse ele, com seu caloroso sotaque irlandês. — Juro, Grace, você está mais bonita cada vez que a vejo.

Grace deu um sorriso largo. Ele estava usando um smoking, uma camisa branca bem-passada, com pequenos botões de pérola, e, amarrado em volta do pescoço, um lenço de seda azul que combinava exatamente com os cintilantes olhos índigo.

— Você também está muito bonito — disse ela.

— Blá-blá-blá — interveio Oskar, rindo. — *Você é tão linda, Grace! Não, você é tão bonito, Lorcan!* E o que eu sou, hein? Invisível?

Lorcan deu um sorriso cativante.

— Ora, ora, Oskar. Você está muito bem esta noite.

— *Obrigado!* — disse Oskar com ênfase, como se tivesse esperado anos por esse único elogio.

Lorcan fingiu consternação enquanto se sentava.

— De todos os doadores a bordo deste navio, por que eu fui acabar com o mais exigente?

— Sorte, acho — respondeu Oskar, sempre disposto a dar a última palavra.

Grace e Lorcan riram da língua afiada e da vaidade escancarada de Oskar, depois adotaram uma postura mais séria enquanto Mosh Zu chegava à mesa e parava de pé no lugar à frente de Grace. Ainda que o relacionamento dos dois não pudesse ser comparado ao de um Vampirata e seu doador, mesmo assim fizeram reverência um para o outro — um sinal de respeito de ambos os lados. Mosh Zu sinalizou para Grace sentar-se. Ele permaneceu de pé.

As portas do salão de banquetes foram fechadas, os músicos no canto do aposento silenciaram seus instrumentos. Os homens e as mulheres de pé dos dois lados da mesa ficaram quietos, os rostos abaixados, voltados para as velas que tremeluziam no centro. Mosh Zu começou a falar, e seus colegas Vampiratas se juntaram a ele, recitando as

palavras comoventes:

"Sou um orgulhoso viajante da noite.
Nem pior, nem melhor do que um ser da luz.
Não irei me esconder nas sombras,
Por que deveria?
Nem rastejarei nos lugares escuros
Com a intenção de provocar o medo em estranhos.
Serei moderado ao tomar sangue.
Pois o sangue é um presente maior do que todos os
tesouros mundanos.
Agradeço por esse presente.
Abraço minha imortalidade.
Regozijo-me com esta jornada por toda a
eternidade.
Nem pior, nem melhor do que um ser de luz.
Sou um orgulhoso viajante da noite."

Quando terminou de falar, Mosh Zu parou um momento, olhando à esquerda e à direita para examinar sua tripulação, e depois se sentou. A música voltou e as portas do salão de banquetes foram abertas de novo enquanto os serviçais traziam enormes bandejas cheias de comida.

A noite do Festim havia começado.

— Ora, ora! Você não comeu nada! — censurou Oskar enquanto os serviçais começavam a retirar os pratos principais.

Grace olhou para baixo, sentindo-se culpada, pois Oskar estava certo. Ela havia cortado o peixe e ficou empurrando-o pelo prato, porém, apenas uma pequena parte dele chegara à sua boca.

— Não estou com muita fome esta noite — disse. — E há tanta comida!

— Por isso é chamado de Festim — respondeu Oskar com paciência fingida.

Lorcan e Mosh Zu estavam imersos em sua conversa. Grace se inclinou para Oskar, em tom de confidência.

— Acho que é por causa das mudanças pelas quais estou passando. Minha fome é

muito irregular; às vezes é intensa e urgente de verdade, mas em outras ocasiões, como agora, tenho apetite zero. — Ela parou, encarando Oskar. — Mas minha *outra* fome parece estar aumentando.

Oskar não se abalou.

— Já pensou em ter seu próprio doador? Ou melhor, por que não me compartilha também? — Ele sorriu para ela, convidativo. — Não sei por que não pensamos nisso antes. Claro, você deveria me compartilhar!

Grace examinou o rosto bonito e sorridente de Oskar, mas recusou.

— É muita bondade sua oferecer, Oskar, mas não estou pronta. Além disso, Mosh Zu me disse que não preciso tomar sangue. Como uma dhampira, devo ser capaz de dominar meu apetite, assim como ele e o capitão fizeram.

O rosto de Oskar foi tomado de preocupação.

— Tem certeza de que não está esperando demais de si mesma, Grace? Estabelecendo para você os mesmos padrões de disciplina do capitão e de Mosh Zu?

Grace deu de ombros.

— Não sei — respondeu com honestidade. — Às vezes não faço mais a mínima ideia de quem, ou o quê, eu sou.

— Ora, ora. Nada de carinha triste! Esta noite você está linda demais para ficar triste. — Ele espiou quando os serviçais entraram com pratos de sobremesa. — Ah, que bom! Musse de chocolate, meu predileto!

A ideia de ver mais comida fez Grace ficar ainda mais enjoada.

— Acho que vou para minha cabine um pouco.

Quando se levantou, Mosh Zu e Lorcan interromperam a conversa e se viraram em sua direção.

— Você está bem, Grace? — perguntou Lorcan, parecendo preocupado.

— Estou. Sim, estou bem. Só meio cansada e indisposta. Acho que vou para a cabine, me deitar um pouco.

Mosh Zu concordou com a cabeça.

Lorcan se levantou.

— Eu a levo até lá.

— Não. Estou bem sozinha. Fique aqui. Vejo você mais tarde. — Em seguida se virou para Mosh Zu. — Peço desculpas pelos maus modos.

O guru assentiu com suavidade.

— Vá, Grace. Você precisa descansar.

Grace empurrou a cadeira de volta para perto da mesa, andando o mais discretamente possível pelo salão de banquetes. Porém, não havia como escapar do olhar de laser de Darcy Flotsam, que a espiou de modo interrogativo, do outro lado da mesa.

— Estou bem — disse Grace sem som, apenas movendo os lábios, antes de se virar e sair da sala.

Grace sentiu-se melhor enquanto subia a escada até os níveis mais altos do navio. Pensou em ir ao convés pegar um pouco de ar puro, mas decidiu que realmente seria melhor voltar à cabine. O navio estava deserto — todos estavam no salão de banquetes — e ela seguiu rapidamente pelos corredores. Empurrou a porta de seu quarto, aliviada.

A primeira coisa que viu ao entrar na cabine foi a pintura que agora ficava pendurada acima da cama. Havia sido um presente de Lorcan e mostrava um rapaz e uma mulher jovens deitados preguiçosamente no convés de um navio. *Deste* navio. Os olhares dos dois estavam fixos um no outro, regozijando-se no sol da tarde e no frescor do amor. Exalavam alegria e otimismo, mas Grace sabia que isso era enganoso. As duas figuras representadas eram sua mãe e o homem que ela pensava, até recentemente, que era seu pai. O quadro capturava Sally e Dexter no auge da juventude e da felicidade. Logo depois a vida deles mergulhou em águas escuras.

O olhar de Grace se fixou na imagem de Dexter Tormenta. Ele podia não ser seu pai verdadeiro, mas *sempre* seria seu pai.

Ela deu as costas para o quadro e se aproximou da penteadeira e do espelho sobre ela. Olhou-se, examinando o reflexo. Apesar de todas as mudanças pelas quais estava passando, não parecia estressada ou esgotada; pelo contrário, esta noite ela estava muito bem. De fato, como Oskar havia notado, esse último vestido emprestado por Darcy destacava mesmo a cor sutil de seus olhos. Grace pegou-se olhando no fundo de seus próprios olhos refletidos, vendo o verde mudar para um azul como as águas do oceano. Então sentiu uma sensação cada vez mais familiar. Começou como um enjoo, mas tornou-se mais intenso, transformando-se numa fome profunda, avassaladora. Uma fome que não era de comida, mas de sangue.

Enquanto a espiral de fome atingia seu corpo, Grace manteve o olhar fixo no espelho, observando-se com um fascínio horrorizado à medida que as familiares íris cor de esmeralda desapareciam e eram substituídas por um dançante fogo laranja.

CAPÍTULO 5
A volta ao lar

— Estou em casa! — reverberou uma voz familiar no passadiço do *Capitão de Sangue* enquanto a porta era escancarada.

Jez Stukeley e Johnny Desperado, os dois ambiciosos tenentes de Sidório, levantaram-se rapidamente para saudar o capitão que retornava, caminhando até eles. Estavam um tanto surpresos ao encontrar Sidório vestindo um casaco de pele de raposa prateada e um chapéu combinando. Desde o início do grande romance com Lady Lola Lockwood, a noção de vestimenta do capitão havia se tornado um tanto bizarra.

— É ótimo estar de volta! — declarou Sidório, largando duas pesadas malas no piso e sorrindo para os dois auxiliares, com as mãos na cintura.

— Belo chapéu, capitão! — disse Stukeley. — Imagino que não tenham passado a lua de mel nos trópicos, não é?

— Não, na Ucrânia — respondeu Sidório, desabotoando o casaco. — Lola queria férias com neve e gelo.

— Que... diferente — murmurou Stukeley, ao mesmo tempo em que assentia, afável.

Sidório tirou o casaco e jogou longe o chapéu, que pousou numa parte que se projetava do equipamento de direção do navio.

— Como vão as coisas? — perguntou, esfregando as mãos energicamente. — Na minha ausência aconteceu algo que eu deva saber? Alguém se comportou mal? Contem tudo!

Johnny trocou olhares com o colega.

— Tudo está indo de vento em popa, não é, Stuke?

Stukeley confirmou, a mão pousando possessivamente no leme do navio.

— Mantivemos tudo totalmente sob controle, capitão.

— Excelente trabalho, rapazes — disse Sidório, dirigindo-se ao timão e pondo as mãos com firmeza em sua circunferência. — Eu sabia que poderia confiar em vocês dois para cuidar das coisas. — Ele sorriu, examinando a vastidão do navio abaixo e a multidão de tripulantes. Depois virou o corpo, e Stukeley não teve escolha senão sair da frente e soltar o timão. — Estou em casa agora — disse Sidório em voz baixa, mas com autoridade inquestionável — e as coisas por aqui podem voltar ao normal.

Pelas costas de Sidório, Stukeley fez uma careta para Johnny.

Johnny sabia o quanto seu amigo e parceiro havia gostado de comandar o navio na ausência do capitão. Inegavelmente Johnny também havia gostado disso — e não havia dúvida de que a tripulação estivera mais bem-organizada sob seu comando do que antes. A questão era: agora que Sidório estava de volta, será que as coisas permaneceriam estruturadas ou voltariam ao antigo caos? Talvez sim, talvez não, para Johnny não importava. Ele era mais do que capaz de seguir o fluxo dos acontecimentos, porém ultimamente havia detectado uma nova ambição em Stukeley. Sabia que haveria tensão com a volta do capitão; só não esperava que ela viesse à tona tão cedo.

Johnny revirou o cérebro procurando um modo de desfazer a tensão no passadiço. De repente teve uma ideia e perguntou a Sidório:

— *Capitan*, onde está sua adorável esposa?

— Lola está em seu navio. — Sidório registrou a surpresa nos olhos do tenente e disse: — Ela tem o navio *dela* e eu tenho o *meu*. Igual a antes de nos casarmos.

Agora o interesse de Stukeley também foi instigado.

— Então Lady Lola não virá morar conosco no *Capitão de Sangue*?

— Por enquanto não. — Sidório sacudiu a mão como se afastasse uma mosca. — Não vamos perder tempo falando de minhas disposições domésticas, tenho certeza de que há assuntos muito mais interessantes a serem tratados.

— Claro — concordou Stukeley, trocando um olhar rápido e sub-reptício com Johnny. — Desde que Lady Lola esteja bem e recuperada do ataque horrendo no seu casamento. — Os dois tenentes observaram com cuidado a reação do chefe. Afinal, Stukeley e Johnny haviam instigado o "ataque horrendo", ainda que este fosse infligido pelos piratas. Será que Sidório sabia ou suspeitava da verdade?

Se sabia, não demonstrava — e a sutileza nunca fora seu ponto forte. Ele simplesmente fez um gesto amistoso para Stukeley.

— Lola está melhor do que nunca, obrigado por perguntar. Vocês a verão pessoalmente, e logo. Ela convidou os dois para o *Tiffin* no *Errante*.

— *Tiffin?* — A expressão no rosto de Stukeley ficou vaga. — Que diabo é isso?

Sidório deu de ombros.

— Não faço a mínima ideia. Não posso acompanhar tudo que se passa na cabeça daquela mulher. Só sei que vocês devem estar lá... — Ele olhou para o relógio do navio — Opa, deviam. Há uns dez minutos.

Stukeley não fez menção de sair. Em vez disso perguntou em tom casual:

— Você sabe *por que* sua esposa quer falar conosco?

— Imagino que ela queira conhecer melhor vocês dois. Afinal, agora vocês também trabalham para ela.

— Trabalhamos para ela? — Desta vez Stukeley não pôde esconder a irritação.

— Ela é minha mulher — rugiu Sidório, virando-se para os tenentes. — Lola e eu comandamos esse império juntos. Agora vocês prestam contas a ela, e não somente a mim.

Stukeley se esforçou para conter a raiva, e Sidório e Johnny ficaram olhando seu rosto se contorcer.

O capitão deu um risinho, depois abriu um sorriso largo e finalmente soltou uma gargalhada.

— Peguei vocês, não foi? Nada mudou, seu *babbo*. Ainda estou no comando de *tudo*, mas agora tenho uma esposa e preciso fazer com que ela *pense* que as coisas estão diferentes. Esse é o segredo de um casamento bem-sucedido.

O alívio ficou imediatamente nítido no rosto de Stukeley.

Sidório ergueu o enorme braço esquerdo, puxando o tenente para um abraço.

— Achou mesmo que eu estava rebaixando você, *compadre*? Depois de tudo que passamos juntos? Você foi o primeiro que eu gerei, lembra? Sempre terá um lugar no coração do meu império.

Ele segurou Stukeley num movimento que parecia um mata-leão, depois levantou o outro braço e agarrou Johnny ao mesmo tempo.

— Você também, chapelão. Você veio depois, mas desde o início eu sabia que tinha potencial para liderança, como se isso estivesse marcado a fogo em sua testa. — Ele deu outro risinho. — Não, nada muda. Vocês dois são meus *compadri*, além de meus

tenentes, e é exatamente assim que a coisa vai ficar. Não se preocupem! Mesmo depois que meu filho e minha filha vierem se juntar a nós, sempre haverá lugar para vocês dois.

O rosto de Stukeley ficou paralisado outra vez.

— *Seu filho e sua filha*?

Johnny parecia igualmente embasbacado.

Sidório soltou os dois rapazes e os empurrou para a frente. Eles giraram para encarar o capitão, que continuou:

— Meu filho Connor e minha filha Grace vão se juntar a nós em breve. Bom, na verdade Connor vai ficar aqui conosco e Grace com Lola a bordo do *Errante*. Achamos que assim vai funcionar melhor...

— Desculpe — interrompeu Stukeley, franzindo a testa como se sofresse de uma dor aguda. — Você está dizendo que Connor é seu *filho*?

Johnny encarou Sidório, com a cabeça inclinada.

— Grace é sua *filha*?

Stukeley quase gritou:

— Connor Tormenta? Meu velho colega, Connor Tormenta?

— É — trovejou o capitão. — Apesar de o nome dele ser Connor Sidório.

— E Grace também? — perguntou Johnny, enquanto Sidório confirmava de novo. — Mas como?

— É uma longa história — respondeu ele, fechando momentaneamente os olhos escuros e depois abrindo-os de novo. — A mãe dos gêmeos era doadora a bordo do *Noturno*. *Minha* doadora.

— Você nunca mencionou isso — disse Stukeley, com a mente trabalhando num ritmo furioso. — E você e Connor já tiveram embates. *Mais* do que embates, ele tentou matar você! E a mim também, pensando bem!

— Você diz a verdade — concordou Sidório.

— E Grace... — acrescentou Johnny — não é exatamente sua fã número um. Ela e eu ficamos bastante próximos quando ela esteve em Santuário, e me confidenciou um bocado de coisas.

Surpreendentemente, diante dessa saraivada de objeções, o capitão permaneceu totalmente calmo e falou com tranquilidade:

— Ninguém nega que tivemos nossas diferenças no passado. Isso foi antes que todos nós soubéssemos em que pé estávamos, o que somos uns para os outros.

— Connor tentou pôr fogo em nós dois! — protestou Stukeley. — Conseguiu destruir

três dos nossos colegas. E foi *ele* quem apunhalou Lola... *duas vezes*, no casamento. Capitão, ele cortou a cabeça da sua esposa.

Johnny não conseguia olhar para Stukeley, mas ficou maravilhado com seu descaramento. Verdade, Connor havia apunhalado Lola, mas estava fazendo o que *eles* haviam sugerido. Os dois tinham firmado um pacto com a comandante de Connor, a capitã Cheng Li — a pirata jovem e corajosa que comandava o dedicado esquadrão de assassinos de Vampiratas.

Sidório simplesmente deu de ombros.

— Toda família tem momentos de dificuldade. Connor não sabia quem ou o que ele era na época. Agora sabe: é meu filho e meu herdeiro. Grace é minha filha e minha outra herdeira, igualmente importante. Por isso vamos convidá-los a virem e ficarem, para que todos possamos nos conhecer melhor. Foi ideia de Lola.

— Aposto que sim — murmurou Stukeley, baixinho.

— Uma reunião de família — disse Johnny, dando um sorriso sincero, com uma nova questão surgindo em sua mente. — Então, se Grace e Connor são seus filhos, eles são como nós? São vampiros?

— Não. — Foi Stukeley que respondeu à pergunta; ele já estava à frente do colega. — Eles não são vampiros, são *dhampiros*: meio mortais, meio vampiros; seres incrivelmente poderosos.

— O que mais você esperaria? — declarou Sidório com orgulho. — Connor e Grace são *meus* filhos, sangue do meu sangue. Não se pode esperar por uma genética mais poderosa. E Lola será a madrasta deles. — Seu rosto se iluminou. — Sabe, imagino que seja sobre *isso* que ela queira falar com vocês. Fazer com que os gêmeos se sintam bem-vindos, esse tipo de coisa.

— Será bom ver Grace de novo — disse Johnny, com um sorriso. — Sempre senti que tinha um assunto inacabado com ela.

— Cuidado, chapelão — reagiu Sidório, dando-lhe um peteleco na orelha. — Você está falando da minha filha.

— É melhor irmos — disse Stukeley, levando Johnny para a porta. — Não devemos deixar Lady Lola esperando.

— De fato — concordou o capitão. — Bom *Tiffin* para vocês, rapazes!

Enquanto seus tenentes partiam, Sidório se virou e olhou para o navio, para seu império nascente, e sentiu uma empolgação rara correndo nas veias. Os tempos estavam mudando. Agora tinha Lola ao seu lado, além de seus tenentes de confiança. Logo

Connor e Grace também estariam ali. E mal podia esperar para compartilhar com Stukeley e Johnny outras partes do grande plano que traçara com Lola. Isso faria a mente dos dois girar.

CAPÍTULO 6
Tiffin

Os dois tenentes de Sidório foram recebidos no convés do *Errante* por uma oficial de Lady Lola. Zofia era uma mulher atraente, de aparência jovem, que Stukeley se lembrava de ter visto no casamento, mas com quem não havia falado. Agora ele aproveitou a oportunidade para iniciar uma conversa amigável, mas ela resistiu aos avanços. Talvez fosse tímida. Ela conduziu os dois tenentes pelo corredor principal do navio, à frente deles até parar diante da porta de uma cabine.

— A capitã está esperando vocês aqui dentro — anunciou, batendo duas vezes na porta.

Depois de um breve instante, a porta se abriu e a própria Lady Lola apareceu. Seu rosto estava luminoso.

— Stukeley! Johnny! Que ótimo ver vocês. — Ela beijou o ar de cada lado das bochechas deles e em seguida fez com que entrassem.

— Só isso, capitã? — perguntou a subordinada de Lola.

— Sim, obrigada, Zofia. Agora vou tomar o *Tiffin* com os dois. Não quero ser incomodada. Você sabe como odeio que o *Tiffin* seja interrompido!

— Muito bem, capitã — respondeu Zofia, assentindo e virando-se.

Um novo pensamento ocorreu a Lady Lockwood.

— Zofia, querida, poderia pedir que Mimma venha me ver mais tarde, antes de sair do serviço?

— Sim, capitã. — Zofia prestou continência à Lady Lockwood e saiu da cabine, fechando a porta.

— Bom, não fiquem cheios de cerimônia, rapazes — disse Lady Lola, sorrindo para Stukeley e Johnny. — Sentem-se, fiquem à vontade. Preparei um *Tiffin* para nós.

— O que exatamente *é Tiffin*? — perguntou Johnny, sentado numa namoradeira antiga estofada com veludo prateado.

— *Tiffin* é uma refeição leve, um lanchinho — explicou Lola. — Originou-se na época em que os ingleses dominavam a Índia. — Ela estendeu uma pequena bandeja de prata. — Gelatina de sangue, Johnny? Acho que vai achar absolutamente deliciosa. A receita é minha.

Intrigado, Johnny pegou um pouco de gelatina e colocou na boca.

Lola ficou olhando enquanto o rosto dele deixava transparecer o prazer diante do novo e exótico gosto.

— Boa, não é? Stukeley, gostaria de experimentar?

— Não, obrigado — respondeu, franzindo o nariz.

Sem se abalar, Lola pôs a bandeja na frente de Johnny.

— Sirva-se — disse. — Está aí para ser comida.

Agora a própria Lola sentou-se num divã elegante e continuou com a conversa afável enquanto inspecionava a jarra e as taças que tinham sido postas na mesa de centro, diante dela.

— Creio que originalmente havia uma gíria, *tiffing*, que significava "tomar um gole". — Ela sorriu, tirando a tampa da garrafa de vidro bisotado e servindo cuidadosamente o líquido escuro em três taças. — Tenho certeza de que vocês concordariam que todos gostamos de beber um pouco, não é?

Ela entregou uma taça a Johnny e outra a Stukeley, que, depois de um momento de hesitação, a aceitou.

Lola envolveu a terceira taça com os dedos longos.

— De qualquer modo, uma das tradições que mantenho a bordo do *Errante* é um *Tiffin* noturno com vários membros da minha tripulação. É uma chance de nos conhecermos melhor. — Ela ergueu a taça, aparentemente preparada para fazer um brinde.

— Nós não somos sua tripulação — disse Stukeley de forma áspera.

Johnny lançou um olhar ao colega, depois dirigiu uma expressão de desculpas para Lola, antes de sorrir amigavelmente e pegar outra gelatina de sangue na bandeja.

Lola tomou sua bebida com tranquilidade, parecendo apenas achar aquilo divertido.

— Talvez você não goste, Jez...

— Por favor, não me chame assim — interrompeu ele. — É o meu antigo nome mortal. Agora sou chamado de Stukeley.

— Minhas sinceras desculpas — respondeu Lola. — Como eu ia dizendo, *Stukeley*, talvez você não goste disso, mas o fato é que agora que Sidório e eu nos casamos, todos fazemos parte da mesma tripulação.

— Talvez. — Stukeley deu de ombros. — Mas pelo que ele disse, a senhora continuará baseada aqui e ele permanecerá no *Capitão de Sangue*.

— Por enquanto, sim — disse Lola calmamente. — Vamos continuar com nossas operações paralelas até expandirmos a frota e integrarmos totalmente as estruturas de comando. Mas não se iluda, Je... desculpe, *Stukeley*. Tenho que acertar seu nome! Não se iluda, meu caro: o dia em que meu marido e eu integraremos os comandos não está muito distante.

— Veremos — retrucou Stukeley, tomando um gole com uma expressão desafiadora.

— Não sei se gosto muito de seu tom de voz — observou Lola, levando a taça de volta à mesa com alguma força.

Johnny olhou ansiosamente de Lola para Stukeley. Em sua opinião, esse confronto só poderia terminar mal.

— Vamos, amigo. — Stukeley se dirigiu diretamente a ele. — Eu sabia que esse tal de *Tiffin* não era tudo isso. Vamos voltar ao nosso navio, temos decisões a tomar. — Ele se levantou e estava a meio caminho da porta quando Lola o interrompeu:

— Não tão depressa. — Algo em sua voz conseguiu imobilizá-lo com tanta facilidade que era como se ela o tivesse laçado. — Nós três temos negócios inacabados.

— Nós três? — ecoou Johnny, sua ansiedade aumentando.

— É. Como eu disse antes, o *Tiffin* é uma chance de nos conhecermos melhor. De compartilhar alguns segredos. E nós três temos um grande segredo, não é? Um segredo que fingimos não ver.

— Que segredo? — perguntou Stukeley, recuperando parte da arrogância anterior, mesmo permanecendo preso ao seu lugar.

— Pense — disse Lola, levantando-se e indo até ele, com a comprida saia de tule farfalhando nas tábuas enceradas do piso. Parou ao lado de Stukeley, estendeu o dedo

indicador e bateu no crânio dele. — Pense *bem*, Jez!

— Ai! — disse Stukeley, levantando a mão para afastá-la.

Lola gargalhou.

— *Ai*, é o que ele diz. Ai! *Isso* vindo do homem que tramou para que eu fosse destruída no dia do meu casamento.

Johnny arfou.

O queixo de Stukeley caiu.

— Bom. Pelo menos nenhum de vocês insulta minha inteligência tentando negar. — Parecendo subitamente mais calma, ela voltou ao centro da sala e ergueu sua bebida. — Por que não nos sentamos de novo?

Stukeley seguiu-a e sentou-se cautelosamente diante dela, como se tivesse medo de que a cadeira na qual se sentara antes pudesse conter uma mina terrestre.

— A senhora disse que esse era um segredo que nós três compartilhávamos. — Ele fez uma pausa. — Isso quer dizer que não revelou as suspeitas ao seu marido?

Lola sorriu, os olhos escuros examinando primeiro Stukeley, depois Johnny.

— Meu marido não sabe da trama covarde de vocês. E não tenho intenção de contar a ele. A última coisa que eu desejaria é chateá-lo. — Ela tomou um gole da bebida. — Tenho certeza de que é a última coisa que qualquer um de nós desejaria.

— Há um preço para isso — disse Stukeley —, não há? Um preço para o seu silêncio.

Lola gargalhou, mas foi um riso oco, desprovido de calor, um tanto zombeteiro.

— Sim, Stukeley, há um preço. Há sempre um preço a se pagar por nossos atos, especialmente quando incluem tentativa de homicídio.

— Não vamos fazer rodeios — disse Stukeley. — Qual *é* o seu preço?

Lola encheu de novo sua taça, desfrutando do momento.

— É muito simples — respondeu finalmente. — Como eu disse, meu marido não sabe que vocês tramaram contra mim, e não tenho intenção de contar a ele. Desde que façam o que eu mandar.

Finalmente Johnny juntou coragem para dizer:

— O que me mandar?

— Sim, Johnny, querido. Ah, não fique tão preocupado! Não vou ordenar que ateie fogo a si mesmo ou algo extremo assim. Só tenho umas coisinhas, algumas questões relativas ao navio, em que seria bom ter a ajuda de dois Vampiratas jovens e talentosos como vocês.

— A senhora já tem tripulantes suficientes — disse Stukeley. — Por que precisa de

nós? Peça a... como é o nome dela? Zofia.

— Preciso de vocês dois para uma missão especial. — Sabendo que tinha toda a atenção deles, Lola se levantou e atravessou a sala até uma pequena escrivaninha. Sobre ela havia outra bandeja de prata com dois envelopes. Entregou o primeiro a Johnny e o segundo a Stukeley.

Os tenentes olharam para a letra característica de Sidório.

— Grace — leu Johnny.

— Connor — leu Stukeley.

— São convites — disse Lola. — O primeiro serviço de vocês será entregá-los em mãos. — Ela tomou um gole da bebida. — O segundo é garantir que os dois convites sejam aceitos.

— Não podemos obrigá-los a vir conosco — reagiu Johnny.

— Ora. — Lola deu um sorriso largo. — Ouvi dizer que você pode ser bastante persuasivo. Você também, Stukeley.

— Então nós vamos aos navios deles, entregamos os convites e trazemos os dois? — perguntou Stukeley.

— Rápido no gatilho, como sempre. — Lola fez um gesto como se atirasse com uma arma.

— Não sei não — disse Johnny.

— Você não vê, Johnny? — respondeu Stukeley, virando o envelope nas mãos. — Não temos escolha. Ela nos venceu.

Lola estendeu uma das mãos e a apoiou no ombro de Stukeley.

— Ora, ora. Sempre há uma opção, assim como sempre há um preço. Você só precisa avaliar suas chances.

— Quer dizer, se Sidório descobrir que nós tentamos matar a senhora.

— Se Sidório descobrir que vocês tramaram para estragar a noite mais feliz da vida dele, para tirar de Sidório o que ele mais ama... — Os olhos dela reluziram. — Eu! — Rindo, ela pegou as taças dos dois. — Acho que é *Tiffin* suficiente para uma noite, rapazes. — Em seguida pôs as taças na bandeja e começou a empurrá-los para a porta. — Como é aquele velho ditado? Peixe e visitas fedem depois de três dias. No caso de vocês acho que o fedor chegou um pouco antes. Boa noite! — Com isso ela empurrou-os para o corredor e fechou a porta com firmeza atrás deles.

Enquanto ouvia os passos dos dois se afastando, ela voltou ao centro da sala, levantou a jarra e encheu sua taça de novo. Merecia outra bebida e não havia nada melhor para

acalmar os nervos abalados do que uma bela taça do comodoro Kuo. Que pena ser a última garrafa daquela safra rara e pungente.

Era hora de refazer o estoque da adega.

CAPÍTULO 7
Pior que morto

— Estamos reunidos aqui esta noite para nos despedirmos de dois membros de nossa tripulação. — Os olhos de Cheng Li brilhavam à luz das velas enquanto ela fitava os objetos de seu discurso do outro lado da taverna escura. Eles estavam lado a lado junto ao balcão, cercados por colegas tripulantes que haviam se tornado rapidamente bons amigos. — Cate, Bart, todos nos sentimos tremendamente gratos por sua participação crucial na Operação Coração Negro. Foi um sucesso completo e nosso trabalho foi reconhecido pela Federação dos Piratas como uma das missões mais importantes da história da instituição.

Diante dessas palavras houve uma explosão entusiasmada de aplausos na sala repleta de piratas.

Cheng Li esperou que o barulho diminuísse antes de continuar:

— Falando pessoalmente, foi maravilhoso ter vocês dois como colegas de novo; só gostaria que sua estada a bordo do *Tigre* pudesse ter sido mais longa. — Um sorriso brincou em seus lábios. — Não creio que, se eu pagar outra rodada de bebidas, vocês possam reconsiderar, não é?

Mais alto que o som dos risos, Cate retrucou em voz alta:

— Por melhor que seja a cerveja daqui, se você quiser estender nosso contrato terá que falar com Molucco!

Cheng Li franziu o nariz à menção do nome do outro capitão, como se um cheiro particularmente ruim tivesse tomado conta do ambiente.

— Bem — continuou ela, um tanto sem jeito. — É só isso que eu tinha a dizer... Além de desejar tudo de bom para vocês. Ah, sim! E também... — Ela fez uma pausa, recuperando a compostura de novo. — Gostaria de fazer um brinde aos demais. — Ela ergueu a caneca. — À tripulação do *Tigre*: o bando de piratas mais sinistro do oceano!

Enquanto a tripulação aprovava com rugidos, gritos, batidas de pés e mais aplausos, Bart se inclinou para perto de Cate.

— Ela *realmente* falou sinistro?

Cate sorriu.

— Acho que o linguajar do Jacoby está passando para ela.

Cheng Li acenou para os dois e começou a abrir caminho rapidamente pela multidão.

— Obrigado aos dois por tudo — disse, chegando ao lado deles. — Gostaria mesmo de poder convencê-los a ficar permanentemente. Podemos ter eliminado Lady Lockwood, mas nossa missão maior com relação aos Vampiratas só está começando.

— Acho que falo por nós dois quando digo que gostamos de trabalhar com você de novo — afirmou Bart. — Você nasceu para ser capitã, Cheng Li. Mas, como Cate disse, os termos do nosso empréstimo foram para uma missão específica: a Operação Coração Negro. Se quiser falar sobre uma ampliação do contrato, terá que recorrer a...

— Molucco! — disse Cheng Li rapidamente, como se quisesse tirar o nome do caminho o quanto antes. — É, bem, talvez eu faça isso.

Cate pôs a mão no ombro de Cheng Li e sorriu para a capitã mais nova e mais ambiciosa da Federação.

— Obrigada por nos trazer a essa missão. Devo dizer que achei bem intrigante o desafio de desenvolver técnicas de combate contra um novo tipo de adversário. — Os olhos de Cate brilharam. — Certamente estaria aberta a levar isso a um estágio mais avançado, se algo pudesse ser feito.

— É um prazer ouvir isso. — O olhar de Cheng Li atravessou a taverna. — Olhe, ali estão Jasmine e Bo Yin, querendo falar com você. Vamos lá, se você suportar deixar seu *namorado* por cinco minutos.

Cate e Bart trocaram um olhar. Ele soltou-a de seu abraço e Cheng Li passou o braço pelo de Cate.

— Você é um modelo de comportamento muito importante para a próxima geração de mulheres piratas, sabia? Bom, acho que nós duas somos!

Antes que Cheng Li e Cate pudessem se mexer, Jacoby e Connor apareceram, com os braços cheios de canecas espumantes. Distribuindo novas bebidas pelo grupo, Jacoby se virou para a capitã.

— Cacete, que lugar é *esse*? Salão da Lua Cheia! Tremendamente irônico, dada a escassez de iluminação aqui dentro. Quando disse que ia nos levar para comemorar, tive certeza de que voltaríamos à taverna de Madame Chaleira.

Cheng Li ergueu os olhos, exasperada.

— Por que todo mundo age como se a taverna de Madame Chaleira fosse a *única* que existe? Não podemos expandir nossos horizontes e experimentar um lugar diferente, para variar?

Jacoby não se convenceu.

— Mas, capitã, a Madame Chaleira tem uma rica história com os piratas!

— *Exatamente*! — disse Cheng Li. — Parece mais um museu do que uma estalagem, hoje em dia. É aonde os velhos dinossauros vão. É impossível ter uma conversa por lá sem dar de cara com algum dos irmãos Wrathe enfiando o nariz nos nossos negócios. — Ela se virou para Cate. — Sem ofensas.

— Tudo bem — disse ela, contendo uma risada.

Cheng Li tinha mais uma pérola de sabedoria para seu tenente.

— Nós somos a nova onda de piratas, Jacoby. Não seguimos a tradição, trilhamos nosso próprio caminho!

Com isso empurrou Cate à frente, na direção de Jasmine e Bo Yin.

Assim que elas estavam fora do alcance da audição, Bart riu para Jacoby.

— Encare os fatos, meu chapa, o único motivo de você estar defendendo a Chaleira é porque espera conseguir ver a deliciosa Docinho.

Connor riu diante da menção à auxiliar de confiança de Madame Chaleira. Docinho fazia os joelhos de piratas de toda a parte tremerem, mas, fora isso, havia se tornado uma boa amiga e confidente de Connor.

Jacoby balançou a cabeça enfaticamente ao ouvir a acusação de Bart.

— Isso não tem *nenhum* fundamento. Só tenho olhos para Jasmine.

Connor ouvia com atenção. Jacoby ainda ignorava solenemente o fato de o relacionamento entre ele e Jasmine estar evoluindo rápido. Eles haviam se beijado. Duas vezes. E isso mudara tudo. Connor sabia disso, e Jasmine também, mas por enquanto Jacoby continuava sem saber.

Bart sorriu para Jacoby.

— Jasmine é uma garota maravilhosa, sem dúvida, mas poucos rapazes piratas resistem aos encantos de Docinho. — Ele bateu no próprio peito. — Eu sei o que estou falando. — Em seguida olhou carinhosamente para Cate. — Claro, isso foi no meu tempo de juventude e insanidade, quando eu era independente e totalmente livre. Agora tudo isso ficou para trás.

— É, certo — exclamou Connor. — Agora você está na avançada idade de *23* anos!

— Exato! — respondeu Bart, tomando um gole de cerveja antes de continuar. — Tormenta, volte à noite em que nós nos conhecemos. Lembra-se do que eu falei na ocasião?

Connor sabia exatamente ao que o colega estava se referindo.

— A vida do pirata é curta, mas alegre.

Bart enxugou o bigode de espuma de cerveja sobre os lábios.

— Na mosca, parceiro! Eu tenho sido mais feliz do que a maioria em evitar os alfanjes inimigos em todos esses anos em que percorro os oceanos. Mas quem sabe quanto tempo minha sorte vai durar? — Sua expressão ficou mais sombria. — Afinal, pense no Jez.

— Quem é Jez? — perguntou Jacoby, sem perceber o quanto essa pergunta pesava sobre os dois.

Connor e Bart trocaram um olhar, cada um esperando que o outro assumisse a dianteira. Depois de um silêncio incômodo, Connor disse:

— Jez Stukeley era nosso amigo a bordo do *Diablo*. Era o lutador mais talentoso da tripulação. Foi morto num duelo a bordo do *Albatroz*, o navio capitaneado por Narcisos Drakoulis.

Jacoby ficou confuso.

— Se o Jez era um lutador tão bom, por que perdeu o duelo?

— Você deveria ter visto o cara com quem ele lutou! — respondeu Bart. — O principal guerreiro de Drakoulis, Gidaki Sarakakino. Era como um gladiador, duas vezes maior do que *eu*, imagine só, mas incrivelmente ágil.

Connor continuou a história com uma expressão sombria:

— Nós nunca deveríamos ter ido àquele navio. Era um truque, uma vingança contra Molucco Wrathe. Jez morreu por causa dos defeitos de Molucco, e não dele mesmo. — Franzindo a testa, tomou um longo gole de sua caneca.

— Jez parece ter sido um cara incrível — disse Jacoby. — Dá para ver que vocês sentem falta dele.

Os olhos de Bart se iluminaram de repente.

— Nós tínhamos um apelido, *Os Três Bucaneiros*. Foi Catie que deu.

— Os Três Bucaneiros — repetiu Jacoby. — Gostei. — Ele ergueu a caneca. — Um brinde, amigos! A Jez e aos Três Bucaneiros!

Sem hesitar, Connor e Bart levantaram as canecas e bateram contra a de Jacoby.

— Aos Três Bucaneiros! — gritaram enquanto a cerveja se derramava no chão e depois descia pela garganta deles.

— Faz um bom tempo que não ouço *essa* expressão — disse Cheng Li enquanto ela, Cate, Jasmine e Bo Yin voltavam para perto dos rapazes.

— Os caras estavam me contando sobre o Jez — informou Jacoby às recém-chegadas.

— Coitado! — exclamou Jasmine.

Cate pôs a mão no braço de Bart.

— Você o viu no casamento?

Bart fez um gesto afirmativo com a cabeça, carrancudo.

— Não entendo — disse Jacoby. — Como *podem* tê-lo visto no casamento, ou em qualquer outro lugar, se ele está *morto*?

— Pense! — respondeu Cheng Li. — A que casamento todos nós fomos recentemente?

Jacoby revirou o cérebro por um momento.

— De Sidório e Lady Lola?

Cheng Li assentiu.

— Continuo sem entender — disse Jacoby. — Se Jez está morto, como podia estar num casamento... Ah! Ah, acho que entendi. — Ele tremeu enquanto falava.

— Ele foi morto — confirmou Bart. — Nós o sepultamos no mar. Mas Sidório achou o cadáver e o reviveu, para ser seu tenente. Agora ele é conhecido como Stukeley, e é um dos dois imediatos de Sidório.

Cada vez que o nome de Sidório era mencionado, Connor sentia como se fosse esfaqueado no coração. Será que os outros conseguiam perceber seu desconforto? Aparentemente não.

Os olhos de Bart estavam tristes e vazios, ao passo que os de Jacoby eram grandes como escotilhas enquanto fazia mais perguntas ao amigo:

— O seu velho colega Jez está trabalhando com Sidório, o rei dos Vampiratas?!

De novo Connor sentiu uma pontada no coração. É, pensou, rei dos Vampiratas e, por sinal, meu pai.

— Bom — disse Jacoby em tom despreocupado. — Olha pelo lado bom... pelo menos

ele não está morto... só descansando. — A tentativa de brincadeira passou despercebida para os outros.

— Não existe lado positivo, cara — afirmou Bart. — Jez está pior do que morto.

Connor se virou para Bart com o coração disparado. Antes que percebesse, tinha aberto a boca e estava fazendo uma pergunta a ele, uma que se sentia obrigado a fazer mesmo sem saber se estava pronto para ouvir a resposta.

— Você acha mesmo? Que é pior ser vampiro do que estar morto?

— Você viu como ele estava, Connor, quando veio a nós e pediu nossa ajuda. Estava atormentado. Agora todo dia, toda noite da *vida* dele, na falta de uma palavra melhor, é uma tortura. Se ele estivesse morto, estaria em paz. Jez era um homem bom e honrado, merecia o fim verdadeiro e correto de uma vida nobre. Aquele... *monstro*, o Sidório, negou isso a ele.

Connor estremeceu ao ouvir a palavra "monstro", porque, se era aplicada a Sidório, certamente se aplicava também a ele. Bart ainda não sabia que o capitão era o seu verdadeiro pai, nem que Connor era um dhampiro, ou seja, meio vampiro. Mas as palavras passionais de Bart não lhe deixaram nenhuma dúvida: se ele soubesse, dirigiria aquele mesmo olhar sofrido para Connor e sentiria pena dele por ter um destino pior do que a morte. Connor sentiu-se enjoado com o pensamento, e mais enjoado ainda pelo fato de que estava escondendo um segredo tão grande de um amigo tão íntimo.

Jacoby continuou, sem perceber o desamparo de Connor.

— E se fosse você, Bart? Se você, em vez do Jez, fosse morto naquele duelo? Preferiria mesmo estar morto e enterrado a ser trazido de volta a este plano, para andar, falar e navegar de novo pelos oceanos?

— Sem dúvida! — respondeu Bart, batendo com o punho na palma da outra mão. — Eu já disse. *Uma vida curta, mas alegre*. Foi esse o pacote que comprei. — Seus olhos brilhavam enquanto ele olhava os colegas. — Quando eu morrer, me enterrem tão fundo quanto as profundezas do inferno, de onde nenhum vampiro possa me desenterrar e fazer com que eu me junte à tripulação deles. Combinado?

Ninguém respondeu.

O olhar de Bart percorreu o grupo.

— Eu fiz uma pergunta a vocês todos. Estamos combinados?

— Estamos — respondeu Connor, com a voz se sobrepondo às dos colegas. Agora se sentia enjoado de verdade e intensamente claustrofóbico. Precisava sair da taverna, afastar-se daquela conversa. Não conseguia suportar nem mais um instante.

Enquanto Cate estendia a mão para acalmar Bart, Connor foi rápido em aproveitar a oportunidade.

— Não estou me sentindo muito bem — murmurou para Bo Yin. — Preciso de um pouco de ar.

— Eu vou com você, Connor Tormenta — disse Bo Yin, com a testa franzida de preocupação. Mas Connor levantou a mão para impedi-la.

Ele se afastou do grupo e foi para os fundos do salão. A porta de trás estava escancarada e ele saiu.

Viu-se numa praia pequena, cheia de lixo da taverna. As ondas batiam fracas na areia, como sussurros.

Connor respirou o ar noturno, depois chutou os sapatos e as meias e enrolou a bainha da calça. Desviando-se do lixo, foi para a água. A primeira carícia do líquido frio nos tornozelos acalmou-o imediatamente. Ele fechou os olhos e obrigou os pensamentos tóxicos que se agitavam em seu cérebro a escorrerem para a água e serem carregados pela maré.

Quando abriu os olhos de novo, sentiu-se tonto por um instante. O mar abaixo e as estrelas acima pareciam deslizar, um indo em direção ao outro. Ele perdeu o equilíbrio e se preparou para um tombo iminente na água fria e oleosa. Mas de algum modo permaneceu de pé, suspenso no ar, e demorou alguns instantes para voltar totalmente a si. Olhando para baixo, viu que um par de mãos pálidas havia se estendido para firmá-lo.

— Tudo bem agora? — perguntou uma voz familiar, que presumivelmente pertencia às mãos que se afastavam devagar.

— Tudo. Obrigado. — E se virou para encarar quem o havia salvado.

Ao fazer isso, seu coração falhou e ele ficou tonto de novo. Apesar de ter suspeitado daquilo, a realidade era um choque físico.

Ali, parado junto a ele no oceano, estava seu velho amigo e ex-companheiro, Jez Stukeley.

CAPÍTULO 8
O compartilhamento

Grace esperou que a tigela com torta de cereja fosse tirada da sua frente. Mal havia tocado na comida do Festim desta noite. A aparência e o cheiro eram deliciosos como sempre, mas ela só havia comido uma ou duas colheradas, primeiro das vieiras, depois do cordeiro, e talvez meia colherada de sobremesa. O resto da comida acabou sendo empurrado de um lado para o outro no prato ou permaneceu intocado na tigela, sob os talheres. Nada disso escapou à percepção aguçada de Oskar.

— Vejo que continua sem fome — disse ele, com uma sobrancelha escura erguida de forma inquisidora.

— Pelo menos não de comida.

Oskar olhou-a diretamente nos olhos e assentiu devagar, pensativo. Ele entendia. Inclinando-se para perto, falou em tom confidencial:

— Lembra-se do que conversamos antes? Você deveria se juntar a nós, a Lorcan e eu, esta noite. Tenho sangue mais do que suficiente para vocês dois. — Seus olhos castanho-escuros se fixaram nos de Grace. — Me compartilhe.

Desde que ele fizera essa proposta pela primeira vez no Festim da semana anterior, Grace havia refletido constantemente sobre a ideia. Tomar sangue era impensável, não era? Se fizesse isso, não teria volta: estaria aceitando que era uma dhampira — meio vampira,

meio mortal — e que agora esse era seu modo de vida.

Em muitos níveis, ela aceitava isso *sim*. De que adiantava tentar negar? Ela não era a filha de um faroleiro de uma cidade litorânea no fim do mundo, como havia pensado durante seus primeiros 14 anos de vida. Não: era filha de um Vampirata, Sidório; resultado, como seu irmão, de um feitiço lançado por ele sobre sua pobre mãe, Sally.

Grace viu que a comprida mesa de banquete fora esvaziada e os serviçais haviam desaparecido, retornando à cozinha. Ela estivera tão perdida em seus pensamentos que não tinha notado nada disso. Agora os músicos pegaram os instrumentos de novo, tocando cada vez mais alto. Olhando ao longo da sala para os rostos refletidos na claridade quente das velas, viu que os homens e as mulheres dos dois lados da mesa aguardavam em silêncio. O Festim — pelo menos esta fase dele — estava terminado.

Na outra extremidade da mesa, mais perto da porta, Darcy e seu doador, James, levantaram-se juntos das cadeiras e começaram a se afastar, os passos marcando o ritmo da música percussiva. Seus vizinhos os seguiram, movendo-se no mesmo ritmo. O êxodo continuou como uma onda, à medida que cada vampiro e seu doador deixavam o salão de banquetes — ninguém tinha pressa, ninguém perdia o ritmo da música. Ainda que Grace tivesse presenciado aquela cena muitas vezes, isso ainda a fascinava — agora talvez mais do que nunca.

A onda alcançou-os, e Lorcan e Oskar se ergueram e começaram a andar, cada um de seu lado da mesa, em direção à saída. Então Mosh Zu e Grace se levantaram. Ainda que não fossem vampiro e doadora, sairiam do salão juntos, para não romper a simetria.

Enquanto seguia o mesmo caminho de Oskar ao longo da mesa, Grace não pôde deixar de sorrir diante da ironia de ainda se sentar no lado dos doadores. Nem percebeu que havia saído do salão, tão imersa estava em seus pensamentos, por isso ficou surpresa ao se ver no corredor. Seria assim para os Vampiratas? Tinha visto a expressão vazia e distante nos olhos de Lorcan quando sua fome era mais urgente. Como naquele Festim.

Ao observá-lo agora, Grace viu que os olhos dele, geralmente azuis, haviam mudado: pareciam profundos poços de fogo. Isso não a amedrontava nem a deixava nervosa, ela já o vira antes nessa situação. Ele só precisava da dádiva do sangue de Oskar para aplacar a fome. Grace pegou-se olhando a pele bronzeada do pescoço de Oskar, e de repente era como se a pele fosse transparente e ela pudesse ver o sangue fluindo pelas veias. Podia ver. Sentir o cheiro. O gosto...

Subiram a escada até o próximo convés — o dos doadores. Ao longo do corredor, portas se abriam e se fechavam rapidamente, como as asas de uma mariposa, enquanto

vampiros e doadores desapareciam para dentro delas. Grace sentiu o coração disparar. Sua cabeça latejava com a música estranha e impetuosa do Festim, agora intercalada com as palavras de Oskar. *Você deveria se juntar a nós... Me compartilhar. Me compartilhe. Me compartilhe.*

Oskar estendeu a mão para a porta e a abriu. Lorcan entrou, Oskar logo o seguiu, e a porta começou a se fechar.

Grace hesitou. Ele havia dito: *me compartilhe*. O que ela deveria fazer? Deveria falar sobre isso com Mosh Zu, mas, quando se virou, viu que ele havia continuado a andar ao longo do corredor. Agora estava separada dele por outros pares formados por vampiros e doadores que iam para as cabines.

A porta de Oskar ainda estava escancarada. Grace sentiu um calor poderoso atravessando-a, seguido por um calafrio súbito e penetrante ao longo da coluna.

Me compartilhe. Dentro de sua mente, a voz de Oskar ficou mais forte. Sua cabeça certamente explodiria se a música não parasse; se essa sensação não fosse embora. Essa sensação que agora ela sabia que era sua fome. Só havia um modo de ela ser aplacada, não? Grace viu a luz das velas se espalhando pelo corredor. Estendeu a mão e empurrou a porta. Respirando fundo, entrou no quarto.

A cabine estava cheia de um brilho vermelho. Grace não tinha certeza se era a luz ali dentro ou se seria outro efeito da fome. Cada um dos seus sentidos estava aguçado. O tempo parecia mudar de repente, de uma corrida em alta velocidade para um desenrolar muito vagaroso, como um filme em câmera lenta. Durante tudo isso, ela sentia o calor e o frio se alternando e sua cabeça latejando de forma implacável. *Me compartilhe*.

Foi necessária toda a sua força para manter o foco. Finalmente começou a entender o que acontecia ao redor. Ali estava Oskar, encostado numa parede, com Lorcan ao lado. Então era assim que a coisa acontecia, era assim que eles compartilhavam. Grace vislumbrara Lorcan compartilhando com Shanti uma vez, do corredor, mas naquela ocasião acabou se virando rapidamente. Agora abriu os olhos famintos para a cena, fascinada ao ver como acontecia. Mais uma vez, pareceu-lhe que a pele de Oskar havia ficado totalmente translúcida, e ela podia ver o sangue partindo do coração e percorrendo as veias em direção à pele perfurada no tórax. Ao erguer os olhos, ficou surpresa ao vê-lo sorrindo e chamando-a para perto.

— Venha — dizia. — Me compartilhe.

Grace chegou mais perto. Avançou até estar muito perto de Oskar. Ele sorriu de novo enquanto ela o encarava. Havia fogo nos olhos dele, assim como nos de Lorcan, mas de

algum modo era uma chama mais distante. Isso a confundiu, distraindo-a da fome por um momento. Olhou mais fundo para as marcas pretas das pupilas de Oskar, procurando o fogo novamente e, então, encolheu-se, entendendo. Não havia fogo nos olhos de Oskar; eles eram simplesmente um espelho que refletia sua própria fome.

A percepção a fez ofegar e dar um passo para trás, cambaleando em direção à porta. De repente o aposento parecia sem ar. Ela precisava sair dali.

— Desculpe — disse, sem saber se havia alguma sonoridade em sua voz. Oskar estava se virando para Lorcan, enquanto o Vampirata se preparava para tomar seu sangue.

Ela precisava sair. Agora. Não estava pronta para isso. Não ainda.

Grace não tinha certeza da sequência de acontecimentos que vieram em seguida. De algum modo conseguiu encontrar a maçaneta e girá-la. E de algum modo chegou ao corredor e se pegou empurrando outra porta que dava no convés principal — mas não se lembrava de ter subido qualquer escada. Foi só quando saiu ao ar livre que começou a respirar com alguma normalidade e a dar forma aos seus pensamentos.

Sabia que fizera a coisa certa, afastando-se da cabine de Oskar. Ainda não estava pronta para isso. Sua fome havia se esvaído tão intensamente quanto o apetite durante o jantar. Agora, enquanto estendia a mão para a amurada, pensava no que estivera prestes a fazer, e isso chocou-a profundamente. Respirou fundo e exalou com lentidão igual. A alternância entre calor e frio havia diminuído. Seu corpo parecia liberado da servidão da fome. Sentia-se normal de novo, apesar de esse parecer um estado relativo e possivelmente transitório. Permaneceu junto à amurada, com a brisa acariciando o cabelo e a pele, ficando mais calma a cada momento que passava.

Não soube quanto tempo ficou ali antes de ouvir passos e perceber que alguém se juntava a ela. Sorriu, preparando-se para ver Lorcan. Ele devia ter interrompido o compartilhamento e vindo atrás dela. Era tipicamente altruísta da parte dele: mesmo no momento de fome mais urgente, ele foi ver como ela estava. De fato, era um perfeito cavalheiro.

Mas quando se virou, não era o rosto de Lorcan que a encarava, mesmo que ainda fosse familiar, ainda bonito. Em vez disso era um rosto que ela não esperava ver de novo — pelo menos por um bom tempo, pelo menos não ali.

Johnny inclinou o chapéu e riu para Grace, admirando-a.

— Ora, ora olha só, pequena dama! O céu deve estar sentindo a falta de um anjo esta noite!

CAPÍTULO 9
O convite

Connor estava de pé na água gelada, do lado de fora do Salão da Lua Cheia, olhando para Jez — ou melhor, corrigiu-se, para Stukeley. Seu ex-colega usava uma camisa vermelha, com as mangas enroladas até os cotovelos, e um velho calção de couro preto. Desde a última vez que Connor o vira, no casamento de Sidório, o cabelo de Stukeley fora raspado. Da orelha esquerda pendia uma minúscula caveira, e na nuca havia uma nova tatuagem — uma onda, no estilo de uma gravura japonesa. Mais abaixo, na parte interna do antebraço, havia a tatuagem de três alfanjes, exatamente igual à que existia no braço de Connor. Os Três Bucaneiros haviam acordado e descoberto que tinham as tatuagens depois do que passaram a chamar de "o fim de semana perdido", na *Calle del Marinero*. Para eles, a forma como as tatuagens haviam sido feitas continuava a ser um completo mistério.

— E aí? — perguntou Stukeley com um aceno.

— Estávamos falando sobre você agora mesmo — respondeu Connor.

— Bom, você conhece o ditado. — Stukeley riu. — É só falar do diabo que ele aparece.

— Você não é o diabo. Arranjou alguns hábitos novos e esquisitos e anda com pessoas estranhas, mas não é o diabo.

Stukeley deu de ombros.

— Obrigado... acho. — Sorriu novamente. — Vamos para a areia? — Em seguida

passou o braço pelo ombro de Connor e levou-o para fora da água fria.

No meio do entulho da praia havia dois tambores de óleo enferrujados. Stukeley se recostou em um deles e Connor sentou-se no outro.

— O que está fazendo aqui? — perguntou Connor.

— Vim encontrar você. Para lhe dar isso. — Ele enfiou a mão no bolso da camisa e pegou um envelope. À luz das estrelas o pergaminho brilhava como uma lâmina de ouro branco.

Connor pegou o envelope e viu seu nome escrito em tinta preta, com letras extravagantes, cheias de voltas, e teve a sensação de que já sabia o que haveria ali dentro. Ele permaneceu em suas mãos durante um tempo.

— Abra — disse Stukeley.

Com o coração começando a disparar, Connor rasgou o envelope e puxou o pergaminho dobrado. Desdobrou-o e examinou a curta mensagem...

Caro Connor,

Espero que esteja tudo bem com você ao ler esta carta. Meu filho, ultimamente você tem estado muito em meus pensamentos. Nosso reencontro foi interrompido. Deveríamos nos conhecer. Minha esposa e eu gostaríamos muito que viesse ficar conosco a bordo de nossos navios. Venha assim que puder e fique o quanto quiser.

Seu pai de sangue,

Sidório

Depois de ler, Connor dobrou instantaneamente a carta e recolocou-a no envelope. Depois pousou-a no tambor de óleo enferrujado e começou a se afastar.

— Você não pode ignorar isso — disse Stukeley, andando ao seu lado.

— Posso tentar. — Os olhos de Connor estavam fixos adiante.

— Não vai mudar nada. Sidório *é* o seu pai de sangue. Agora você é um de nós.

Connor não disse nada, só continuou andando. Corria o perigo iminente de a extensão de areia diante dele acabar.

— Espera! — disse Stukeley, saltando à frente dele. — Olhe para mim, Connor!

Com relutância, Connor levantou os olhos para encarar Stukeley de novo.

— Nós já fomos amigos — prosseguiu Stukeley. — Dizíamos que nossa amizade transcendia a vida e a morte, lembra? Quando voltei para lhe encontrar, você me ajudou. Me levou para a Taverna do Sangue e depois para o *Noturno*, para que eu pudesse ter a

ajuda do capitão.

— Lembro. — Connor estremeceu ao pensar na Taverna do Sangue.

— Você me ajudou — repetiu Stukeley. — Agora é minha vez de ajudar você. — Ele estendeu a mão para o ombro de Connor. — Sei que você deve estar abalado com tudo isso. Descobrir que Sidório é seu pai, que você é um dhampiro... Isso muda tudo.

— Só se eu deixar — respondeu Connor em tom de desafio.

— Não, Connor, você não tem controle sobre isso. É maior do que você. Acredite em mim, sei o que estou falando.

Connor pensou nas palavras de Stukeley. Pensou em como tinha visto Jez morrer e no luxuoso funeral que haviam feito para ele no convés do *Diablo*. Pensou em como a jornada do amigo havia terminado, mas a de Stukeley tinha apenas começado, quando eles jogaram seu caixão no oceano e, involuntariamente, mandaram-no viajando na maré para os braços agradecidos de Sidório.

— Eu também não pedi para estar deste lado da cerca — disse Stukeley, como se lesse seus pensamentos. — Mas, Connor, aprendi que o único modo de lidar com isso é aceitar o que a gente é.

Connor abaixou a cabeça, deixando os olhos se fecharem. Um novo pensamento lhe ocorreu e ele abriu os olhos de novo, franzindo a testa.

— O que foi? — perguntou Stukeley.

— Não entendo. Achei que eu tinha destruído Lola Lockwood no casamento. Mas, na carta, Sidório diz "minha esposa e eu", como se ela ainda estivesse por aí.

Stukeley confirmou.

— Lady Lola ainda está por aí, apesar de seus melhores esforços para o contrário.

Connor pareceu incrédulo.

Stukeley se inclinou mais para perto.

— Você viu como ela conseguiu se recuperar de seu primeiro ataque, não viu? Você cravou-lhe a espada, mas ela tirou-a do próprio peito.

— É. — Connor pensou nos acontecimentos daquela noite. — Mas depois eu a decapitei e nós separamos a cabeça do corpo. Isso deveria ter sido fatal.

Stukeley deu de ombros. Em seus olhos havia uma expressão que Connor não pôde decifrar.

— Você certamente pensou que isso bastaria, mas Sidório juntou a cabeça de Lola de novo ao corpo e, antes que você pudesse dizer "Mazel Tov", eles estavam indo para uma feliz lua de mel.

— Isso desbanca tudo o que descobrimos nas pesquisas.

— A gente não pode confiar no que lê. Sidório e Lola violam todas as regras; quanto mais perto chegam da destruição, mais poderosos parecem emergir.

Isso mexeu com Connor, que pensou em como o capitão do *Noturno* havia aconselhado que ele atacasse os Vampiratas renegados com fogo. Ele dissera que o fogo seria fatal para Sidório, mas, apesar de ter destruído parte da tripulação novata, deixou Sidório — e também Stukeley — mais forte, como metal forjado em chamas. Connor podia ver o fogo faminto diante dos olhos, e nele, os rostos de Sidório, Stukeley e Lola.

— Não posso ir com você — disse.

— Não existe isso de não posso! — Stukeley riu.

— Pense bem. Fui eu quem atacou Lola, quem tentou destruí-la. Ela não pode querer me ver. — Um novo pensamento surgiu. — A não ser que queira se vingar.

— Ela nem pensaria em se vingar de você. É importante demais para Sidório. E, antes que você vá para lá, posso garantir que a vingança nem passa pela cabeça *dele*. Ele quer mesmo conhecê-lo, de pai para filho.

Por mais que parecessem absurdas, as palavras de Stukeley soaram verdadeiras. Connor se lembrou da última vez em que ele e Sidório haviam se encarado, naquela outra praia, depois que os piratas estragaram o casamento Vampirata. Sidório havia puxado Connor para si, com os dois incisivos avançando na direção do seu tórax, pronto para matar; então Cheng Li falou e tudo mudou. Não somente para Connor, mas também para Sidório. Connor se lembrou da expressão do capitão olhando para ele e declarando: "Ele é meu filho."

— Acredite em mim — continuou Stukeley. — Sidório só quer o melhor para você, e para Grace também. Ele fala de vocês dois como herdeiros de seu império.

— Grace? — perguntou Connor, sentindo medo pela irmã. — Você vai convidá-la também?

— Isso já está sendo feito — respondeu Stukeley, com uma piscadela. — O mesmo convite, outro mensageiro.

Connor censurou-se pela reação brusca de medo por Grace. Ela se sentia muito mais à vontade na companhia de Vampiratas do que Connor. Então outro pensamento lhe ocorreu.

— Grace não sabe. Ela não sabe que é filha de Sidório. Preciso contar a ela. Tem que ser *eu*...

— Grace sabe. Ela descobriu *antes* de você. — O olhar de Stukeley encontrou o de

Connor. — Isso não deveria surpreendê-lo. Grace sempre esteve um ou dois passos à sua frente com relação aos Vampiratas.

Stukeley se virou, agachou-se e pegou uma pedra, depois a jogou e ela quicou sobre a água. Connor sorriu: era algo que tinha visto Jez fazer muitas vezes.

Enquanto se virava para apanhar outra pedra, Stukeley pegou Connor observando-o.

— O quê? — perguntou, com uma sobrancelha erguida interrogativamente.

— Nada.

Stukeley segurou a pedra, mas, em vez de jogá-la, agachou-se diante de Connor.

— Fale comigo, meu chapa. Diga como se sente com relação a isso tudo.

— Entorpecido — respondeu Connor, apesar de já sentir algum alívio ao começar a falar. — Não sei mais quem eu sou. Existiu um garoto chamado Connor Tormenta, mas sinto que ele ainda está no farol na Baía Quarto Crescente. Eu o deixei para trás quando Grace e eu partimos para o mar e fomos apanhados pela tempestade. — Ele suspirou. — Desde que fui parar no *Diablo*, sinto que venho amadurecendo num ritmo acelerado. Isso foi bom. Ultimamente comecei a ver quem eu era de verdade, quem eu poderia ser. Connor Tormenta: o pirata. — Ele percebia que Stukeley o observava com atenção. — Houve alguns solavancos no caminho, como quando matei pela primeira vez. — O olhar de Stukeley permaneceu firme, mesmo com essa nova informação. — Mas acho que eu só precisava despertar para o que significava ser um pirata, e ter certeza de que estava sendo contratado pelo capitão certo. — Ele parou de falar, dando as costas para Stukeley e olhando para a água escura que batia suave na praia.

— E agora?

— Agora estou de volta à estaca zero. No final das contas não sou Connor Tormenta, o pirata, e sim Connor Tormenta, o Vampirata. Tudo virou de cabeça para baixo. Meu verdadeiro pai é um Vampirata que eu tentei matar pelo menos uma vez, e na única ocasião em que me encontrei com minha madrasta, enfiei uma espada nela e decepei sua cabeça. — Ele olhou de volta para a porta da taverna. — As pessoas que eu achava que eram minhas amigas estão dentro dessa taverna, mas não sabem quem ou o que eu sou de verdade. — Isso não era totalmente verdade, percebeu, mas não viu necessidade de contar a Stukeley que Cheng Li conhecia seu segredo sombrio, a única entre os piratas.

— Connor — disse Stukeley em voz baixa. — Sei exatamente pelo que você está passando, cara. Fiz exatamente essa mesma viagem. Você precisa deixar que eu o ajude. — Ele passou de novo o braço sobre os ombros de Connor. — Vamos ajudar você a superar isso, meu velho. Você vai ver.

Connor não sabia direito por quanto tempo os dois estavam parados ali quando ouviu a porta se abrir, guinchando, atrás deles. Enquanto ele se virava, Stukeley desapareceu nas sombras, escondendo-se atrás da porta, e duas figuras pisaram na praia: Jasmine Pavão e Bo Yin.

— Aqui está ele! — declarou Bo Yin.

— É — disse Jasmine. — Volte e diga aos outros que vamos entrar num minuto.

Com uma relutância óbvia, Bo Yin voltou para dentro do salão enquanto Jasmine andava pela praia para se encontrar com Connor.

— Ei, estranho — disse. — Ficamos imaginando para onde você tinha ido.

Connor se virou, com o coração disparado.

— Só precisei de um pouco de ar e de um tempo sozinho. Está meio claustrofóbico lá dentro.

Jasmine sorriu.

— Independentemente do que diz a capitã Li, isso aqui não se compara à taverna da Madame Chaleira.

Connor retribui o sorriso.

— Aí está — disse Jasmine, envolvendo-o com os braços. — Eu sabia que existia um sorriso enterrado em algum lugar aí dentro.

Connor percebeu Stukeley observando das sombras. Seu sorriso sumiu.

— A gente deveria entrar.

— Você está bem, Connor? Parece cansado de verdade.

Connor deu um sorriso débil.

— Estou bem cansado mesmo.

Jasmine olhou em seus olhos, examinando-o.

— Você parece meio desgastado. Durante o ataque, no outro dia, você estava com a corda toda, mas, esta noite, é como se toda a energia tivesse se esvaído de você. Mas não parece nem um pouco relaxado. Só arrasado.

Connor confirmou.

— É mais ou menos isso.

A voz de Jasmine soou baixa, pouco característica, quando ela disse:

— Estamos numa boa, Connor?

— Claro — respondeu ele roboticamente, as mãos pousando nos ombros dela. — Estamos sim. Estamos bem.

Ela não pareceu se convencer.

— Não vou pressionar você. Sei que está com muita coisa na cabeça agora, e tenho paciência suficiente para saber que é melhor esperar que você resolva o que quer que seja. — Ela suspirou. — Mas, Connor, por favor, lembre-se de que estou aqui para ajudar. Todos nós estamos. Você tem que aprender a buscar apoio nos amigos quando precisar.

Connor puxou-a para um abraço, mas enquanto Jasmine encostava a cabeça em seu peito, os olhos dele encontraram de novo os de Stukeley. O antigo colega começou a andar em sua direção e o alarme deve ter sido evidente no olhar de Connor, porque Stukeley sorriu e o cumprimentou com um gesto, passando pelos dois e fundindo-se à noite sem qualquer som.

CAPÍTULO 10
Persuasão

— Johnny, o que está fazendo aqui? — perguntou Grace. — Não: antes de entrarmos nesse assunto, *como* você chegou aqui?

Johnny sorriu para Grace, mas não respondeu a nenhuma das perguntas. Em vez disso enfiou a mão no bolso de trás do jeans.

— Tenho uma coisinha para você — disse, levantando um envelope e entregando-o para ela.

— O que é isso? — perguntou Grace, pegando o envelope. Ela viu seu nome escrito na frente, em tinta preta, mas não reconheceu a caligrafia.

— Um convite. Por que não abre e lê?

Dando de ombros, Grace virou o envelope. Tinha sido lacrado com cera, na qual fora gravado algum tipo de brasão com algo escrito aparentemente em latim, que ela não entendeu. Tirou a cera e levantou a aba, depois pegou a carta e desdobrou. Enquanto começava a ler, Johnny foi para o lado dela, encostando-se na amurada e acendendo uma cigarrilha.

Quando Grace se virou em sua direção, ele estava concentrado em soprar um perfeito anel de fumaça por cima da amurada. Johnny olhou-a, erguendo uma das sobrancelhas.

— Sidório — disse ela, quase sem palavras. — Sidório quer que eu vá ficar com ele.

Para conhecê-lo melhor.

— Ele é seu pai, Grace.

— Só no nome — respondeu ela, irritada, pensando em Dexter Tormenta, seu pai de verdade.

— Gostando ou não, ele é seu pai de sangue. Você sempre soube que havia algo diferente, especial, em você. Todos nós sabíamos. Só não sabíamos exatamente *quão* especial.

Grace olhou de novo para a carta.

— Sidório tem uma esposa agora? Ele se casou?

Johnny confirmou, dando mais uma tragada na cigarrilha e soltando a fumaça no ar noturno.

— Lady Lola Lockwood. Uma tremenda dama! O convite é dos dois. — Ele sorriu. — Se isso fosse um conto de fadas, acho que Lola seria a madrasta malvada.

— Isso não é um conto de fadas. É a minha vida.

— Exato. Motivo pelo qual você deve a si mesma a oportunidade de conhecer Sidório. Ele é realmente incrível, uma vez que você o conhece de perto.

— Já estive perto dele — disse Grace, com um tremor. — Quando cheguei ao *Noturno*, ele pôs na cabeça que eu ia ser sua doadora. — Ela fez uma pausa, depois acrescentou com amargura: — Exatamente como minha mãe.

— Como Sally — disse Johnny.

Grace se inclinou para perto dele.

— Você sabe sobre minha mãe?

— Claro, sei de algumas coisas. O capitão me contou, e ao Stuke... isto é, Stukeley; nós somos os imediatos de Sidório. Ele contou sobre sua mãe. Como ele a amava. Como ela foi tirada dele, e você e Connor também.

Grace estava perplexa.

— *Sidório* contou a vocês sobre nós? Contou que estava apaixonado?

Johnny sorriu.

— Conheço você, Grace, e sei que sua cabeça está fervilhando com perguntas. Sobre Sidório e Sally; sobre você e Connor também. Você não acha que deve a si mesma aceitar o convite do capitão e passar algum tempo conosco? — Ele sorriu. — E, devo acrescentar, eu certamente apreciaria a oportunidade de ter de novo o prazer de sua companhia.

Grace olhou a carta outra vez. Johnny a conhecia bem. Sua cabeça estava tão cheia de pensamentos que ela não podia mais se concentrar nas palavras que Sidório havia escrito.

Parte dela sentia-se tentada a aceitar o convite. Johnny estava certo: Sidório *era* de fato uma parte inegável de sua história, uma peça tremendamente importante, e ela devia a si mesma conseguir algumas respostas com ele. Talvez isso a ajudasse a se entender melhor. Mas a ideia de viajar direto para o coração do império renegado era louca, não era? Ela estaria se lançando no caminho do perigo. E mesmo que *fosse* imprudente a ponto de fazer isso, de jeito nenhum Mosh Zu e Lorcan concordariam em deixar que ela fosse.

— Agradeça a Sidório pelo convite, mas não, obrigada.

— Grace, por favor, não faça isso comigo. Se eu voltar sem você, ele vai ficar realmente furioso.

— Desculpe, Johnny, mas isso não é problema meu. — Grace dobrou a carta, enfiou-a de volta no envelope e pressionou a cera novamente sobre a aba. Parecia que nunca havia sido aberto. Ela estendeu o envelope para Johnny. — Foi bom ver você de novo, mas não quero prender você aqui desnecessariamente.

— Tudo bem, não estou com pressa alguma. — Johnny não pegou o envelope. Nem mesmo estendeu a mão. Em vez disso, deu mais uma tragada na cigarrilha.

Sua postura inabalável estava começando a enfurecer Grace.

— Preciso voltar para dentro — disse ela. — Meu *namorado* está me esperando. — Ela aguardou, esperando que seu dardo tivesse acertado o alvo.

Johnny permaneceu irritantemente inabalável como um poste.

— Namorado, é? Acho que você está falando do bom e velho Lorcan. Bem, fico feliz por você, Grace. Sei que sempre teve um sentimento forte por ele. Afinal, foi por isso que nada aconteceu entre nós.

Grace não podia acreditar naquela arrogância.

— Johnny, nada jamais poderia ter acontecido entre nós. Lorcan não tem nada a ver com isso!

Ele deu de ombros.

— Como quiser. Mas sei que *eu* gostei de todas as nossas conversas noturnas e, sem querer expor esse meu velho coração, eu senti sua falta. — O olhar dele se cravou nos olhos dela. — Além disso, pelo que posso ver, você cresceu um bocado desde que nos encontramos pela última vez.

Grace não pôde evitar um sorriso diante daquela bravata. Ele não desistia sem lutar.

— Johnny, é sempre divertido ver você, mas preciso mesmo ir. Não fazemos mais parte do mesmo mundo; você fez sua escolha na noite em que se ligou à Sidório. Não há lugar para você a bordo do *Noturno*.

Johnny havia terminado sua cigarrilha. Jogou a guimba no convés e esmagou-a com o bico da bota.

— Nunca fui homem de abusar de uma boa recepção. Vou indo, para levar a má notícia a Sidório. — Ele baixou a cabeça, levantando o chapéu, mas, antes de colocá-lo de volta, um novo pensamento lhe ocorreu. Suas palavras foram murmuradas, mas Grace captou cada uma delas. — Vou me certificar de dar suas lembranças a Connor.

— Quando *você* vai se encontrar com Connor? — perguntou ela, subitamente em alerta vermelho.

— Talvez esta noite, mais tarde — respondeu Johnny, sorrindo. — Eu recebi a tarefa de entregar o convite a você, e o velho amigo de seu irmão, Stukeley, foi entregar o dele. Só que, diferentemente de você, Connor deve dizer *sim*.

— Você acha mesmo que Connor vai aceitar o convite de Sidório de ficar no navio dele? De jeito nenhum Connor faria isso. Ele não suporta a companhia de nenhum Vampirata, quanto mais a de Sidório...

— Isso era antes. Agora que ele descobriu que faz parte do time, todas as apostas estão aí para serem feitas. — Johnny olhou seu relógio. — O que deve estar acontecendo neste momento. Tenho certeza de que Connor e Stukeley, que você talvez lembre com o nome de Jez, estão tendo um encontro bastante emotivo. E como o próprio Stukeley recentemente fez a viagem da mortalidade para a pós-morte, tenho certeza de que você vai concordar que ele é a pessoa ideal para ser o guia de Connor em *Vampirópolis*. — Johnny sorriu de novo. — Sabe o que eu acho? Não creio que você imaginava que Connor ao menos sabia que era um dhampiro. Mas olha só, Sidório e seu irmão tiveram outro embate, que por sinal foi no casamento do capitão com Lady Lola. E nessa ocasião foi revelado que Connor era filho dele... e herdeiro de seu império crescente. Pelo menos é assim que o capitão anda falando.

— Sidório pensa em Connor como herdeiro dele? — Grace estava incrédula.

— *Um* dos herdeiros. Apesar de que, se você não está interessada em conhecê-lo, acho que ele terá que se virar com apenas um herdeiro de sangue.

— *Não* estou interessada em conhecer Sidório — disse Grace com veemência. — E certamente não quero fazer parte de nenhum império que ele esteja construindo. Além disso, faça as contas, Johnny. Como Sidório e Lady Lola são imortais, eles nunca vão morrer, portanto não há lógica em pensar em herdeiros, há?

— Grace, você é muito nova neste mundo. É verdade que os vampiros não morrem, exatamente, mas eles *podem* ser destruídos. Bom, a pobre Lola quase faleceu no dia de seu

casamento, imagine só! Além disso, talvez Sid e Lola queiram se aposentar um dia, encontrar um lugar na lua e ficar fora de circulação por alguns séculos. Então você e Connor, e eu e o Stuke, poderíamos comandar as coisas. Acho que iríamos nos divertir um bocado com isso, não acha?

— Não! — respondeu Grace. — Quantas vezes preciso dizer? Sidório não significa nada para mim. Menos do que nada. — Ela soltou o ar com força. — Não tenho *nada* contra os Vampiratas e sinto *orgulho* de ser dhampira. Tudo isso é muito novo, mas vou me adaptar, como sempre fiz. Mas uma coisa posso dizer com completa e absoluta certeza: abomino tudo que Sidório representa e não quero fazer parte de seu império nem agora... nem nunca.

— Bravo! — disse Johnny, batendo palmas e gritando como se estivesse num rodeio. — Certo, Grace, captei a mensagem. Acho que vou indo. — Ele pôs o chapéu de novo na cabeça, subiu na amurada e ficou de pé, orgulhoso, como se fosse o senhor dos oceanos. Sem dúvida o tempo passado com Sidório estava mexendo com ele. Johnny acenou para Grace antes de executar um mortal duplo para trás, saltando do navio.

— Espera! — gritou ela. — Você se esqueceu de uma coisa. — Ela balançou o envelope contendo o convite de Sidório e Lola. Rasgou-o ao meio e jogou-o na água, atrás de Johnny.

— Grace! — Virando-se, ela viu Lorcan vindo a passos largos pelo convés em sua direção. Seu coração estava disparado pelo encontro com Johnny e tudo que ele havia lhe contado.

Lorcan parou diante dela. Seu lenço estava desamarrado, mas, afora isso, ele parecia tão impecável como quando havia chegado ao Festim, mais cedo. Ele era sempre meticuloso em remover cada traço de sangue depois do compartilhamento, mas desta vez Grace notou um ponto vermelho em sua camisa social. A mancha levou-a de volta à imagem que agora estava gravada em seu cérebro; a imagem da cabine escura e claustrofóbica lá embaixo. Lorcan estendeu a mão para ela.

— Grace, o que foi? Você está bem?

— Estou um pouco abalada — disse ela. Era nada menos do que a verdade.

— Pelo que viu antes? Eu sabia que era cedo demais. Oskar estava tentando ajudar, mas ele se deixa levar por ideias turbulentas. — Lorcan abriu os braços e puxou Grace, envolvendo-a, e então beijou-a na cabeça. — Tudo mudou rápido demais para você. Para mim também. Nós vamos levar algum tempo para entender isso tudo.

Grace concordou.

— Mas vamos nos ajustar — continuou ele com convicção. — E lembre-se, por mais estranhas que as coisas pareçam agora, por mais que pareçam amedrontadoras, impossíveis, estou aqui para ajudar. Vou estar com você a cada passo dessa jornada.

Agora sentia-se segura, protegida. Olhou nos olhos de Lorcan. Todos os traços da fome voraz haviam sumido, seus olhos estavam azuis e infinitos como os oceanos. Como na primeira vez em que ela o vira. Como na primeira vez em que ele a havia beijado.

— Venha — disse ele, estendendo a mão. — Vamos voltar para dentro. É pouco cavalheiresco da minha parte dizer isso, mas você parece em vias de despencar.

*

Lorcan levou Grace de volta à cabine dela e os dois conversaram durante um tempo. Então ela teve que confessar que estava *mesmo* cansada e que, com a luz do dia chegando, sentia-se pronta para um sono bom e longo. Lorcan deu-lhe um beijo de bom-dia e saiu para ir à sua cabine.

Depois que ele se foi, Grace nem se deu ao trabalho de tirar a roupa. Simplesmente puxou as cobertas e se aninhou na cama confortável, fechando pesadamente os olhos. Sonhou quase imediatamente. Mas não era um sonho reparador. Era febril, visto através de uma névoa negra e vermelha. Ali estava Oskar, dentro da cabine dele, com a camisa se abrindo enquanto levantava o braço. No antebraço bronzeado havia duas palavras escritas em sangue: *ME COMPARTILHE!*

Ela olhou para Lorcan, que estava limpando traços de sangue dos lábios.

— Grace! — disse ele, jogando o lenço por cima do ombro e indo para ela. — Grace, estou aqui para ajudar você.

Lorcan estendeu os braços e ela correu para abraçá-lo, precisando desesperadamente de sua proteção. Ele beijou sua cabeça.

Ela olhou para ele, desejando ver seus olhos azuis e calmos. Mas quando ergueu a vista, não era o rosto dele, e sim o de Sidório. Ele abraçou-a com uma força cada vez maior, sufocante, e sorriu para ela.

— Estou aqui para ajudar você — disse. — A cada passo da jornada.

Grace acordou do sonho encharcada de suor. Demorou um tempo para controlar a respiração. Era só um pesadelo. O que mais poderia esperar, depois de todas as coisas pelas quais havia passado? Recuperou o fôlego. Era só um pesadelo. Havia um copo

d'água ao lado da cama. Estendeu a mão para ele, desesperada por um gole do líquido frio, mas quando encostou no vidro, imobilizou-se. Ali, na mesinha de cabeceira, estava o convite, o mesmo que ela havia rasgado ao meio e jogado no mar, depois de Johnny ter saltado. Grace estendeu a mão para o envelope. Ele estava intacto e totalmente seco. Seria algum tipo de magia?

Ao se inclinar adiante, Grace percebeu que não estava sozinha na cabine: havia alguém na cadeira ao pé da cama. Amedrontada, estendeu a mão para um fósforo e acendeu o lampião a óleo que estava ao lado; logo o cômodo foi iluminado por uma claridade suave. Era fraca, mas suficiente para revelar as feições marcantes da pessoa sentada, de braços cruzados, encarando-a. Agora a mulher se inclinou para a frente e falou com ela:

— Grace, que absurdo é esse de recusar nosso convite? Não posso admitir esse tipo de comportamento. Você é minha enteada. Não merecemos a chance de nos conhecermos?

— Lady Lola? — perguntou Grace, com a voz rouca.

Lola sorriu e descruzou os braços.

— Eu esperava que você me chamasse de mamãe.

CAPÍTULO 11
A madastra malvada

Lola balançou a cabeça.

— Não sei por que falei isso. Sobre me chamar de "mamãe". Claro que não é isso que eu espero, nem o que desejo.

— O *que* a senhora deseja? — perguntou Grace, sentando-se na cama e sentindo-se em desvantagem nítida, uma vez que Lady Lola a havia apanhado literalmente dormindo no ponto, desprevenida. — O que está fazendo aqui?

Lola sorriu.

— Eu não deveria ter confiado uma tarefa tão importante ao caubói. Ah, sei que ele é bonito e perfeitamente encantador, e também que você e ele têm uma certa história, mas, como aprendi a um grande custo, e como você talvez esteja prestes a aprender, querida, se quiser que um serviço seja feito, o melhor é fazê-lo pessoalmente.

Grace encarou Lady Lola, sua "madrasta malvada". Ela era de uma beleza espantosa. Quando havia passado da vida mortal para o reino dos Vampiratas devia ter trinta e tantos ou quarenta e poucos anos. Sua pele era branca como alabastro, o cabelo totalmente preto e os olhos de um castanho profundo, aveludado. Tinha o tipo de beleza que não parecia deste mundo, reservada às estrelas de cinema ou às rainhas e princesas dos contos de fadas. Cada detalhe era impecável — desde os lábios grossos até a pinta que marcava a bochecha macia.

A única coisa que estragava era a tatuagem de um coração negro em volta do olho esquerdo de Lola. Tudo bem, o coração era desenhado com perfeição e o efeito era marcante, mas havia algo naquilo que deixava Grace com os nervos à flor da pele. Não conseguia parar de olhar para a tatuagem. E então a imagem do coração começou a se dissolver e Grace pegou-se olhando para uma marca muito menos atraente; em formato de lua crescente, ela era preta no centro, mas se transformava em verde-néon e roxo nas bordas. Grace percebeu que estava olhando para um hematoma feio.

— Não sabe que é grosseiro ficar encarando? — A voz cortante de Lola trouxe Grace de volta para aquele momento. Ela começou a andar em sua direção, e Grace teve a súbita percepção do perfume inebriante, quase hipnótico, de rosas.

Lola havia chegado mais perto e agora estava parada junto a ela. Então, pôs a mão no ombro da enteada.

— Você está com uma expressão um tanto consternada nos olhos, Grace. Talvez devesse tomar mais um gole d'água.

Grace afastou os olhos momentaneamente, mas não estendeu a mão para o copo.

— O que é? — perguntou Lola, sentando-se na cama e alisando a saia ampla. — O que a abalou tanto?

Grace hesitou, avaliando o quanto estava disposta a compartilhar, mas decidiu correr o risco.

— Eu vejo coisas — disse. — Tenho um dom.

— Ouvi dizer que você tem muitos dons, minha cara. Seu pai fala muito bem de você.

Grace achou a palavra "pai" inquietante.

— Quer dizer, Sidório?

— Isso mesmo. Sidório. Meu marido, seu pai. Vamos até ele daqui a pouco, primeiro diga o que viu.

Mais uma vez, Grace hesitou, mas seguiu em frente.

— Eu vejo sob a superfície das coisas. Vi por baixo da sua tatuagem. — Lady Lola ficou imóvel enquanto Grace continuava. — Vi o seu ferimento.

— Fascinante — disse Lola, um tanto na defensiva. — O que, exatamente, você viu?

— Só o hematoma. Tinha a forma de uma lua crescente. — Ela se inclinou para a frente. — Será... isso está ligado à sua morte e ao modo como fez a travessia?

Lola cruzou os braços diante do peito.

— Agora me lembro, Sid me contou que você era fascinada por histórias de travessia. Não está compilando um livro com elas, ou algo assim?

Grace ficou surpresa e estranhamente lisonjeada por Lola saber disso.

— Gosto de falar com todos os Vampiratas que encontro e descobrir como fizeram a travessia. Sidório foi um dos primeiros e contou como foi morto por Júlio César. — Enquanto falava, Grace abriu a gaveta da mesinha de cabeceira. Enfiou a mão dentro, pegou seu último caderno e o estendeu para Lola.

A madrasta abriu o volume e examinou as páginas com interesse. Quando ela fez isso, Grace se maravilhou de novo com sua beleza. À luz do lampião, os cílios compridos de Lola eram alongados pelas sombras, estendendo-se sobre os maxilares angulosos. O olhar de Grace percorreu de novo a tatuagem do coração negro. Como se num reflexo, Lady Lola ergueu os olhos para ela.

— Você tem uma letra muito bonita — disse, dando um sorriso agradável enquanto fechava o caderno e o pousava sobre a colcha.

Para sua surpresa, Grace sentiu-se devastada. Tinha esperado uma resposta mais completa. Sentia orgulho do trabalho que havia feito até então com as histórias de travessia dos Vampiratas. Além disso, por motivos que não conseguia avaliar, queria impressionar Lady Lola. Pegou-se olhando de novo para a tatuagem em forma de coração.

— O que você está fazendo? — Grace escutou a voz de Lola, mas agora ela soou abafada, como se estivesse muito longe. Enquanto a voz diminuía de volume, outro ruído crescia dentro de sua cabeça. Era o som de cascos de cavalos. Batendo na terra. Havia outro som também: menor, mais suave. De chuva. Uma garoa no campo. Intercalado com gritos ocasionais. O pio de um pássaro, talvez? Intrigada, Grace aguçou os sentidos e, ao fazer isso, percebeu que não era um pio, pelo menos não o som de um animal, e sim um guincho de algo mecânico.

— Pare com isso! O que quer que esteja fazendo, pare! — A voz agora não passava de um sussurro e Grace não tinha intenção de parar. Sua visão estava ficando cada vez mais completa. Agora podia ver cascos de cavalos retumbando sobre o terreno irregular e a chuva se acumulando em largas poças numa estrada no campo. Percebeu que o guincho que ouvia era das rodas de uma carruagem puxada pelos cavalos; estavam enferrujadas e precisavam de óleo.

De repente sentiu uma dor forte e a visão se perdeu instantaneamente. Abrindo os olhos, encontrou Lady Lola parada junto a ela, a palma estendida perto da sua bochecha, que queimava.

Grace olhou incrédula.

— A senhora me deu um *tapa*?

Lola não tentou negar.

— Você não me deu opção. Estava sendo muito mal-educada. Eu sou absolutamente rígida com relação aos bons modos.

— Bons modos! — Grace olhou para Lola, com a bochecha ainda ardendo. — Não vejo como a senhora pode me ensinar sobre *qualquer* tipo de bons modos!

Lola sentou-se de novo.

— Supere isso, Grace, eu fiz o que era necessário. Não temos muito tempo. Preciso que você pare de se desligar do mundo e se concentre no que tenho a dizer.

Grace cruzou os braços em desafio.

— Diga um bom motivo para eu lhe dar cinco segundos do meu tempo.

— Ah, Grace, você sabe tão bem quanto eu que está de mãos atadas e que sou a única que pode ajudá-la a soltá-las.

— Não sei de nada disso.

— Você é uma *dhampira*, Grace. Meio mortal, meio vampira. *Eu* sei disso, e *você* também sabe. O único problema é que você não entende muito bem o que isso significa. Precisa de ajuda para descobrir seu verdadeiro eu, chegar à maturidade como imortal.

— E a senhora está oferecendo essa ajuda?

— Você poderia conseguir coisa muito pior.

Grace revirou os olhos, mas Lola continuou, sem se perturbar.

— Você passou a maior parte da vida numa mentira. Achava que Dexter Tormenta era seu pai. Não era. Mesmo sendo um homem bom, ainda que sem ambição, que amava sua mãe e criou você e seu irmão do melhor modo que pôde, não havia nenhum elo sanguíneo de fato.

— Dexter era o meu pai. Qualquer coisa que Sidório seja não vai mudar isso.

— Seu relacionamento com Sidório muda tudo. Sidório é o seu pai de sangue. E é um ser muito poderoso. É o Grande Rei de todos os Vampiratas.

Grace fungou com desprezo, depois permaneceu imóvel, temendo outro tapa vindo da mão maligna de Lola. Porém, desta vez Lola apenas a olhou de modo interrogativo, e Grace sentiu-se subitamente mais corajosa.

— Sidório é capitão de um exército de renegados maltrapilhos, os que não conseguiram seguir a disciplina deste navio ou de Santuário. Ele certamente *não é* o rei dos Vampiratas. *Este* é o único e verdadeiro navio Vampirata. Não o seu, não o *Capitão de Sangue*. E sim este navio: o *Noturno*.

— Um dia, talvez, isso já tenha sido verdade. Mas este navio nem tem mais um capitão.

— Ela sorriu sem alegria. — Vejo que você nem tenta negar isso.

— O capitão está... fora. Mas vai voltar logo. E enquanto isso...

— Pare! — Lola ergueu a palma da mão. — Antes que você desperdice seu precioso fôlego dizendo que Mosh Zu está mantendo quente o posto do capitão. Você caiu na mesma armadilha de novo, Grace. Está vivendo outra mentira. Ah, sei que você se sente leal ao pobre capitão e a outros a bordo deste navio. Mas o *Noturno* está morrendo. Metade da tripulação desertou para se unir a Sidório. Não porque eles careçam de disciplina, mas porque finalmente acordaram para o que são e aceitaram a natureza de seu verdadeiro eu. Não achavam mais adequado obedecerem a um capitão que se escondia todos esses anos atrás de uma máscara, mesmo antes de desaparecer totalmente de vista. O tempo dele acabou.

Grace sentiu uma reação visceral às palavras brutais de Lola.

— Mosh Zu... — começou, mas vacilou, ao que Lola não perdeu tempo.

— Mosh Zu está aqui, sim. E ele tem muitos dons, Grace, mas não é um líder. Lembre-se, o que Mosh Zu fez quando Sidório invadiu Santuário? Só deixou que mais Vampiratas fugissem. O mundo dos Vampiratas está mudando e *você* precisa tomar uma decisão. Vai desaparecer na obscuridade aqui por causa de um sentimento equivocado de lealdade? Ou vai ocupar seu lugar de direito ao lado de seu pai e seu irmão, no coração de um novo império? O império que Sidório e eu estamos construindo juntos. Para você e para o Connor. Para todos nós. — Os olhos de Lola faiscavam de ambição. — Nosso império da noite.

Grace baixou os olhos.

— Por favor, vá embora — disse baixinho, mas com plena convicção.

— Já vou. De qualquer modo, é hora de eu retornar ao *Errante*. Só quero dizer mais uma coisa antes de ir.

Grace esperou enquanto sentia de novo o olhar penetrante de Lola.

— Encare quem você é, Grace. *O que* você é. — Ela estendeu a mão para a mesinha de cabeceira e pegou o envelope que continuava ali. — Não tenha tanta pressa em descartar um convite pelo qual outros seriam capazes de matar. — Ela estendeu o convite, mas a enteada não fez menção de aceitá-lo.

Grace percebeu que estava tremendo, mas não sabia direito se era de medo, raiva ou uma mistura das duas coisas.

— Eu não pedi isso — disse com a voz tensa. — Não *pedi* para ser diferente. Eu era feliz antes, sendo uma pessoa comum. Com papai e Connor no farol. Em casa, na Baía

Quarto Crescente.

Lola fungou.

— Você não acredita nisso, tanto quanto eu. Você pode não ter pedido tudo isso, mas é fascinada pelo mundo que descobriu e do qual faz parte agora. Você recebeu o dom mais raro, Grace. Mas ele não vem de graça. Você tem uma obrigação: consigo mesma e com seu pai.

— Com Sidório? — exclamou Grace. — Não devo nada a ele!

Os olhos de Lola estavam pegando fogo quando ela a encarou outra vez.

— Pelo contrário, minha cara, você deve *tudo* a ele. Deve a vida. Deve sua imortalidade. Não se iluda, querida. Se você fosse uma mortal comum não teria durado uma única noite neste navio sem que alguém sugasse seu sangue. Todos sabiam que você era diferente, especial, desde o início. Somente você estava viajando sozinha no escuro. — Lola avançou e pegou o caderno de Grace. Ela assistiu, alarmada, enquanto a madrasta o abria e folheava suas páginas finas. Dedicara muito tempo e energia anotando as histórias de travessia, e não suportaria e ideia de Lola rasgá-lo só para enfatizar seu argumento.

— Tudo bem — disse Lola, fechando o caderno. — Não vou estragar sua obra preciosa. Mas você não vê? É tão fascinada pela história dos outros que não entendeu: a sua é a melhor história de travessia de todas.

Lola deixou o caderno de novo sobre as cobertas.

— Já disse tudo o que vim dizer. Quando estiver pronta para parar de rabiscar essas coisas e começar a viver sua vida, sua *verdadeira* vida, seu pai e eu estaremos ansiosos para recebê-la.

Lady Lola Lockwood Sidório, a madrasta malvada de Grace, abriu a porta da cabine e saiu. Enquanto a porta se fechava atrás dela, Grace ficou parada, abalada, no centro de seu quarto. Sentia-se como se tivesse sido apanhada no meio de correntes devoradoras que se moviam em círculos, prontas para despedaçá-la.

CAPÍTULO 12
Leadades divididas

— Você teve sorte de me pegar aqui — disse Cheng Li quando Connor entrou na cabine da capitã. — Eu já ia pular num barco-táxi. — Ela olhou para o relógio acima da mesa. — Que já está três minutos atrasado. Não é a primeira vez que isso acontece. Se acontecer de novo eu mudo de empresa de transporte.

Connor ficou arrasado. Vinha se preparando para essa reunião durante as últimas 24 horas e esperava que, tendo acordado tão cedo, quando o navio estava praticamente silencioso, conseguiria ter alguns minutos em particular com Cheng Li.

— Aonde você vai? — perguntou ele.

Cheng Li sorriu.

— Tenho uma reunião com nosso velho amigo, o comodoro Black. Depois da execução bem-sucedida da Operação Coração Negro, é hora de planejarmos o próximo passo contra os Vampiratas.

O coração de Connor pareceu desceu até o estômago, como se estivesse em um elevador descontrolado.

— Sabe — disse Cheng Li —, você está meio esquisito. Está ficando doente, ou algo assim? Espero que não tenha pegado aquela gripe crustácea horrorosa que anda por aí. Talvez seja melhor sentar-se. — Ela apontou para uma cadeira do outro lado da mesa.

Connor hesitou, apoiando-se na cadeira.

— Nós precisamos *mesmo* conversar — disse.

Cheng Li sorriu.

— Você sabe que eu sempre gosto dos nossos papos, mas acho que não é uma boa hora. Podemos marcar uma reunião para esta noite, se quiser, quando eu voltar da Academia.

— Na verdade precisamos conversar *antes* de você se encontrar com o pessoal da Federação.

Cheng Li arqueou a sobrancelha interrogativamente. Os dois haviam trabalhado juntos por tempo suficiente para cada um entender a linguagem corporal do outro, e Connor sabia que agora tinha toda a atenção dela. Mas precisaria falar depressa.

— Lola Lockwood não está morta.

O rosto de Cheng Li ficou imóvel.

Houve uma batida à porta, que em seguida foi empurrada, e Bo Yin enfiou a cabeça sorridente para dentro da sala.

— Capitã, é só para avisar que seu táxi chegou.

— Obrigada, Bo Yin — respondeu Cheng Li, com a voz surpreendentemente calma e normal. — Diga que ele está cinco minutos atrasado e que agora precisa me dar mais cinco minutos, pelos quais não tenho intenção de pagar.

— Sim, capitã! Sem problema! — Bo Yin prestou continência, depois sorriu para Connor e saiu correndo, animada, para executar a ordem de Cheng Li. Não havia dúvida do quanto Bo Yin gostava de cada aspecto de pertencer à tripulação.

Cheng Li sentou-se atrás da mesa.

— Certo — disse. — Temos cinco preciosos minutos. Sem dúvida você tem informações importantes para me passar. Desembuche.

— Lola Lockwood não foi destruída na noite do casamento — disse Connor, sentindo a adrenalina percorrer seu corpo. — A Operação Coração Negro fracassou. Sidório juntou a cabeça de Lola ao corpo e a fez reviver. Ela está viva e bem de saúde e, evidentemente, acabou de voltar de uma agradável lua de mel.

Cheng Li demonstrou preocupação.

— E como você sabe disso?

Não havia tempo a perder. Connor estendeu a mão e deixou o envelope na mesa de Cheng Li.

— Stukeley veio me procurar e trouxe esse convite.

Cheng Li desdobrou a carta e pôs os óculos de leitura. Ergueu as sobrancelhas ao ler as palavras de Sidório. Depois colocou a carta sobre a mesa, cruzou as mãos e pousou o queixo sobre elas.

— Parece que temos um problema.

— Sinto muito, eu deveria ter contado antes.

— Quando Stukeley entregou isso?

— Anteontem à noite. Na despedida de Bart e Cate no Salão da Lua Cheia. Eu fui para fora tomar um pouco de ar e ele estava me esperando naquela praia suja.

Cheng Li franziu o cenho.

— Sei que deveria ter contado logo a você — disse Connor. — Desculpe, mesmo.

Cheng Li encarou-o.

— Você está certo, Connor. Deveria mesmo. Mas sem dúvida teve bons motivos para não fazê-lo. Só agradeço por ter tomado conhecimento antes de me apresentar na frente daquele inútil do Ahab Black.

Connor ficou pasmo ao ver como ela estava recebendo bem a notícia. A missão, que fora tão meticulosamente planejada e pela qual haviam sido feitos tantos elogios a Cheng Li e sua tripulação, agora era revelada como um fracasso. Suas ações haviam privado Cheng Li de 24 horas de valioso tempo para pensar.

De repente ela se levantou e pegou sua sacola. Seria isso? Já estava indo embora?

— Desculpe, mesmo — repetiu ele.

— Pare de pedir desculpas — disse Cheng Li, pendurando a sacola no ombro. — E tire essa expressão de tristeza da cara. A natureza desta missão é o fluxo constante, Connor. Isso era inevitável. Não estamos lidando com um inimigo comum.

Connor estava perplexo com a reação equilibrada dela.

— O que você vai dizer a eles?

— Não sei. — Cheng Li abriu a porta da cabine. — Você pode me ajudar a pensar no caminho.

De repente a ficha caiu.

— Você quer que eu vá com você à reunião?

— Tente comer peixe na hora do café, Connor. Isso deve deixá-lo mais inteligente de manhã. Vamos, agora estamos oficialmente dez minutos atrasados. É melhor que esse marinheiro-taxista seja bom navegador.

Na medida em que o táxi-barco navegava pelo oceano, Connor sentia-se mais calmo com o

movimento suave e rápido da pequena embarcação e sua proximidade com a água. A manhã estava quente e os borrifos do oceano no rosto e nos braços eram refrescantes. Ele e Cheng Li estavam sentados longe do piloto, onde podiam conversar mais sem serem ouvidos. Mesmo assim, na primeira parte da jornada os passageiros ficaram em silêncio, como se tivessem todo o tempo do mundo para simplesmente desfrutar do cenário e revirar seus pensamentos.

— Bom — Cheng Li rompeu o silêncio —, esse convite de Sidório e Lady Lola. Você está pensando em aceitar? Foi por isso que não contou a ninguém?

— Não — respondeu com honestidade. — Não. É o último lugar aonde quero ir, e eles são as últimas pessoas com quem quero passar meu tempo.

Cheng Li levantou os óculos escuros por um instante.

— Não tenha tanta pressa, Connor. Aqui não existe certo ou errado. Depois do que descobrimos sobre sua origem, eu diria que nós dois estamos navegando em águas desconhecidas, especialmente você.

Connor mostrou-se preocupado. Ela poderia ter escolhido outra hora para mostrar uma compreensão tão pouco característica. O que ele precisava agora era da típica reação de Cheng Li, cheia de certezas, "faça isso, não faça aquilo", e não essa nova atitude impensada. Se existia algo que o fizesse sentir-se em águas desconhecidas, era isso.

— Sei que Sidório é meu pai de sangue — disse —, e sei que isso me torna diferente. Não me sinto feliz com isso, nem um pouco, mas vou dar um jeito, não importa quanto tempo isso vá levar, nem o que pode acontecer no caminho. Agradeço muito o seu apoio, mas não quero entrar no mundo deles. Quero estar aqui. Cercado pelos meus amigos e companheiros, no mundo que conheço.

— Humm. — Cheng Li pôs os óculos escuros e pensou nas palavras dele. — O negócio, Connor, é que você realmente está entre a cruz e a espada. Ouvi o que disse sobre seus amigos e companheiros, mas o fato é que *nós* estamos numa missão para destruir os Vampiratas — pelo menos os renegados, como Sidório, Lola e Stukeley. Você tem que pensar se ainda pode fazer parte dessa missão, quando sua lealdade pode se dividir e sua eficácia ficar comprometida.

Connor sentiu o sangue ferver.

— Minha lealdade não está dividida — disse com raiva. — Nem um pouco. Eles não significam nada para mim. Menos do que nada. Quero que sejam destruídos tanto quanto você. Provavelmente mais. — Ele encarou Cheng Li. — Estou pronto para ver a destruição de cada Vampirata e fazer parte disso. Você precisa acreditar.

— Eu acredito — respondeu Cheng Li, pondo a mão no ombro dele e baixando a voz. — Mas você precisa ter certeza disso. Mesmo que nossa missão seja bem-sucedida e nós acabemos com absolutamente todos eles, isso não vai mudar sua genética. Você ainda vai ser um dhampiro, assim como Grace; e Sidório ainda será seu pai. — A voz dela era suave, até mesmo simpática, mas as palavras o golpearam como uma espada recém-afiada.

— Eu dou meu jeito. Primeiro vamos destruí-los, depois terei todo o tempo do mundo para resolver minha crise de identidade.

— Certo — disse Cheng Li —, se tem certeza disso. Mas não tenha dúvida: se está do meu lado nesta missão, espero que faça tudo que eu pedir. Não posso fazer nenhuma exceção para você devido ao nosso segredo.

— Não quero nenhum tratamento especial. Estou cem por cento comprometido com a missão. Só peço que você guarde o meu segredo, até que eu esteja pronto para contar aos outros. Se esse dia chegar.

Cheng Li estendeu a mão.

— Combinado.

Connor apertou a mão dela. Estava tremendo de emoção, mas sentiu a mão firme de Cheng Li envolver a sua e apertar com força. Isso lhe deu confiança e ele sentiu o coração começando a bater mais devagar, finalmente.

Um grito veio do outro lado do barco.

— Olhe, chefe! Lá está o arco da Academia dos Piratas. Trouxe a senhora aqui com uns bons vinte minutos de folga. — O marinheiro abriu a boca e deu um riso banguela. — Espero que seja generosa com a gorjeta, capitã Li.

Enquanto Cheng Li e Connor desciam no cais familiar da Academia dos Piratas, Connor deu um suspiro profundo, liberando parte da tensão que estivera carregando desde a visita de Stukeley. Sentia-se melhor devido à conversa com Cheng Li. Ela estava disposta a ajudá-lo, assim como sempre estivera desde a noite em que o havia resgatado do oceano furioso.

— Venha — disse ela, subindo o morro à frente de Connor. — Não vamos deixar Black esperando. — Em seguida acenou para a figura diminuta de Lisabeth Quivers, parada no terraço em cima do morro. Quivers era uma das ex-capitãs piratas que agora representavam um papel fundamental tanto no corpo docente da academia quanto na Federação dos Piratas. Connor não tinha muito apreço pela maioria dos professores, mas sentia certo afeto por Quivers, que parecia ter um lado humano mais desenvolvido do que

o dos outros.

Connor apertou o passo para alcançar Cheng Li.

— Você já pensou no que vai dizer ao comodoro Black e à Federação?

— Mais ou menos — respondeu ela. — Tenho certeza de que pensarei no restante quando estivermos na sala. Só se lembre do que você concordou antes, Connor, sobre fazer tudo o que eu pedir.

— Lembro, capitã. Não vou decepcioná-la.

CAPÍTULO 13
Uma audiência com a confideração

Cheng Li bateu rapidamente na porta almofadada da sala do diretor.

— *Entrez!* — gritou uma voz familiar. A porta se abriu e o capitão Rene Grammont os fez entrar.

— Cheng Li e senhor Tormenta. *Bienvenue*! Bem-vindos de volta ao seu velho *point*. — O capitão Grammont beijou Cheng Li nas duas bochechas. — E mais um para dar sorte, *n'est-ce-pas*?

Em seguida, apertou a mão de Connor com uma firmeza capaz de provocar lágrimas nos olhos. Havia algo tranquilizante e antiquado em Rene Grammont, desde suas bochechas vermelhas e imaculadamente barbeadas até o cheiro suave de fumo de cachimbo misturado à colônia de limão.

— Parabéns por ter sucedido John como diretor — disse Cheng Li, entrando na sala. — Sei que é isso que ele desejaria.

— *Merci* — respondeu o capitão Grammont, sorrindo com orgulho. — Para mim é uma grande honra continuar o trabalho *incroyable* que John fez aqui.

— Você esteve com ele a cada passo do caminho — disse Cheng Li. — Tenho certeza de que será uma transição das mais suaves.

— Você é muito gentil! — Os olhos azuis de Rene Grammont brilharam. — Aliás, você está ótima. E, claro, vem fazendo coisas fantásticas com sua jovem tripulação. Todo

mundo na Academia, e na Federação também, está maravilhado com seus recentes feitos.

Cheng Li baixou a cabeça, com modéstia. Connor não pôde deixar de pensar se os poderosos ficariam tão maravilhados quando Cheng Li revelasse que a Operação Coração Negro não fora, afinal de contas, uma das campanhas mais bem-sucedidas na história da Federação. Torcia para que eles recebessem a notícia sem perder as estribeiras, como acontecera com Cheng Li. Mas ainda que Rene Grammont pudesse ser simpático e dar apoio, ninguém tinha ideia de como reagiria o enigmático comodoro Ahab Black, seu oficial superior na Federação dos Piratas.

O capitão Grammont olhou para seu relógio de bolso muito polido.

— *Alors*, eu gostaria de me sentar e bater um papo com vocês dois, mas imagino que realmente devemos ir andando.

— De fato — disse Cheng Li. — Onde vamos nos encontrar com o comodoro Black?

Grammont levantou uma sobrancelha.

— Nas câmaras do subsolo.

— Nas câmaras? — Cheng Li não escondeu a surpresa.

— Ele aumentou a segurança para o nível 6. Venham, eu mostro o caminho.

Connor e Cheng Li haviam acessado as câmaras do subsolo da academia anteriormente por uma porta oculta no piso da rotunda. Tinham ido lá embaixo para visitar o arquivo secreto da Federação, cheio de materiais de pesquisa e artefatos relativos aos Vampiratas. Agora uma rota mais direta era revelada na medida em que o capitão Grammont se inclinava para um globo de prata e girava-o no eixo três vezes. Quando fez isso, um dos painéis de couro da parede detrás do globo se abriu, revelando uma escada em espiral pouco iluminada.

O capitão Grammont manteve o painel aberto, permitindo que os outros entrassem primeiro.

— Espero que nenhum de vocês tenha alergia a poeira — disse ele, espanando uma teia de aranha de seu cabelo perfeitamente arrumado.

A escada em espiral levava a um familiar corredor subterrâneo, com várias portas idênticas dos dois lados. Connor olhou a porta que tinha o número 8; atrás dela ficava o depósito onde haviam trabalhado longa e duramente na missão de pesquisar as vulnerabilidades dos Vampiratas. Haviam saído dali com o que esperavam ser um plano à prova de erros. Infelizmente os acontecimentos tinham mostrado que não era bem assim.

Agora, porém, o capitão Grammont levou-os para além desta porta, até a sala 13. Bateu para indicar a presença deles, esperou um momento e depois empurrou a porta e entrou

na frente, sinalizando para que Cheng Li e Connor o seguissem. Quando adentraram a sala escura, o capitão Grammont anunciou-os formalmente:

— A capitã Li e o senhor Tormenta, do *Tigre*.

A porta se fechou atrás deles com um estalo.

A sala 13, como a maioria das outras do porão, era mal-iluminada. O ar parecia mais denso ali embaixo, e mais frio também, como se estivessem embaixo d'água. Grãos de poeira flutuavam diante dos olhos de Connor. Ele olhou mais além, para a mesa comprida que se estendia por todo o tamanho da sala. Estava coberta de papéis, além de jarras d'água e tigelas de frutas. O comodoro Black estava na outra extremidade. Ele se levantou para receber os recém-chegados com um sorriso mínimo se formando sob o bigode bem-aparado. Connor olhou para o único olho visível de Black, que brilhava mais violeta do que nunca na penumbra. O outro, como sempre, estava coberto por um tapa-olho.

Connor tivera a impressão de que Cheng Li esperava um encontro a sós com o comodoro Black. Evidentemente não seria assim. Enfileirados nos dois lados da mesa estavam todos os outros membros do corpo docente da Academia dos Piratas, cada um deles assumindo sua segunda função, a de oficiais de alto escalão da Federação. Connor acompanhou Cheng Li em direção à mesa, lançando um olhar sobre os rostos familiares. Do lado esquerdo estavam sentados Pavel Platonov, Shivaji Singh, Francisco Moscardo e Apostolos Solomos. Do lado oposto estavam Floris van Amstel, Kirstin Larsen, Wilfred Avery e Lisabeth Quivers, que havia descido rapidamente do terraço da Academia. Todos os capitães cumprimentaram Cheng Li e Connor. Sem dúvida a presença de Connor na reunião não era esperada, mas ninguém pareceu incomodado por ele estar ali. O próprio capitão Platonov saltou de pé e empurrou uma cadeira extra. Ao pensar em seu primeiro encontro com o superdisciplinador capitão Platonov, Connor percebeu como sua reputação na Federação, e no mundo dos piratas no geral, havia crescido.

Sentou-se ao lado de Cheng Li, na extremidade mais próxima da mesa comprida, e o capitão Grammont se juntou ao comodoro Black na outra ponta. Quando Grammont se moveu, Connor notou mais quatro piratas de alto escalão sentados perto de Ahab Black. Pela súbita mudança na postura de Cheng Li, percebeu que ela também havia contabilizado as presenças extras, mas antes que pudessem comentar qualquer coisa, Ahab Black deu início à reunião.

— Bem-vindos, capitã Li e senhor Tormenta. Como podem ver, hoje temos a presença de todo o corpo docente da Academia dos Piratas. Também temos quatro célebres piratas

que devem ser bem conhecidos de vocês: Barbarro Wrathe e sua esposa Trofie, capitão e subcapitã do *Tífon*; e Molucco Wrathe e Cate Morgan, capitão e subcapitã do *Diablo*.

Ao ouvir as palavras, Cate sorriu e levantou a mão para os ex-colegas. Os três Wrathe também se viraram para Cheng Li e Connor e, surpreendentemente, também estavam sorrindo.

— Talvez eu deva explicar — disse o comodoro Black.

— Seria útil — respondeu Cheng Li, com a voz controlada.

Black prosseguiu:

— Nem preciso dizer que o mundo da pirataria está mudando depressa, capitã Li. Assim, precisamos reforçar as alianças dentro da Federação. Isso significa buscar os piratas talentosos que, por algum motivo, tenham se separado de nós nos últimos anos. — Black olhou para Molucco. — Hoje mesmo concluímos um acordo para receber Molucco Wrathe de volta. — Molucco sorriu, passando os dedos pelos dreadlocks nas cores do arco-íris. Nesse momento, Scrimshaw, sua cobra de estimação, emergiu e se enrolou em seu braço. Do outro lado da mesa houve uma ondulação similar nas mechas escuras de Barbarro Wrathe, e Escaramuça, sua cobra de estimação e irmão de Scrimshaw, emergiu e desceu pela manga de veludo do capitão.

Ahab Black parou apenas momentaneamente diante dessa distração.

— A perda do nosso colega John Kuo deixou um vazio significativo na hierarquia da Federação; um vazio que eu sinto que não pode ser preenchido apenas por uma pessoa. Por isso tenho o prazer de dizer que, a partir de hoje, o comodoro Barbarro Wrathe e o comodoro Molucco Wrathe vão, juntos, compartilhar as antigas tarefas de John na Federação. Receba seus novos comandantes, capitã Li.

Cheng Li perdeu a fala. Não parecia capaz de afastar o olhar de Molucco. Ele estava acariciando Scrimshaw contemplativamente, mas agora levantou os olhos e sorriu para ela.

— É bom tê-la trabalhando para mim de novo, Cheng Li.

A sala, com o ar imóvel e rançoso, encheu-se de um silêncio inquieto. Por fim Cate falou:

— Acho que o senhor quer dizer que é ótimo ter a capitã Li trabalhando *com* o senhor de novo.

— É mesmo? — reagiu Molucco, com um brilho malicioso no olhar.

Barbarro Wrathe tomou a dianteira:

— Capitã Li, sei que meu irmão e eu tivemos nossas diferenças com relação a você no

passado, mas estamos prontos para deixar isso tudo para trás e nos juntarmos pelo bem comum. Você nos impressionou enormemente com o trabalho na Operação Coração Negro, não que esperássemos menos da sua parte. — Ele estremeceu e pôs a mão no ombro de Trofie. — Minha esposa e eu tivemos um encontro particularmente sórdido com aquele monstro Vampirata, Lola Lockwood.

Trofie levou a mão de ouro ao rosto, com as unhas de rubi reluzindo.

— Seu encontro não foi tão sórdido quanto o de John Kuo — observou Cheng Li.

— Admito — reconheceu Barbarro. — Nós tivemos sorte em escapar com vida, mas apreciamos tremendamente o seu trabalho — seu olhar se voltou para Connor —, e o da sua tripulação, ao livrar nossos oceanos daquele vil flagelo. Agora a missão continua. Como você sabe, Molucco e eu tínhamos um irmão, Porfírio. Nosso querido irmão mais novo, um capitão pirata com um futuro dos mais brilhantes e gloriosos pela frente. Porfírio foi trucidado pelos Vampiratas, por esse tal de Sidório, que vocês já enfrentaram anteriormente. Agora que despacharam a diaba, devemos voltar nossa atenção para o próprio Sidório. Esta será sua próxima missão.

Connor ficou pasmo. As coisas estavam indo depressa demais. Pensou em sua conversa com Cheng Li na viagem daquela manhã. Na ocasião ela parecera confiante. Agora imaginou como a capitã iria reagir.

Todos os olhares estavam fixos em Cheng Li quando ela começou a falar.

— Eu havia pensado que a reunião de hoje seria uma audiência particular com o senhor, comodoro Black, mas é sempre bom ver meus antigos professores, colegas e amigos. De fato, é oportuno ter todos vocês aqui porque trago notícias importantes, tanto boas quanto ruins, para lhes colocar a par dos acontecimentos.

O tom confiante de Cheng Li havia capturado a atenção de todos, ainda mais a de Connor. Ele ainda não sabia direito como ela jogaria a difícil cartada que tinha em mãos.

— Devo começar com uma notícia que sei que será um golpe amargo para todos vocês. Lola Lockwood não foi eliminada. — Houve um imediato coro de perplexidade ao redor da mesa. — Infelizmente é verdade. A Operação Coração Negro não foi, como pensamos inicialmente, cem por cento bem-sucedida.

Molucco não perdeu tempo.

— Se o próprio Coração Negro não foi eliminado, então, *de fato*, a operação Coração Negro foi zero por cento bem-sucedida.

Ele deu um risinho diante do desconforto óbvio de Cheng Li, porém, subitamente, Barbarro Wrathe trovejou do outro lado da mesa:

— Deixe a capitã Li terminar de falar, meu irmão!

Cheng Li agradeceu a Barbarro com um gesto.

— O fato é que os Vampiratas têm algumas habilidades que estamos apenas começando a entender. Devo acrescentar que, nos últimos meses e semanas, minha tripulação e eu fomos mais longe do que qualquer investigação feita anteriormente pela Federação. Agora nosso conhecimento e nossa experiência são mais profundos do que tudo que há no arquivo secreto da sala 8, compilado por incontáveis oficiais da Federação durante muitos anos. E gostaria de agradecer aqui a Cate Morgan, que foi nada menos do que brilhante ao planejar uma estratégia revolucionária de ataque contra esse novo inimigo.

— Isso mesmo! — disseram vários capitães.

Cheng Li fez uma pausa antes de continuar, o olhar observando todos os colegas.

— Precisamos encarar os fatos: os Vampiratas não são um adversário comum. Foi complacência nossa achar que poderíamos simplesmente aparecer e derrotá-los com um só golpe feroz. Resumindo: temos que parar de pensar numa batalha decisiva e nos prepararmos para um período de guerra mais prolongada.

— Não gosto nem um pouco disso — reagiu Wilfred Avery.

— Nem eu — disse Shivaji Singh. — Guerras são caras.

— Isso mesmo! — acrescentou Floris van Amstel.

— Nenhum de nós gosta disso — interveio a capitã Larsen. — Mas fechamos os olhos à ameaça dos Vampiratas durante muitos anos, o que levou a situação a esse estado.

— Isso não está *totalmente* correto — intercedeu Lisabeth Quivers. — Os Vampiratas não representavam uma ameaça séria até recentemente.

— É — concordou Francisco Moscardo. — A não ser que vocês estejam sugerindo que eliminássemos a ameaça antes de ela se concretizar, não vejo o que deveríamos ter feito.

— Isso não faz sentido! — questionou Apolostolos Solomos.

— É exatamente o que eu quero dizer! — enfatizou Moscardo.

— Cheng Li está certa — disse Pavel Platonov. — Precisamos fazer jus a nova ordem das coisas.

— Concordo. — Ahab Black falou com uma autoridade tranquila, restabelecendo a ordem entre os capitães: — Capitã Li, você falou antes sobre notícias ruins e boas. Presumivelmente sua revelação de que Lockwood está viva é a má, não é?

Cheng Li assentiu.

— Sendo assim, podemos passar para a boa?

Connor viu Cheng Li assumir de novo o centro das atenções.

— Eu disse antes que os Vampiratas são um tipo diferente de inimigo. Eles têm certas habilidades que subestimamos; por exemplo, no caso de Lockwood, sua capacidade de se regenerar após a decapitação. *No entanto* também sabemos que esse inimigo exibe fraquezas fundamentais, e a principal delas, se me permitem a indelicadeza, é a estupidez.

Houve um burburinho entre os capitães, ao que Black levantou a palma da mão para silenciá-los de novo.

— Estupidez? Por favor, explique.

— Os Vampiratas são bastante ingênuos — respondeu Cheng Li —, suscetíveis a histórias sobre as quais um inimigo mortal não se deixaria iludir. Por exemplo, o senhor mencionou Sidório, o autointitulado rei dos Vampiratas renegados. Bom, nós conseguimos convencê-lo de que Connor é filho dele.

Connor ficou chocado. *Ela não podia estar dizendo aquilo.* Ele devia ter cochilado e estava sonhando.

— Não estou brincando — continuou Cheng Li. — Nós convencemos Sidório de que ele tem dois filhos: Connor e sua irmã, Grace. Posso lhes dar os detalhes mais tarde. — Seu olhar varreu os rostos dos capitães. — Também precisamos discutir algumas questões fundamentais relativas ao pessoal. Por exemplo, precisarei de Cate Morgan e Bart Pearce de volta à minha tripulação de forma mais permanente. — Enquanto Molucco abria a boca para protestar, Cheng Li prosseguiu: — O importante, para todos vocês terem em mente, é que Sidório acredita piamente em nossa história, e convidou Connor e Grace para ficarem com ele e Lola Lockwood. Isso, tenho certeza de que vocês concordam comigo, nos dá uma oportunidade incrível de mandar um espião para o coração do acampamento inimigo.

— Não seria o mesmo que colocar Connor em terrível perigo? — perguntou Lisabeth Quivers.

— Connor provou sua capacidade em mais de uma ocasião — enfatizou Cheng Li. — E enquanto Sidório estiver convencido de que Connor é, de fato, seu filho, ele não correrá perigo algum. — Ela enfiou a mão na sacola e pegou um envelope.

Connor não podia acreditar. Não se lembrava de ter dado o convite a ela, porém, era possível; sua mente e suas emoções haviam estado completamente perturbadas de manhã.

— Prova A — anunciou Cheng Li, abrindo a carta e jogando-a sobre a mesa em triunfo. — Leiam. Acho que vocês vão concordar que ela muda tudo.

Molucco fez um movimento com a cabeça, demonstrando não estar de acordo.

— Não muda o fato de que a Operação Coração Negro fracassou. Você não terá Cate e Bart de novo. Eles pertencem a mim.

— Ah, pare de ser pão-duro! — gritou Trofie com o cunhado, estendendo a mão de ouro e pegando a carta de Sidório. — Esta é de fato uma oportunidade notável de espionar os Vampiratas e conseguir mais informações para planejar a destruição definitiva deles. — Ela se virou para Cheng Li. — Este é um trabalho ainda mais excepcional e inovador, capitã Li.

— Concordo — disse Black. — Você arrancou uma vitória ainda maior das garras de uma compreensível derrota. A Federação lhe dará a equipe que você requisita e o que mais for necessário para prosseguir. O caminho adiante é claro: Connor aceita o convite de Sidório e descobre absolutamente tudo o que puder sobre como funciona a operação deles.

Connor podia sentir o olhar dos capitães sobre ele e não conseguia acreditar na situação em que Cheng Li o pusera. Estava ansioso para ver como ela justificaria esse passo, mas, quando se virou para ela inquisidoramente, ouviu de novo, em sua cabeça, as palavras que a capitã dissera antes:

"*Não tenha dúvida: se está do meu lado nesta missão, espero que faça tudo o que eu pedir.*"

Realmente deveria ter previsto essa.

CAPÍTULO 14
Notícias do Capitão

Grace estava deitada na cama, revirando várias vezes nas mãos o envelope com o convite de Sidório e Lola. Sua cabeça era um emaranhado de pensamentos e sentimentos em relação ao convite e tudo o que ele representava; combinados com as visitas surpresas de Johnny e Lola Lockwood, eles garantiram uma noite e um dia insones. Como se já não tivesse preocupações suficientes, depois do que acontecera na noite do Festim!

Ainda não tivera chance de conversar direito com Lorcan sobre a decisão espontânea de se juntar a ele na cabine de Oskar, nem sobre sua saída igualmente precipitada. Percebeu que também precisava conversar com Mosh Zu sobre a fome crescente. Tanta coisa havia acontecido num tempo tão curto que era difícil saber por onde começar.

Houve uma batida à porta.

— Entre! — gritou ela, enfiando o envelope entre as páginas de seu caderno e pegando uma caneta, enquanto Darcy abria a porta e entrava.

— Olá, Grace — disse ela, cheia de energia nervosa. — Ah, desculpe! Espero que não esteja interrompendo sua escrita.

Sentindo-se meio culpada pelo disfarce, Grace fechou o caderno e colocou-o, com a caneta, sobre a mesinha de cabeceira.

Darcy fechou a porta e entrou no quarto com sua típica dramaticidade.

— Andei remexendo em algumas das minhas antigas caixas de joias, você sabe como adoro juntar coisas, e encontrei isso. — Ela estendeu o braço direito na direção do rosto de Grace, com a mão fechada e o punho virado para cima. Quando abriu os dedos, Grace sobressaltou-se. Naquela palma que parecia a de uma boneca estava o par de brincos mais deslumbrantes que já vira, com água-marinha em formato de gotas. As pedras pareciam conter uma profundidade e uma variedade de tons de azul e verde infinitas, como se tivessem sido extraídas das próprias águas do oceano.

— São um pouco clássicos demais para mim — disse Darcy —, mas no minuto em que vi, Grace, pensei em você. Agora levante o cabelo e vamos ver como ficam!

— São lindos! — exclamou Grace, levantando obedientemente os cabelos, e percebendo que ultimamente tinha deixado que crescessem bastante. Darcy colocou os brincos e Grace deixou o cabelo cair de novo atrás das orelhas.

— Perfeição! — proclamou Darcy com um sorriso. — Levante-se e olhe-se no espelho!

Grace aproximou-se do espelho e sentiu um choque momentâneo. Era como se sua mãe a estivesse olhando de volta. Nunca havia parecido tão adulta. Atrás dela, Darcy deu um sorriso e pôs a mão em seu ombro.

— Os brincos são bonitos, Grace, mas *você* é linda. Não é de espantar que Lorcan tenha se apaixonado tão profundamente.

Grace não pôde conter a lágrima solitária que deslizou pelo seu rosto.

— Ora, Grace, por que está chorando? — perguntou Darcy, procurando um lenço.

— Desculpe — disse ela, enquanto novas lágrimas escorriam pelas bochechas. — Estou me esforçando muito para não ficar emotiva, mas há muita coisa acontecendo nesse momento.

— Pronto, pronto! — Darcy enxugou as lágrimas de Grace. — Por que não se senta e conta tudo à tia Darcy?

— Tia? — Grace riu por entre as lágrimas e deitou-se na cama. — Você é meio nova para ser minha tia! Quero dizer, *parece* nova demais. Ah, você sabe o que eu quero dizer...

— Estou pegando meio pesado, não é? — disse Darcy, deitando-se ao lado de Grace. — Vou ser sincera, amiga. Sei que há alguma coisa acontecendo com você. Os brincos foram...

— Um pretexto? — perguntou Grace, achando divertido.

— Um cavalo de Troia, se preferir. Eu só queria ver se você estava bem, e as joias pareceram um bom modo de me aproximar.

— Ah, Darcy. Você não precisava de joias, apesar de eu ter adorado os brincos; nem pense em pedir de volta! Mas você é minha amiga. Na verdade é como a irmã que eu nunca tive.

— Ah, Grace! — Darcy levou o lenço aos próprios olhos. — Essa é a coisa mais linda... é simplesmente a coisa mais linda...

Grace sorriu. A chegada de Darcy era uma bênção. Poderia conversar sobre tudo com ela e ter uma ideia melhor de como abordar Lorcan e Mosh Zu. No passado Darcy havia se mostrado uma excelente ouvinte.

— E então? — disse Darcy, com os olhos cor de chocolate arregalados e a boca em forma de arco franzida. — Acho que está mais do que na hora de ouvir o que se passa na sua cabeça, não é?

Grace abriu a boca para falar, mas foi silenciada por outra batida à porta. Antes que pudesse dizer qualquer coisa, Lorcan entrou na cabine.

— A-há! — disse ele com um sorriso. — Duas pelo preço de uma!

— Lorcan — respondeu Grace. — Entre. Darcy e eu estávamos batendo um papo.

— Isso mesmo — murmurou Darcy, empertigando-se e ajeitando o cabelo. — Só um papinho. Nada importante. Nada que não possa esperar até mais tarde. — Ela começou a bater com os dedos na colcha, numa demonstração de paciência fingida, ou mesmo tensão.

— Lamento interromper, senhoras — disse Lorcan —, mas preciso que as duas venham comigo. Mosh Zu deseja ver nós três imediatamente.

— Para quê? — perguntou Grace, deslizando para fora da cama.

Lorcan encarou as duas e falou em tom comedido:

— Não sei de nenhum detalhe, só que tem a ver com o capitão.

— O capitão! — O coração de Grace falhou. Seu primeiro pensamento foi de empolgação, mas depois sentiu um medo súbito. Fazia algum tempo que Mosh Zu não contava nenhuma novidade sobre o capitão. Agora sua mente estava disparando e ela viu Darcy tremendo, então estendeu a mão para a amiga mais uma vez.

— Ora, Darcy, não fique tão preocupada — disse Lorcan. — Você também, Grace. A notícia pode muito bem ser boa.

A voz de Darcy estava tensa.

— Mosh Zu quer ver nós três, as últimas três pessoas que estiveram com o capitão em Santuário. Ah, você não vê? Não pode ser notícia boa. Não pode...

— Darcy! — Grace apertou com força a mão da amiga. — Fique calma. Por favor.

Mosh Zu precisa que sejamos fortes. O capitão também. — Ela puxou Darcy num abraço, envolvendo-a. — Ah, Darcy, sei o quanto o capitão significa para você. Ele significa muito para nós todos. Mas precisamos seguir em frente juntos, independentemente do que Mosh Zu tenha para nos dizer.

Lorcan concordou.

— Ela está certa, Darcy. Estamos nisso juntos e vamos superar isso juntos. — Em seguida se virou para Grace. — Acho que deveríamos ir agora, não é? Se ficarmos demorando, só vamos encher a cabeça com temores desnecessários.

Grace concordou. Apesar do rosto corajoso que estava mostrando aos outros, tremores frios subiam e desciam por sua coluna. Não podia dizer se era essa nova preocupação com o capitão ou mais uma manifestação do fluxo que a percorria por dentro. Enquanto seguia os outros para fora da cabine, olhou por cima do ombro para o quadro que retratava seus pais. Ao fazer isso, ouviu a voz do pai. "Confie na maré!"

Ela percebeu que uma corrente de tranquilidade interrompia o pânico crescente. Virando-se, acompanhou os outros em direção ao corredor.

De mãos dadas, os três se aproximaram da cabine de Mosh Zu — a suíte de aposentos interligados que anteriormente fora habitada pelo capitão anônimo do *Noturno*. Grace pensou na primeira vez em que viera a essa porta à procura do capitão, decidida a descobrir o tamanho do perigo que corria a bordo do navio. Agora parecia que isso acontecera muito tempo antes, a um mundo de distância. Na época ela fora surpreendentemente corajosa, dadas as circunstâncias. Se ao menos tivesse metade da coragem agora, ao descobrir o destino do capitão! Seria um golpe terrível perdê-lo, refletiu. Perdê-lo sem ao menos saber seu nome. Com esses pensamentos correndo em sua cabeça, Grace nem teve consciência de que Lorcan já batia à porta, nem de que Mosh Zu gritou para entrarem. Antes que percebesse, estava dentro da cabine, ainda segurando com força as mãos dos amigos. Mosh Zu levantou-se para receber seus convidados.

— É bom ver vocês todos — disse ele. Sua expressão, como sempre, era impossível de ser decifrada. — Gostariam de se sentar?

— Bom, agora sabemos! — exclamou Darcy. — Não pode ser notícia boa. É isso que as pessoas sempre dizem quando têm algo ruim para contar. Sente-se. Tome uma xícara de chá com açúcar! Como se isso aliviasse o golpe!

Grace viu seu próprio medo refletido em Darcy. Virando-se para Mosh Zu, viu-o sorrir suavemente.

— Eu só gostaria que ficassem confortáveis. Temos muito a discutir.

CAPÍTULO 15
Conselho de guerra

— Obrigado por terem vindo tão rápido — disse Mosh Zu, permanecendo de pé enquanto Grace e Darcy sentavam-se lado a lado num sofá comprido. Lorcan se acomodou na poltrona adjacente enquanto Mosh Zu continuava: — Vejo no rosto de vocês como estão preocupados com nosso caro amigo, o capitão. Sei o quanto ele significa para todos. Por isso fico muito feliz em trazer notícias dele.

Com essas palavras, os temores de Grace sumiram. Lorcan estava reluzindo de alívio. Grace olhou para Darcy, vendo que ela também estava alerta e ansiosa para que Mosh Zu continuasse.

— O capitão está nos estágios finais da recuperação — disse o guru. — Muito em breve começará a viagem de volta até nós.

— Onde ele está agora? — perguntou Grace, mas Mosh Zu levantou a palma da mão para impedir esta e outras perguntas. — O capitão e eu temos nos comunicado regularmente nas últimas noites, e concordamos que as coisas estão ficando sérias. Precisamos tomar uma atitude decisiva, e é por isso que reunimos vocês três aqui, nossos tripulantes mais leais e de confiança.

Grace sentiu um orgulho profundo com essas palavras. Lágrimas pinicaram seus olhos novamente, desta vez de alívio, mas ela resistiu e permaneceu firme. Precisava se concentrar, sem dúvida Mosh Zu tinha informações importantes.

— O mundo dos Vampiratas está mudando — disse Mosh Zu. — Antigamente nós ficávamos isolados e nossa presença geralmente passava despercebida pelo mundo mortal. Criamos uma cantiga para colocar medo no coração dos mortais e convencê-los a manter distância. Mas, ao mesmo tempo, nunca procuramos fazer mal a eles.

Grace pensou na cantiga que seu pai cantava para ela e Connor quando eram pequenos.

É melhor ser boazinha, criança
Boa como ouro,
Tão boa que nem posso contar.
Senão te entrego aos Vampiratas
E te mando para o mar!
É, é melhor ser boazinha, criança
Boa como ouro,
Porque... olhe! Estás vendo logo ali?
Há um navio escuro no porto esta noite
E tem lugar no porão para ti!
Tem bastante lugar para ti!

Então a cantiga familiar fora escrita pelos próprios Vampiratas! A cabeça de Grace se encheu com a imagem cômica de Mosh Zu ao piano, compondo a melodia enquanto o capitão rabiscava a letra. Sorriu ao pensar nisso, depois descartou esse pensamento tremendamente inadequado enquanto Mosh Zu voltava a falar.

— O *Noturno* servia de refúgio para vampiros excluídos, os que não se encaixavam na sociedade vampira convencional, baseada na fixação por sangue. No início havia outros navios, além do *Noturno*, mas isso é assunto para outra ocasião. Por enquanto o que quero dizer é o seguinte: esses navios navegavam pela eternidade, fornecendo o tão aguardado porto seguro para os vampiros oprimidos, perseguidos e que passavam pelos piores momentos desde que tinham cruzado a linha entre a mortalidade e o reino vampírico.

Lorcan abaixou a cabeça, reconhecendo essa imagem.

— O mesmo era verdadeiro com relação a Santuário, onde trabalhei durante muitos séculos ajudando os vampiros a entender seu apetite e, se não a controlá-lo, pelo menos a romper a sensação de que estavam sendo controlados *por* ele. Lá preparei tripulantes,

tanto Vampiratas quanto doadores, antes de irem para esses navios. — O olhar de Mosh Zu examinou os três membros de sua plateia. — Mas agora as coisas estão mudando, e rapidamente.

— Sidório — disse Grace — e seu novo império. O império da noite.

Lorcan olhou-a com curiosidade. Ela não estava preparada para encará-lo e se virou de volta para Mosh Zu, que confirmou.

— Tudo começou a mudar quando Sidório se rebelou contra o capitão e foi para o exílio. Esperávamos que esse fosse o seu fim, mas não foi, nós o subestimamos. Em seu tempo de exílio, ele só ficou mais forte.

O guru parecia triste.

— A rebelião de Sidório serviu como um ímã para outros Vampiratas que não conseguem ficar em paz com o que são, que veem sua condição como uma licença para se comportarem como demônios. Eles vivem de acordo com a história de horror que tecemos na cantiga infantil. O caminho deles não é o nosso, mas não podemos esperar que os olhos mortais percebam a diferença.

Mosh Zu havia parado diante da lareira. O fogo estava apagado, mas havia uma raiva quente nos olhos dele enquanto continuava:

— Está chegando um tempo de guerra, amigos. Nós não pedimos esse conflito. Nem gostamos dele. Mas não se enganem, vamos lutar. E vamos vencer. Esta mensagem é minha e do capitão. É o motivo pelo qual ele teve de se afastar. Antes ele estava fraco demais para lutar contra as forças crescentes das trevas, mas, quando ele retornar, as coisas serão muito diferentes.

— Essa guerra — disse Lorcan. — Ela é entre nós e as forças de Sidório? Entre nós e esse tal império da noite?

— Em parte — respondeu Mosh Zu. — Mas as ações de Sidório abriram uma fenda maior entre nós e o mundo dos piratas mortais, que agora mesmo está se preparando para nos atacar.

Grace pensou em Connor.

— Os piratas não vão nos atacar, é Sidório quem eles têm na mira. *Eles* devem ser capazes de perceber a diferença, não?

— É assim que as guerras começam — disse Mosh Zu —, mas não é assim que terminam. Faremos o possível para evitar a guerra com os piratas, mas, ao mesmo tempo, devemos estar preparados para ela.

— Como? — perguntou Lorcan.

— Cada um de vocês representará um papel fundamental — respondeu Mosh Zu. — Foi por isso que os chamei aqui esta noite.

— Nós? — disse Darcy. — O que *nós* podemos fazer? — Ela olhou para os amigos. — Não estou querendo diminuir vocês dois, mas com esse cenário de juízo final, que esperança nós temos?

— Muita — disse Mosh Zu, abrindo um sorriso. — O futuro imortal começa com vocês três. Seu capitão e eu temos completa fé em vocês.

Ele se virou para Lorcan.

— Lorcan, sua missão tem a ver com o combate. O *Noturno* sempre foi um navio de pacifistas. Como ficamos longe de encrenca e isolados, nunca antes tivemos que lutar. Mas agora estamos numa posição em que precisamos nos defender. Você desenvolverá técnicas de combate e treinará a tripulação para lutar, tanto contra as forças de Sidório quanto, se necessário, contra os piratas.

— É um tremendo trabalho! — exclamou Lorcan.

— Por isso é que precisamos de alguém com seu talento e seu caráter no comando. Eu vou trabalhar com você, claro, e o capitão também, assim que ele voltar.

— Farei o que puder, e com prazer — concordou ele.

— Muito bem. — Agora Mosh Zu virou-se para Darcy. Ela cruzou e descruzou as pernas com nervosismo e começou a torcer uma mecha de cabelos.

— Darcy, você é muito mais forte do que pensa. Ora, salvou a vida do capitão quando ele estava mais fraco do que nunca. Você deve acreditar mais em si mesma. — Ele sorriu. — Bom, ninguém poderia discordar que você é uma grande comunicadora, senhorita Flotsam. Você gosta de conversar, estou certo? De fofocar e bater papo com deus e o mundo na tripulação?

— Bom, gosto — respondeu Darcy, ficando vermelha e sem graça. — Gosto de estar *au courant* com meus colegas de viagem. Sou ré confessa.

— Motivo que a torna perfeita para sua missão. Há duas partes em sua tarefa: primeiramente, você será meus olhos e meus ouvidos no navio. Vai conversar com absolutamente todos os membros da tripulação. Vai ouvi-los, observá-los e, se houver a menor suspeita de uma nova rebelião, vai me contar. Não podemos nos dar ao luxo de termos outra insurreição nesse momento.

— Entendo.

— Há outra faceta em seu papel — prosseguiu Mosh Zu. — O capitão e eu tomamos uma decisão importante, que nos dá certa tristeza e que não tomamos levianamente.

Grace, Darcy e Lorcan se entreolharam, imaginando o que ele iria dizer.

— Sidório reivindicou o nome "Vampiratas" e o manchou a ponto de não ter mais conserto. De agora em diante faremos uma distinção entre as forças dele e as nossas. Vamos nos chamar de Noturnos, por causa do nosso navio, o *Noturno*.

— Noturnos? — repetiu Darcy.

Mosh Zu confirmou com um gesto.

— A segunda parte da sua missão é espalhar essa palavra pela tripulação, ajudá-la a abraçar essa nova identidade. Pode fazer isso?

— Farei o melhor que puder — respondeu Darcy, com algum ardor.

— Agora você, Grace — disse Mosh Zu, virando-se para ela. — Em muitos sentidos, sua missão é a mais difícil.

Grace estremeceu. O que ele e o capitão pretendiam para ela?

— Você vai aceitar o convite de Sidório — disse Mosh Zu. Grace ficou confusa. Como ele sabia?

Mosh Zu sorriu, mas, quando falou, sua voz saiu gélida e sem humor.

— Sidório acha que pode mandar seu tenente e sua esposa rondar meu navio e conversar com minha tripulação sem que eu saiba?

Grace pôde sentir o olhar dos outros queimando sua pele.

— Johnny veio me procurar — explicou ela. — E depois a mulher de Sidório, Lola Lockwood. Eles me convidaram para me juntar a eles em seus navios. — E se virou para Lorcan. — Eu ia contar a você, mas isso só aconteceu há duas noites, na noite do Festim, e eu tinha muita coisa em que pensar.

— Muita coisa em que pensar! — exclamou Lorcan. — O que você tinha que pensar? Claro que não pode aceitar o convite!

Grace sentiu que estava ficando vermelha, mas Mosh Zu respondeu por ela:

— Pelo contrário, Grace *deve* aceitar o convite.

— Não! — exclamou Darcy.

— Por qual bom motivo? — perguntou Lorcan.

— São *dois* motivos muito bons — respondeu Mosh Zu. — Primeiro, por que isso vai nos dar uma oportunidade sem paralelos de espionar Sidório e sua vil tripulação. Em segundo lugar, vai nos dar a chance de destruir o império da noite por dentro.

Lorcan estava pasmo.

— Não é justo pedir a Grace para fazer tudo isso. É uma tarefa grande demais. E é perigosa. Deixe que eu vá no lugar dela.

Mosh Zu negou. O rosto de Lorcan parecia um trovão. Darcy estava em lágrimas.

De repente Grace sentiu-se calma e estoica.

— Vocês não veem? — disse, dirigindo-se aos dois amigos. — Eu devo ir. Sou a única de nós que pode fazer isso. É minha responsabilidade. Eu sou filha de Sidório.

CAPÍTULO 16
Agentes secretos

— Odeio deixar você aqui sozinha — disse Lorcan.

Grace olhou ao longo da praia desolada, tremendo na brisa da noite.

— Vou ficar bem — disse olhando o relógio. — Além disso, não vou ficar sozinha por muito tempo. O navio logo deve chegar para me pegar.

— Na verdade, odeio que você tenha que fazer isso.

Grace largou a mala na areia e estendeu os braços, pousando as mãos no pescoço esguio de Lorcan.

— Eu preciso. Eu...

— Eu sei — disse ele, franzindo a testa de novo. — Não precisa repetir. Você é filha de Sidório.

— Eu ia dizer que estou preparada para fazer o que for necessário para garantir o futuro dos Vamp... — Ela parou e se corrigiu. — Para garantir o futuro dos *Noturnos*. — Ainda era necessário ajustar sua mente para o uso da palavra nova, apesar de entender completamente os motivos de Mosh Zu para a mudança. Grace olhou o rosto dolorosamente lindo de Lorcan. A preocupação estava gravada em cada poro. — Por favor, tente não se preocupar. Eu posso cuidar de mim mesma, você sabe.

— Eu sei. A verdade é que passei a gostar um bocado de cuidar de você. — Seus olhos

azuis reluziram com intensidade enquanto ele se inclinava para beijá-la.

— É só por um tempo — disse ela, quando os lábios dele se afastaram dos seus. — Preciso cumprir meu dever, assim como você está cumprindo o seu. Além do mais, você vai estar tão ocupado treinando os Noturnos em combate que nem terá tempo de notar que não estou por perto.

Lorcan puxou-a para junto dele de novo.

— Vou notar. Vou notar sua ausência como se faltasse uma estrela no céu. Mas vou saber que minha estrela vai voltar logo para casa e eu serei forte para ela.

Grace deu um sorriso e se abrigou no porto familiar que era o peito musculoso de Lorcan. Se ao menos não tivessem que se separar! Se ao menos as coisas não tivessem chegado a esse ponto crítico! Mas não havia futuro no "se". Precisavam ir em frente, fazer o que era necessário e esculpir um novo futuro. Era o único modo. Com relutância, soltou-se do abraço de Lorcan.

— É melhor você ir — disse. — Eles não virão me pegar se virem o *Noturno* espreitando nas sombras.

— Você está certa. — Lorcan puxou-a e beijou-a de novo, depois a soltou gentilmente, sorriu e se virou. Ela não podia ter certeza, mas achou que, quando Lorcan se virou para andar pela praia, havia um traço de água nos olhos dele. Enquanto ele seguia pela areia, com o velho sobretudo militar balançando na brisa, Grace percebeu como sua conexão com Lorcan havia se aprofundado. Estavam unidos de modo inseparável e, apesar de suas palavras corajosas, seria muito difícil ficar longe.

Grace permaneceu parada, observando o *Noturno* se afastar na noite. Sentiu um arrepio descer pela coluna e não teve certeza de se era a brisa cortando aquele trecho da praia ou a percepção súbita de que agora estava sozinha. Apertou o casaco em volta do corpo e, enquanto ajeitava o cachecol, sentiu a mão de alguém sobre seu ombro.

— Grace. — A voz, além do inesperado toque, a fez pular.

Ela se virou e encontrou o irmão ao seu lado.

— Connor! — exclamou, subitamente cheia de alegria. Abriu os braços e os dois se abraçaram. — É tão bom ver você de novo!

— Você também! — Ele sorriu de orelha a orelha. Vestia uma parca quente, com uma mochila pendurada no ombro que a fez se lembrar da última despedida dos dois, nos portões de Santuário. Ela ficara com raiva dele, mas agora não havia qualquer resíduo desse sentimento. Agora não se sentia mais sozinha. Havia muita coisa a compartilhar com ele, e uma delas era a mudança do nome dos Vampiratas para Noturnos. Além

disso, queria saber como ele estava enfrentando a notícia de que era filho de Sidório e dhampiro. Estaria experimentando a mesma fome de sangue que ela? Nesse caso, como estava lidando com isso?

— Eu sabia que eles tinham convidado você também — começou ela —, e disseram que você vinha, mas não tive certeza. Quero dizer, sei como você se sente com relação aos Vampiratas!

O rosto de Connor estava sério.

— Meus sentimentos com relação aos Vampiratas não mudaram.

— Mesmo que... — começou Grace.

— Mesmo que eu *seja* um dhampiro. Grace, eu sei o que nós dois somos. Sei que Sidório é nosso pai de sangue.

— Acho importante lembrarmos que mesmo tendo uma ligação de sangue com Sidório, Dexter Tormenta era, e sempre vai ser, nosso pai.

Connor sorriu.

— É. É, você está absolutamente certa. — Sua expressão ficou séria de novo. — Grace, não sei quanto tempo temos antes que eles venham nos pegar, e há muita coisa para dizer a você.

— Eu tenho um monte de coisas para contar também, mas vai haver bastante tempo, assim que chegarmos juntos ao navio.

Connor deu de ombros.

— Talvez, mas precisaremos ter cuidado.

— Como assim?

— Você precisa saber de uma coisa. Eu não aceitei o convite porque quero conhecer Sidório, a esposa ou a tripulação dele. Também não vim aqui para aceitar minha nova identidade. Estou aqui como espião, numa missão para a Federação dos Piratas. — Ele parou e respirou fundo. — Já lhe disse que a Federação está mudando de atitude com relação aos Vampiratas. Alertei você. Sei que tem uma ligação forte com Lorcan, Darcy, Mosh Zu e o capitão, mas a guerra está chegando, Grace. Tudo está mudando. Você precisa se preparar para tomar algumas decisões difíceis. — Havia um pedido intenso nos olhos dele.

— Eu *estou* preparada. E, para que fique claro, *também* não vim aqui para conhecer Sidório ou Lola Lockwood. Quanto a aceitar minha nova identidade, farei isso com amigos em quem confio. — Ela olhou fundo nos olhos de Connor. — Também estou aqui em missão de espionagem. Os Vampiratas sabem sobre a guerra. — Ela viu os olhos

de Connor se arregalarem. — O capitão e Mosh Zu estão implementando mudanças profundas. É vital para ele que os piratas não vejam todos os Vampiratas do mesmo modo. Por isso a tripulação deles, a *minha* tripulação, será conhecida agora como os Noturnos. Precisamos que os piratas entendam que há uma diferença entre nós e a turba de Sidório.

— Ora! — disse Connor, soltando o ar dos pulmões. — É uma tremenda novidade.

Grace concordou, satisfeita consigo mesma.

— Quando você mandar informações para a Federação dos Piratas, tem que deixar isso claro. Quanto antes eles reconhecerem a distinção entre os Vampiratas e os Noturnos, melhor.

— Vou dizer a eles, Grace. Mas antes já havia tentado alertá-los para as diferentes facções.

— Já?

— Eu precisava proteger você e fazer todo o possível para impedir que se machucasse devido a alguma ofensiva dos piratas. Além disso, sei que Lorcan e os outros têm sido bons para você e me sinto grato a eles.

Grace sorriu.

— Na verdade há outra coisa que preciso dizer a você...

Connor levantou a mão.

— Por favor, Grace. Não sabemos quanto tempo temos antes que os Vampiratas cheguem, e não sabemos se será seguro conversarmos quando estivermos a bordo. Essa pode ser nossa última oportunidade de trocar informações importantes.

Grace ficou irritada porque, como sempre, Connor estava tentando assumir a dianteira. Como ele sabia se o que ela iria dizer seria informação significativa ou não? Em seu ponto de vista, a notícia do relacionamento com Lorcan era muito importante.

— Como eu disse — continuou Connor. — Eu me esforcei um bocado para que os piratas distinguissem entre as duas facções. Vou continuar enfatizando isso, mas, se chegarmos a um conflito generalizado, essa distinção vai ficar inevitavelmente turva.

Grace deu de ombros.

— Então nós é que teremos que esclarecê-la.

Teve a súbita percepção de que ela e Connor não estavam do mesmo lado. Sentia-se idiota por não ter absorvido isso antes. Agora ficava claro demais. Ainda que fizesse o máximo para cuidar dela, quando a guerra chegasse ele estaria do lado dos piratas e ela estaria do lado dos Noturnos. Se Connor estivesse certo e os piratas não conseguissem

distinguir entre os Noturnos e os Vampiratas, os irmãos estariam em exércitos opostos. O pensamento encheu-a de uma tristeza profunda.

— Ei — disse Connor. — O que há de errado? Você não parece mais tão satisfeita em me ver.

— Fico sempre satisfeita em ver você. Só fiquei pensando que agora estamos em lados opostos.

— Está certa. E isso já me deixou louco no passado. Por isso me esforcei tanto, e quase sempre com pouca aptidão, para afastar você dos Vamp... dos Noturnos. Mas agora sei que não posso. E também não espero que se afaste deles.

Grace ficou surpresa com a avaliação honesta da situação, mas isso não oferecia uma solução fácil.

— Então o *que* vamos fazer? — perguntou.

— Podemos não estar do mesmo lado neste conflito, mas nós dois viemos espionar Sidório e sua operação. Bolar o melhor modo de derrotá-lo. — Ele estendeu a mão e segurou a dela, apertando-a. — Quando você pensa na situação desse modo, estamos aqui para fazer exatamente a mesma coisa, não é?

Connor sorriu para ela e Grace sorriu de volta, pensando em como seu irmão gêmeo parecia mais adulto desde que o vira pela última vez. Ele estava mudando, como também a irmã. Esse pensamento lembrou-a de que ainda não haviam falado sobre a condição de dhampiros. Mas ele estava certo: o tempo era curto e esse era um assunto grande demais para começar a ser explorado nos poucos instantes que restavam. Grace apertou a mão dele e sorriu.

— Quem imaginaria? — disse. — Os dois desajustados da Baía Quarto Crescente agora estão entrando numa zona de guerra como agentes secretos!

Connor virou o corpo inteiro para encará-la.

— Grace, devemos fazer tudo o que pudermos para impedir que a coisa chegue a esse ponto. — Ele suspirou. — Vou lhe dizer o seguinte: os piratas estão treinando para lutar contra os Vampiratas. Eu comandei o primeiro ataque no casamento de Sidório. Não foi um sucesso completo; nós não conseguimos eliminar Lola Lockwood, mas nossas informações e estratégias de ataque estão ficando mais sofisticadas a cada momento. Daqui para a frente, nenhum Vampirata, nenhum Noturno estará em segurança.

Grace recebeu esse golpe, assentindo. Imaginou se deveria devolver o favor e informar que os Noturnos também estavam acelerando seu treinamento de combate. Parte dela queria retribuir esse soco no estômago, mas uma voz calma dentro dela alertou-a para

ficar quieta por enquanto. Afastando o olhar dele, viu que agora estavam ficando de fato sem tempo. Dois navios, lado a lado, aproximavam-se da costa.

O navio do lado esquerdo era feio, bruto e significativamente maior do que o companheiro. O menor, um galeão tradicional, era muito mais atraente aos olhos de Grace.

Connor se virou para ela.

— O maior é o *Capitão de Sangue* — disse. — Era um navio-prisão, mas Sidório e sua tripulação tomaram-no. Agora é sua base de operações. O outro, o *Errante*, pertence a Lady Lola Lockwood. Achei que talvez ela fosse abandoná-lo, agora que os dois se casaram.

— Evidentemente não foi assim. — O olhar de Grace se fixou no belo *Errante*, que baixava a âncora. Havia figuras no convés, delineadas pelo luar. Vestiam-se de modo semelhante, mas mesmo assim ela achou que podia discernir a figura imponente de Lady Lola em meio às outras. Depois de toda a conversa grandiosa sobre guerra e missões secretas, de repente a situação estava começando a parecer muito real. Grace pensou em seu primeiro embate com Sidório, na vez em que ele a manteve cativa em sua cabine a bordo do *Noturno*. Então os pensamentos se voltaram para Lola visitando seu quarto. Grace ainda podia sentir a ardência da palma da mão de Lola em seu rosto. Ficou gélida. Estava sendo bastante proativa com relação a essa missão, mas estaria mesmo à altura dela e de tudo que ela implicava?

Foi distraída pela visão de duas lanchas pequenas separando-se dos navios maiores e vindo rapidamente para a praia, cada uma ocupada por apenas uma pessoa. Quando chegaram mais perto, Grace reconheceu os dois rostos e, mesmo contra a vontade, pegou-se levantando a mão num gesto de boas-vindas.

— Bom — disse a Connor. — Acho que é isso.

— Vamos deixar papai orgulhoso. E não estou falando do Sidório.

— Isso! — Ela sorriu, agradecida pelo pensamento.

As figuras nos barcos estavam chamando-os. Grace virou-se para Connor e os dois correram pela areia, parando diante dos barcos.

— Grace! — gritou Johnny com um sorriso. — Pule a bordo. Você vem comigo para o *Errante*.

— Connor! — exclamou Stukeley. — Aqui, meu chapa! Vamos para o *Capitão de Sangue*.

Os gêmeos se viraram um para o outro. Tinham acabado de se reencontrar e agora

iam separar-se de novo. Era sempre assim. Connor olhou para Grace com uma expressão dolorida.

— Não é necessária uma grande cena de despedida — disse Stukeley. — Vocês vão se ver de novo em no máximo duas horas.

— Isso mesmo — confirmou Johnny. — Vamos acomodar os dois em suas cabines e depois nos reunimos todos no *Errante* para o *Tiffin*.

— *Tiffin*? — perguntaram Grace e Connor simultaneamente.

— Tudo será explicado! — exclamou Stukeley, chamando Connor com um gesto. — Venha, cara, não enrole.

Johnny estendeu o braço para Grace.

— Pule para dentro, anjo. Lady Lola odeia ficar esperando.

CAPÍTULO 17
A anfitriã perfeita

Querida Grace,
Bem-vinda, bem-vinda, bem-vinda! Desejo-lhe uma estadia maravilhosamente feliz em meu pequeno navio. Toda a tripulação está a seu dispor, então se precisar de qualquer coisa, basta tocar a sineta! Teremos uma reunião informal esta noite para comemorar sua chegada e a de Connor. Assim que tiver desfeito a bagagem e se refrescado, vista algo fabuloso (tomei a liberdade de colocar algumas roupas e alguns acessórios em seu armário) e junte-se a nós em minha cabine. É a que fica no fim do corredor principal — com a porta dupla dourada.
Com muita ansiedade,
"de sua madrasta malvada",
Lady Lola Lockwood Sidório xxx

Grace encontrou o bilhete escrito à mão encostado numa tigela de vidro cheia de lustrosas maçãs vermelhas colocada sobre a penteadeira de sua cabine. Isso a havia tranquilizado até certo ponto, indicando que era bem-vinda a bordo do *Errante* e que as intenções de Lola eram boas. As maçãs vermelhas e a referência de Lola à "madrasta malvada" pareciam um bom presságio também. Pelo menos ela demonstrava senso de humor com a situação.

Mesmo assim, cerca de meia hora depois, quando bateu à porta dourada da cabine da

capitã, Grace não conseguia deixar de pensar em seu encontro anterior com Lady Lola Lockwood. Ao ouvir o murmúrio de vozes e o som de passos do lado de dentro, lembrou-se da malignidade crua do tapa de Lola. Um arrepio instantâneo brotou em sua bochecha, como se tivesse sido golpeada novamente, então viajou por seu pescoço e desceu pela coluna, como um dardo gélido. Grace alisou o vestido floral que havia escolhido entre a generosa seleção feita por Lola, tentando acalmar os nervos e encorajar os tremores a saírem de seu corpo.

Quando a porta se abriu, ela encontrou uma Lady Lola muito diferente esperando para recebê-la. Na outra ocasião em que a vira, o cabelo de Lola estava preso num coque alto, aumentando a impressão de severidade. Agora, mechas macias e negras caíam sobre as maçãs do rosto salientes, fazendo-a parecer ao mesmo tempo mais jovem e mais afável. Essa impressão era enfatizada pelo vestido vermelho usado por ela, de saia larga, acompanhado por sapatos vermelhos de salto agulha e um colar elaborado que lembrava uma teia de aranha feita de rubis. Sorrindo para Grace, com as mãos estendidas, Lola avançou para beijá-la.

— Grace! Bem-vinda a bordo!

Ao soltar a enteada de seu abraço perfumado, Lola deu um passo atrás para examiná-la.

— Você não está linda nesse vestido? Eu sabia que ele ficaria bom em você.

Lola a pegou pelo braço e levou-a para dentro da cabine. Atrás dela, a porta dourada se fechou de novo, e o olhar de Grace percorreu a cabine da capitã. Era a primeira vez que via os aposentos de uma comandante mulher, e o lugar era absolutamente impressionante — opulento, mas ao mesmo tempo refinado. A sala elegante, mobiliada com lindas antiguidades, era iluminada por centenas de velas, que liberavam uma luz suave e o perfume inebriante de um jardim cheio de flores à noite.

— Espero que sua cabine tenha sido do seu agrado — disse Lola.

— Ah, sim. É, é linda. E muito obrigada por me emprestar suas roupas.

Lola gargalhou.

— Não, querida, não são *minhas* roupas. Mandei fazê-las para você.

Grace ficou pasma com a generosidade surpreendente da madrasta.

— Não sei o que dizer.

— Aproveite-as — disse Lola. — Nós nos divertimos escolhendo-as para você, não foi, senhoras?

Quando Lola falou, Grace subitamente percebeu a presença de três membros da

tripulação. Elas haviam permanecido nas sombras, nas laterais da sala, mas agora, diante das palavras da capitã, entraram no poço caloroso de luz produzido pelas velas. Lola deu um sorriso reluzente.

— Jacqueline, Nathalie, Mimma, venham conhecer nossa convidada especial: minha linda enteada, acertadamente chamada de Grace.

Enquanto as três mulheres se aproximavam, Grace notou que cada uma delas tinha a mesma tatuagem da capitã, em forma de coração — mas enquanto a de Lola era em volta do olho esquerdo, a das outras era do lado direito; presumivelmente uma indicação de hierarquia.

Enquanto cada uma das mulheres vinha cumprimentá-la, Grace ficou espantada com a beleza de todas. O cabelo de Jacqueline era da cor de ameixas maduras, afastado do rosto aristocrático numa série de tranças complexas. Nathalie tinha cachos cor de chocolate amargo, que desciam até os ombros. As madeixas revoltas de Mimma pousavam nos ombros, e seus olhos azuis reluziam como safiras. Todas as três usavam vestidos, sapatos e joias requintados. Enquanto Grace cumprimentava cada uma, refletiu que até mesmo Darcy, com seu guarda-roupa que parecia infinito, estaria fora de moda a bordo do *Errante*.

— Por que toda essa comida, capitã? — perguntou Mimma, afastando-se do grupo.

Grace viu que atrás das mulheres havia uma mesa que parecia ranger sob o peso de pratos de comida. No centro havia uma tigela repleta de rosas — indo do cor-de-rosa mais claro até o carmim mais profundo.

Lola fez um gesto em direção à mesa.

— Não parece deliciosa? Contratei um *chef* de cozinha para permanecer no navio durante toda a sua estadia, um chefe que foi muito famoso em seu tempo de mortal. Em honra à sua chegada, ele recriou um de seus mais célebres banquetes. — Enquanto Lola apontava para os pratos, Grace notou que cada um deles, como as flores, era colorido com um tom diferente de rosa. — Para começar, uma tigela de Borscht, seguido por frango à la páprica e depois cordeiro primavera ao leite. E mais tarde, duas das sobremesas consideradas especialidades do *chef* Escoffier: pêssegos Melba e morangos com abacaxi e *sorbet*.

— Uau! — exclamou Grace. — A senhora deve estar esperando um monte de convidados.

— Alguns, querida. — Lola pareceu momentaneamente confusa. — Mas esta comida é só para você e Connor. Tenho certeza de que os dois estão famintos depois de suas

viagens.

Grace olhou para aquela refeição enorme.

— Tudo *isso* para nós dois?

— Espero que seja do gosto de vocês. Faz muito tempo que não me alimento de comida. Vocês têm que me dizer do que gostam e do que não gostam, e eu repassarei ao *chef* Escoffier. Quero que se sintam perfeitamente em casa aqui.

Grace tinha a sensação de que Lola estava fazendo todo o possível para ser hospitaleira. Seu olhar percorreu a mesa.

— Tudo parece delicioso. Acho que será o suficiente para manter Connor e eu alimentados durante uma ou duas semanas!

Lola deu uma leve risada.

— Se o que ouvi falar sobre o apetite dos adolescentes é verdade, tenho certeza de que Connor não terá dificuldade em acabar com isso.

Nesse momento houve um barulho do outro lado da porta dourada.

— Bom, por falar no diabo! — Lola sorriu. — Devem ser os rapazes. Jacqueline, Nathalie, querem fazer as honras? — As duas se posicionaram rapidamente, puxando as portas douradas bem a tempo de Sidório e seus tripulantes entrarem. Grace se virou para os recém-chegados com um arrepio de medo descendo de novo pela coluna.

Sidório estava acompanhado por Stukeley e Connor de um lado e, do outro, por Johnny — que tirou o chapéu e sorriu para Grace — e um homem mais velho, de cabelo escuro que ia até os ombros e olhos penetrantes, quase pretos. Grace pegou-se hipnotizada pelo recém-chegado, ainda que ele parecesse olhar através dela. Quem seria?

Johnny e Stukeley passaram por Grace para cumprimentar Mimma, Jacqueline e Nathalie. Sentindo um tremor de inveja quando Johnny beijou Nathalie, cumprimentando-a, Grace se virou de volta bem a tempo de ver Sidório pôr a mão no ombro de Connor e apresentá-lo à esposa.

— Querida, gostaria que conhecesse Connor — disse com a voz rouca de emoção. — Meu filho.

Connor parecia sem graça. Lembrava-se muito bem da última vez em que a vira, quando havia separado sua cabeça do corpo com a espada.

— É... nós já nos conhecemos — disse ele.

— Não — retrucou ela, com a mão se demorando por um tempo no colar de rubi, um colar que escondia as lívidas cicatrizes causadas pelo próprio Connor. — Não nos conhecemos direito. Todas as transgressões do passado estão, agora, esquecidas. Nosso

relacionamento começa de novo esta noite. Você é filho do meu marido, meu enteado, e é muito bem-vindo a bordo do *Errante*. — Para surpresa de Connor, ela estendeu a mão, e Grace ficou observando-o apertá-la.

Sidório sorriu. Depois, olhando para Grace, atravessou a sala.

— Grace — disse ele. — Estou muito feliz em vê-la de novo. Obrigado por ter vindo. — Sidório abriu os braços e ela percebeu que ele queria abraçá-la. Seria grosseria resistir.

Enquanto a soltava e dava um passo atrás, Sidório manteve o olhar no rosto de Grace. Apesar de já se conhecerem, era como se ele a visse pela primeira vez.

— Você está tão linda! — exclamou ele com lágrimas nos olhos. — Tão parecida com sua mãe!

Grace sentiu um nó na garganta ao ouvir essas palavras e sua sinceridade óbvia. Essa demonstração de emoção verdadeira era a última coisa que esperava de Sidório. Percebeu que teria que pôr de lado tudo que pensava saber sobre ele e começar do início. Mesmo assim, lembrou-se, precisava agir com cuidado.

Lady Lola foi se juntar a eles, pondo a mão no ombro do marido.

— Esposo — disse —, você não me contou que ia trazer um convidado esta noite.

— Convidado? — Sidório manteve o olhar sobre Grace por um momento, depois se virou de novo para a esposa.

Lola inclinou a cabeça em direção ao estranho, que permaneceu nas sombras na extremidade da sala. Grace também o observou. O homem parecia uma estátua, pensou ela. Não tinha certeza de que ele havia se mexido desde que chegara.

Agora Sidório chamou-o.

— Obsidiano. Venha! Conheça minha mulher e minha família.

O homem hesitou, e então, sem mudar a expressão, caminhou formalmente pela sala para se juntar aos dois capitães.

Sidório dirigiu-se à esposa:

— Esse é Obsidiano Darke, um tenente da minha tripulação. É um recruta relativamente novo, mas já se destacou como um futuro astro e inspira grande respeito sobre os comandados.

Os lábios finos de Darke sorriram diante disso. Quando falou, sua voz era áspera.

— Lady Lockwood, é um prazer conhecê-la. — Ele fez uma reverência formal enquanto ela estendia a mão. O sujeito estava usando luvas, mas teve o bom senso de tirá-las antes de segurar a mão dela.

Grace observou as reações de Lola ao recém-chegado. Agora a anfitriã graciosa estava

sendo posta à prova. Grace não podia culpá-la, o estranho havia se infiltrado na reunião de família que Lola planejara com um cuidado óbvio. Mais do que isso, havia algo em Darke que a deixou imediatamente arrepiada — talvez Lola também sentisse isso. Ele possuía um ar de ameaça fria. Seus olhos eram escuros, como sugeria seu nome, Darke, no entanto, Grace sentiu que eles eram apenas uma sugestão das marés violentas que existiam dentro dele.

— Tenente Darke — disse Lady Lola. — Se meu esposo tem tanta consideração pelo senhor, acredito em suas raras habilidades. — Ela examinou por mais um momento o rosto dele. — O senhor é bem-vindo para participar do *Tiffin* conosco e juntar-se à nossa comemoração desta noite.

Durante essa troca de palavras, Connor viera para o lado de Grace.

— Sem dúvida você ficou com a melhor parte desse negócio — sussurrou ele. — Seu navio é muito mais chique do que o meu. *Minha* cabine é uma gloriosa cela de prisão.

Grace sorriu, virando-se para ele.

— Que azar. Certamente vou pensar em você quando deitar nos meus lençóis de algodão egípcio.

Ela ergueu os olhos e encontrou Sidório e Lola espiando os dois. Irritada, Grace pegou-se ruborizando.

— Connor, olhe quanta comida o cozinheiro de Lady Lockwood preparou para nós!

— Irado! — Connor foi em direção à mesa. — Estou morrendo de fome.

Lola piscou para Grace, com ar de quem sabia das coisas.

— Não façam cerimônia. Sente-se, querida. Você também, Connor. — Ela apontou para os dois lugares arrumados à mesa e, enquanto Grace e Connor se sentavam dirigiu-se aos outros. — Bom, agora, enquanto os gêmeos apreciam a refeição, vamos beber alguma coisa, certo? — Seu olhar sombrio encontrou o dos companheiros, tanto os antigos quanto o novo.

Sidório deu um tapa nas costas de Obsidiano Darke.

— Minha esposa tem uma adega — disse ele.

— Foi o que ouvi dizer — respondeu Darke. — Eu não bebo.

Sidório deu um risinho.

— Não é o tipo de adega comum, seu idiota! Alguém sirva uma taça a ele.

— Permita-me — disse Lola, avançando com a garrafa e uma de suas taças antigas prediletas.

— Verdade — insistiu Obsidiano Darke, sem pedir desculpas —, sou um homem com

necessidades simples.

— Isso é evidente — respondeu Lola —, mas agora você faz parte da nossa tripulação e é convidado no meu navio em uma noite de rara comemoração. — Ela estendeu a taça. — Seria grosseiro não beber, senhor. Se não for por necessidade ou vontade, que seja por camaradagem.

A expressão de Darke não havia mudado. Ele examinou a taça na mão de Lola e, por fim, pegou-a.

— Está certo, capitã — disse. — Sou seu humilde convidado, e agradeço sinceramente pela hospitalidade. — Ele levou a taça aos lábios finos e tomou a bebida num gole só.

Lola sorriu e se juntou às suas tripulantes.

— Viram isso, senhoras? Esses homens são todos iguais! Dizem que não bebem, depois esvaziam a taça como se fosse a última gota d'água no deserto. — Ainda que suas palavras fossem ásperas, o tom era leve quando se virou. — Mas não o Johnny. Fico feliz em dizer que o Johnny é um pouquinho mais refinado. Ele sabe circular em companhia mista, não é?

Johnny fez uma reverência, sorrindo para Lola e suas tripulantes.

Observando essa conversa, Grace não pôde deixar de sorrir também.

Lola se dirigiu às tripulantes:

— Ajudem-me, senhoras.

Imediatamente Mimma, Jacqueline e Nathalie começaram a circular com bandejas de prata, cada uma com uma garrafa e taças.

Grace viu os Vampiratas ao redor pegando suas taças de sangue. Era fácil imaginar que fosse outra coisa — um vinho fino, ou um vinho do porto antigo —, mas ela não se iludia. Aquilo poderia vir numa garrafa e ser servido nas taças mais refinadas, mas ainda era sangue, que até recentemente havia corrido pelo corpo de alguém. Ficou imaginando de onde teria vindo. De *quem* teria vindo.

Connor parecia não perceber o que acontecia ao redor. Em seu prato havia uma pilha enorme com todo tipo de iguarias, e ele a devorava. Era como se não comesse havia um mês.

— O que foi? — perguntou ele, notando o olhar de Grace com um camarão pendurado nos lábios.

— Você está mesmo com fome — disse ela.

Connor engoliu o camarão e pegou uma pata de lagosta.

— Está brincando? Essa comida é incrível! Cheng Li obriga a gente a fazer uma dieta

macrobiótica. Mal posso dizer como é um alívio ver comida de verdade.

Grace sorriu. Muita coisa havia mudado — tanto ao redor quanto dentro deles —, mas em momentos assim ele era o mesmo irmão de sempre, limpando o prato num instante e depois pegando a comida do dela. Mas Connor estava certo, a comida *era* mesmo deliciosa. Grace ficou aliviada por estar com fome esta noite. Seu apetite andara instável recentemente e, se não fizesse justiça ao banquete que Lola organizara em homenagem a eles, ela seria tão descortês quanto a rejeição de Obsidiano Darke à bebida que a madrasta oferecera.

— Bom — disse Lola, contendo um bocejo. — Não sei quanto a vocês, mas eu estou praticamente pronta para uma sesta.

Sidório gargalhou.

— A noite é uma criança, querida.

Lola pegou a taça dele.

— É hora de parar com a bebida, pessoal. — Em seguida se virou para os gêmeos. — Tenho certeza de que vocês estão mais do que prontos para um descanso.

Grace confirmou. Connor comeu uma última colherada de sobremesa e depois levantou os olhos.

— Seria bom descansar um pouco — concordou. — Essa foi a melhor refeição que eu tive desde... desde sempre!

Lola riu e bateu palmas, deliciada.

— Fico muito feliz — disse. — Repassarei o elogio ao *chef* Escoffier. — Em seguida se virou. — Mimma, poderia acompanhar Grace até a cabine dela? E, Stukeley, será que poderia ajudar Connor a achar o caminho de volta?

— Tudo bem — disse Connor. — Tenho certeza de que posso...

— Também tenho certeza de que você pode — interrompeu Lola. — Mas são nossos convidados e temos certas formas de fazer as coisas a bordo do *Errante* e do *Capitão de Sangue*, não é, querido? — Lola se virou para o esposo com os olhos reluzindo, e este concordou, obediente.

Connor não protestou mais.

— Obrigado pelo excelente jantar — disse enquanto Stukeley mantinha a porta aberta. — Boa noite, todo mundo!

Mimma pegou o braço de Grace e levou-a em direção à porta dourada, que Jacqueline e Nathalie já haviam aberto. Quando chegou à soleira, Grace olhou para Lola.

— Obrigada de novo — disse. — Por tudo.

— Você é mais do que bem-vinda. Descanse, minha cara. Vamos mantê-la ocupada com todo tipo de diversão.

Então os quatro jovens foram para o corredor e a porta dourada se fechou.

Sidório se virou para a esposa.

— Você não está *realmente* cansada, está?

— Claro que não. Só achei que deveríamos mandar os gêmeos para a cama para podermos discutir estratégias.

— Ah — disse Sidório. — Entendo.

Lola se inclinou para perto de Sidório e sussurrou em seu ouvido:

— Talvez você queira mandar o tenente Darke embora, não é? — Os dois capitães se encararam intensamente por um instante, depois Sidório se afastou e foi falar com Obsidiano.

Lola observou por um momento o marido falar com seu tenente. Depois, satisfeita ao ver que sua vontade fora feita, virou-se e viu que Johnny, Nathalie e Jacqueline estavam batendo papo, animados, junto à mesa, e foi juntar-se a eles.

— Bom — disse ela —, acho que fizemos uma boa recepção para Grace e Connor, não foi?

— Foi — assentiram Jacqueline e Nathalie.

— A senhora certamente os alimentou bem — acrescentou Johnny, com um sorriso.

Lola sorriu consigo mesma, depois para os outros.

— Não é à toa que me chamam de anfitriã perfeita. Fico imaginando... — Ela foi interrompida pelo som satisfatório de Obsidiano Darke saindo discretamente e, depois, de Sidório se aproximando. Sentiu as mãos do marido envolvendo sua cintura e sorriu.

— A senhora ia dizer alguma coisa, capitã — disse Jacqueline —, antes que o capitão Sidório se juntasse a nós. O que era?

Lola deu de ombros, com o olhar percorrendo os pratos vazios.

— Ah, só que fico imaginando o que Grace e Connor acharam de sua primeira prova de sangue.

CAPÍTULO 18
Negócios da noite

Stukeley pulou de volta no convés do *Errante* e encontrou Mimma esperando-o. Ela estava junto à amurada, com o cabelo revolto e o tecido macio do vestido balançando à brisa do oceano.

— Terminou o serviço de babá?

Stukeley assentiu.

— E você?

Mimma sorriu.

— Por enquanto.

— Bom, então — disse Stukeley estendendo o braço para ela —, por mais tentador que seja ficar aqui e contar as estrelas com você, temos uma reunião, não é?

Mimma o encarou.

— Você é um homem charmoso. Mas está certo, claro. Não há descanso para os maus! — Passando o braço pelo dele, ela guiou-o pelo convés e desceram à cabine da capitã.

*

— Agora que estamos todos aqui, vamos começar — disse Lola, dirigindo-se aos tripulantes mais importantes do *Capitão de Sangue* e do *Errante*. — Há muita coisa a discutir. — Em seguida virou-se para Sidório, que estava sentado ao lado dela na cabeceira de uma mesa longa e muito polida.

Sidório ficou de pé e pigarreou.

— Quando retornamos da lua de mel, minha esposa e eu contamos a vocês sobre os planos de expandir e fortificar nosso império, e encarregamos cada um de uma parte do quebra-cabeça.

Agora Sidório olhou para a esposa, que se levantou e deu alguns passos até um cavalete coberto com tecido preto. Ela tirou o pano e pegou o que parecia ser um chicote de montaria, apontando-o para as distintas letras vermelhas que preenchiam o quadro.

— Resumindo — continuou Sidório —, nós queremos... mais navios...

Houve um estalo quando Lola bateu no quadro para enfatizar as palavras dele.

— ...mais sangue...

Tchá!

— ...recrutamento mais rápido...

Tchá!

— ...e mais líderes.

Tchá!

— Obrigado — disse Sidório, piscando para a esposa. Sorrindo, ela pousou o chicote e retornou à sua cadeira. O olhar de Sidório procurou Stukeley, que estava sentado junto a Mimma na outra ponta da mesa, com um maço de papéis espalhados à frente. — Stukeley, você foi encarregado da tarefa de expandir nossa frota.

Todos os olhares se voltaram para ele.

— Sim, capitão. E desde que nos reunimos pela última vez, andei pensando em encomendar a construção de uma frota de navios para nós.

— Algum progresso? — vociferou Sidório.

— É caro — disse Stukeley. — Porém, mais importante, demora muito. — Ele ergueu um punhado de papéis. — Recebi orçamentos de três estaleiros, mas estamos falando de meses até que eles tenham o primeiro navio em condições de navegar. Parte do problema é que os piratas também estão encomendando mais navios.

Sidório não se impressionou.

— Você conseguiu *três* orçamentos? Você ofereceu *dinheiro*? O que estava pensando? Nós somos Vampiratas! Não compramos, tomamos!

Houve gargalhadas ao redor da mesa, apenas o bastante para reconhecer a piada do capitão sem abalar seriamente a autoridade de Stukeley.

Ele recebeu isso com bom humor, folheando os papéis em silêncio.

— Por acaso, capitães, eu bolei um novo plano, que acredito que alcançará nosso objetivo de expandir rapidamente a frota com o mínimo de tempo e despesas.

Lola ergueu uma sobrancelha.

— Parece interessante. Explique.

— Roubamos os navios dos piratas — disse Stukeley. — Matamos dois coelhos com uma cajadada só: diminuímos a frota da Federação e obtemos acesso às melhores embarcações dos oceanos.

— Gosto disso — disse Lola fechando o punho.

Sidório sorriu.

— Bom trabalho, Stukeley.

Stukeley passou um papel para os capitães.

— Tenho um bom conhecimento das frotas da Federação. Fiz uma lista de alguns alvos iniciais.

Sidório pegou o papel e olhou a lista de nomes de navios, porém Stukeley não havia terminado.

— Há outro aspecto dessa situação, para o qual eu gostaria de passar a palavra ao meu colega, o senhor Desperado.

Johnny riu e se levantou, como era de seu feitio nas reuniões.

— Como todos sabem, eu comando o Departamento de Recursos Desumanos de nossos navios. — Houve sorrisos ao redor da mesa: as falas de Johnny eram sempre temperadas com humor. — Em outras palavras, sou encarregado do recrutamento. Há duas frentes de recrutamento no império Vampirata. Primeiramente, os vampiros de terra firme. Tive recentemente encontros com vários líderes de células de vampiros ao longo do litoral. Eles sabem muitíssimo bem que hoje em dia o verdadeiro poder está no oceano, e estão praticamente prontos para se juntar a nós.

— Sério? — perguntou Lola. — Simples assim? Nós já tivemos problemas com todos os termos e condições deles.

— Exato, capitã. Exato. E a senhora está certa, ainda estamos no meio das negociações, mas não deixei nenhuma dúvida a eles do quanto estamos crescendo... e de como vamos ficar ainda maiores. Estou confiante de que trarei a confirmação de um grande acordo muito em breve.

Lola fez uma anotação em seu bloco.

— Claro — continuou Johnny —, quando recrutamos vampiros sem experiência marítima anterior, eles necessitam de muito aprendizado, o que me traz à nossa segunda frente de recrutamento. Em muitos aspectos, é melhor para nós pegarmos piratas, que são familiarizados com o mar, e os transformarmos. De qualquer forma, há um período de adaptação para eles, mas pelo menos sabem navegar. — Johnny sorriu. — É aqui que as ideias de Stukeley e as minhas se cruzam. Quando adquirirmos um navio pirata, a tripulação terá uma escolha muito simples: juntar-se a nós ou morrer. — Tendo dito isso, Johnny sentou-se de novo.

Sidório bateu palmas.

— Excelente trabalho, como sempre, chapelão. — Em seguida se virou para Lola. — Não acha, querida?

Lola concordou.

— Muito impressionante, Johnny.

— E agora? — disse Sidório, olhando para o cavalete. — O que vem em seguida? Ah... mais sangue. É com você, meu amor.

— Obrigada — respondeu Lola. — Obviamente, a aquisição e o armazenamento de sangue estão sob o controle da equipe da adega Coração Negro. — Ela indicou as cinco jovens que estavam sentadas ao seu lado. — Jessamy, imagino que você esteja com os últimos informes sobre o sangue.

Jessamy se levantou e foi até o cavalete, do qual retirou a lista de objetivos principais e colocou-a de lado, revelando um gráfico. Lola entregou seu chicote de montaria para que ela pudesse explicar as indicações coloridas.

— A linha azul marca nosso estoque atual. Como podem ver, o nível é bom, mas desde que fundimos o comando dos dois navios estamos usando o estoque numa taxa acelerada. — Ela olhou para Sidório com um sorriso. — O senhor tem alguns tripulantes bem sedentos!

Sidório deu de ombros e Jessamy esperou que os risos parassem antes de continuar.

— Vejam a linha vermelha! Esse é o nosso aumento de produção projetado para os próximos seis meses. Tenho certeza de que vocês concordam que é impressionante.

— Sem dúvida — disse Sidório. — Mas é viável?

— Ah, sim — respondeu Jessamy. — Estamos desenvolvendo alguns novos kits, que serão fornecidos a todos os tripulantes envolvidos na colheita de sangue. Camille?

Camille empurrou a cadeira para trás e levou a mão às costas. Levantando-se, pôs

sobre a mesa o que parecia uma maleta gorda. Todos os olhares se fixaram naquilo, enquanto Camille abria o fecho e revelava o conteúdo.

— Como podem ver, essa maleta leve e durável pode carregar seis garrafas de tamanho padrão que, como vocês sabem, é nossa típica produção *per capita*.

Lola levantou a mão para falar.

— Esta unidade portátil de última geração irá revolucionar nossa colheita. Não precisamos mais colher somente no *Errante*, como acontecia antes. Já tínhamos experimentado kits portáteis, mas sempre havia muito desperdício no transporte. Agora não! Foi um trabalho notável, senhoras.

Camille sorriu e levantou a bainha da blusa.

— O resto do equipamento de colheita será levado nesses novos cintos de ferramentas que estamos desenvolvendo simultaneamente. Mais uma vez, cada membro da equipe de caça será equipado com um.

— Bravo! — Lola sorriu e comandou uma salva de palmas.

— Isso tudo está indo muito bem — disse Sidório. — Agora encarregamos *todos* vocês de identificar novos líderes em potencial. À medida que a frota Vampirata se expandir, precisamos dos homens e mulheres certos no comando dos navios. — Seu olhar percorreu toda a mesa. — Obrigado a todos por suas ideias.

Sidório se virou para a esposa.

— Diga, querida: o que achou de Obsidiano Darke?

Lola ergueu os olhos e escolheu as palavras com cuidado.

— Frio. Desprovido de bons modos e de qualquer calor humano residual. Sem charme. Um tanto desligado. Potencialmente brutal. — Ela deu um sorriso doce. — Acho que é exatamente o tipo de líder que estamos procurando.

— Concordo — disse Sidório. — E agora que ouvi a ideia de Stukeley de tomar os navios dos piratas, eu mesmo tive uma ideia fenomenal. Vamos colocar um Vampirata diferente no comando de cada missão de ataque. Assim não somente faremos um progresso rápido na aquisição dos navios; também veremos quem tem *cojones* para assumir uma posição de comando em nossa organização.

Lola tossiu.

— Querido, desde quando ter *cojones* foi exigência fundamental para comandar esta organização?

— É só um modo de dizer, querida. Obsidiano Darke pode comandar o primeiro ataque. Isso vai mostrar do que ele é capaz.

— Não. *Você* deve comandar o primeiro ataque. Depois Stukeley e Johnny. É vital que os Vampiratas de posto inferior vejam a equipe de comando existente demonstrando autoridade neste ponto. *Depois* você pode atribuir responsabilidades a Obsidiano Darke, como quiser.

— Acho que a senhora está certa, capitã Lockwood — disse Stukeley. — Se desenvolvermos a frota tão rapidamente quanto pretendemos, corremos o risco de confundir a tripulação. É uma boa ideia reforçar a estrutura de comando antes.

— Então está resolvido — concluiu Sidório. — Eu comando o primeiro ataque, depois Stukeley, e em seguida Johnny. E depois Darke! Alguém está anotando a ata?

— Eu estou! — exclamou Nathalie na outra ponta da mesa, com a caneta voando sobre o bloco de papel amarelo à sua frente, como acontecia desde o início da reunião.

— Bom, então — disse Sidório —, é isso, acho. A não ser que alguém tenha mais alguma ideia.

— Capitães! — O braço de Jacqueline se levantou. — Quero perguntar sobre nossos planos para conter a ameaça dos piratas. Parece que eles estão ficando mais espertos e mais ambiciosos nos ataques contra nós. Lembrem-se do que aconteceu no casamento de vocês.

Lola trocou um rápido olhar com Stukeley e Johnny, o qual não foi visto pelos outros.

— Está certa em perguntar, Jacqui. Claro, devemos estar atentos, mas acho que o incidente no meu casamento foi algo isolado, que não vai se repetir. — De novo ela olhou por toda a extensão da mesa polida. — Com o plano de Stukeley de dizimarmos as frotas piratas e montarmos a nossa, eles terão muita coisa com que se preocupar além de nos atacar.

— Mas capitã — agora era a vez de Nathalie falar —, o próprio Connor não faz parte de um esquadrão de extermínio de Vampiratas? Esse é o boato que corre. Não deveríamos estar preocupados com nossa segurança?

— Essa inquietação é válida, mas por enquanto vocês não precisam se preocupar com Connor ou Grace.

— É só que sabemos que eles são dhampiros — insistiu Nathalie. — E os dhampiros têm poderes especiais para destruir vampiros.

— Só se quiserem — disse Lola, trocando um olhar com Sidório. — Não íamos falar disso esta noite, mas como você puxou o assunto e eu posso ver que alguns de vocês estão preocupados...

Sidório tomou a palavra.

— Um dhampiro, sendo meio mortal e meio vampiro, tem uma escolha a fazer quando chega à maturidade, o ponto em que Grace e Connor estão chegando agora. Podem ser defensores muito poderosos da causa dos Vampiratas ou, como você disse, podem se virar contra nós.

Havia alguns rostos ansiosos ao redor da mesa, mas Lola sorriu, tranquilizando-os.

— Não fiquem tão sombrios. Nós pensamos nisso e estamos agindo. Esta noite começamos disfarçadamente a alimentar os gêmeos com sangue. Isso vai continuar, sem que eles notem, pelas próximas noites. O sangue vai instigar o apetite deles, e essa fome vai trazê-los mais firmemente para o nosso lado, de uma vez por todas.

— O que Connor e Grace estão fazendo aqui? — perguntou Mimma. — Quero dizer, eles certamente não estão aqui só porque têm curiosidade em relação ao pai.

— Honestamente acho que isso é um dos motivos — disse Lola —, mas você está certa em suspeitar que haja outros fatores. Connor *está* ligado atualmente a um barco de supostos assassinos. Será que está nos espionando? É mais do que provável. Isso importa? Nem um pouco. Connor terá muito mais coisas na cabeça quando terminarmos com ele.

— E Grace? — perguntou Johnny.

Lola estava achando aquilo visivelmente divertido.

— Achei que *você* era o especialista em Grace. Porque *você* acha que ela está aqui?

Johnny deu de ombros.

— Ela tem a mente incrivelmente aberta. Acho que pode muito bem estar aqui para conhecer melhor vocês dois. — Ele fez uma pausa. — Mas também é verdade que ela tem fortes ligações com tripulantes do *Noturno*. Como Lorcan Furey, por exemplo.

De novo, Lola sorriu.

— É o seu serviço, querido, romper essas ligações, assim como Stukeley com Connor. — Lola garantiu que tinha a atenção de todos antes de continuar. — Connor e Grace têm poder para destruir todos nós. Precisamos eliminar a ameaça antes que ela surja, convencendo-os de que seu lugar é aqui, conosco. — Lola ergueu a cabeça imperiosamente. — Todo mundo entendeu?

— Sim, capitão. — Foi a resposta dada por todos à mesa.

— Esta reunião está encerrada — disse Lola. — Bom trabalho, pessoal. Agora de volta ao que interessa! Aproveitem a noite!

Os imediatos demoraram alguns instantes para retirarem seus papéis, gráficos e amostras e saírem da cabine.

Quando tinham ido embora, Lola serviu mais duas taças de sangue, estendendo uma para Sidório e pegando a outra.

— Tudo correu muito bem — disse o capitão, tomando um gole. — Temos uma equipe imbatível.

Lola engoliu um bocado de líquido.

— No geral — concordou ela. — Mas, querido, você precisa ficar de olho nesses seus dois imediatos.

Sidório franziu o cenho.

— Você jamais gostou dos meus rapazes, não é, Lolita?

Lola estremeceu.

— *Nunca* mais me chame assim. E não é uma questão de gostar, simplesmente não confio neles. Não estou pedindo que escolha entre eles e eu...

— Eu escolheria você. Sempre você. Acima de qualquer um. Até de meu filho e minha filha. — Sua voz estava rouca. Ela não tinha dúvida de que Sidório falava a verdade.

— Ninguém está pedindo para escolher — disse ela, tranquilizando-o. Em seguida sua voz ficou mais afiada. — Só os mantenha ocupados.

CAPÍTULO 19
Contato

Connor começou a correr pela borda do convés, encontrando um ritmo fácil. Seu corpo vinha clamando por exercício, e o sol da tarde estava agradavelmente forte em sua nuca. Ainda que seus passos fossem leves, eles ecoavam no piso de metal. Pensou nos Vampiratas dormindo abaixo e esperou que o som não os acordasse.

Ficou surpreso ao se sentir *tão* desperto. No fim dos trabalhos diários a bordo do *Tigre*, normalmente ele precisava tanto de descanso que era capaz de se deitar e dormir nas tábuas nuas do convés, se necessário. Mas ali, naquele navio, não parecia nem um pouco cansado. Ao contrário, nesse momento podia sentir o corpo pulsando com energia. Percebeu, então, que devia estar com dificuldade para ajustar seu relógio biológico, e imaginou se Grace estaria passando por algo semelhante a bordo do *Errante*. Mas pensando bem, ela havia estado num navio Vampirata por tanto tempo que Connor imaginava que a troca do dia pela noite — e da noite pelo dia — seria muito mais fácil para ela.

Enquanto corria pelo perímetro do convés, o olhar de Connor captou a vastidão do *Capitão de Sangue* e o vazio ao seu redor. O tamanho da embarcação parecia o símbolo perfeito de sua missão. Sentia-se pequeno diante dela. Como é que, trabalhando sozinho, poderia causar alguma mudança ali? O fundamental era manter Sidório, Stukeley e os outros firmemente ao seu lado e ganhar a confiança deles.

Essa parte da sua missão parecia estar indo bem até agora, mas ocorreu-lhe que os Vampiratas também podiam estar se esforçando muito para ganhar a *sua* confiança. Sabia que havia uma boa chance de que *eles* o estivessem espionando. Tudo bem. O principal em sua mente era o fato de que ainda não fazia ideia de como manter Cheng Li informada de seu progresso. Ela havia prometido um contato, mas deixou-o no escuro com relação a quem poderia ser e quando ele — ou ela — poderia chegar.

Depois de três voltas pelo convés, parou para recuperar o fôlego e enxugar as gotas de suor da testa. O sol já havia baixado no horizonte atrás dele, fazendo a sombra do navio se estender pela superfície do oceano. Ele havia esperado que a corrida cansasse seu corpo inquieto, mas, no mínimo, sentia-se com mais energia. Talvez fosse a adrenalina induzida pela importância de sua missão e pela necessidade de estar ligado 24 horas por dia, sete dias por semana. Virou-se e espiou por cima da borda do navio, e era como olhar para um penhasco negro e vertical. Surpreendeu-o não sentir qualquer vertigem. No mínimo, a água turquesa e brilhante parecia chamá-lo. Um mergulho refrescante seria um modo excelente de queimar a energia em excesso.

Desamarrou os cadarços e tirou a camiseta encharcada de suor, deixando-a ao lado do tênis junto à amurada. Subiu no corrimão, com os pés descendo a escada de metal que ia até o oceano. Era uma descida longa, mas, ainda que pudesse ter hesitado antes, Connor sentiu o corpo descendo pelos degraus com calma e confiança.

Quando estava na metade da descida, não pôde resistir a olhar de novo para a água fresca e brilhante. De novo antecipou uma onda de vertigem, mas, outra vez, isso não aconteceu. Em vez disso, quando olhou a água abaixo, sentiu apenas adrenalina. Estou mudando mesmo, pensou, enquanto se soltava da escada e mergulhava de pé na água fria, sentindo uma onda de empolgação.

Entrou na água sem agitá-la e, enquanto seu corpo interrompia o movimento de descida, ele percebeu que tinha ido bastante fundo. Ali embaixo era silencioso e pacífico, um mundo totalmente diferente do que existia acima da superfície. Por um momento sentiu-se abrigado de todas as preocupações. Demorou um tempo, com os pulmões sentindo-se cheios e fortes, e começou uma subida calma e lenta.

Ao romper a superfície, voltando para o ar, viu-se na sombra do vasto navio — mas ela já era menos definida, à medida que a luz do dia começava a se esvair. Começou a nadar ao longo da borda do casco que rangia e, enquanto nadava, teve a sensação de algo passando ao seu lado, na água. Hesitou, boiando na vertical por um minuto ou dois, procurando algum sinal de barbatana. Não havia. Connor percebeu que estava chegando

perto demais do metal cheio de cracas e bateu as pernas, querendo estabelecer alguma distância entre ele e o navio.

Virou-se para olhar o *Capitão de Sangue*, boiando de novo. O navio parecia mais gigantesco ainda naquela perspectiva, dominando sua visão como uma baleia assassina. Seus pensamentos retornaram à missão. Estaria mesmo à altura daquilo?

De repente a ansiedade sufocante foi banida por uma preocupação mais premente. Algo — ou alguém — havia agarrado seus tornozelos e estava puxando-o para baixo d'água. Só teve tempo de murmurar "Que diabos..." antes que sua cabeça fosse puxada sob a superfície.

Chutou instintivamente, tentando afastar a coisa que havia se agarrado a ele. O aperto nos tornozelos parecia humano e, se fosse o caso, um chute seria uma defesa bastante boa.

Sua visão sob a água era limitada. Enquanto era arrastado mais para baixo, seus movimentos e os do agressor criavam uma tela de bolhas de ar. Através delas era possível vislumbrar uma barbatana de cauda. Isso não fazia sentido. Ele sabia que as mãos que haviam se movido dos tornozelos até a sua cintura eram humanas. Confuso, conseguiu se soltar do aperto feroz e não esperou para olhar de novo a barbatana, nadando com toda a força para a superfície. Seu instinto era o de respirar, mas, estranhamente, não parecia estar sem fôlego. Quem ou o que quer que o tivesse atacado não podia estar longe; ele teria que ser rápido para evitar um segundo ataque. Começou a nadar com toda a força na direção do navio e da segurança.

Algo passou por ele de novo e uma cauda reluzente fez um arco, atravessando a superfície da água e desaparecendo outra vez, imergindo. Logo à frente uma cabeça surgiu no ar. Connor ficou paralisado: era o rosto de uma garota. Ele ficou imediatamente pasmo com sua beleza de elfo. Os olhos eram intensos e pareciam reluzir em todas as cores do arco-íris; os cabelos eram bem curtos, de um azul brilhante.

A garota deu um sorriso caloroso para ele.

— Connor! — exclamou ela. — Há quanto tempo não nos vemos!

— Quem é você? — perguntou ele, encolhendo-se quando um gole de água salgada escorreu por sua garganta.

Ela gargalhou.

— Eu só estava me divertindo, tentando atrair sua atenção.

Connor afastou os cabelos dos olhos e deu uma boa olhada naquela garota estranha.

— Eu fiz uma pergunta — disse, na defensiva. — Quem é você?

Ficaram se encarando curiosamente durante um tempo, até que a garota rompeu o silêncio desconfortável.

— Você não se lembra *mesmo* de mim, não é?

Ele balançou a cabeça.

— Humm — disse ela, um tanto frustrada. — Então vou ter que explicar um bocado de coisas. — Enquanto ela falava, uma cauda reluzente subiu da água.

Connor percebeu, assustado, que a cauda pertencia à garota. Olhou-a cheio de espanto.

— Você é... algum tipo de sereia?

— Sou uma rabo de peixe — respondeu ela. — Meu nome é Kally. Não vou fingir que não estou decepcionada por não se lembrar de mim. — Ela sacudiu a água do cabelo espetado. — Mas uma coisa de cada vez! A capitã Li me enviou aqui. Também sou agente da Federação dos Piratas e vou trabalhar com você nessa missão, levando mensagens entre vocês dois. — Kally piscou para ele. — Garantia de entrega no mesmo dia.

Connor examinou Kally, fascinado. Cheng Li havia prometido que encontraria um modo seguro de manter a comunicação entre eles, mas nem em seus sonhos mais loucos lhe ocorrera que seria por meio de uma sereia — ele se corrigiu — por meio de uma *rabo de peixe*.

Notou que o que restava da luz do dia tinha quase ido embora.

— Não temos muito tempo — disse.

Enquanto Connor subia a escada que levava de volta ao convés do *Capitão de Sangue*, sua cabeça estava girando com tudo que Kally havia dito. Eles não haviam tido muito tempo e Connor suspeitou de que a rabo de peixe havia se aproveitado disso para afastá-lo de um interrogatório. Não fazia mal, outros encontros aconteceriam. De fato, Kally explicou que era encarregada de contatar Connor diariamente, e por enquanto o havia deixado com uma quantidade razoável de informações para pensar.

Segundo Kally, ela conhecera Connor, Bart e Jez (que na época era chamado assim) em um pé-sujo, num fim de semana em que estavam de folga do *Diablo*. Kally afirmou que havia derrotado cada um dos Três Bucaneiros numa disputa de queda de braço e que, depois disso, houve "algum tipo de desentendimento com um idiota metido a besta chamado Aluar". Diante disso as orelhas de Connor arderam. Ainda que não se lembrasse dos detalhes, não era difícil imaginar um desentendimento com Aluar Wrathe, o filho adolescente de Barbarro e Trofie. De repente a animosidade mostrada por ele com

relação a Connor quando se encontraram pela primeira vez a bordo do *Tífon* fazia sentido — talvez aquela não fora de fato a *primeira* vez em que se encontravam.

Pelo que Kally contou, Connor, Bart e Jez acabaram passando o fim de semana no *Lorelei*, o navio que pertencia a Kally e seu pai, Flynn, tripulado por rabos de peixe. Depois ela ficou em silêncio e disse que houvera um desentendimento. Era como se a luz tivesse sumido de dentro de seus olhos incomuns. Ela não queria falar sobre isso. Os rapazes e os rabos de peixe evidentemente haviam se separado num clima que não era dos melhores, e pouco depois o próprio Sidório tinha atacado e tomado o *Lorelei*.

Enquanto subia, Connor viu as luzes se acendendo no enorme convés acima. Estava retornando bem na hora. A história de Kally era demais para ser absorvida de uma vez. Será que Bart ou Stukeley se lembravam de alguma coisa da *Calle del Marinero* e dos rabos de peixe? Não tinha dúvida de que o ódio de Kally por Sidório era genuíno; ela havia lutado para conter as lágrimas enquanto se lembrava da brutalidade com que o Vampirata havia matado seu pai. Parecia não haver fim para a trilha de destruição e tristeza que Sidório abria em terra e nos oceanos. Mas, graças à Federação dos Piratas, essa era estava terminando — finalmente o cerco iria se fechar em volta do autoproclamado rei dos Vampiratas. Connor não se sentia mais tão isolado. Seu encontro com Kally tinha renovado a determinação de completar a tarefa.

Saltou da amurada para o convés, cheio de empolgação. Quando seus pés tocaram o piso, a ponta de uma espada se encostou em seu peito. E na outra extremidade da arma estava Sidório.

CAPÍTULO 20
Duelo

Connor olhou por toda a extensão da espada de Sidório. Havia algo familiar nela, mas ele não podia se dar o luxo de se distrair. Lembrou-se de seus primeiros treinos de luta armada com Bart e Cate. *Sempre olhe no rosto do oponente — e não para a ponta da arma.* Por mais que fosse tentador se concentrar na lâmina, era preciso se manter fixado nos olhos do adversário: a janela de suas intenções sinistras. Determinado, Connor encarou Sidório.

A primeira coisa que precisava avaliar era o tamanho do perigo em que se encontrava. Será que Sidório havia testemunhado seu encontro com Kally? Este havia acontecido enquanto havia luz, ainda que fosse a luz fraca do crepúsculo, de modo que ele não devia ter visto nada, certo?

— Nós vamos lutar? — perguntou Connor, com um tom de voz que era uma mistura de inocência e presunção. Isso pareceu tocar no ponto exato, porque Sidório sorriu.

— Você é rápido em reagir, hein? Sim, meu filho, vamos lutar. Estou ansioso para ver se você merece toda a fama que tem. É você contra mim. *Mano a mano.*

O rosto de Connor permaneceu como uma máscara, mas por dentro ele sentiu alívio. Aquilo era um teste. Não um castigo; não uma ameaça de morte. Connor Tormenta já fora testado antes e nunca se mostrara indigno do desafio.

— Posso ter uma espada? — perguntou.

Sidório sorriu. Baixando sua arma, virou-se e gritou:

— Chapelão, traga a espada do meu garoto.

Agora Connor se permitiu olhar a espada de Sidório e, num clarão, pôde identificá-la. Era a Lâmina de Toledo — a icônica arma usada pelo falecido comodoro Kuo. Connor reconheceu o característico cabo forrado de pele de arraia brilhando sob os dedos grossos de Sidório. Sem dúvida Lola havia tomado a espada depois de matar Kuo. Essa rápida sucessão de pensamentos explodiu como fogos de artifício em sua cabeça, mas ele permaneceu distanciado. Seus sentimentos com relação a Kuo, e também a Lola, não tinham importância: neste momento, tudo o que precisava saber era que Sidório estava usando a Lâmina de Toledo. Era uma espada que Connor conhecia; que ele próprio havia usado em duelo. Conhecia seus pontos fortes e fracos e isso lhe dava sua primeira vantagem.

Agora Johnny estava ao lado deles e lhe estendeu a própria espada de Connor. Enquanto a aceitava, ele viu que de repente o convés estava tomado pela tripulação de Vampiratas, rodeando-os num círculo faminto, todos os olhares fixos nele. Esta devia ser a situação mais perigosa em que já estivera. No entanto, por algum motivo, não sentia medo; só adrenalina.

— O primeiro a tirar sangue ganha o primeiro round! — declarou Johnny.

*

— Ah, aí está ela! — anunciou Lola, levantando-se do canhão onde estava sentada de lado, enquanto Mimma trazia Grace para o convés do *Errante*.

O centro do convés estava iluminado por lâmpadas minúsculas. Uma grande toalha xadrez, de piquenique, fora estendida, com montes de almofadas de seda ao redor, muitas delas ocupadas por membros da tripulação de Lola. Elas se viraram e olharam para Grace, depois acenaram educadamente, graciosas como um bando de cisnes. Grace sorriu e acenou de volta.

No centro do tapete havia uma quantidade de louças e bules de prata e um elegante suporte com cinco andares, coberto por bolinhos pequeninos com cobertura rosada.

— Vamos ter um pequeno chá — disse Lola, chamando Grace para o círculo. — Em sua homenagem.

— Obrigada. — Grace sentou-se numa almofada entre Nathalie e Jacqueline.

— Gostaria de um pouco de chá? — perguntou Jacqueline, levantando uma xícara e um pires e estendendo a mão para um dos bules.

Vendo Grace hesitar, Jacqueline deu um sorriso agradável.

— Nós fizemos um pouco de chá preto só para você — disse ela.

Grace sorriu aliviada.

— Nesse caso sim, por favor.

Jacqueline encheu a xícara de Grace, depois perguntou:

— Leite ou limão?

— Nenhum dos dois. Prefiro saboreá-lo puro.

— Vejam bem — disse Lady Lola, sentando-se no meio do grupo. — Grace demonstra todas as indicações de ser uma *connoisseur*, como sua velha madrasta.

Enquanto Grace pegava a xícara, uma onda de risos percorreu as outras. Era um grupo curioso, pensou ela, aproveitando a oportunidade para examinar os rostos. Quando seu olhar pousou nas duas jovens que ainda não conhecia — cada uma delas com o olho direito igualmente cercado por uma tatuagem preta em forma de coração —, ela ouviu Lola sobressaltar-se.

— Nossa! Que grosseria imperdoável da minha parte! Grace, esqueci de lhe apresentar Leonie e Holly.

As duas jovens sorriram e acenaram educadamente para Grace.

— Quer um bolinho? — perguntou Holly, passando um prato elegante para ela.

— Na verdade não estou com muita...

— Eles são deliciosos — disse Leonie. — Confie em mim, querida, você nunca provou nada melhor.

— Nós fizemos especialmente para você — acrescentou Holly. — Queremos que se sinta bem-vinda.

Grace olhou a torre de bolinhos. Pareciam bem apetitosos. Quase inconscientemente levou a mão até um deles e colocou-o em seu prato.

Houve um silêncio cheio de expectativa e Grace percebeu que as outras aguardavam que ela desse uma mordida. Pegou o minúsculo bolo com uma das mãos e removeu o invólucro de papel, depois enfiou-o na boca e sentiu os sabores mais exóticos explodindo em sua língua.

— São bons, não é? — perguntou Leonie, sorrindo.

Grace concordou. Notou que agora Lola estava de pé, com um binóculo junto ao rosto. Estava olhando para o convés do *Capitão de Sangue*. Grace ficou de pé para juntar-se

a ela.

— O que está olhando? — perguntou.

Lola baixou o binóculo e entregou-o a Grace.

— Dê uma olhada. Parece que os rapazes estão praticando um pouco de esporte esta noite.

Grace olhou, pelo binóculo, para o convés muito iluminado do navio-prisão. Estava apinhado de tripulantes, mas o binóculo era potente o suficiente para que ela pudesse ver duas espadas se chocando, através de uma abertura na multidão. Viu Sidório girando sua espada contra o oponente. Connor. Grace respirou fundo, mas depois escutou a voz do irmão, nítida como um sino, dentro da cabeça.

"*Não se preocupe, Gracie. Sei o que estou fazendo.*" Ele parecia muito calmo e tranquilo.

Quando a voz de Connor sumiu, Grace viu-o girar a espada contra Sidório e acertar um golpe certeiro no bíceps do Vampirata. Um talho vermelho apareceu na carne lustrosa de Sidório. Grace ficou pasma. *O que aconteceu para fazer com que estejam trocando golpes tão rápido?*

— O primeiro sangue vai para Connor! — gritou Johnny.

Uma parede de sons irrompeu da tripulação Vampirata. Inicialmente Connor havia presumido que todos estariam torcendo pelo capitão, mas agora percebeu que não era assim. Pelos aplausos e cânticos cheios de palavrões, estava claro que gostavam de uma boa luta. Connor sentiu-se como se ele e Sidório estivessem num duelo de gladiadores. Seria bom ter alguma armadura, pensou, subitamente consciente do peito, dos membros e dos pés nus, contrastando com o couro e a cota de malha de Sidório. Baniu o pensamento negativo. Não precisara de armadura para vencer o primeiro round. Para começo de conversa, era mais leve do que Sidório, e sem roupas pesadas nem botas para diminuir sua velocidade, tinha sua segunda vantagem.

— Mudança de arma! — gritou Johnny, carregando uma caixa metálica pelo convés. Aproximou-se primeiro de Connor e ofereceu-lhe a caixa aberta.

Olhando o conteúdo, Connor fez uma careta.

— O que é *isso*? — perguntou, levantando uma arma composta por um cabo de madeira preso a uma corrente de ferro com uma bola cheia de espetos na ponta.

Foi Sidório que respondeu à pergunta, enquanto enfiava a mão na caixa e segurava uma arma equivalente.

— O mangual — anunciou. — Às vezes chamado de maça-estrela giratória. Uma das

minhas armas prediletas.

A multidão de Vampiratas estava batendo os pés e cantando mais alto, ansiosa pelo segundo estágio do duelo.

— Eles não saem muito — disse Johnny, com uma piscadela.

Connor avaliou o mangual de aparência maligna.

— Nunca vi um negócio desses, muito menos usei — falou, e instantaneamente lamentou as palavras.

Sidório estava sorrindo.

— Então isso deve ficar interessante — disse.

— Posso pegar o binóculo de volta? — perguntou Lola a Grace.

Ela ainda estava hipnotizada com a atividade no convés do *Capitão de Sangue*. *Que diabos são aquelas armas que Connor e Sidório estavam brandindo um contra o outro agora?*

De repente Grace sentiu que o binóculo era arrancado de seus dedos e a visão se perdeu.

— Modos, Grace! — disse Lola em voz baixa, mas severa. — As garotas se esforçaram muito para fazer essa festa para você. Não acha que deveria agradecer dando sua total atenção?

— Parece que meu irmão está travando algum tipo de duelo com Sidório — respondeu Grace, ofegando. — Parece perigoso.

Lola revirou os olhos.

— São só garotos fazendo coisas de garotos — disse ela, girando Grace, levando-a de volta para a toalha de piquenique e empurrando-a com firmeza para a almofada. — Dê outro bolo a Grace, por gentileza, Holly.

Obediente, Holly ergueu o suporte de bolos.

Grace pegou outro e olhou carrancuda para Lola enquanto mordia. No mínimo, cada bolinho parecia mais delicioso do que o anterior; eram absolutamente viciantes. Enquanto se maravilhava com o sabor complexo, seus pensamentos sobre o que estava acontecendo a bordo do *Capitão de Sangue* foram recuando. Em vez disso pegou-se fitando o rosto de Lola, particularmente o desenho do coração negro sobre o olho esquerdo. Então a tatuagem começou a se esvair e, mais uma vez, Grace viu o hematoma por baixo dela, como havia acontecido na primeira vez em que se encontraram. Agora, como naquela ocasião, o ferimento em forma de lua crescente servia como uma passagem para uma visão mais profunda. Grace ouviu cascos de cavalos batendo na terra e o guincho das

rodas da carruagem.

Lola estava franzindo a testa para ela e Grace se lembrou de como a Vampirata ficara furiosa quando ela a lera antes. Teve uma lembrança súbita do tapa maligno de Lola, mas não se importou; a visão era nítida e desta vez ela estava indo mais fundo. Agora seu olhar foi das rodas para a porta da carruagem, onde havia uma janela e um rosto pálido, amedrontado, junto ao vidro.

Grace escutou uma voz familiar.

— Pare! Pare, eu disse! O dinheiro ou a vida!

Então a mesma voz — inquestionavelmente a de Lola — berrou alto dentro de sua cabeça.

— Não!

Saltando para fora da visão, Grace levantou os olhos e encontrou Lola sorrindo para ela, serena. Lola bateu palmas.

— Pessoal! Grace tem uma apresentação maravilhosa para a festa, não é, querida?

— Tenho? — perguntou ela, estendendo casualmente a mão para outro bolinho.

— Você sabe que tem — disse Lola em tom de brincadeira. — Agora precisamos de uma voluntária. Levantem as mãos, senhoras. — Seu olhar percorreu o grupo. — Ah, sim, Mimma. Perfeito! — Lola pôs as mãos na cintura. — Vamos, Grace. Comece a trabalhar!

Connor havia encontrado poucas visões mais ameaçadoras do que Sidório brandindo o mangual de aparência aterrorizante. O Vampirata estava girando o cabo de madeira cada vez mais rápido, lançando a bola cheia de pontas numa órbita mortal. Mais uma vez, Connor se obrigou a focalizar os olhos de Sidório, ainda que fosse difícil afastar os seus daquele míssil espinhoso que girava cada vez mais perto da sua cabeça. Mais uma vez, teve consciência de sua falta de armadura.

Afastando esse pensamento, girou seu próprio mangual. Por mais que a arma parecesse maligna — por mais que *fosse* maligna — a técnica para movimentá-la era bastante simples. Agora se tratava de ver qual combatente era mais esperto em invadir o espaço do oponente e qual tinha pés mais leves para escapar do golpe inimigo.

Um jogo de gato e rato foi se desenrolando no centro do convés. A multidão obedientemente se afastava para dar mais espaço aos combatentes e para sair do caminho das armas mortais. Connor pegou-se girando em volta de Sidório, cada um dos dois mantendo a maça agitada a uma velocidade tão grande que os espetos pareciam invisíveis. Sentindo-se mais ousado, Connor soltou um rugido e fez o primeiro ataque,

direcionando o mangual para os ombros de Sidório. Mas algo dera errado. Onde estava a bola? Tinha se prendido. Connor estivera olhando Sidório com tanta atenção que não notou como havia sido afastado, empurrado para junto do cordame das velas — onde agora a bola de seu mangual estava presa num emaranhado de cabos.

Sidório não desperdiçou a vantagem. Enquanto Connor tentava soltar a maça, a bola presa à arma de Sidório veio girando pelo ar e raspou a parte externa da coxa de Connor. Ele sentiu um clarão de dor e olhou para baixo, encontrando um rio de sangue escorrendo pela perna até seus pés descalços.

Atrás, alguns Vampiratas avançaram um pouco. Connor pôde ver os sinais reveladores da fome nos olhos deles, fixos na poça vermelha que se formava no convés.

— O segundo sangue vai para Sidório! — anunciou Johnny à multidão frenética.

Connor ficou surpreso ao notar como a dor diminuía rapidamente. E logo o ferimento também estava estancado, com o auxílio de um pano fornecido por Johnny. Em instantes o resto de sangue começou a secar; sua perna parecia ter sido rasgada por uma garra de tigre, mas era apenas um ferimento raso. Dadas as circunstâncias, Sidório fora gentil com ele.

Johnny retornou com a caixa de metal. Agradecido, Connor largou seu mangual dentro dela e viu Sidório fazer o mesmo. Sem dúvida isso marcava o fim da batalha, não?

— Mudança de armas para o terceiro round! — anunciou Johnny, baixando a primeira caixa e levantando outra menor.

O que viria em seguida? Johnny estendeu a caixa metálica e, quando Connor olhou para dentro dela, sentiu um pavor gelado descer por dentro e se acomodar em suas entranhas.

Yawaras. Pareciam bastante inocentes — como dois minúsculos halteres de madeira. Eram utilizados em várias artes marciais japonesas, em pares, para lançamentos, quebrar ossos e apertar pontos de pressão, entre outras delícias. Enquanto pegava o seu par, Connor fez uma careta. Os *yawaras* pareciam muito menos malignos do que o mangual, mas sinalizavam que o terceiro round seria travado corpo a corpo. Olhando a compleição enorme de Sidório, mesmo contra seus instintos, Connor percebeu que não tinha qualquer chance de vitória nesse round.

Grace examinou o rosto de Mimma. Demorou um instante para sintonizar o foco, depois sentiu uma calma familiar dominando-a.

— Você está vestida com renda preta — disse. — É um dia quentíssimo, mas você usa

uma roupa elaborada, com um véu cobrindo o rosto.

Mimma se inclinou para a frente, empolgada.

— É, é — instigou ela —, continue! — Grace percebeu que todas as tripulantes de Lola, inclusive a capitã, agarravam-se a cada palavra. Não podia negar que gostava da atenção e da sensação de poder que isso lhe dava.

— Em suas mãos há um arranjo de flores. Como um buquê de casamento. Mas também há outra coisa. — Ela fez uma pausa, permitindo que a visão se aguçasse. Percebeu todos os olhares fixos nela, maravilhados, e nenhum parecia mais vivo ou fascinado do que o de Mimma. — Sim — continuou Grace. — Por baixo das flores você está segurando um revólver.

— Incrível! — exclamou Mimma. — Você contou a ela, capitã?

Lola negou com um gesto e levantou as palmas das mãos.

— Nenhuma palavra. É o dom de Grace. Não é incrível? — Ela juntou as mãos batendo palmas e as outras a acompanharam com aplausos educados, mas entusiasmados.

Quando os aplausos morreram, Jacqueline levantou a mão.

— Agora eu! Leia-me em seguida!

— Só mais um bolinho — disse Grace, servindo-se. Tentou saborear esse por um pouco mais de tempo, mas ele desceu rápido demais. Era como se fossem feitos de pó das fadas.

Grace se virou e focalizou os olhos de Jacqueline. Depois de um momento, sorriu.

— Conheço essa cidade — disse. — É Paris. Você está vestida em trapos e descalça. Está com muita fome. E com raiva, tanta raiva...

— Continue! — disse Jacqueline, os olhos grandes como um par de pires. — Continue!

O terceiro round do duelo já havia durado o dobro dos dois primeiros. Inicialmente, Connor estivera nervoso e cansado, consciente do ferimento na coxa e de suas poucas chances enquanto se preparava para enfrentar Sidório. Mas de algum lugar dentro dele vieram novas reservas de calma, energia e força. Ele estava com tudo. Sabia que extraía a máxima vantagem de sua destreza. Seu oponente havia golpeado várias vezes com os punhos fechados em volta dos devastadores *yawaras*, mas Connor escapara de seu alcance. Ele podia ver a frustração no rosto do capitão e sabia que, depois do triunfo na segunda rodada, o Vampirata estava ansioso para selar a vitória.

Connor só conhecia o *yawara* pela reputação e tinha algum conhecimento básico de

anatomia devido ao treinamento de combate. Mas agora, enquanto se aproximava de Sidório, sentia uma voz interior guiando-o na direção de pontos de pressão dos quais nunca tivera consciência. As dúvidas que havia sentido com relação à capacidade de lutar contra Sidório se extinguiram. Parou de ver o oponente como uma coisa enorme, forte como o navio que ele comandava e, em vez disso, enxergava uma massa de alvos em potencial e se preparava para dar o golpe da vitória. O que aconteceu quase em câmera lenta. Estendeu a mão e acertou dois socos precisos, os punhos apertando os *yawaras* com força. Logo depois viu os olhos de Sidório se revirando e seu corpo despencando no convés.

A multidão sobressaltou-se quando Connor parou junto ao capitão caído, mas em seguida houve aplausos e gritos. Johnny parou perto de Sidório, contando em voz alta, e estendeu a mão para a de Connor. Levantando-a, gritou:

— O vencedor!

Enquanto uma parede de som se erguia ao seu redor, Connor olhou para Sidório. Os olhos do Vampirata se abriram de novo e ele estava encarando-o. Connor podia sentir a intensidade do olhar, mas achou difícil entender a expressão; então os lábios de Sidório se curvaram num sorriso suave.

— Estou tão orgulhoso de você, meu filho — disse ele.

Lola entrou na cabine de Sidório e caminhou até perto da cama. Ele estava deitado, a cabeça apoiada em enormes travesseiros dourados, mas com os olhos abertos e brilhantes.

— Parece que você passou por muitas guerras, querido — disse Lola, passando a mão fria sobre a têmpora dele.

Sidório virou-se até encará-la.

— Connor foi magnífico — respondeu ele, rouco. — Tão excepcional quanto previmos. Não, risque isso. Mais ainda! Em todos esses anos nunca vi nada igual.

— Isso é bom — disse Lola, chutando os sapatos altos e deitando-se ao lado dele.

— Bom? — Sidório sentou-se. — É melhor do que *bom*, querida. Sabe como é a sensação de me reunir ao meu único filho? Descobrir que ele é tão talentoso quanto eu? Provavelmente mais ainda?

— Entendo. Mas não esqueça, Sid: você tem *dois* filhos, e Grace é tão extraordinária quanto o irmão.

Sidório sorriu.

— Connor é tão forte! Parece uma máquina de lutar...

— É, é. Porém a força física é muito parecida com a beleza física: impressiona facilmente, mas está apenas na superfície. Os talentos de Grace são um pouco mais profundos, mas suspeito de que, com o tempo, veremos que ela pode colaborar ainda mais com nossa causa.

Sidório deu de ombros.

— Bom, como você disse, os dois são meus filhos. Eu saio ganhando, de qualquer forma.

Lola gargalhou.

— É, querido, essa é uma época feliz para os Lockwood Sidório. — Ela cruzou os dedos com os dele. — Nosso pequeno império está se formando muito bem, não acha?

— Ah, acho. — Sidório riu, trazendo a mão dela aos lábios e beijando-a.

— E não se esqueça: eles são meus filhos também. Não por nascimento, talvez, mas alimentá-los pode ser tão importante quanto gerá-los, e acho que tenho um papel vital na preparação dos gêmeos para o futuro.

— Claro — concordou Sidório. — Claro que tem.

CAPÍTULO 21
Encontro ao amanhecer

— Tem certeza de que esse é o lugar? — perguntou Jacoby, caminhando pelo píer deserto.

— Claro que tenho — respondeu Jasmine batendo no mapa. — Está esquecendo quem acabou com você em navegação por sete anos seguidos?

— Tudo bem, eu só estava perguntando! — disse Jacoby levantando as palmas das mãos num gesto de defesa e andando até o fim do píer.

Jasmine seguiu atrás dele, olhando o relógio.

— Chegamos um pouco cedo, só isso.

Jacoby olhou para a água imóvel que refletia os penhascos roxos e a luz tingida de rosa do amanhecer. Virou o rosto de volta para Jasmine, sorrindo.

— É um lugar bem romântico, não acha? Quanto tempo temos, exatamente...? — Ele estendeu o braço para Jasmine, mas ela o afastou gentilmente.

— Agora não. O que a capitã Li contou a você sobre Kally?

Jacoby deu de ombros.

— Ela é uma rabo de peixe. Em essência, uma espécie de sereia. Fazia parte de um bando, ou um cardume, sei lá como é o coletivo de rabos de peixe! Mas o barco deles foi tomado por Sidório e ele matou vários tripulantes, inclusive o pai dela.

Jasmine estremeceu.

— Que horrível!

— O pai, para sua informação, não era um rabo de peixe. Era só um cara comum que se apaixonou por uma sere... é, uma rabo de peixe. De qualquer modo, Sidório tomou o navio deles, o *Lorelei*, e foi uma experiência ruim para Kally, como era de se esperar. Ela e os colegas tramaram uma fuga. Ela conseguiu ir embora, mas os outros não tiveram tanta sorte. Até onde Kally sabe, ela é a última rabo de peixe que existe.

— Por isso ela se ofereceu à Academia dos Piratas como uma vantagem especial na luta contra os Vampiratas.

— E-xato. E Cheng Li achou que ela seria o contato ideal para a comunicação entre Connor, enquanto ele estiver no quartel-general dos Vampiratas, e nós.

Jasmine ergueu uma sobrancelha, mas não estava mais pensando na história de Kally.

— Jacoby — perguntou —, você engoliu a história da capitã Li sobre o Connor?

Jacoby levantou uma sobrancelha.

— Quer dizer, que os dois convenceram Sidório de que Connor é filho e herdeiro dele?

— Exatamente!

— Parece meio absurdo — concordou Jacoby. — Pelo menos até a gente parar e pensar que estamos esperando para ter um encontro com uma sereia.

— Uma *rabo de peixe* — corrigiu Jasmine. — *É* absurdo mesmo — insistiu ela. — Em muitos sentidos. Para começar, quando eles tiveram a oportunidade de apresentar toda essa história maluca a Sidório?

— Essa é a parte fácil do quebra-cabeça — disse Jacoby com os olhos brilhantes. — Lembra que, depois do nosso ataque no casamento de Sidório e Lola, Cheng Li e Connor ficaram para trás com o Sid Maligno? Ele estava segurando a cabeça decepada da esposa, essa seria uma foto digna do álbum de casamento. Nós tínhamos escapado com o resto da Equipe Tigre e estávamos esperando Connor e a capitã na lancha. Vimos Sid atacar Connor, mas de algum modo ele e Cheng Li o repeliram e conseguiram escapar. A capitã não entrou em detalhes, mas evidentemente foi aí que contou a Sid que Connor era filho dele. Aparentemente ela teve a ideia no ato. Isso você precisa admitir: foi um improviso genial.

Jasmine decidiu guardar seu julgamento por enquanto. Havia muitas perguntas sem resposta.

— Como Sidório pôde ser tão crédulo?

— Duas possibilidades. Primeiro, os Vampiratas são simplesmente idiotas. Essa é a teoria da capitã Li e, devo dizer, sou inclinado a concordar com ela. Lembra-se de quando

tivemos aqueles três Vampiratas presos em jaulas a bordo do *Tigre*? Eles não transbordavam inteligência, não é?

Jasmine lembrou.

— Para ser sincera, um deles conseguiu escapar.

Jacoby não se abalou.

— É, mas isso foi um erro básico da *nossa* parte. Estou com Cheng Li nesse ponto: os Vampiratas podem parecer homens e mulheres adultos e podem ser fisicamente fortes, mas têm capacidade mental e emocional reduzida.

Ela pensou nas palavras dele. Ficaram em silêncio por um instante, ambos olhando para a água, atentos a sinais de ondulações que pudessem indicar a chegada de Kally.

Jasmine pôs a mão no ombro de Jacoby.

— Você disse que havia *dois* motivos possíveis para Sidório acreditar na história de que Connor é filho dele. O primeiro é porque ele é simplesmente idiota. E o segundo?

Jacoby levantou os olhos.

— Não é óbvio, Mine? Que Cheng Li estivesse dizendo *a verdade* a Sidório. Que Connor não é filho de um faroleiro; é filho e herdeiro da dinastia maligna dos Vampiratas. Grace também, claro. Não devemos nos esquecer dela no meio disso tudo.

— Você acha mesmo que Connor e Grace podem ser filhos de Sidório? — Jasmine demonstrou preocupação. Não podia ser verdade. — *Se* isso fosse verdade, e é um *se* enorme, o que Connor e Grace seriam? Está sugerindo que eles são vampiros também?

— Pense bem, Mine. Você se lembra de quando a capitã Li colocou a gente naqueles projetos de pesquisa? E eu descobri uma lista dos três principais modos de destruir um Vampirata...

Jasmine demonstrou certa impaciência.

— Fogo, luz do sol, estaca no coração.

Jacoby riu.

— É meio sexy saber que você ainda está atenta a cada palavra minha. Bom, havia um quarto modo, que não me incomodei em incluir. — O olhar de Jasmine estava fixo nele enquanto Jacoby explicava. — O quarto modo de destruir um Vampirata seria usando um dhampiro.

— Um o quê?

— Um *dhampiro* — repetiu Jacoby. — Um filho de mãe mortal e pai vampiro. Segundo minha pesquisa, os dhampiros têm poderes excepcionais.

Os olhos de Jasmine estavam arregalados.

— Se você sabia disso o tempo todo, por que, pelos oceanos, não nos contou?

Jacoby pareceu sem graça por um momento. Em seguida estendeu a mão para Jasmine, mas ela fechou os punhos enquanto ele continuava a falar.

— Achei que isso não importava. Não iríamos esbarrar num dhampiro, não é? Nem podia imaginar que talvez já existisse um na tripulação!

Jasmine deu as costas para ele e riu.

— Você acha mesmo que o Connor pode ser filho de um vampiro? De Sidório? Acha mesmo?

Quando se virou de volta, encontrou Jacoby balançando a cabeça.

— De jeito nenhum — disse ele. — Connor é um cara comum, como eu e Bart. Passei tempo suficiente perto dele para ver. Caso contrário teria percebido algum sinal. Todos perceberíamos. Você sabe: se ele tomasse sangue, ficasse longe da luz... esse tipo de coisa iria denunciá-lo.

— Exatamente! — Jasmine ficou mais tranquila ao ouvir isso, mas seu sentimento de alívio se dissipou logo. De repente pensou em como Connor havia ficado sombrio depois do encontro com Sidório, lembrou-se de como ele pareceu desligado, sentado na colina, olhando o porto da Academia. Não existia dúvida de que ele estava com muita coisa na cabeça. Lembrou-se do choque de vê-lo chorando e de seus esforços para acalmá-lo. Seria possível existir uma conexão genuína entre Connor e Sidório? E aonde isso iria levá-lo agora? Qual seria o perigo que ele corria? Ela não podia sequer imaginar que estava pensando nisso.

— Eles não ensinam sobre Vampiratas nem sobre rabos de peixe na Academia dos Piratas — disse Jasmine. — Talvez devessem ensinar.

— Eles ensinaram a enfrentar ameaças que mudam sempre. Talvez isso servisse.

— Não sei. Alguma vez você já sentiu que nosso mundo está mudando um pouco depressa demais?

Jacoby estendeu a mão de novo para Jasmine. Desta vez ela pegou-a e apertou, só por um momento.

— Olha! — disse Jacoby, apontando enquanto a água na frente deles começava a ondular. — Tem alguma coisa vindo em nossa direção.

Um segundo depois, a cabeça de uma garota saiu de baixo da superfície.

— Você é Kally, não é? — perguntou Jacoby.

Ela confirmou, sacudindo a água do cabelo azul espetado.

— Você é Jacoby, e essa aí deve ser Jasmine.

— Isso mesmo — confirmou Jasmine, com os pensamentos ainda distantes, junto de Connor. — Prazer em conhecê-la — murmurou, ainda no piloto automático.

— O prazer é meu — disse Kally. — Acho que vamos nos ver um bocado enquanto essa missão continuar. Bom, não tenho muita coisa a informar desta vez, só vim confirmar que fiz contato com Connor. Nosso acordo de comunicação está estabelecido.

— Bom trabalho! — disse Jacoby. — A capitã Li vai adorar saber disso.

— Como ele está? — perguntou Jasmine.

— Está bem, dadas as circunstâncias decididamente esquisitas. Ficou meio surpreso em me ver, acho, mas a gente se entendeu numa boa. — Seus olhos brilhantes reluziram à luz do dia. — Bom, acho que por hoje é só. À mesma hora, no mesmo lugar, amanhã?

— Como você consegue se orientar com tanta exatidão? — perguntou Jacoby.

Kally piscou.

— Meu sonar é fora de série, cara.

Jacoby sorriu.

— Sua cauda é muito colorida também.

— Se eu ganhasse uma pérola a cada vez que ouvi isso! — Kally gargalhou.

Jasmine ficou observando o diálogo, desejando arranjar um modo de passar algum tempo a sós com Kally. A rabo de peixe fez sinal de positivo para os dois e em seguida se virou e enfiou a cabeça de novo na água.

— Espera! — gritou Jasmine, incapaz de se conter.

Kally se virou, surpresa.

— Tem mais alguma coisa?

Jasmine agachou-se e falou baixo, na esperança de que Jacoby não ouvisse.

— Tenho um recado particular para o Connor.

— Claro — disse Kally. — Manda ver!

— Diga que o que eu falei com ele na Academia dos Piratas... bom... é verdade. — Ela ficou vermelha quando terminou de falar, mas Kally assentiu em tom casual.

— Saquei, cara!

Em seguida a rabo de peixe se virou, enfiou a cabecinha azul embaixo d'água e desapareceu de novo. Jasmine olhou a trilha de ondulações na superfície, depois a calma foi restaurada.

Jacoby chegou perto dela.

— Acho que terminamos por aqui. Vamos fazer o relatório à capitã. A não ser que haja tempo para um café da manhã primeiro. Estou morrendo de fome, mas,

estranhamente, não estou muito no clima de comer peixe defumado.

Jasmine concordou. Seus pensamentos continuavam em Connor. Quando Jacoby havia usado pela primeira vez a palavra dhampiro, pareceu uma coisa ridícula demais, porém, quanto mais pensava, mais aquilo parecia fazer uma espécie de sentido louco. Percebeu que era hora de aceitar duas verdades. A primeira: Connor Tormenta e sua irmã podiam de fato ser dhampiros. A segunda: independentemente do que Connor fosse, ela estava se apaixonando por ele.

CAPÍTULO 22
Mudanças

Ao entrar na cabine do capitão (ele não conseguia deixar de pensar assim, mesmo que o local estivesse ocupado por Mosh Zu durante um bom tempo), Lorcan encontrou o guru e Darcy esperando-o, sentados em poltronas junto à lareira. Darcy levantou os olhos com alívio nítido. Ainda que ela sorrisse, era fácil demais detectar as tensões e o nervosismo por baixo da superfície. As feições lisas de Mosh Zu eram mais difíceis de decifrar. Ele ergueu a mão num gesto de boas-vindas.

— Desculpe o atraso — disse Lorcan. — E o estado em que me encontro. — Ele parecia desarrumado, com o cabelo grudado na testa e as roupas úmidas da chuva, que começara a cair forte no convés. — Eu pretendia me lavar depois do treino de combate, mas perdi a noção do tempo.

— Sem problemas — afirmou Mosh Zu. — Você chegou antes da hora em que esperamos Grace. Como foi a última sessão de treino?

Lorcan suspirou e sentou-se no sofá, com as botas molhadas pousando no tapete.

— Irregular, como sempre — respondeu, esticando um dos braços ao longo da borda do sofá. — Alguns tripulantes estão se dedicando de verdade. Entendem que isso é importante e que as coisas estão mudando para nós.

— E os outros? — perguntou Darcy.

— Não entendem nem um pouco. Estão fechando os olhos para a situação. Querem, e esperam, que as coisas continuem como sempre foram.

— Eles não se lembram de como foi quando Sidório e os outros se rebelaram? — O rosto de Darcy ficou ainda mais perturbado. — E quando ele voltou e o Jez... quero dizer, Stukeley... o Stukeley comandou a revolta contra o próprio capitão? Foi numa noite de Festim, todos estavam lá. Como podem não se lembrar? — Darcy olhava para Mosh Zu enquanto terminava de falar, mas foi Lorcan quem respondeu à sua pergunta.

— Eles optam por não lembrar. Apagam. Fingem que tudo continua como sempre. Quando digo que o capitão avisou que devemos nos preparar para uma nova era, eles simplesmente parecem impassíveis. É como se alguns já tivessem se esquecido dele.

— Não! — arfou Darcy.

— E outros simplesmente presumem que, quando ele retornar, as velhas rotinas continuarão. Não conseguem aceitar que as coisas nunca serão como antes para nós. — Lorcan encarou os olhos amendoados de Mosh Zu tomado pela culpa. — Desculpe a reclamação. Estou me esforçando ao máximo, mas não é uma missão fácil.

— A culpa é *minha* — disse Darcy. — Fui encarregada de convencer a tripulação de que os tempos estão mudando e de que eles precisam mudar junto. Achei que estava conseguindo, mas vejo que a maioria simplesmente finge que não vê.

Mosh Zu ficou de pé, com um sorriso beatífico.

— Por favor, vocês dois, não sejam tão duros consigo mesmos. Esse não poderia ser um processo rápido e, pelas minhas observações, vocês dois estão fazendo um trabalho muito melhor do que pensam. — Ele parou junto à lareira, olhando calorosamente para os dois. — Jamais esperei que isso fosse fácil, amigos, mas acredito que terão sucesso. Se tenho algum conselho para os dois, é que se concentrem nos que *entendem* a situação. Preparem-nos e depois deixem que eles espalhem o conhecimento para os outros, como ondulações num lago.

Lorcan concordou e notou que Darcy o olhou de modo estranho por um instante, mas quando a encarou, ela se virou, falando com Mosh Zu.

— Você tem alguma notícia do nosso capitão? Ou de quando ele volta? Tenho certeza de que Grace vai perguntar, assim que tiver chegado.

— É — respondeu Mosh Zu. — Imagino que vá.

Nesse momento ele olhou para a porta.

— Entre! — disse.

A porta não se abriu, mas, de repente, Grace estava dentro da cabine, parada diante

deles, com um largo sorriso no rosto.

— Consegui! — disse ela. — Não tinha certeza de que conseguiria, mas estou vendo vocês três e a cabine.

— E nós podemos ver você — respondeu Mosh Zu. — Bem-vinda, Grace. Você está muito bem. — Sorrindo para ela, ele sentou-se de novo e chamou-a para perto.

Grace foi ao encontro dos outros, apesar de, na realidade, ainda estar em sua cabine no *Errante* e esta ser apenas uma projeção astral dela. Vestia uma toga branca e comprida bordada em fios de ouro e prata, seu cabelo fora arrumado em elaborados anéis e tranças, e brincos de ouro pendiam das orelhas.

Darcy bateu palmas.

— Que roupa incrível, Grace. E o seu cabelo!

Grace levou uma das mãos à cabeça, sorrindo.

— Gostou? — perguntou ela. Quando Darcy confirmou com um gesto, ela continuou: — Demorou séculos para fazer. Nathalie e Jacqui fizeram para mim, enquanto eu fazia leituras delas e de outras garotas para passar o tempo. Ah, e a toga foi feita pelo estilista predileto de Lola. Mais tarde um artista vai pintar um retrato nosso: meu, de Connor, Sidório e Lola. Ela achou que seria divertido se estivéssemos usando roupas romanas. O bordado é de ouro *de verdade*.

Darcy estendeu a mão, frustrada porque não conseguia tocar o tecido.

— Parece incrível — disse ela. — Dá para ver como é refinado só de olhar.

Lorcan encarou Grace, imaginando o que havia acontecido com a companheira cheia de ousadia que ele deixara na praia apenas alguns dias antes. Viu Mosh Zu observando-a também com astúcia. Por fim ela parou e notou Lorcan. Virou-se e fitou-o, e, ainda que ele estivesse esperando por isso, a força do olhar inquietou-o. Ele se sentiu tremendamente sem graça.

— Estou desarrumado — explicou-se em tom de desculpas. — Acabei de vir do treinamento.

— Você está ótimo — disse ela, com o olhar parecendo acompanhar cada linha do corpo dele. Havia uma nova expressão nos olhos de Grace, que só poderia ser descrita como faminta. Ela sorriu e sentou-se ao lado dele. — Todo esse treinamento está fazendo maravilhas com seu físico.

Lorcan ficou ruborizado, ansioso para mudar de assunto.

— Então vão pintar um retrato seu junto com os outros?

— É, um retrato de família. Ideia de Lola, *claro*; ela adora esse tipo de coisa. Tenho

certeza de que Connor está apavorado com a ideia de ficar sentado por horas a fio, mas parece que Lola conseguiu um pintor lendário para fazer o quadro. Acho que o nome dele é Caravaggio.

Ela falava numa velocidade espantosa e Lorcan mal conseguia acompanhar, quanto mais cortar o fluxo de palavras. Por fim ela respirou, permitindo que ele falasse:

— Parece que você se ajustou bastante bem. — Olhando para Mosh Zu, Lorcan acrescentou: — Um pouco bem demais, talvez, não é?

Mosh Zu sorriu.

— Nós queríamos que Grace se infiltrasse no império renegado, e parece que ela está tendo muito sucesso.

Lorcan notou que Darcy outra vez dirigia-lhe um olhar de quem sabia das coisas, enquanto Mosh Zu se virava para Grace.

— O que *você* está achando da experiência até agora?

Grace deu um sorriso luminoso para Mosh Zu.

— Tudo bem. Para ser honesta, é muito menos apavorante do que eu esperava. Ao modo deles, Sidório e Lola estão fazendo de tudo para que eu me sinta bem-vinda. E as garotas, Mimma, Nat e Jacqui... bom, elas são muito amigáveis comigo. — Ao ver o olhar de Darcy baixando, acrescentou: — Mas nunca serão amigas tão boas quanto *você*. — Darcy deu um sorriso fugaz, depois lançou outro olhar para Lorcan.

— Como Connor está se saindo? — perguntou Mosh Zu.

— Também está indo bem. Embora, para ser honesta, eu não o veja muito. Eles o mantêm ocupado a bordo do *Capitão de Sangue* e eu fico principalmente no *Errante*. Nós nos vemos no *Tiffin*, um encontro noturno para os tripulantes mais importantes dos dois navios, mas só isso. — Grace corria para dizer as palavras.

Lorcan achou que ela estava com uma nova energia; uma energia um tanto nervosa. Talvez fosse a tensão de ficar num lugar novo e o fardo daquela missão importante. Esperava fervorosamente que fosse isso.

— Você tem visto muito o Johnny? — perguntou ele.

Grace estendeu a mão e, mesmo não podendo tocá-lo, colocou-a em cima da dele.

— Não tanto, só para dizer olá. — Lorcan mordeu o lábio. Notando isso, Grace acrescentou: — Confie em mim, você não tem com que se preocupar.

— Eu confio em você — disse Lorcan. — Claro que sim. É no Johnny que não confio.

— Contem o que está acontecendo com todos vocês — pediu Grace, animada. — Como vai o treinamento de combate, Lorcan? E Darcy, como vai sua missão? Ah, e diga,

Mosh Zu, o capitão já voltou?

Agora suas palavras estavam se derramando cada vez mais rápidas. Lorcan e Darcy olharam consternados para Mosh Zu.

Ele respondeu a Grace, aparentemente sem se preocupar com a mudança em seu comportamento:

— O capitão ainda não retornou, mas vai voltar muito em breve. Ele está ficando mais forte a cada noite, e está ansioso para se juntar a todos nós outra vez.

— Isso é ótimo — disse Grace. — Por favor, quando se encontrar ou falar com ele de novo, mande minhas... — Ela parou, distraída. — Vocês ouviram? Tem alguém à minha porta.

— É melhor você ir. — disse Mosh Zu.

— Grace! — Era a voz de Mimma. — Todo mundo está esperando você na cabine da capitã. O *signor* Caravaggio está arrumando as tintas e Lola disse para você vir logo.

Grace olhou para os colegas com ar de desculpas.

— Sinto muito, é melhor eu ir. Queria...

— Tudo bem — interrompeu Mosh Zu.

— Veremos você amanhã à noite — disse Darcy, com firmeza. — À mesma hora.

— É — concordou Grace, um tanto distraidamente. Depois gritou para Mimma: — Estou indo, querida!

Frustrado e dominado pela emoção, Lorcan estendeu a mão para ela.

— Tenha cuidado, Grace! Por favor, tenha cuidado! — Mas sua mão atravessou a imagem dela e, antes mesmo que terminasse de falar, ela havia desaparecido completamente.

Lorcan ficou de pé e deu um soco raivoso no braço do sofá. Soltou um suspiro estrangulado, depois se virou para os outros.

— Desculpe, mas estou realmente preocupado com ela. Eles estão tomando-a. Grace parece diferente. Fala de modo diferente. Está com essa energia nova e estranha. Eu sabia que era um erro enviá-la para lá.

— Você a subestima — respondeu Mosh Zu, levantando-se de novo. — Ela é a única de nós que poderia realizar essa missão. E você não vê? Ela só parece diferente porque está se adaptando ao ambiente, como um camaleão. Está fazendo exatamente o que é necessário para conseguir a confiança deles.

— Como você pode ter tanta certeza? — perguntou Lorcan.

— Vamos ficar de olho nela — disse Mosh Zu. Em seguida atravessou a cabine e parou

junto de Lorcan. — Você está cansado. Não é de se espantar, só estamos na metade da noite e olhe o que você já conseguiu. Vá descansar um pouco, suas preocupações vão pesar menos. — Ele pousou o braço de leve no ombro de Lorcan.

— Certo. Mas se acharmos que Grace está com alguma dificuldade, deve deixar que eu vá buscá-la. Promete?

Mosh Zu pareceu considerar as palavras dele.

— Não creio que a coisa chegue a esse ponto. Mas fique tranquilo, amigo, eu jamais colocaria Grace numa situação que não a achasse capaz de dominar.

— Venha — disse Darcy, pegando o braço de Lorcan. — Mosh Zu está certo, precisa descansar. Vou com você até sua cabine. — Ela inclinou a cabeça formalmente para Mosh Zu enquanto empurrava Lorcan em direção à porta.

— Bom trabalho, amigos! — gritou Mosh Zu, ficando para trás.

Assim que estavam a uma distância segura da cabine do capitão, Lorcan se virou para Darcy.

— Estou preocupado com Grace. Você e Mosh Zu podem não estar, mas eu a conheço melhor...

— Com licença! — exclamou Darcy, chateada. — Você pode ser o namorado de Grace, mas eu sou a melhor amiga dela, por isso acho que a conheço *tão bem* quanto você, se não melhor. E estou tão preocupada com ela quanto você. Havia alguma coisa acontecendo com ela esta noite. Não consegui identificar exatamente, mas algo não estava certo.

Lorcan ficou aliviado por outra pessoa compartilhar sua preocupação.

— Por que você e eu vimos isso e Mosh Zu não viu?

Darcy se encostou na parede do corredor.

— Sei que Mosh Zu é incrivelmente sábio e tem muitos poderes, e vou parecer tremendamente desleal com o que vou falar... — Ela hesitou.

— Continue.

— Acho que Mosh Zu esteve tão afastado da vida real, lá nas nuvens de Santuário, que está achando difícil demais substituir o capitão. Acho que ele está com dificuldade. Ele é um curandeiro, não um líder. Não entende as complexidades de comandar um navio, e na verdade eu não acho que ele se relacione muito bem com as pessoas no dia a dia. Se eu o ouvir dizendo outra vez para olhar as ondulações se espalhando num lago, ou mais alguma coisa desse tipo, acho que vou gritar. — Ela parou abruptamente. — Ah, querido,

você acha que a Darcy doidinha perdeu mesmo a noção desta vez, não é?

— Pelo contrário — disse com a voz firme, mas suave. — Você articulou as palavras melhor do que eu seria capaz. Sinto a mesma coisa. Tenho o maior respeito por Mosh Zu, mas ele não é o capitão, o *nosso* capitão. Nós recebemos uma tarefa impossível. Desde que o *Noturno* começou a navegar, essa tripulação esteve condicionada a abandonar a violência e o conflito e abraçar a paz. Agora, de repente, precisamos transformar pacifistas numa força de luta capaz de rivalizar não somente com Sidório e seus capangas, mas também com os piratas. Estamos condenados ao fracasso.

— Não. Mosh Zu estava certo com relação a uma coisa. A tarefa podia parecer intimidante, mas nós *estamos* começando a fazer progresso. Devemos continuar com o trabalho, ajeitando as coisas para a chegada do capitão.

— É. — Lorcan sentiu a crença de Darcy reacendendo o fogo em sua alma.

— Mosh Zu não era a escolha certa para substituir o capitão na ausência dele. Deveria ser alguém que conhecesse a tripulação e o funcionamento do navio.

— O que está dizendo?

— Acho que você sabe o que estou dizendo. — Ela falava baixinho e lentamente, com os olhos fixos nos dele.

Lorcan também baixou a voz em um sussurro.

— Certamente você não está sugerindo que *nós* nos rebelemos contra Mosh Zu, não é?

— Não! — Darcy balançou a cabeça vigorosamente, com o cabelo curto e liso oscilando em volta do rosto. — Claro que não! Por enquanto precisamos nos manter firmes, ficar de olho em Grace, *bem* de olho, e esperar com paciência a volta do capitão. Nesse ínterim devemos seguir as ordens de Mosh Zu, mas isso não precisa nos impedir de ter pensamentos próprios ou de conversarmos, precisa?

— Não, Darcy. Não precisa mesmo. Você mudou. Você está mudando.

— É verdade. E não sou a única, senhor Músculos. — Ela estendeu a mão e cutucou de leve os bíceps dele. Depois ficou mais séria. — Ah, Lorcan. Você não vê? Nós precisamos mudar. Todos nós. E depressa. Caso contrário não há futuro para este navio, nem para nenhum de nós. Tudo que o capitão se esforçou tanto para construir, durante tanto tempo, vai simplesmente desmoronar. Não podemos deixar que isso aconteça.

Lorcan fez um gesto de assentimento, puxando-a para perto.

— Está certa. Não podemos. E não vamos deixar.

CAPÍTULO 23
Primeiro sangue

— Bela roupa!

Connor se encolheu ao escutar a voz de Stukeley atrás dele, no corredor. Virou-se e encontrou-o com Johnny, vindo em sua direção.

— Destaca de verdade as pernas dele, não acha, Johnny?

— É sim! — respondeu Johnny. Os dois Vampiratas caíram na gargalhada.

Connor ficou parado, esperando que a gargalhada cessasse. Os dois não estavam dizendo nada que ele já não soubesse; ele parecia mesmo o maior panaca do mundo usando a toga que Lola havia insistido para que vestisse para o retrato de família. Já era suficientemente ruim ter que ficar sentado durante quase duas horas. Mal podia esperar para tirar aquilo.

— Sabe, a melhor parte... — começou Stukeley.

— Bom, obviamente é a coroa de louros feita de ouro! — exclamou Johnny.

Connor ficou vermelho. Ainda estava usando aquilo? Levantou a mão e tirou-a.

— Não, cara — continuou Stukeley. — Não, a melhor parte é que, quando o retrato estiver pronto, vamos poder olhar Connor vestido com essa bela indumentária todas as noites!

Connor gemeu. Não havia pensado nisso. A coisa estava cada vez pior.

— Obrigado, pessoal — disse. — Vocês realmente fazem com que eu me sinta melhor.

Belo trabalho!

— Só estamos provocando você! — respondeu Stukeley, cutucando Johnny. — A não ser a parte sobre as pernas!

— Certo — reagiu Connor. — Já chega! Vou para a minha cabine vestir alguma coisa normal e depois podemos continuar com essa conversa.

Connor não conseguiu livrar-se da toga e dos acessórios romanos tão rápido quanto gostaria. Sentiu-se tentado a jogar fora aquela roupa infernal, mas suspeitava de que Lola havia pagado uma bela quantia por ela, por isso pendurou-a bem no fundo do armário, depois pegou algumas de suas roupas normais e levou-as à cama. Quando fez isso captou seu reflexo no espelho e notou que a parte externa da coxa, onde Sidório o havia ferido com o mangual algumas noites antes, não mostrava mais nenhum traço do ferimento . Passou os dedos sobre a pele. Havia uma leve cicatriz onde a carne tinha se emendado de volta, mas era espantoso ver a rapidez com que o ferimento profundo havia se curado.

Enquanto vestia uma calça limpa, sentiu o navio começando a se mover e teve que se firmar para manter o equilíbrio. Não era incomum o navio se movimentar durante a noite, mas ele não esperava que levantassem âncora tão cedo. Então abotoou a calça e pegou a camisa.

Houve uma batida à porta.

— Me dá um minuto! — gritou. — Ainda estou trocando meu vestido chique!

Sem dúvida eram Stukeley e Johnny vindo para mais algumas gargalhadas. Bom, pelo menos não alimentaria mais as provocações deles usando um vestido bordado em ouro. Na verdade não se incomodava com a brincadeira dos colegas. Stukeley era um velho amigo e Johnny já parecia um velho conhecido também. Isso fez Connor pensar nos dias dos Três Bucaneiros. Sentia falta de Bart, mas talvez fosse hora de uma nova configuração do trio. Afinal, Bart era mortal. Ultimamente Connor tinha mais em comum com Stukeley e Johnny.

Outra batida à porta.

— Certo! — gritou. — Não arranquem os cabelos!

Com as botas ainda desamarradas, foi até a porta e a abriu, mas não eram Stukeley e Johnny. Era Sidório que estava encostado no portal, de braços cruzados. Ele riu para Connor.

— Vejo que você tirou sua toga — disse ele.

— Você também.

Sidório estava de volta em sua armadura de metal e couro.

— Jamais gostei de usar saia, mesmo quando isso era socialmente aceitável. Desculpe, filho, pude ver que você curtiu posar para o retrato quase tanto quanto eu. Mas às vezes é preciso fazer coisas para manter a esposa feliz!

Connor concordou, com um sentimento surpreendente de camaradagem com relação a Sidório. Se bem que, pensando direito, Sidório estivera de ótimo humor durante todo o tempo em que posaram para o retrato, aliviando a seriedade e o tédio interminável com piadas. Num determinado ponto fizera o *signor* Caravaggio largar sua palheta, de tanto rir. Lola teve que instruir todos a levar a sessão mais a sério, caso contrário aquilo jamais terminaria. Foi nesse ponto que Sidório perguntou à esposa:

— Você não poderia ter conseguido um *fotógrafo* Vampirata?

Lola apenas fez uma cara de reprovação, por isso ele pediu desculpas e prometeu se comportar.

— Enfim — disse Sidório para Connor —, não sei quanto a você, mas depois de ficar parado durante duas horas estou mais do que pronto para um pouco de exercício físico.

Connor riu e terminou de amarrar as botas.

— Não está sugerindo outro duelo, está? Eu mal me recuperei do último.

Sidório sorriu, e seus incisivos de ouro, agora familiares, refletiram a luz do corredor.

— Não, filho, um duelo não. Uma coisa bem mais empolgante do que isso. Venha comigo. — Ele teve um pensamento súbito. — Ah, e traga a sua espada.

Intrigado, Connor pegou a espada e se juntou a Sidório no corredor. O interior do *Capitão de Sangue* estava vazio. Andando lado a lado com Sidório pela alta passarela de metal, Connor não sentia vertigem; pelo contrário, era como se estivessem andando no ar através do navio deserto. Pelo caminho que tomaram, percebeu que chegariam ao convés.

Enquanto andavam, continuaram batendo papo. Parte de Connor observava a conversa a certa distância, e imaginou como podia ter entrado numa camaradagem daquelas com o mais maligno dos Vampiratas. Um dos motivos era a simples necessidade: com o objetivo de fazer um bom trabalho para Cheng Li e a Federação, ele precisava se ligar do modo mais convincente possível a Sidório, Stukeley, Johnny e o resto da tripulação. No entanto, como percebeu enquanto Sidório contava mais uma piada, estava de fato gostando da companhia do capitão. Era difícil comparar este Sidório com o monstro que ele já tentara destruir. Claro, não estava cego à violência e à destruição que o capitão era capaz de provocar, mas agora via outro lado dele e sabia que Stukeley e Johnny

sentiam a mesma coisa. Por mais que fosse estranho admitir, Sidório era uma espécie natural de figura paterna. Então Connor viu, claro como uma estrela disparando pelo céu: ele *é* meu pai. Antes esse pensamento o enchia de horror e nojo. Agora sentia uma ligação verdadeira.

Quando saíram para o convés, o mistério do desaparecimento da tripulação se resolveu imediatamente. O convés superior estava apinhado com uma multidão enorme. Os Vampiratas foram rápidos em perceber a presença do capitão e um caminho se abriu no meio deles, como um tapete vermelho se desenrolando. Connor não pôde evitar um sentimento de orgulho. Sabia que estava recebendo o mesmo respeito que Sidório por ser filho dele. Isso o fez se lembrar da primeira vez em que passara para o outro lado da corda de veludo na taverna de Madame Chaleira. Sentia-se numa posição de raro privilégio: era um pirata importante e agora, por uma estranha simbiose de nascimento e destino, também era um Vampirata VIP.

Sidório andou em meio à multidão com autoridade tranquila. Era como se tivesse nascido para reinar. Por fim chegou à proa do navio, onde Stukeley e Johnny o esperavam. Todos levantaram as mãos em saudação e pareceu que esse sinal de respeito não era somente para Sidório, mas também para Connor, que sorriu para si mesmo. Não estão pegando no meu pé por causa da minha roupa agora, pensou.

— Tudo pronto? — perguntou Sidório aos seus tenentes.

— Sim, capitão — respondeu Johnny. — Olhe, lá está o navio. Agora não vai demorar.

Sidório deu um passo adiante e Connor o seguiu. Johnny havia apontado para uma direção norte-nordeste, onde um galeão de tamanho considerável roçava as ondas noturnas. O galeão levava a familiar bandeira do crânio com ossos cruzados. Era um navio pirata. Connor ficou imediatamente alerta.

— Quanto tempo até chegarmos perto? — perguntou Sidório a Stukeley.

— Menos de dez. Estamos nos aproximando.

— Que navio é aquele? — perguntou Connor, enquanto os borrifos salgados subiam e jateavam seu rosto.

— Chama-se *Redentor* — respondeu Stukeley.

— É um navio da Federação, não é? — A voz de Connor estava rouca. Sentia o gosto de sal no fundo da garganta. Mal conseguia dizer as palavras.

Stukeley confirmou com um gesto.

Sidório pôs a mão no ombro de Connor.

— É muito bom ter você aqui comigo. Vai ser a primeira de muitas batalhas que

lutaremos lado a lado. Esqueça o retrato, é *aqui* que nossa lenda começa. — Sidório continuou, enquanto encarava Connor: — É hora de você ter um nome digno de seu status e seu destino. Connor Tormenta não existe mais. De agora em diante, filho, você será conhecido como Connor Quinto Antônio Sidório.

Connor absorveu as palavras, entorpecido. Seria verdade? Connor Tormenta havia sumido mesmo? E, nesse caso, quem — ou o quê — ocupara o lugar dele?

Connor não participou do ataque, apesar da promessa de Sidório de que lutariam lado a lado. Não precisou. Instantes depois de os Vampiratas abordarem o *Redentor*, o capitão desconhecido e sua tripulação estavam dominados. A princípio Connor sentiu uma completa repulsa enquanto a tripulação do *Capitão de Sangue* abria caminho pela embarcação subjugada, mas quando os corpos começaram a cair sobre o convés e o sangue começou a ser derramado, sentiu-se interrompendo o julgamento. Isso seria tão diferente de qualquer outro ataque que ele havia testemunhado, ou do qual havia participado? Os ataques eram sempre brutais, quer a arma fosse uma espada cortando o peito de um homem ou um par de incisivos afiados baixando sobre seu tórax. Não conseguia entender como podia se sentir tão resignado com aquilo. Ao seu redor, os corpos pareciam cair em câmera lenta, espirrando sangue. Ficou imóvel, com uma estranha sensação de distanciamento. Estava ali e, ao mesmo tempo, totalmente ausente. Era um privilégio estranho se encontrar no coração de uma batalha e nem precisar levantar uma espada.

Dentro da cabeça escutou a voz de Cheng Li censurando-o. Por que não tinha agido para impedir esse ataque? Mas o que poderia ter feito? Só ficara sabendo uma hora antes, quando Sidório bateu em sua porta. Mesmo se, por algum milagre, tivesse avisado a Kally, a rabo de peixe não poderia nadar até o *Tigre* a tempo de alertar os piratas, tampouco a Federação conseguiria mandar a notícia ou reforços ao *Redentor*. Connor sabia que Cheng Li e a Federação ficariam furiosos, mas não poderia ter feito nada.

Sentiu uma calma estranha, que lutou para entender. Era um entorpecimento que o segurava no centro do convés, testemunha passiva da carnificina ao seu redor. Mas então veio uma sensação nova. Tinha algo em comum com um pico de adrenalina, mas não era exatamente a mesma coisa. Seus sentidos estavam em alerta máximo: visão, som, olfato, paladar, tato. Cada um deles se estendia na direção de uma coisa, e só uma coisa: sangue.

Agora, olhando o convés, não via mais os corpos caídos ou as espadas impotentes. Só via os borrifos vermelhos — manchas pequenas nas camisas de linho branco; poças

maiores espalhando-se nas tábuas do convés. Rios de sangue fluindo juntos num oceano vermelho.

Ao ver aquilo, cheirar aquilo, perceber cada um dos sentidos se abrir para aquilo, Connor sentiu apenas uma coisa ressoando por dentro, de um modo que jamais acontecera antes.

Fome.

Cheng Li caminhava pelo convés principal do *Tigre*.

— Jacoby! Onde está o Jacoby?

— Não sei, capitã — gritou Bart, polindo um canhão.

— Não o vi, capitã Li — disse Bo Yin do alto do cordame, onde estava fazendo reparos.

— Alguém o encontre! — berrou Cheng Li. — Agora!

Seu grito pareceu ecoar não somente no navio, mas sobre o vasto oceano que o cercava.

Jacoby abriu a porta que dava no convés e correu para ela, com Jasmine logo atrás, alguns passos adiante de Cate.

— Capitã! — gritou Jacoby.

— Como isso pôde acontecer? — rosnou Cheng Li quando eles se encontraram junto ao mastro principal do *Tigre*.

— A situação pegou Connor totalmente de surpresa — respondeu Jacoby. — Ele só teve tempo de encontrar Kally depois, e prometeu que vai se sair melhor da próxima vez.

— Da *próxima vez*? — gritou Cheng Li. — Da próxima vez? Quantos navios a Federação precisa perder antes que você, Connor e essa rabo de peixe comecem a melhorar nosso jogo?

Jacoby nunca vira a capitã com tanta raiva. Ela passou por ele pisando forte e voltou para dentro do navio.

Jasmine chegou perto de Jacoby e abraçou-o. Em seguida se aproximaram Cate, Bart e Bo Yin, que havia descido agilmente pelas cordas.

— Você fez o que pôde — disse Jasmine. — Não poderia fazer mais nada.

— Ela está certa, cara — concordou Bart. — Você não tem que se censurar por isso.

Cate e Bo Yin concordaram com os amigos com tristeza.

Havia lágrimas nos olhos de Jacoby e ele estava tremendo.

— Um navio perdido com cem tripulantes desaparecidos, supostamente mortos ou,

pior, *mortos-vivos*. E a culpa é minha. — Soltando-se dos braços de Jasmine, ele correu para dentro, querendo encontrar Cheng Li e determinar qual seria o próximo passo.

CAPÍTULO 24
Manobras

Connor estivera nervoso, ansiando pelo *Tiffin*. Era sua melhor — e frequentemente a *única* — chance de falar com Grace durante o dia, ou melhor, a noite. Nesse meio-tempo era mantido ocupado no *Capitão de Sangue*, assim como ela no *Errante*. Nas últimas 48 horas, desde o ataque ao *Redentor*, ele estivera juntando coragem para falar com a irmã sobre sua nova fome de sangue. Essa força o havia dominado e inquietado. Desde então isso não acontecera de novo, mas de algum modo ele tinha certeza de que ela iria retornar, que não havia desaparecido, estava apenas adormecida. Imaginou se a visão do sangue era necessária para provocar a fome ou se ela viria simplesmente por vontade própria.

Será que Grace havia experimentado essa mesma fome? Parecia provável. Ela também era dhampira. Os dois tinham exatamente a mesma idade e, afinal, as garotas não costumavam amadurecer fisicamente um pouco antes dos garotos? O melhor modo de descobrir era falar com ela. Connor sabia disso. Mas estava apavorado. Tinha a sensação de que, assim que falasse com ela — ou com qualquer pessoa — sobre a fome, suas palavras iriam torná-la real. Por enquanto podia se enganar pensando que não era de fato um dhampiro, que Sidório não era seu pai biológico — que isso *era* apenas um ardil conjurado por Cheng Li para ajudá-los a se infiltrar no império dos Vampiratas rebeldes.

Mas bem no fundo tinha consciência de que não havia como fugir, e a sede de sangue fora suficientemente poderosa para convencê-lo desse fato. Ele estava mudando; tornando-se um dhampiro. Não havia como negar.

Assim que chegou para o *Tiffin*, Connor se separou dos outros membros de seu grupo e foi procurar Grace. Como esperava, ela estava sentada à mesa de jantar. Os dois continuavam sendo os únicos que comiam naquelas reuniões, e a generosidade e a inventividade do *chef* Escoffier não mostravam sinais de diminuir. No mínimo suas oferendas pareciam ficar mais suntuosas a cada noite. Quando Grace olhou em sua direção, Connor deu um sorriso débil e, respirando fundo, foi se juntar a ela. Ao chegar perto da mesa notou que não estava sozinha. Suas novas amigas do *Errante* ocupavam as cadeiras ao redor, e ficou claro que estavam num bate-papo animado. Não seria fácil ficar a sós com ela.

Sentindo uma mistura de desapontamento e alívio, Connor sentou-se para comer. Inicialmente as garotas o cumprimentaram, mas logo ficou claro que tinham muitos assuntos que não o envolviam, então ele partiu para a comida com prazer, consciente de que seu apetite por alimentos normais parecia estar crescendo aceleradamente.

Enquanto olhava Grace conversar com as meninas, Connor percebeu o quanto ela também estava mudando. Fazia pouco tempo desde que tinham chegado aos navios dos Vampiratas, mas ela já parecia diferente, tanto fisicamente quanto no modo de agir. Hoje mal o cumprimentou. Ele sabia que Grace tinha sua própria missão de se infiltrar no exército dos Vampiratas e dar informações aos colegas do *Noturno*, mas ou ela estava se desviando desse caminho ou era uma atriz muito melhor do que ele acreditara.

Pensando bem, provavelmente era bom não ter desabafado com ela sobre suas preocupações com a fome de sangue. Os dias de compartilhar tudo com a irmã gêmea estavam acabados. Ele fora lento em reconhecer isso, mas era verdade. Agora Grace tinha outras confidentes. Aliás, ele também. Levantou os olhos e viu Stukeley e Johnny fazendo brincadeiras do outro lado da sala. Stukeley tivera uma trajetória semelhante à de Connor — da vida mortal à de vampiro. Ele saberia como era experimentar as mudanças físicas envolvidas na metamorfose. Era com ele que Connor deveria falar sobre a fome. Não aqui, não agora, mas logo.

Grace estava dando gargalhadas, instigada por uma das histórias hilariantes de Nathalie, quando sentiu uma mão no ombro. Virando-se, encontrou Sidório parado junto dela.

— Será que posso ter um momento a sós com você? — perguntou ele.

Grace recuou, mas assentiu.

— Sim, claro — respondeu, permitindo que ele puxasse sua cadeira para trás. As jovens ficaram em silêncio um momento enquanto Sidório a levava para longe, depois baixaram a cabeça e Grace pôde ouvir o riso familiar continuando. A companhia delas era um vício, já sentia falta das garotas.

— Vamos para o convés — disse Sidório, abrindo a porta dupla da cabine de Lola. — O que está achando da vida a bordo do *Errante*? — perguntou enquanto iam pelo corredor.

— Estou gostando muito — respondeu Grace, satisfeita porque pôde acrescentar com sentimento genuíno: — Fiz boas amizades aqui.

— Estou vendo. E espero que esteja gostando de conhecer sua madrasta também.

Grace fez um gesto afirmativo, decidindo não aprofundar o tema. Seu julgamento com relação a Lola ainda estava suspenso.

— Lamento por não termos tido mais tempo juntos desde sua chegada — disse Sidório.

— Sem problemas, de verdade.

— Não quero que você pense que prefiro Connor a você. Você é igualmente importante para mim, Grace. Só achamos que ficaria mais confortável aqui, com Lola, e fazia sentido o Connor ficar comigo no *Capitão de Sangue*.

Grace confirmou com a cabeça.

— Entendo.

Sidório abriu a porta do convés e Grace notou que várias tripulantes de Lola estavam patrulhando do lado de fora. Trocou um sorriso primeiro com Holly, depois com Leonie. Em silêncio, Sidório pôs a mão em seu ombro e levou-a gentilmente até a proa do navio, depois levantou a mão e a enfiou no bolso.

— Quero lhe dar uma coisa — disse ele. Em seguida abriu a mão revelando um pequeno broche. — Pertenceu à minha mãe... sua avó. — Comparado com as joias luxuosas usadas por Lola e suas colegas, o broche era muito simples e *naïf*, mas havia nele algo que atraiu Grace instantaneamente.

Sidório colocou-o na mão dela.

— Foi a única joia que minha mãe já teve. Meu pai, seu avô, deu a ela no dia do casamento. Ele mesmo fez. Ela sempre guardou isso como um tesouro.

Grace olhou o pequeno broche, depois se virou para Sidório. De repente, percebeu a

existência de uma herança da qual ela jamais soubera. Estava olhando o rosto de seu pai, mas em sua cabeça havia um elo com os avós e com a vida que eles tiveram *séculos* atrás.

— Eu frustrei meus pais — disse Sidório. — Fui embora para fazer alguma coisa na vida. Virei pirata. Mas quando consegui ganhar dinheiro de verdade e voltei para eles, os dois já estavam à beira da morte. Meu ouro não adiantou, era tarde demais. Quando eles precisaram de mim eu estava roubando navios. Abandonei-os e eles eram a única família que eu tinha... até agora.

Grace levantou o broche.

— Pode prender no meu vestido?

O alfinete era minúsculo e os dedos grossos de Sidório tiveram dificuldade por um momento. Grace esperou com paciência enquanto ele finalmente conseguia prendê-lo.

— Obrigada. Vou guardá-lo como um tesouro.

Por um momento os dois ficaram lado a lado, em silêncio. Então Sidório se virou de novo para Grace.

— Sei que esta não é a vida que você teria escolhido. Ou que Connor teria escolhido. Mas quero que saibam que farei tudo que puder para mantê-los felizes aqui.

Em seguida estendeu a mão para Grace.

Para seu próprio espanto, ela cruzou os dedos com os dele. Parecia a coisa mais natural do mundo.

Connor estava conversando com Stukeley e Johnny quando Mimma veio até eles.

— Tudo certo, pessoal? Mais vinho?

— Claro — respondeu Stukeley, estendendo a taça enquanto Mimma levantava a garrafa, piscando.

— Seria grosseria não aceitar — disse Johnny, estendendo sua taça também.

— E você, Connor? — perguntou Mimma. — Cadê sua taça?

— Para mim não, obrigado — respondeu ele.

Mimma arqueou uma sobrancelha em desafio.

— Esta noite não.

— Como quiser! — Mimma seguiu adiante. Depois se virou e retornou. — Ei, Stukeley, ouvi dizer que você vai comandar o próximo ataque. Posso ir junto? Não há nada que me agrade mais do que derramar sangue antes de dormir.

Stukeley riu.

— Ficarei feliz em ter você ao meu lado, Mim.

— Ora, ora, marinheiro, não se empolgue demais. Eu disse que gostaria de me juntar a você na luta, não de trocar alianças. Pelo menos por enquanto. — Piscando, Mimma deu as costas e se afastou de novo.

Connor se virou para Stukeley, com o coração disparando.

— Vai haver outro ataque? E você vai comandar?

— É, meu amigo, amanhã à noite. E você nem imagina qual é o alvo. — Ele puxou Connor e sussurrou em seu ouvido.

— Aí estão os dois! — disse Lola, enquanto Sidório e Grace chegavam de volta à cabine da capitã. — Eu já ia mandar batedores para encontrar vocês! — Ela sorriu, e em seguida seu olhar se estreitou quando viu o broche de Grace. — Ah, Sid, você deu a ela o broche da sua mãe.

— Achei lindo — disse Grace. — Tanto o broche quanto a história dele.

— Ficou muito bem em você, querida. — Enquanto Lola falava seu olhar percorria a sala, e ela estendeu a mão para interromper Obsidiano Darke, que ia para a porta da cabine. — Aonde acha que vai, tenente Darke? A noite é uma criança.

Grace viu Obsidiano olhar para Lola com uma expressão distante.

— Tenho coisas a fazer no *Capitão de Sangue* — respondeu ele.

— Haverá tempo suficiente para isso — declarou Lola, chamando Mimma. — Fique um pouco. Tome outra bebida. — Quando ela terminou de falar, a taça de Darke já havia sido enchida de novo. Ele não pareceu nem um pouco satisfeito com isso.

— Tenente Darke, não sei se foi apresentado à minha charmosa e talentosa enteada, Grace. — Lola passou um dedo pelo cabelo de Grace, com ar maternal.

Olhando friamente de relance para Grace, Obsidiano Darke se virou de volta para Lola.

— Nós nos conhecemos.

— Bom, talvez vocês tenham dito "olá", "como vai?", esse tipo de coisa, mas não conhece Grace *de verdade* até deixar que ela faça uma leitura sua. É uma coisa notável. Ela fez comigo e com todas as minhas damas, não foi, querida?

Grace deu de ombros. Estava ficando um pouco ressentida porque Lola a fazia se apresentar com um estalo dos dedos, como se aquilo fosse algum tipo de show em um parque de diversões. Porém, seu sentimento se suavizou ao notar Sidório olhando-a, sem disfarçar seu orgulho paterno.

— Ande, Grace — disse Lola. — Conecte-se com o passado distante e obscuro do tenente Darke e veja se ele é tão misterioso e intimidante como quer fazer com que todos

nós acreditemos.

Grace se dirigiu a Darke.

— O senhor se importa?

Lola gargalhou.

— Não me lembro de você ter pedido isso a *mim* antes de remexer dentro da minha cabeça!

Darke olhou friamente para Grace.

— Certo, então — disse Grace irritada, mas sentindo que não tinha escolha senão ir em frente. Focalizou os olhos de Darke. Em geral eram a melhor porta de entrada. Mas quando encarou-os, descobriu que eram como espelhos refletindo sua própria imagem de volta. Ele estava colocando algum tipo de bloqueio. Como conseguia fazer isso? Lola pode não ter recebido bem a leitura de Grace, mas não conseguira impedi-la.

Grace fez uma segunda tentativa de atravessar as defesas de Darke, mas desta vez se encolheu diante da força da barreira que ele havia erguido.

— Não adianta — disse ela. — Não estou conseguindo nada.

— Que frustrante! — respondeu Lola, tomando o resto do líquido em sua taça.

— Pelo contrário. — Obsidiano Darke estendeu seu copo de sangue intocado para Lola. — Agora preciso ir. — Em seguida se virou e saudou Sidório. — Capitão!

Sidório inclinou levemente a cabeça enquanto o tenente Darke saía.

Lola trocou um olhar com Sidório.

— Ele está começando a me incomodar — disse ela. — Será que temos que aguentá-lo por mais tempo? Pelo menos Johnny e Stukeley são bonitos.

— Ele é um bom pirata — respondeu o capitão, sorrindo para a esposa. — Um dos melhores que temos. O que carece em conversa, vai compensar na batalha.

— Veremos. — Lola baixou o olhar para Grace outra vez. — Bom, mocinha, parece que seu talento não é tão ilimitado quanto pensávamos. — Seu tom era brincalhão, mas ela havia acertado o alvo. Grace nunca fora bloqueada assim. Não gostou daquilo. Nem um pouco.

— Talvez seja hora de a senhora arranjar outro macaco artista — reagiu rispidamente, virando-se e saindo da cabine logo depois do tenente Darke.

Lola riu para Sidório.

— *Alguém* está meio irritada esta noite. E logo depois de você ter dado uma bugiganga tão bonita! — Lola se inclinou perto do ouvido de Sidório. — Ela acreditou mesmo que era a única joia de sua pobre mãezinha?

— Na verdade, sim.

Lola deu uma gargalhada gutural.

— Que maravilhoso! Zofia vai ficar muito feliz, ela fez aquilo em meia hora ontem à noite. Eu sabia que seria o catalisador perfeito para juntar vocês dois.

Sidório franziu o cenho.

— Eu não deveria ter ouvido você, Lola. Grace é minha filha. Não me sinto confortável fazendo esse tipo de jogo com ela.

Ao dizer isso, ele também saiu, deixando Lola sozinha.

Franzindo a testa, ela ergueu a taça abandonada por Darke e bebeu de um só gole. O gosto do sangue, aquecido perfeitamente à temperatura ambiente, acalmou seus nervos abalados. Sorriu quando Johnny passou, e estendeu o braço.

— Espera, caubói!

Johnny sorriu sem jeito.

— O que posso fazer pela senhora, capitã Lockwood?

Lola deu um risinho para ele.

— Não pergunte o que pode fazer pela capitã, Johnny, e sim o que pode fazer pela enteada da capitã.

— Grace?

— Ela está mal-humorada, Johhny. Precisa de um pouco de diversão. Di-ver-são. Esse é o seu departamento, lembra?

— Pode apostar o seu...

— Exatamente! — interrompeu Lola. — Bom, então vá. Não deixe a grama crescer sob suas esporas, ou sei lá como dizem seus colegas vaqueiros. Vá planejar alguma coisa divertida para Grace, algo para colocar um sorriso naquele rostinho bonito. Quero que ela fique totalmente ocupada. As coisas devem esquentar por aqui, e não posso ter uma bomba prestes a explodir entre nós.

CAPÍTULO 35
Fruto proibido

— Vim assim que pude — disse Johnny, entrando na cabine de Grace.

— É muito bom ver você — respondeu ela, fechando a porta atrás dele.

Parecia estranho ver Johnny ali em sua cabine. Era estranho, mas empolgante, como se ele fosse um fruto proibido. Podia ver que ele fizera um esforço por ela, como se tivessem marcado um encontro amoroso. Johnny vestia uma camisa preta bem-ajustada, jeans e botas de montaria. Quando chegou perto, ela sentiu o cheiro da deliciosa colônia amadeirada que agora lhe era familiar, depois das noites que passou encostada nele, cavalgando.

Grace percebeu que Johnny estava olhando-a com a mesma intensidade com que ela o olhava. O rosto bonito dele se abriu num sorriso, revelando os dentes extremamente brancos e, entre eles, os dois incisivos pronunciados. Agora eles não a incomodavam nem um pouco, nem o faziam parecer menos bonito. Pelo contrário.

— Você conseguiu se segurar até a minha chegada? — perguntou ele.

Ela fez um gesto de assentimento, sorrindo.

— Boa menina!

Grace deu de ombros.

— Bom, eu fiz uma promessa a você.

Ele concordou, sorrindo de novo.

— Certo, e qual é o plano? Como vamos entrar na adega sem que ninguém perceba?

— Lola e as principais participantes da equipe da vinícola foram colher de novo esta noite. Desta vez foram mais para o interior, de modo que devemos ter umas duas horas.

— Eu vi as carruagens correndo pela estrada do litoral enquanto vinha para cá. É legal elas estarem fora. Mas e a adega? Imagino que esteja trancada, não é?

— Não creio que haja problemas para a gente entrar — disse Grace, enfiando a mão no bolso da saia e pegando um molho de chaves. — Peguei isso mais cedo, na cabine da minha madrasta.

Johnny pareceu impressionado.

— Você fez uma projeção astral até lá ou tem mais algum truque de mágica em seu repertório?

— Na verdade esse foi apenas um caso do bom e velho roubo. — Ela sorriu. — Às vezes gosto de seguir o estilo clássico.

Johnny deu um assobio baixo.

— Sabe, Grace Tormenta, quando a conheci, não fazia ideia de como seria divertida. Parece que você é uma tremenda rebelde, não é?

Grace ficou vermelha com o elogio.

— Venha — disse ela, entregando uma lanterna e pegando outra. — Temos uma adega para invadir.

*

Os porões do *Errante* estavam silenciosos como uma tumba. Enquanto desciam ao nível mais baixo do navio, Grace e Johnny não passaram por absolutamente nenhuma alma.

— Conseguimos! — disse Grace, entregando a lanterna a Johnny e experimentando a primeira chave do molho de Lola na porta da adega. Era demais esperar que ela escolhesse a chave certa de primeira, mas demorou apenas algumas tentativas até que a fechadura estalasse, abrindo-se.

— Estamos dentro — sussurrou para Johnny, sentindo uma empolgação e pegando a mão dele. Quando ele segurou-a, deu um aperto e, juntos, os dois passaram pela porta, entrando na adega úmida.

Viram-se numa cabine enorme. Pareceu a Grace que era tão grande quanto a cabine principal do *Noturno*, a que usavam para a noite do Festim, mas em vez de mesa de jantar e cadeiras, este salão, cumprindo as expectativas, continha fileiras e mais fileiras de

garrafas.

Johnny soltou um assobio enquanto andavam de mãos dadas pela avenida de garrafas.

— Nunca soube que Lola tinha um estoque tão grande. Quero dizer, eu sabia que ela vinha aumentando a produção, mas temos o suficiente para nos manter durante anos!

Grace parou e, soltando a mão de Johnny, pegou uma garrafa. Tinha um rótulo com o brasão da vinícola Coração Negro e, na parte de trás, algumas anotações sobre o sabor.

— Jovem, frutado, com um toque de especiaria... — Ela se virou para Johnny. — O que acha?

— Vamos experimentar — respondeu ele, pegando a garrafa.

— O que fazemos? — perguntou ela, sentindo uma estranha tensão subindo e descendo pela coluna. — A tampa é de atarraxar, então a gente simplesmente abre aqui mesmo e bebe? Ou levamos de volta à minha cabine?

Johnny deu um risinho.

— Gosto desse lugar, aqui embaixo. Parece que estamos fazendo uma coisa errada, escondida, não é?

Grace descobriu que também estava sorrindo.

— Você mesma disse que Lola e seu grupo vão ficar fora por pelo menos mais duas horas. Acho que podemos ficar à vontade. — Ele estendeu a lanterna. — Há algumas taças ali e, olha, podemos usar aquele cobertor velho como toalha de piquenique, para ficarmos bem confortáveis. Venha, parceira!

Ele caminhou de novo pelo corredor, com a garrafa de vinho numa das mãos e a lanterna na outra. Grace o seguiu, sentindo uma empolgação inebriante.

— Preciso fazer isso — disse Darcy a Lorcan. — Você entende, não é?

Os olhos de Lorcan demonstraram preocupação.

— Não sei se é o gesto mais sensato, mas, claro, entendo. Eu iria com você, mas veja como estou! Não gostaria que Grace me visse assim. Além disso, nunca dominei de fato a arte da viagem astral.

— Tudo bem. Fique aqui e tome um banho ou tire um merecido descanso. Não é de espantar que esteja ganhando músculos novos a cada noite! — Ela passou os dedos de leve pelo braço dele. — Vou lá falar com Grace, tenho certeza de que isso vai nos tranquilizar.

Lorcan concordou.

— Espero que sim. — Ele abriu os braços e envolveu Darcy. — Mas tenha cuidado, está ouvindo? E não deixe de dizer a Grace como sinto falta dela e a quero de volta...

Darcy encarou Lorcan.

— Nos seus braços?

— Bom, é — respondeu ele meio sem jeito.

— Não se preocupe — sorriu Darcy. — Sei que é Grace que você quer.

— Você é muito importante para mim, Darcy. E sabe disso, não sabe?

— Somos como irmãos, você e eu. Bom, quando você menos notar, estarei falando com sotaque irlandês! — Ela o abraçou, com carinho, e depois soltou-se. — Vou voltar à minha cabine e me projetar de lá, se não se importa.

— Venha falar comigo assim que voltar, certo?

Darcy Flotsam se orgulhava de ser uma das mais hábeis praticantes da viagem astral a bordo do *Noturno*. Enquanto muitos Vampiratas — ela se corrigiu: enquanto muitos *Noturnos*, inclusive Lorcan, tinham dificuldades com as questões básicas da projeção, ela era suficientemente hábil para escolher dois modos diferentes de viajar. O primeiro a levaria diretamente a um local conhecido — era assim que Grace fazia o encontro noturno na cabine do capitão. O segundo, mais sutil, permitia a Darcy viajar até uma pessoa, e não a um lugar. Era assim que um dia viajara até Grace a bordo do *Diablo*, e decidiu que seria assim que viajaria até ela, a bordo do *Errante*.

Mas mesmo sendo hábil nas artes psíquicas, precisava admitir certa margem de erro. Enquanto franzia o nariz para o odor almiscarado que de repente a envolveu e olhava para o ambiente decididamente sombrio, Darcy achou que tinha errado o destino. Demorou um momento para detectar as tábuas do piso sob os pés, mas, seguindo-as, foi até o fim do corredor escuro. Quando fez isso, escutou vozes baixas e risos adiante.

Sentiu o coração se animar: uma das vozes era de Grace. Qualquer que fosse aquele lugar estranho, sua capacidade não havia falhado. Deu-se um tapinha imaginário nas costas e seguiu na direção das vozes. Sabia que Grace não estava sozinha, mas tudo bem. Se tivesse cuidado, poderia observar a amiga em silêncio e, quando a barra estivesse limpa, lhe daria um pequeno sinal de sua presença.

À medida que a visão ficava mais nítida, Darcy imaginou o que conteriam todas aquelas prateleiras dos dois lados, depois discerniu a forma inconfundível de garrafas; fileiras e mais fileiras de garrafas. Demorou um momento para fazer a conexão, e então sentiu-se totalmente enjoada. Lembrou-se da história sinistra de Grace sobre as colheitas noturnas de Lola Lockwood. Então, pensou, esta era a adega. Fazia sentido: havia uma escuridão e um ar sinistro naquele lugar que não tinham a ver com a falta de luz ou com

o ambiente úmido, mas certamente emanavam de todas as vidas interrompidas e drenadas para as garrafas ao redor. Darcy estremeceu, mas se recusou a parar. Este jamais seria um passeio divertido, e ela precisava tremendamente falar com Grace. Desde que completasse a missão, poderia suportar essa verdadeira câmara dos horrores.

Ao ver uma fonte de luz vinda de um canto, Darcy parou um momento. Devia estar perto. No entanto, as vozes e os risos haviam se afastado. Confusa, flutuou até o fim do corredor e, firmando-se, olhou na direção da luz. Assim que fez isso, lamentou.

Ali estava Grace, sem dúvida. Deitada numa espécie de cobertor, com uma garrafa aberta e duas taças com líquido pela metade. Mas não estava sozinha, e sim com um rapaz. Darcy não podia olhá-lo porque ele estava de costas, mas viu que estava deitado ao lado de Grace. Então ele se moveu e Darcy viu a única coisa para a qual não havia se preparado: o rapaz e Grace estavam se beijando.

Darcy pensou imediatamente em Lorcan. Levou a mão aos lábios e, quando fez isso, o casal interrompeu o beijo. Darcy sabia que deveria recuar, mas por algum motivo, não pôde. Ela observou enquanto o homem se virava e estendia a mão para a garrafa.

— Pronta para mais um pouco? — ouviu-o dizer.

Grace confirmou com a cabeça.

— Sim, por favor! — Em seguida, ela sentou-se e, ao fazer isso, viu Darcy e ofegou. Darcy saltou de volta para o corredor.

— O que foi? — perguntou Johnny, virando-se para Grace.

— Você precisa ir embora — disse ela.

— Por quê?

A mente de Grace estava disparando.

— É uma tripulante de Lola. Deve ter voltado mais cedo, por algum motivo.

Johnny olhou em volta, confuso.

— Não estou vendo ninguém. Tem certeza de que não foi uma ilusão de ótica?

— Acredite, você precisa sair daqui. — Ela começou a empurrá-lo para fora do cobertor.

— E você? — perguntou ele, ficando de pé e pegando as botas, que havia tirado para ficar mais confortável.

— Vou conversar com ela, para escapar dessa. Mas você precisa ir. Agora!

— Certo! Mas venha falar comigo mais tarde, com projeção astral ou qualquer outra coisa, para avisar que está bem.

— Claro.

Enquanto Johnny desaparecia nas sombras, Grace ficou de pé e começou a andar na outra direção.

— Darcy — disse ela. — Sei que você está aqui. Venha aqui para que eu a veja.

— Certo — respondeu Darcy, séria, aparecendo diante dela.

Grace estendeu a mão e testou-a, passando pelo pescoço da amiga.

— Bom. Então é só uma visita astral.

— É. Mas mesmo assim eu vi o que vi. — Sua voz estava baixa e rouca.

— Você parece ainda mais decepcionada comigo do que o normal. Sei que estava louca para falar comigo nas últimas noites. Bom, agora que nem Lorcan nem Mosh Zu estão por perto, você está livre para me dizer o que quiser.

— Vim ver você porque fiquei preocupada! — disse Darcy, perturbada com o tom de voz da amiga. — E, depois do que vi, sei que estava certa em me preocupar.

— Pelo contrário. Eu imaginaria que está mais do que evidente que posso cuidar de mim mesma. — Ela sorriu. — E que estou fazendo novos amigos.

— Grace! — Os olhos de Darcy ficaram arregalados. — Como você acha que Lorcan se sentiria se a ouvisse dizer isso? Se ele soubesse sobre você e aquele rapaz no cobertor?

— Bom, não vamos demorar muito para descobrir, não é? Sem dúvida você está doida para voltar ao *Noturno* e abrir o bico.

Darcy perdeu a fala por um momento, mas depois respondeu:

— Lorcan tem sentimentos verdadeiros por você, Grace. Ele se abriu para você de um modo que nunca o vi fazer em todos os anos em que o conheço. Você consegue mesmo dispensá-lo assim, tão casualmente?

— Não estou dispensando ninguém — respondeu Grace, não dando importância. — Só estava bebendo um pouquinho.

— Eu vi você, e de onde eu estava, não era um copo que você tinha nos lábios.

Furiosa, Grace tentou dar um tapa no rosto da amiga, mas, claro, sua mão simplesmente atravessou o ar. Acertou a própria bochecha, que ardeu loucamente.

— Bem feito — disse Darcy. — Se eu pudesse dar um tapa de volta, eu daria.

— Porque estou me divertindo um pouco com o Johnny?

— Ah. Então *esse* é o Johnny, não é? Eu devia ter imaginado.

— Como ousa me julgar? Você faz alguma ideia do que eu passei nos últimos meses, nessas últimas semanas, especialmente? *Faz?* Acho que não. Nem você, nem Mosh Zu, nem Lorcan. Vocês estão tão ocupados com suas "missões importantes" que eu nunca os vejo, exceto em nossas reuniões à noite. Lorcan até parou de ir a elas. Se alguém

dispensou alguém aqui, foi ele.

Darcy suspirou.

— Isso não é verdade, Grace, e você sabe disso.

— Vamos encarar os fatos, Darcy. *É* verdade, e talvez seja bem agradável para você. Quero dizer, você sempre teve uma queda pelo Lorcan, não é? Nem se incomode em negar. Você deve ter ficado chateada quando ele me escolheu, mesmo quando achava que eu era mortal. Bom, o caminho está livre para você. Agora eu estou com o Johnny e, se quer saber a verdade, ele é mil vezes mais divertido do que Lorcan Furey. Portanto, volte correndo ao *Noturno* e sirva-se. — Ela cruzou os braços. — Só espero que termine melhor para você do que sua desastrosa tentativa com Jez Stukeley.

Os olhos de Darcy arderam com lágrimas quentes.

— O que eles fizeram com você? — perguntou. — Você era tão doce, tão gentil, antes de Sidório e Lola Lockwood a convidarem para cá!

— Ah, enxugue os olhos antes que sua madeira apodreça — disse Grace, insensivelmente. — Nunca fui tão doce ou gentil quanto você imagina. Sou filha de Sidório. Você sabe como dizem: filha de peixe...

Darcy lutou para juntar as palavras.

— Não é você que está falando, Grace. Não pode ser.

De repente ela notou a mancha seca e vermelha em volta dos lábios de Grace. Claro! Darcy ficara tão abalada em testemunhar o beijo que havia esquecido o que Grace estivera bebendo. Agora tudo fazia sentido. Sorriu aliviada.

— Por que você está sorrindo igual a uma hiena? — perguntou Grace.

— Não é você que está falando. Todas essas coisas horríveis. É o sangue.

Grace revirou os olhos.

— Acredite no que quiser, Darcy, mas, por favor, me deixe em paz. Sem dúvida você está com o poder quase esgotado, agora.

— Ah, eu vou embora, mas vou voltar. Pode apostar. — Dizendo isso, a imagem de Darcy desapareceu.

Grace ficou sozinha na adega. Sua bochecha ainda ardia do tapa que dera em si mesma. Encostou a mão nela. *Idiota!* Foi até o cobertor e sentou-se, estendendo a mão de novo para a taça. Quando levou-a aos lábios e sentiu o líquido sedoso escorrer pela garganta, ficou instantaneamente mais calma.

— Você não acha que já tomou o bastante por uma noite?

Levantou os olhos e tomou um susto, encontrando Johnny de pé à sua frente. Ele

parecia mais lindo do que nunca. Fruto proibido.

— Eu mandei você ir embora — disse ela, sorrindo com nervosismo.

Ele sorriu de volta.

— Veja bem: nem sempre eu faço o que me mandam.

— Nem eu — disse ela, esticando as pernas e entregando sua taça, enquanto Johnny sentava-se ao seu lado. Ele tomou um gole.

— Não pude deixar de ouvir parte daquela conversa acalorada.

Grace ficou vermelha, depois esfregou a bochecha.

— Viu quando dei um tapa em mim mesma? Deve ter sido bem engraçado!

— Na verdade — disse Johnny com os olhos brilhantes —, foi mesmo.

— Está doendo muito!

— Gosto de uma mulher que sabe bater, mesmo que seja em si mesma. — Johnny baixou sua taça, depois se inclinou para perto e beijou Grace de leve na bochecha. — Acha que isso pode fazer a dor passar?

— Não sei. Você vai ter que fazer uma segunda vez, ou até mesmo uma terceira...

Ele deu de ombros.

— Sem problema. — Mas esperou um momento, parecendo subitamente nervoso. — Grace, não precisa responder, mas vou perguntar assim mesmo. Quando você falou que eu era mil vezes mais divertido do que o Lorcan, falou sério?

Grace olhou nos olhos castanho-chocolate de Johnny. Ela balançou a cabeça devagarzinho e registrou o desapontamento dele, apesar de o caubói ter se esforçado para escondê-lo.

— Não, Johnny. Você não é mil vezes mais divertido. É *um milhão* de vezes.

CAPÍTULO 26
Sem saída

— O que você achou de Grace esta noite? — perguntou Lorcan a Darcy enquanto se afastavam da cabine do capitão.

— Estava melhor — respondeu ela. — De volta ao jeito antigo, eu diria. Mais calma. Muito mais calma. — Captando a expressão de Lorcan, ela acrescentou: — Você não concorda comigo, não é?

Ele deu de ombros.

— Talvez eu esteja imaginando coisas. Só sinto que a distância entre nós está crescendo. Gostaria que ela me visitasse a sós, alguma hora.

— Tenho certeza de que ela também gostaria disso. Mas lembre-se, essas visitas astrais são muito exaustivas para ela. Talvez Grace ainda não tenha reservas de energia suficientes.

— Talvez *eu* devesse visitá-la, então, não é?

— Minha intuição diz que seria melhor você deixar Grace tomar a dianteira nesse sentido. Ela está numa situação muito perigosa a bordo daquele navio. Se você chegasse de repente no momento errado, ainda que, claro, ela adorasse vê-lo, isso poderia tirá-la do rumo e atrapalhar a missão.

— Você está certa. Eu gostaria que não estivesse, mas sei que está. — Os dois já haviam chegado à cabine de Lorcan. Ele segurou a porta aberta. — Quer entrar só por um

minuto? Seria bom ter companhia.

Darcy entrou.

— Desculpe a bagunça — disse ele, enquanto fechava a porta. Sua mão indicou o quarto ao redor, cheio de armas, botas e outros equipamentos de combate, pilhas de livros e folhas preenchidas com a letra característica de Lorcan.

O olhar de Darcy captou tudo aquilo.

— Parece que a sua cabine virou o arsenal do navio — disse ela.

Lorcan andou rapidamente pelo quarto, esforçando-se para organizar as coisas em pilhas de modo a abrir espaço para Darcy sentar-se. Indicou a poltrona agora vazia, e quando sentou-se, ela deu um riso caloroso para o amigo.

— Sabe, é bem incrível a forma como você assumiu o chamado às armas. Estou tremendamente orgulhosa.

— Obrigado, Darcy — respondeu Lorcan, sorrindo. — Você é uma grande amiga.

— Pelo que você disse a Mosh Zu, parece que o treinamento de combate está melhorando. Isso é verdade ou você estava animando-o um pouco?

Lorcan sentou-se na beira da cama, esticando as pernas.

— Não, as coisas estão melhorando um pouquinho. Graças também a você. Nosso último papo foi como uma injeção de ânimo para mim. Eu me lancei de volta no trabalho com vigor renovado.

Darcy deu um sorriso.

— Fico feliz em ajudar! — Ela se inclinou adiante, apoiando o rosto nas mãos. — Estou sempre aqui para ajudá-lo, Lorcan. Você sabe disso, não é?

— Eu também, conte comigo. É uma via de mão dupla. — Ele encarou-a. — A verdade é que o treino vem melhorando *um pouco*, mas estou muito longe de transformar essa tripulação desorganizada numa força de luta viável. — Ele fez uma pausa. — Sinto como se tivesse batido numa parede. — Agora ele se levantou e pegou uma espada no chão, tirou-a da bainha e executou alguns movimentos diante dos olhos de Darcy.

— Muito impressionante! — disse ela, batendo palmas com entusiasmo.

Lorcan sentou-se de novo, com a espada repousando nas mãos.

— Você é gentil, Darcy, mas a verdade é simples. Claro, eu sei usar uma espada para me defender ou mesmo iniciar um ataque individual, mas não tenho nada parecido com o repertório de luta ou o conhecimento necessário para comandar uma tripulação em batalha.

Darcy pegou um livro na pilha aos seus pés.

— *A ciência da guerra* — leu, folheando páginas densas e observando as muitas anotações escritas por Lorcan. — Bom, ninguém pode acusá-lo de não fazer o dever de casa.

— Estou fazendo o máximo que posso.

Darcy notou que os olhos dele estavam cansados, sem dúvida tanto das maratonas de leitura quanto das sessões de combate.

— É só isso que podemos pedir de você.

— Está errada, Darcy. O capitão mandou avisar que, quando estiver de volta, quer que a tripulação do *Noturno* seja uma força de combate viável, pronta para se defender contra ataques de piratas, de Vampiratas, de quem for. Fui encarregado de fazer com que isso aconteça. *Não* basta fazer o máximo. Preciso encontrar um modo de conseguir um avanço verdadeiro. Ler esses livros é muito bom, mas será necessário nada menos do que um milagre para transformar essa situação.

Darcy pensou nas palavras dele, depois fechou as páginas pesadas do *A ciência da guerra* com um estalo forte.

— Já sei! — disse ela. — Você não precisa de mais livros. Precisa conseguir um especialista militar de primeira linha.

— Darcy! Juro, você é um gênio! — Ele baixou a cabeça. — Mas como, exatamente, vou conseguir isso?

— Boa pergunta — respondeu ela, meio desanimada. Em seguida tamborilou os dedos no volume pesado e começou a revirar o cérebro. De repente seus dedos pararam de novo. — Talvez estejamos abordando esse problema pela perspectiva errada.

Lorcan olhou-a com curiosidade.

— Como assim?

Darcy inclinou-se à frente, os olhos arregalados e brilhantes.

— Talvez nós devêssemos nos perguntar... nesse tipo de situação, o que Sidório faria?

— Humm. — Lorcan pensou. — *O que* Sidório faria? — Pensou nisso durante um ou dois minutos. Depois levantou a espada de novo. — Já sei!

— O quê? — perguntou Darcy, empolgada.

— Ele sequestraria um capitão pirata — exclamou Lorcan.

— Ah — disse Darcy, tentando parecer que dava apoio. — Então é isso que você gostaria de fazer?

Lorcan parecia desencorajado.

— Sequestro não é muito o meu estilo.

Darcy concordou, abrindo de novo *A ciência da guerra*.

— Então acho que estamos de volta à estaca zero.

— O próximo ataque está programado para esta noite — disse Connor a Kally, quando se sentaram numa praia rochosa, a uma distância segura do *Capitão de Sangue* e do *Errante*. — O alvo é o *Albatroz*.

— O *Albatroz*. Saquei.

Connor passou a mão pelos cabelos. Apesar do tempo na água, ele estava quase seco devido ao calor do sol da manhã.

— Stukeley vai comandar o ataque. Ele tem um ressentimento especial contra o capitão do navio, Narcisos Drakoulis, uma figura maligna. — Sua mão apertou uma pedra ao lado do corpo. Em seguida levantou-a e jogou no oceano.

A paciência não era o ponto forte de Kally.

— Desembucha, Connor! O que aconteceu entre esse tal de Drakoulis e Stukeley?

— Na verdade é muito simples. O *Albatroz* é o navio onde Stukeley morreu.

Kally soltou um assobio.

— Essas são circunstâncias bem estranhas, cara.

Connor concordou, com um sorriso sério brincando nos lábios.

— Está certa. E não há uma saída fácil. — Ele olhou com desânimo para a água, onde os dois navios Vampiratas permaneciam adormecidos nas horas de luz do dia.

Kally cutucou o amigo.

— Não fique tão desanimado, Tormenta. Mesmo que o ataque *aconteça* esta noite, temos tempo. Vou indo agora me encontrar com Jacoby e Jasmine. Eles vão passar a informação a Cheng Li e ela pode mandar a notícia diretamente ao *Albatroz*. Bom, eu mesma posso falar com Drakoulis, se for necessário. — Ela sorriu. — Não existe meio de comunicação mais rápido e confiável do que o correio marítimo!

Connor ignorou a brincadeira.

Agora Kally ergueu a sobrancelha.

— Você disse antes que esse tal de capitão Drakoulis era uma figura maligna. Está dizendo que *quer* que esse ataque aconteça?

Connor conjurou uma visão de Drakoulis gabando-se com Molucco Wrathe enquanto Jez Stukeley estava caído e sangrando até morrer. Haveria coisas piores do que saber que Drakoulis fora encontrar seu criador, mas não era isso que estava em seu pensamento.

— Não é uma questão do que *eu* quero, Kally. Se Cheng Li avisar a Drakoulis e ele

estiver preparado para o ataque, Stukeley e Sidório vão saber que alguém de perto os traiu. Eles não vão demorar mais de cinco segundos para pensar no candidato mais provável.

Agora Kally entendeu.

— Você!

Connor confirmou.

— Ou deixamos esse ataque ir adiante, não fazendo nada para impedir e deixando que toda a tripulação seja morta ou convertida em Vampiratas... — Ele fez uma pausa. — Ou avisamos ao Drakoulis e eu sou desmascarado.

— Deixe-me entender direito — disse Cheng Li, franzindo a testa para Jacoby e Jasmine, do outro lado da mesa. — O próximo ataque dos Vampiratas acontecerá esta noite. O alvo é o *Albatroz*. E Connor está desesperado —, palavras suas —, para que a gente finja que não vê e deixe a coisa ir em frente?

— É mais ou menos isso, capitã.

— Connor tem um bom argumento — acrescentou Jacoby. — Se agirmos para impedir esse ataque, o disfarce dele será destruído imediatamente. Teríamos que estar prontos para tirá-lo de trás das linhas inimigas tão rápido quanto um foguete.

— Claro, poderíamos fazer isso — disse Cheng Li. — Se fosse a nossa opção.

Jasmine ficou desconcertada com as palavras da capitã. Por que essa não seria a opção deles?

Cheng Li juntou as mãos em um arco e pousou o queixo em cima, como fazia frequentemente quando estava analisando problemas complexos.

— Na situação que vocês apresentam, não somente precisaríamos resgatar Connor, como qualquer avanço que ele tenha feito no campo rebelde estaria perdido instantânea e inevitavelmente. — Cheng Li ficou em silêncio por um momento, depois empurrou a cadeira para trás e se levantou. — Segundo os relatórios de Kally, parece que Connor agora se estabeleceu muito bem com Sidório e os principais Vampiratas tanto do *Capitão de Sangue* quanto do *Errante*. — Agora Cheng Li se virou para Jacoby, com os olhos amendoados fixos nos deles. — Não concorda?

— Concordo, capitã. Minha impressão é que ele convenceu os tripulantes dos dois navios de que é filho de Sidório e que faz parte integral da família.

Jasmine imaginou qual teria sido a dificuldade desse trabalho, mas afastou o pensamento, decidida a não revelar as suspeitas aos colegas.

— Tendo aproveitado a idiotice dos Vampiratas — continuou Jacoby, inabalável —,

agora Connor tem acesso a informações do mais alto nível.

— Como demonstra nosso aviso antecipado sobre este ataque — completou Jasmine.

Os olhos de Cheng Li estavam brilhantes.

— Em outras palavras: nós tivemos sucesso na missão de colocar um agente da Federação bem no centro do comando Vampirata. A partir de agora eles não podem dar um passo sem que nós saibamos. — Ela estalou os dedos, satisfeita.

O olhar de Jasmine permanecia fixo na capitã. Cheng Li voltou à mesa e, por um momento, ficou sentada diante do retrato do pai. Jasmine pôde ver a idêntica expressão de determinação firme no pai e na filha. Depois Cheng Li sentou-se de novo atrás da mesa.

— Tomei minha decisão. Ouçam atentamente. Vamos fazer o seguinte.

CAPÍTULO 27
Irmãos de sangue

— Connor, abra! Ei, Connor, deixe eu entrar!

Connor abriu os olhos, encolhendo-se ao som de batidas fortes na porta metálica.

— Abra!

Reconhecendo que a voz pertencia a Stukeley, Connor rolou para fora do beliche e cambaleou, com os olhos embaçados, até a porta da cabine. As batidas continuaram, sem diminuir o ritmo.

— Certo — gritou ele. — Espera, já estou indo. — Abriu a porta e seu amigo entrou na cela como uma bola de energia e empolgação, os olhos brilhando.

— Voltei! — declarou Stukeley.

— Estou vendo. Mas de onde?

— Do *Albatroz*!

As palavras passaram por cima da confusão de Connor e ele entendeu imediatamente. Stukeley havia retornado de sua missão. Os Vampiratas haviam tido sucesso em tomar seu segundo navio pirata.

— Você deveria ter visto! — disse Stukeley. — O *Narcisos Drakoulis*. — Ele cuspiu o nome do capitão com nojo óbvio. — Encolhido aos meus pés, implorando piedade. — Havia um sorriso sinistro no rosto de Stukeley enquanto ele continuava. — Em nenhum momento eu implorei piedade a *ele*, não foi, Connor? Você se lembra daquele dia.

Connor confirmou, franzindo a testa. Claro que se lembrava daquele dia. Jez Stukeley havia lutado e perdido um duelo com o principal lutador de Drakoulis e sangrou até a morte no convés do *Albatroz*. Esse fora um dos dias mais sombrios para Connor; um dia que o acordou para a brutalidade de sua nova profissão. A luta entre Jez e o campeão de Drakoulis, Gidaki Sarakakino, fora desigual, Jez nunca tivera a menor chance. Mas agora a situação estava invertida.

— Você matou Sarakakino também?

Stukeley encarou-o.

— Na verdade, não. Deixei-o ir. — Connor ficou surpreso. — Sabe por quê? Porque ele só estava fazendo o seu trabalho, obedecendo ao seu capitão, assim como eu estava cumprindo meu dever para com o capitão Wrathe.

— Você não sabe, mas, logo depois que você morreu, Sarakakino veio até nós — afirmou Connor. — Disse que você lutou bem, que não passou nenhuma vergonha.

Stukeley sorriu.

— Fico feliz por tê-lo poupado. E *só* ele. — Havia uma expressão distante em seu olhar, depois ela passou e Stukeley prosseguiu: — Mas olha, estou com vontade de comemorar, e quem é um companheiro de farra melhor do que meu velho camarada, o senhor Connor Tormenta?

Connor estava em dúvida.

— No que, exatamente, você está pensando?

— Você e eu vamos à Taverna do Sangue. A que fica no riacho do Limbo, lembra?

Como ele poderia esquecer?

— Fico feliz por sua vitória — respondeu Connor, sabendo que não parecia nem um pouco alegre —, mas não me sinto confortável naquele lugar.

Stukeley ficou frustrado.

— Johnny não poderia ir com você? — sugeriu Connor. — Ou Sidório?

— Johnny está perambulando por aí com sua irmã. E Sidório, bem, dou três chances para você adivinhar com *quem* ele está.

— Lady Lola.

— Bingo! — Stukeley fez o gesto de atirar com uma arma. — De qualquer modo, é com você que eu quero comemorar, Connor. Você é meu amigo. — Ele avançou e envolveu Connor num abraço e sussurrou no seu ouvido: — Nós somos irmãos de sangue, eu e você.

Connor sentiu as entranhas gelarem ao ouvir essas palavras, mas, gostando ou não,

havia certa verdade inabalável nelas. Houvera um tempo em que eram íntimos como irmãos; agora talvez fossem de novo. E o que, senão o sangue, os unia?

Enquanto soltava-o, Stukeley encarou o amigo.

— O que há, meu velho?

Connor avaliou as opções. Precisava conversar com alguém, e para esse assunto específico não havia confidente melhor do que Stukeley.

— Minha fome de sangue aumentou.

Stukeley esperou que o amigo aprofundasse o tema.

Connor sentiu parte do fardo sair das costas quando continuou:

— Aconteceu quando Sidório me levou no primeiro ataque. Foi um dos motivos para eu ficar tão abalado. Não só pelo derramamento de sangue em volta, mas porque eu... — Ele hesitou. — Porque pude sentir minha fome de sangue. — Ele baixou os olhos.

— Connor. — Agora a voz de Stukeley estava mais suave. — Você não deve se sentir mal por causa disso. É motivo de comemoração.

— É?

— Este é um dia muitíssimo especial, meu amigo. — Stukeley passou o braço pelo ombro de Connor. — Venha! O seu velho amigo, o Stukeley, vai levar você à taverna e servir seu primeiro caneco de sangue.

— Não. Não estou pronto. Pelo menos por enquanto.

— Veremos. Mas de qualquer modo você vem comigo, não vou aceitar um não. Eu já disse, não existe ninguém melhor do que eu para guiar você nessas mudanças. Por falar nisso, meu velho, poderia, *por favor*, trocar de camisa? Essa aí está fedendo mais do que a minha, e você nem veio de uma batalha!

A Taverna do Sangue parecera um ambiente estranho na primeira vez em que Connor tinha acompanhado Stukeley até lá, e ainda era um local que dava medo. Os mesmos olhos leitosos os espiaram por uma abertura na porta ao chegarem, e quando entraram no vestíbulo — que parecia um velho cinema abandonado — Connor reconheceu a figura estranha e única de Lilith, a mulher que administrava a taverna em seu casulo de vidro no centro do saguão. Desde a última visita, ela havia tingido o cabelo de vermelho, mas ainda o usava num coque característico. As pálpebras estavam cobertas de *glitter* turquesa.

Na última vez em que ele viera, Connor e Lilith tiveram uma conversa bastante franca, mas, se ela se lembrava dele, não deu qualquer sinal de reconhecimento. Em vez disso, pareceu preocupada em contar o dinheiro de Stukeley.

— Tem certeza de que não quer experimentar? — perguntou Stukeley. — Tenho ouro suficiente nos bolsos. Drakoulis foi tremendamente generoso em sua morte.

— Não, tudo bem. Só vou esperar você... terminar.

Stukeley examinou o rosto do amigo, talvez ansioso por fazer mais uma tentativa de convencê-lo.

— Quarto número sete! — anunciou Lilith, inclinando a cabeça para a cortina de veludo. — Vá andando, queridinho. Há outros esperando a vez.

Stukeley andou até a cortina e se virou para saudar Connor antes de desaparecer do outro lado. Connor recuou até os gastos sofás de veludo na antessala e olhou o desfile de Vampiratas que iam para trás da cortina vermelha.

— O próximo! — berrou Lilith dentro de sua gaiola dourada.

Connor não conseguia afastar o olhar da cortina de veludo vermelho, e percebeu que uma mudança sísmica havia acontecido desde sua visita anterior à Taverna do Sangue. Na época sentira a separação entre ele e a clientela de Lilith, a porta servindo como divisória. Deste lado, a normalidade, a mortalidade; do outro um mundo além de sua imaginação, o caos. Agora podia estar sentado no mesmo lugar de antes, mas estava claro que seu lugar era do outro lado daquela porta. Podia ter recusado a oferta de Stukeley de tomar sangue esta noite, mas sentia em seu coração pesado que era apenas uma questão de tempo antes de ceder.

— Você ainda não sente que faz parte disso, não é? — perguntou Stukeley, encontrando Connor à sua espera no bote.

— Pelo contrário. Sinto que *faço* parte. E isso me deixa maluco.

Stukeley manobrou o barco para longe da pedra. Ele parecia mais robusto, mais semelhante ao que fora em sua vida mortal. Isso fez Connor pensar. Talvez devesse ceder à fome. Porém, enquanto pensava nisso, um rosto lhe apareceu no escuro. Jasmine. Podia vê-la com tanta clareza como se ela estivesse ali parada, olhando-o da pedra; seus olhos escuros e inteligentes fixos nele, arregalados de preocupação.

Pensou no relacionamento dos dois. Sem dúvida agora ele estava condenado. Ela lhe dissera que Connor poderia lhe contar qualquer coisa, que não estava sozinho, mas, mesmo sabendo que as palavras de Jasmine eram sinceras, tinha toda a certeza de que os sentimentos dela iriam mudar caso descobrisse a verdade a seu respeito.

— Ei — disse Stukeley, pondo a mão no ombro de Connor. — O que há?

Connor suspirou.

— Uma garota — começou.

Stukeley sorriu e revirou os olhos.

— Sempre há uma garota.

— As coisas são complicadas, mas nós temos uma ligação especial. Pelo menos eu achei que tínhamos, mas ela não sabe a verdade sobre mim e, se soubesse, tenho certeza de que seria o fim de tudo.

— Não. Você não sabe disso, Connor, só está se torturando. Você tem muita coisa em que pensar agora. Só está começando a entender sua verdadeira identidade, conhecendo seu pai biológico e sua madrasta, só está dando os primeiros passos nesse mundo. Dê um tempo a si mesmo. E não tente duvidar dessa garota... qual é o nome dela, afinal?

Connor hesitou, mas ao falar o nome dela não pôde deixar de sorrir.

— Jasmine. Jasmine Pavão. Ela é incrível... Mas eu a conheço, Stuke. Conheço e sei como ela se sente em relação aos Vampiratas...

— Você não é exatamente um Vampirata, não é, meu velho?

Connor deu de ombros.

— Vampirata, dhampiro. Qual é a diferença?

— Sei que você não acredita, mas posso garantir que ser um Vampirata não atrapalhou meu sucesso com as mulheres. Pelo contrário, amigo, eu tenho que espantá-las. — Ele deu dois socos no ar, depois perdeu o equilíbrio e, por um momento, pareceu que ia cair na água. Connor gargalhou.

— Assim está melhor. É bom ver um sorriso nessa sua cara feia, jovem Tormenta.

— Você é um Vampirata, e as garotas de quem você gosta também são, então é óbvio que não haveria problemas entre vocês. Comigo e Jasmine não é a mesma coisa. Nós pertencemos a mundos diferentes.

— Ah, sei. Bom, para ser franco, mesmo entre nós, Vampiratas, o caminho do amor verdadeiro nem sempre é tranquilo.

Connor sorriu.

— Parece que *você* tem uma história a contar! Que tal dar alguns detalhes? Eu contei tudo sobre Jasmine.

Stukeley deu de ombros.

— Não há muito o que dizer. Só que o nome dela é Darcy Flotsam e ela é a figura de proa do *Noturno*.

— Darcy? Eu a conheço!

— Conhece? — Os olhos de Stukeley se iluminaram por um momento. — Bom,

provavelmente também sabe que eu a deixei na mão. Em grande estilo. Mas um dia espero convencê-la do quanto sou louco por ela. — Stukeley sorriu para Connor. — Imagino que essa tal de Jasmine deva ser uma garota bem incrível, se está causando esse efeito em você. Tenha fé que você fará a coisa dar certo, meu velho, assim como tenho fé com relação a Darcy. Ninguém pode deixar um bom bucaneiro na pior!

Connor sentiu-se mais animado. Talvez Stukeley estivesse certo. Mesmo que houvesse apenas uma chance mínima, seria o suficiente para que ele a agarrasse.

Connor e Stukeley foram recebidos no convés do *Capitão de Sangue* por Johnny, que acenou para eles e veio correndo.

— Stukeley, *mi amigo*, ouvi dizer que você merece os parabéns! — Ele sorriu. — Tomou o *Albatroz* e toda a tripulação! O capitão está satisfeitíssimo.

— Está mesmo? — Stukeley não conseguia esconder o prazer.

— Ah, está. É, sem dúvida você estabeleceu um padrão para todos nós. Mal posso esperar a minha vez!

— A sua vez? — perguntou Connor. Todos os seus pensamentos febris da noite foram deslocados para essa nova informação. Sem dúvida o próximo ataque já estava sendo planejado.

— Sim, senhor, vou comandar a próxima missão e não pretendo desapontar.

— Alguma ideia de que navio você vai atacar, meu velho? — perguntou Stukeley.

Os olhos de Johnny brilharam ao luar.

— O capitão e Lady Lola ainda estão tomando a decisão final, mas reduziram as opções a dois navios. — Connor sentiu uma enorme tensão enquanto esperava que Johnny continuasse. — Vai ser o *Tífon* ou o *Diablo*.

— O *Diablo*? — exclamaram Connor e Stukeley ao mesmo tempo.

— Vocês conhecem?

— É... conhecemos — disse Stukeley. — Era o nosso navio. Quando éramos piratas.

— O navio de vocês? — Johnny soltou um assobio. — Então, se eu capturá-lo, devo ser misericordioso com o capitão?

— Com Molucco Wrathe? — perguntou Stukeley, virando-se para Connor. — Ser misericordioso com Molucco Wrathe? O que acha, Connor? O que *você* faria se estivesse no lugar do Johnny?

Connor pensou em Molucco. O sujeito que ele vira a princípio como um patife adorável, depois como pai substituto. Porém, cada vez mais passara a enxergar Molucco

como outra coisa: um sujeito perigoso e irresponsável. Era verdade que, se havia um responsável pela morte de Jez, era Molucco. Mesmo assim, pensar nele sendo trucidado por Johnny e a tripulação Vampirata fez com que Connor se sentisse mal.

— Anda, Connor — disse Johnny. — Diga o que acha.

Connor apontou para cima da cabeça.

— Acho que deveríamos voltar para baixo do convés. O céu vai começar a clarear, a noite está indo embora.

— Como sempre, o jovem Tormenta fez uma ótima observação — disse Stukeley. — Venham, meus dois irmãos de sangue. — Ele estendeu os braços e empurrou os colegas em direção à porta que levava para baixo e para longe do perigo da luz que se aproximava depressa.

CAPÍTULO 28
Código prateado

Cheng Li entrou em sua cabine. Cate acompanhou-a para dentro e fechou a porta dupla com cuidado.

— Sente-se — disse a capitã, indicando a mesa redonda que costumava usar para discussões de estratégia, preferindo-a à escrivaninha.

Cate sentou-se.

— Água? — Cheng Li ergueu uma moringa. — Ou deseja alguma coisa mais forte, do meu bar pessoal?

— Para mim, não, capitã. Água está ótimo.

— Provavelmente está certa — afirmou Cheng Li, servindo-se num copo. — Bom, então você ia me colocar a par dos últimos passos no treino de combate. Qual é a história?

— A coisa está indo bem. Caso surja a necessidade de nos defendermos contra um ataque dos Vampiratas, acho que podemos lutar bem...

— Não é uma questão de *se*, Cate, e sim de quando. E *achar* que podemos lutar não basta. Preciso ter *certeza*, e isso significa que *você* precisa ter certeza.

— Entendo completamente sua posição, capitã Li. Meu problema é que ainda não testamos meu treinamento contra nenhum Vampirata. Até fazermos isso, não tenho

nenhum modo de saber se estamos no caminho certo.

Cheng Li tomou um gole d'água e levantou a caneta para anotar algo em seu bloco.

Cate tentou ler o que estava escrito de cabeça para baixo, mas foi interrompida por uma batida súbita na porta da cabine.

Cheng Li demonstrou irritação.

— Eu pedi especificamente para *não* ser interrompida — disse, levantando-se. — Quem é? — gritou.

Em resposta, a porta se abriu e Jasmine e Jacoby entraram, a passos largos.

— Desculpe por interrompermos a reunião — disse Jacoby.

Agora Jasmine falou:

— Temos uma situação de código prateado.

— Cate, teremos que continuar mais tarde — disse Cheng Li. — Jacoby, Jasmine, o que está acontecendo?

Cheng Li caminhava pelo grande corredor da Academia dos Piratas, ladeada por Jasmine e Jacoby.

— Capitã — disse Jasmine. — Antes de entrarmos, posso ter um momento a sós com você?

— Não — vociferou Cheng Li. — Numa condição de código prateado, cada segundo conta. Se você quisesse falar alguma coisa, deveria ter dito durante a viagem para cá.

Jasmine ficou vermelha.

— Eu esperava conseguir falar com você *a sós*, capitã. É sobre Connor.

— Por que quer falar com a capitã Li sem mim? — perguntou Jacoby.

— Agora não importa — respondeu Jasmine.

— É — concordou Cheng Li. — Não importa. O que quer que seja, terá que esperar.

Jasmine e Jacoby trocaram um olhar tenso enquanto a senhorita Martingale vinha rapidamente na direção deles, os saltos altos fazendo barulho no piso de mármore xadrez.

— Capitã Li — disse a senhorita Martingale. — O capitão Grammont, o comodoro Black e os outros estão esperando-os no subsolo. Vou levá-los até lá. — Ela abriu a porta da sala do diretor, que no momento estava deserta. Marchando rapidamente até a antiga escrivaninha, estendeu a mão para um botão e apertou-o cinco vezes. Enquanto ela fazia isso, um dos painéis de couro da parede abriu-se obedientemente.

— Sigam-me! — cantarolou, torcendo seu broche até ele se iluminar. Em seguida,

abriu caminho pela escada espiral até o subsolo. — Hoje eles estão na sala nove — disse.

— Obrigada — respondeu Cheng Li. — A partir daqui podemos ir sozinhos, Frances.

A senhorita Martingale parou e fez a saudação da Federação para a capitã Li.

— É sempre um prazer vê-la, senhora — disse ela. — Quaisquer que sejam as circunstâncias.

— Igualmente — respondeu Cheng Li, devolvendo a saudação e batendo à porta da sala nove.

— *Entrez*! — gritou Rene Grammont.

Cheng Li entrou à frente de Jacoby e Jasmine na sala, que, como muitas das salas vizinhas, abrigava uma comprida mesa de reuniões feita de madeira de antigos navios piratas. Ao longo da mesa estavam as principais autoridades da Academia e da Federação dos Piratas.

— *Bienvenue!* Bem-vindos! — exclamou o capitão Grammont. — Nas circunstâncias atuais, vamos ser breves nas apresentações.

— Entendido — disse Cheng Li. — Creio que todos conhecem meu imediato, Jacoby Blunt, e tenho certeza de que a tenente Jasmine Pavão também não é estranha a vocês.

— Não mesmo — respondeu Lisabeth Quivers. — Nunca nos esquecemos dos nossos melhores alunos! E no momento temos três na sala.

Houve cumprimentos e murmúrios ao redor da mesa.

— Por favor — disse o capitão Grammont. — Sentem-se e coloquem-nos a par das últimas notícias.

Cheng Li e seus colegas sentaram-se.

— Como indiquei em minha mensagem, temos uma situação de código prateado. Eu poderia mandar a notícia através de Kally...

— Ela é a agente rabo de peixe que você está usando, *oui*? — perguntou Grammont.

— Exato — confirmou Cheng Li. —, e eu poderia tê-la mandado com uma mensagem completa, mas achei melhor falar com os senhores pessoalmente.

— Somos todos ouvidos — disse o comodoro Black, direto como sempre.

— Esta situação tem a ver com toda a Federação dos Piratas — prosseguiu Cheng Li —, mas, em especial, com três de nós. — Ela olhou para a extremidade da mesa, falando os nomes enquanto encarava os rostos. — Trofie Wrathe, Barbarro Wrathe e Molucco Wrathe. — Cheng Li fez uma pausa. — Nossa espionagem informa que, amanhã à noite, um de seus navios será atacado pelos Vampiratas. Talvez dois.

Houve uma respiração sobressaltada ao redor da mesa.

— Vocês devem ter conhecimento — disse Cheng Li — de que duas embarcações da Federação já foram atacadas e tomadas por forças Vampiratas: o *Redentor* e, recentemente, o *Albatroz*. Pelo que sabemos, os capitães e as tripulações dos dois navios foram mortos, ainda que algumas informações sugiram que estão sendo feitos esforços para reviver certos piratas, numa tentativa de recrutá-los para as forças dos Vampiratas.

— Quando fala de informações — disse Barbarro Wrathe — presumo que esteja se referindo ao nosso agente secreto, Connor Tormenta?

— Como os senhores sabem, nós convencemos Sidório, o autointitulado rei dos Vampiratas, de que Connor é seu filho. A missão dele está seguindo extremamente bem e as informações que ele tem mandado através de Kally são cada vez mais valiosas.

Molucco Wrathe deu um riso abafado.

Os olhos de Cheng Li relampejaram na direção dele.

— Tem algo a acrescentar, capitão Wrathe?

— Bom, sim, capitã Li. — O olhar de Molucco buscou sua antiga companheira de disputas. — Se as informações do senhor Tormenta são tão boas, como explica o fato de que ele não avisou antecipadamente sobre os ataques contra as outras duas embarcações da Federação?

Cheng Li não hesitou.

— Eu gostaria que todos os senhores imaginassem a situação perigosa em que Connor está trabalhando. Jamais, na história da Federação, tivemos um espião no território inimigo. Connor está arriscando a vida, os membros e os vasos sanguíneos pela Federação, por cada um de vocês.

— Entendemos isso — disse Lisabeth Quivers, com a voz, como sempre, derramando bálsamo sobre águas turbulentas. — E apreciamos tanto a coragem de Connor quanto seu *coup de grâce*, capitã Li, ao encontrar uma maneira de ele se infiltrar.

Jasmine franziu o cenho. Cheng Li não havia encontrado um caminho para dentro do covil de Sidório, a porta já estava aberta. Tinha certeza. E a capitã havia mandado Connor para o inferno sem pensar sequer por um segundo na segurança dele. Teria que conversar sobre isso com ela, assim que a oportunidade se apresentasse.

— A capitã Quivers fala em nome de todos nós — disse o capitão Grammont. — Nós a parabenizamos, capitã Li, e a sua jovem tripulação extremamente talentosa. — Ele sorriu, incluindo Jasmine e Jacoby.

— Obrigada — respondeu Cheng Li. — O fato é que Connor não teve aviso antecipado do ataque contra o *Redentor*. — Ela hesitou. — Quanto ao segundo... ao *Albatroz*. Bom, na

verdade nós tivemos um aviso antecipado...

Jacoby se virou para Cheng Li, boquiaberto. Não podia acreditar que ela daria essa informação tão voluntariamente. Dizer que a plateia estava atenta a suas palavras seria um eufemismo.

— Sim — continuou Cheng Li. — Nós *fomos* alertados do ataque contra o *Albatroz*, porém eu mesma tomei a decisão de não repassar essa informação.

Houve murmúrios de perplexidade ao redor da mesa.

— Você mandou o capitão Drakoulis para a morte! — exclamou Apolostolos Solomos.

Mas o apoio veio de um local inesperado quando o comodoro Black interveio:

— Vocês não entendem? A capitã Li ficou entre a cruz e a espada. Se avisasse ao Drakoulis, poderia salvar o navio dele, mas estragaria o disfarce de Connor. A missão dele, que, como diz a capitã Li, não tem precedentes na história da Federação, teria terminado antes de começar.

— Mesmo assim... — protestou Francisco Moscardo.

Ele também foi interrompido pela voz esganiçada do comodoro Black.

— A capitã Li tomou uma decisão que todo comandante militar, inclusive eu, já precisou tomar em algum momento da carreira. Ela optou por perder uma batalha para ganhar a guerra.

Cheng Li viu-se em águas pouco familiares ao sentir-se agradecida e bem-disposta com relação ao comodoro Black.

— Exatamente — disse.

— No entanto — observou a capitã Kirstin Larsen, entrando na discussão —, você tomou a decisão de nos alertar hoje do fato de que o *Diablo* ou o *Tífon* é o próximo navio na lista dos Vampiratas?

— Você preferiria que ela ficasse em silêncio e deixasse que nós morrêssemos? — reagiu Trofie Wrathe.

— Claro que não — continuou calmamente a capitã Larsen. — Só estou tentando entender o raciocínio da capitã Li. O que torna você e seu navio diferente do capitão Drakoulis e do *Albatroz*?

— É uma pergunta justa — disse Cheng Li, olhando para Trofie, em seguida para Barbarro e, depois, Molucco. — E confesso que fiquei dividida. Ao avisá-los, ainda estou arriscando a segurança pessoal de Connor, que, claro, eu levo muito a sério, e, mais fundamentalmente, o sucesso desta missão histórica. — Ela suspirou. — No entanto, quando Jasmine e Jacoby me trouxeram a notícia dos planos de ataque, me pareceu que eu

precisava dividir com vocês essa informação. Um de seus navios, possivelmente os dois, será o alvo amanhã à noite. A situação com os Vampiratas está ficando mais difícil.

O comodoro Black assentiu, dizendo:

— Você tomou a atitude correta. — Depois se dirigiu ao grupo como um todo. — Vamos fornecer às duas tripulações os kits de defesa contra Vampiratas criados pela capitã Li e sua equipe.

— Ficarei feliz em permanecer aqui e conversar com vocês sobre as novas armas que criamos e nossos procedimentos de defesa — disse Cheng Li. — Isso não vai demorar muito e seria preferível a ler em um manual.

— Obrigado — responderam Barbarro e Trofie Wrathe ao mesmo tempo. Todos os olhares se voltaram para Molucco.

— É... obrigado, mas não, obrigado — disse ele. — Tenho alguns negócios urgentes a resolver.

Barbarro se virou para o irmão.

— O que, diabos, poderia ser mais urgente do que preparar seu navio para um ataque iminente por parte desses demônios?

Molucco já estava de pé e pôs a mão no ombro de seu irmão mais novo.

— O que é *sempre* mais urgente na cabeça de um capitão pirata? Tesouro! Meu novo imediato identificou uma pista muito promissora, que pretendo seguir rapidamente.

— Por favor, reconsidere — disse Cheng Li. — Isso só vai tomar alguns minutos do seu dia, e o trabalho que fizemos pode salvar sua vida e a da sua tripulação, meus antigos colegas.

Molucco olhou para a capitã.

— Eu lhe dei mais minutos do meu dia do que suporto admitir. — Virando-se para os outros, balançou os braços. — Vocês todos não esqueceram alguma coisa? A vida do pirata sempre foi curta, porém alegre. Nós já enfrentamos perigos e sobrevivemos para içar as velas de novo.

— Irmão! — exclamou Barbarro, levantando-se. — Esse é um perigo totalmente novo. Já se esqueceu do Porfírio? *Você* pode estar pronto para perder outro irmão, mas eu certamente não estou. Reconsidere. Pelo menos leve o kit de defesa.

— Certo — disse Molucco, impaciente. — Vou levar o kit se isso faz vocês todos se sentirem melhor, e, mais tarde, *depois* de resolver meus negócios, prometo ler de cabo a rabo o último manual da senhorita... desculpe, da *capitã* Li.

Com isso, Molucco cambaleou até a porta e, quando ele passou por Cheng Li,

Scrimshaw se esticou por um momento para fora dos *dreadlocks*. Jasmine achou que havia uma expressão de súplica desesperada nos olhos da cobra. Tentou afastar o pensamento; estava deixando sua imaginação dominá-la.

Assim que Molucco saiu, o capitão Grammont falou:

— Gostaria de sugerir que todos ficássemos para a apresentação da capitã Li. Para mim está claro que os riscos cresceram de fato e que todos devemos estar o mais familiarizados possível com as novas armas e os novos procedimentos.

Houve um coro de "isso mesmo, apoiado" ao redor da mesa.

— Pausa de vinte minutos — anunciou o comodoro Black. — Depois nos reunimos de novo.

Durante a pausa, Jasmine finalmente teve chance de falar com Cheng Li a sós no terraço da academia.

— Desculpe pelo modo como agi antes — disse Jasmine. — Eu estava preocupada com Connor, mas agora que sei que vamos tirá-lo de lá, está tudo bem.

Cheng Li olhou com curiosidade para Jasmine, tomando uma xícara refrescante de chá de ouriço-do-mar.

— Nós *vamos* tirá-lo — continuou Jasmine. — Não vamos?

Cheng Li fez um gesto negativo.

— As informações que ele tem nos transmitido são valiosas demais para abortar a missão neste momento.

Uma dor lancinante atravessou a cabeça de Jasmine. Ela não podia acreditar no que estava escutando.

— Mas o que você disse lá dentro... sobre como leva a sério a segurança de Connor...

— Estou cem por cento comprometida com cada membro da minha tripulação.

— Então *precisa* tirá-lo de lá. Hoje!

— Não.

O rosto de Jasmine parecia de aço.

— Vou desobedecer e contatar Kally eu mesma, se for necessário.

A capitã deu um sorriso suave e tomou outro gole de chá.

— Jacoby já está indo contatar Kally. Tirei essa tarefa de você. De agora em diante Jacoby será o único contato com Kally.

O olhar de Jasmine percorreu freneticamente o terraço, procurando um vislumbre de Jacoby. Ele não estava à vista. Então devia ser verdade. Ele já estava indo contatar Kally.

— Você sabe — disse. — De algum modo você sabia que eu ia deduzir. Que você não bolou esse ardil brilhante de que Connor é filho de Sidório. Ele é *mesmo* um dhampiro. Você apenas se aproveitou da situação.

Cheng Li sorriu para Jasmine.

— Se alguém poderia deduzir, seria você. Sei como ficou próxima de Connor, ainda que Jacoby esteja cego para isso. Você é a mente mais afiada da minha tripulação, por isso preciso tê-la por perto. Como agora. Você voltará para dentro e se juntará a mim para colocar os capitães a par de toda a nossa pesquisa.

Jasmine mordeu o lábio.

— Dê-me um bom motivo para eu não deixá-la aqui e ir atrás do Jacoby. Ou, melhor ainda, ir eu mesma atrás do Connor.

Cheng Li pousou a xícara.

— Tenente Pavão, o tamanho da sua lealdade é um de seus traços mais impressionantes. Mas, número um: você assinou um contrato *comigo* e, número dois: você passou toda a vida treinando para representar um papel vital na história da pirataria. Desde que tinha sete anos e navegou pela primeira vez sob o arco da Academia, você esperou por esse momento. O momento é agora. Há questões maiores em risco do que um jovem pirata ou, de fato, um jovem dhampiro.

Uma única lágrima rolou pelo rosto de Jasmine. Cheng Li sabia que as palavras haviam cutucado uma ferida. No fim das contas, Jasmine era feita exatamente do mesmo material que ela; cada osso, cada impulso, estava comprometido com a causa.

— Sem dúvida você está sentindo um tanto de emoções confusas com relação a mim neste exato momento — disse Cheng Li. — Acredite, isso logo vai mudar. E, por favor, tenha certeza de que não pretendo perder Connor agora. Se quiser representar um papel na segurança dele, fique perto de mim e faça o que eu disser.

— Eu tenho alguma opção? — perguntou Jasmine, levantando o polegar para limpar a lágrima.

— Algum de nós tem? — Cheng Li se virou e voltou para dentro.

— Bom, Cate — disse Cheng Li horas depois, enquanto abria a porta de sua cabine. — Pronta para aquela bebida agora?

Cate fez um movimento com a cabeça.

— A água continua bastando para mim. Depois do seu encontro com o pessoal da Federação, tenho certeza de que vou trabalhar até tarde. Pretendo manter a cabeça limpa.

— Ela sentou-se à mesa de reuniões de Cheng Li e se pegou olhando para o bloco da capitã e os breves escritos feitos durante a reunião anterior entre as duas.

Enquanto Cheng Li sentava-se diante dela, Cate riu.

— Você realmente escreveu: *ação, CL — sequestrar Vampiratas para CM?*

Cheng Li olhou para Cate, perplexa.

— Escrevi. Você tem algum problema com isso?

As duas se entreolharam. Sempre que Cate pensava conhecer a capitã, algo acontecia para fazê-la reavaliar essa ideia.

— *Ela* pode não ter problema com isso, mas eu certamente tenho.

A voz veio da outra extremidade da cabine. Tanto Cheng Li quanto Cate ficaram imediatamente em guarda, o olhar varrendo a sala, espadas a postos. Foi então que notaram que a cadeira atrás da mesa da capitã estava fora da posição usual. Ela girou lentamente na direção das duas.

— Você! — exclamou Cheng Li. Um sorriso se abriu em seu rosto. — Bom, se eu posso perdoar *alguém* por invadir minha cabine, é você. — Ela encarou o intruso. — Mas realmente precisamos parar de nos encontrar desse jeito!

Ele levantou-se da cadeira e foi para perto das mulheres.

— Cate Morgan — disse Cheng Li com um ar de formalidade. — Quero que conheça Lorcan Furey. Tenente Furey, esta é minha consultora de combate, Cate.

Lorcan estendeu a mão e apertou a de Cate.

— Senhorita Morgan, sua reputação a precede. Na verdade você é o motivo para eu estar aqui. Preciso de sua ajuda.

Os olhos de Cate pareciam a ponto de saltar da cabeça.

— *Você* é o Vampirata Lorcan Furey? — gaguejou ela. — E veio *me* ver?

Ele confirmou com um gesto, fitando-a com seus penetrantes olhos azul-celeste.

— O próprio. Mas, para sua informação, agora nos chamamos de Noturnos, para nos distanciarmos de Sidório e seu grupo.

Cheng Li demonstrou aprovação. Como na última vez em que haviam se encontrado, ela achava impossível desviar o olhar do jovem Vampirata. No mínimo ele parecia ter ficado *mais* cativante desde a visita anterior. Era necessário um esforço para se recompor, mas ela conseguiu de algum modo.

— Sente-se, tenente Furey. O que quis dizer antes, ao falar que precisava da nossa ajuda?

— Talvez fosse mais exato dizer que eu vim, em nome dos Noturnos, ou dos

Vampiratas do bem, se preferirem, propor uma aliança.

— Uma aliança? — Cheng Li pensou na deliciosa possibilidade de uma aliança com Lorcan Furey.

— Deixe-me adivinhar — disse Cate. — Vocês querem chutar o rabo de Sidório para fora dos oceanos, mas não podem fazer isso sozinhos.

— Bingo — respondeu Lorcan, sorrindo para Cate. — E imagino que vocês talvez queiram exatamente a mesma coisa.

CAPÍTULO 29
Festa do pijama

Mais uma vez Grace estava cavalgando na praia durante as horas mais escuras da madrugada. A cada noite se tornava uma amazona mais confiante. Hoje, finalmente, Johnny permitiu que Nieve aumentasse o passo de um meio-galope pleno para um galope, ao que Grace ficou vermelha de orgulho e empolgação; sabia que era um sinal da confiança que ele tinha nela. Agora parecia natural entrelaçar os dedos na crina macia de Nieve e se recostar no peito de Johnny. Enquanto Nieve trovejava pela fronteira entre terra e água, Grace segurou-se com mais força, porém sentiu uma empolgação profunda pulsar pelo corpo. Os borrifos salgados batiam em seu rosto e, virando-se para Johnny, viu que ele também estava encharcado. Ele ria, a boca aberta para revelar dentes tão lisos e brancos quanto a crina de Nieve. Aquelas cavalgadas noturnas haviam se tornado muito especiais para os dois. Era um segredo que compartilhavam; um segredo profundo e poderoso. Quando Nieve acelerou o passo mais uma vez, Grace foi lançada para trás nos braços de Johnny. Ele segurou-a e firmou-a, e depois se inclinou para a frente e beijou-a, faminto, na boca. Ela não fez nada para resistir...

Grace acordou com um susto, o coração ainda martelando como se realmente estivesse numa cavalgada. Foi um choque ver-se sozinha no interior de sua cabine a bordo do *Errante*. Havia se acostumado a fazer uma sesta depois do *Tiffin*, descobrindo que um pequeno cochilo a deixava revigorada e cheia de energia pelo resto da noite. Mas esta noite

não se sentia nem um pouco assim. O sonho parecera muito real. Podia sentir o cheiro da maresia e o gosto de sal nos lábios de Johnny; lábios que ela não deveria beijar, nem em sonho.

Respirou fundo para se acalmar e tomou uma decisão: precisava conversar com Lorcan. Não conseguia se lembrar da última vez em que haviam conversado direito, pelo menos desde que chegara ao *Errante*. Tinha se permitido ficar distraída — inicialmente por Lola e ultimamente por Johnny. Percebeu que, com tudo o que acontecia ali, havia se convencido de que não era importante fazer contato constante com Lorcan, e sentiu culpa ao admitir isso, mesmo que só para si. Neste momento não havia nada que desejasse mais do que escutar a voz dele, ver seu rosto, sentir seus braços envolvendo-a.

Fechou os olhos e falou o nome dele. Onde quer que estivesse, ele ouviria seu chamado. Como fora ensinada, Grace visualizou a porta da cabine dele. A cada segundo tornava-a cada vez mais concreta em sua mente. Mais uma vez, falou o nome dele. Continuou sem resposta. Tentou pela terceira vez. Silêncio. Focalizou a visão ainda mais profundamente, até poder enxergar sua própria mão na porta, girando a maçaneta e empurrando-a.

— Grace!

Não era a voz de Lorcan, e sim de uma jovem.

— Grace! Acorda, acorda!

Percebeu que a voz não vinha de sua visão, e sim de fora da cabine. Franzindo a testa, abriu os olhos e se virou para a porta. Ela estava escancarada e a cabeça de Mimma surgia com um sorriso divertido nos olhos.

— Desculpe, querida, não queria interromper seu cochilo.

— Tudo bem — disse Grace. — Na verdade, eu não estava dormindo.

— Não? — perguntou Mimma, entrando no quarto como se fosse dela. — O que, exatamente, você *estava* fazendo, então, sentada aí de olhos fechados? Meditando?

Apesar de ter passado a gostar dela e, até certo ponto, confiar nela, Grace relutou em contar a verdade a Mimma. Em vez disso levantou as palmas das mãos.

— Está bem, admito. Eu *estava* dormindo.

Mimma gargalhou.

— Eu sabia! Você não pode enganar a velha Mim. — Em seguida, ela desabou delicadamente na cama e abriu sua bolsa, tirando punhados de itens de dentro dela e arrumando-os sobre a colcha.

Grace observava com curiosidade e, enquanto fazia isso, a porta se abriu de novo e

Jacqui e Nathalie entraram. Ambas carregavam bagagens; a de Jacqui parecia uma pequena maleta, e a de Nathalie era mais larga e feita de vime.

— Oi, Grace! — disseram as recém-chegadas em uníssono, enquanto a porta da cabine se fechava.

— Olá — respondeu Grace, acrescentando desnecessariamente: — Entrem!

Jacqui e Nathalie pararam dos dois lados de Mimma, assentindo com aprovação para o material de maquiagem que ela havia arrumado no edredom. Depois pousaram suas próprias bagagens na cama, e Jacqueline abriu sua maleta. No interior escuro, várias tiras de metal afiado e brilhante reluziram. Grace se inclinou para olhar melhor, mas antes que pudesse fazer isso, Jacqueline entrou na sua frente. O que estava acontecendo? Grace ficou um pouco irritada quando Jacqueline começou a passar os dedos por seus cabelos.

— Assim — ouviu Jacqueline dizer — ou assim?

— Assim! — respondeu Nathalie.

— Sem dúvida — concordou Mimma.

Agora Grace viu Nathalie tirar uma caixa de dentro de sua mala, seguida por um suporte para bolos, feito de vidro. Piscando para Grace, Nathalie pôs o suporte na mesinha baixa ao lado da poltrona dela.

— Adoro uma festa do pijama, você não? — perguntou, arrumando pequenos *macarrons* cor-de-rosa no suporte.

— Festa do pijama? — perguntou Grace. — Acho que nunca estive em uma.

— Está brincando? — disse Jacqueline, virando-se para ela. Foi então que Grace notou a enorme tesoura, afiada como navalha, que Jacqueline brandia.

— Para que é isso? — perguntou meio nervosa.

— Ora, para cortar seu cabelo, claro — respondeu Jacqueline, brandindo a tesoura como se fosse uma arma letal. — Achamos que era hora de dar uma geral em sua aparência.

— Você tem uma beleza natural, Grace, mas até quem nasceu bela precisa de um pouco de trabalho para trazer a beleza à tona — disse Mimma.

Nathalie sorriu e estendeu um pratinho e um guardanapo para Grace.

— Coma um *macarron*. São de comer rezando, e você sabe o que dizem: calorias cor-de-rosa não contam! — Grace viu-se estendendo a mão para o suporte e pegando um. Nem se incomodou em colocá-lo no prato: pôs direto na boca. Era absolutamente delicioso, leve como o ar.

— Mais um? — sorriu Nathalie, empurrando o suporte de bolos na direção de Grace.

Enquanto mordiscava mais educadamente o segundo docinho, Grace percebeu que Jacqueline já havia posto uma toalha sobre seus ombros e borrifado seu cabelo com água, e agora estava penteando-o meticulosamente.

— Bom — disse Mimma ajoelhando-se aos seus pés. — É hora de uma decisão importante! — Ela estendeu dois vidrinhos de esmalte de unha. — Qual *você* prefere? — Grace ficou surpresa ao ver que alguém perguntava qual era sua preferência. Apontou para o vidro na mão esquerda de Mimma.

— Esse, acho. O mais escuro.

— Boa escolha — disse Mimma, jogando o outro vidro para trás.

Grace estendeu a mão e pegou mais um *macarron*.

— Alguém quer um? — perguntou, percebendo que havia consumido quase metade sozinha.

Ao ver sua expressão, Nathalie sorriu.

— Não se preocupe, Grace, tem muito mais no lugar de onde esses vieram. Aproveite! Esta é uma noite de agrados para você!

— Pode ter certeza — disse Mimma, firmando o dedão do pé de Grace enquanto aplicava a primeira gota de esmalte. — Agora fale sobre você e o Johnny! — disse dando uma piscadela.

De repente Grace sentiu calor. Sua cabeça disparava com imagens da cavalgada com Johnny. Do sonho do qual havia acordado pouco antes.

— Você está ficando vermelha! — disse Nathalie, em sua voz cantarolante.

— É claro que está — concordou Jaqueline, por cima da cabeça de Grace. — Ela gosta dele. E quem pode culpá-la? Johnny é um gato!

— Nós somos apenas amigos — protestou Grace.

Mimma não falou nada, mas sua sobrancelha erguida dizia tudo.

— Ele certamente parece gostar de levar você para cavalgar — disse Jacqueline.

— Vocês sabem disso? — perguntou Grace, frustrada. — Deveria ser o nosso segredo.

— Ah, não fique tão chateada — disse Mimma, com o vermelho das unhas dos pés de Grace refletindo-se nos olhos. — *Ele* não disse nada.

— Nós vimos — explicou Nathalie. — Você parecia estar se divertindo muito. E, pelo que pude ver, é uma tremenda amazona.

Grace ficou vermelha, em parte pela lembrança e em parte pelo elogio.

— Eu não deveria estar falando do Johnny. E não deveria ter ido cavalgar com ele. Já tenho namorado. O nome dele é...

— Ah, Grace, nós somos todas amigas. — A voz de Mimma abafou a dela. — Ninguém vai julgar você. Não é, meninas?

Nathalie e Jacqueline concordaram murmurando.

— Johnny é um partidão, sem dúvida — disse Mimma. — Todas nós damos mole para ele desde que o conhecemos, mas parece que ele só tem olhos para você!

— Sabia que ele montava em rodeios? — perguntou Jacqueline. — Ele é selvagem como um garanhão, Grace, mas talvez você possa domá-lo.

— Ele é o tripulante mais lindo do *Capitão de Sangue* — acrescentou Nathalie. — Sem dúvida. A pele dele parece de caramelo, e aqueles olhos!

Nathalie entregou outro docinho a Grace.

— E então? — disse.

Enquanto Grace o levava aos lábios, descobriu que toda a frenética atividade ao redor havia parado subitamente. Mimma estava paralisada, com a escova na mão. Nathalie estava imóvel como pedra, a mão no suporte de bolos. Até Jacqueline havia pousado a tesoura e se juntado às outras. Agora as três garotas fitavam Grace cheias de expectativa, os olhos brilhantes e ansiosos por respostas.

Grace olhou para cada coração negro.

— Eu estaria mentindo se dissesse que não fiquei interessada nele — pegou-se confessando.

— Um último toque — disse Mimma, feliz, depois enfiou a mão em sua bolsa. — Perfume!

Ela encostou levemente a tampa de vidro do perfume atrás das orelhas e nos pulsos de Grace.

— Não é delicioso? Acho que o cheiro é de uma tarde de verão. Não que eu tenha visto uma há pouco tempo!

O perfume era mesmo maravilhoso, uma mistura fragrante de nectarina e mel. Mimma recolocou a tampa no vidro e deu um passo atrás para examinar seu trabalho.

— Linda como uma pintura — declarou, estendendo a mão para Grace. — Venha se olhar no espelho, mocinha.

Grace estivera sentada por tanto tempo que ficou tonta ao atravessar o quarto até o espelho da penteadeira.

A princípio sua aparência foi um choque, mas então ela sorriu. As garotas haviam feito um trabalho maravilhoso. Jacqueline deixara o cabelo quase no mesmo comprimento, mas dera a ele uma forma muito mais esguia e sofisticada. Essa mudança a

fazia parecer uma jovem mulher; uma das outras três, na verdade. Passou a mão pelos cabelos, notando, com prazer, as unhas pintadas. Depois olhou para a frente para apreciar o rosto: os olhos pareciam maiores, os lábios um pouco mais cheios, as maçãs do rosto mais nítidas.

— Obrigada — disse cheia de emoção. — Obrigada a todas vocês. Estou me sentindo maravilhosa.

— Espere até o Johnny ver — disse Jacqueline.

— Ele vai desmaiar — concordou Nathalie.

Grace ficou vermelha, mas pegou-se rindo com as outras.

— Na verdade tenho uma ideia. — Ela se inclinou adiante para sussurrar no ouvido de Mimma.

— Não é justo! — disse Jacqueline. — Nada de segredos!

Mimma gargalhou.

— Fique quieta! Grace, é uma ideia maravilhosa. Claro que posso fazer. — Ela estendeu a mão para os pincéis e começou a trabalhar.

— O que ela pediu? — insistiu Jacqueline.

Mimma não demorou para completar o serviço.

— Perfeito! — declarou.

As outras garotas se viraram e sobressaltaram-se.

— O que foi? — perguntou Grace.

— Você... agora você é uma de nós! — gaguejou Jacqueline.

— Deixe-me ver! — disse Grace, empolgada.

Como havia pedido, ao redor do olho direito estava a tatuagem do coração negro. Não era uma tatuagem de verdade, claro. Ainda não. Mas parecia. Sem dúvida combinava com ela, fazia seu olho se parecer ainda mais com uma esmeralda reluzente.

Grace suspirou, virando-se para as amigas.

— Muito obrigada a todas vocês. O que vamos fazer agora? Tem mais algum desses *macarrons* deliciosos?

— Na verdade, querida, nós precisamos correr — disse Mimma, jogando o resto de seu material na bolsa e fechando o zíper.

— Olhe a hora! — exclamou Jacqueline, pegando sua maleta. — Lola está esperando por nós.

— Sem dúvida — concordou Nathalie, colocando o suporte de bolos vazio de volta em sua mala e deixando um docinho solitário na mesa de centro.

— Eu vou com vocês — disse Grace.

— Ah, não — respondeu Mimma. — Não, querida, você pode ter um coração negro, mas acho que não está pronta para o que vai acontecer. — Beijando o ar dos dois lados das bochechas de Grace, ela passou pela porta com a mesma rapidez com que havia entrado.

Jacqueline beijou Grace do mesmo modo e seguiu Mimma.

Grace pegou o pulso de Nathalie.

— Diga. Aonde vocês vão?

Nathalie pensou na pergunta por um momento.

— Numa espécie de caçada — respondeu com um sorriso suave. Depois também deu um beijo de despedida em Grace e partiu, fechando a porta.

Grace sentiu o silêncio e o vazio da cabine que, apenas alguns segundos antes, estivera cheia com as vozes e os risos das garotas. Atravessou-a para olhar seu reflexo de novo e pegou-se fazendo beicinho para o espelho. Por que elas a haviam deixado assim? Agora Grace tinha o coração negro. Estava pronta para ir caçar com elas, o que quer que isso significasse.

Cruzou os braços, chateada, e deu as costas para o espelho, refletindo. Vendo o roupão esparramado na poltrona, lembrou-se de que estava tentando contatar Lorcan quando as garotas a surpreenderam com a festa de pijama improvisada. Poderia tentar de novo agora, pensou. Mas enquanto se acomodava na poltrona percebeu que não era mais com Lorcan que desejava falar. Só havia um Vampirata em sua mente. Sorriu. Johnny.

Lola gargalhou deliciada quando Mimma a colocou a par da festa do pijama.

— Isso está se saindo mais fácil do que eu havia imaginado — disse ela. — Não vê, minha cara? Grace anseia por ser uma de nós. Está louca por isso.

Mimma deu de ombros, aceitando, agradecida, a taça de sangue especial que a capitã estendia.

— Esta não é a única coisa que Grace deseja. Certo ex-astro dos rodeios deixou sua enteada suspirando na sela.

Lola se iluminou de prazer.

— Verdade? Bom, parece que o caubói está cumprindo com sua parte no trato. — Ela tomou um gole da bebida. — Diga, como se saíram os docinhos especiais de Nathalie?

Mimma sorriu.

— Grace não conseguia ficar saciada. Aquela garota tem um baita apetite.

— É. — Lola assumiu um ar decidido. — Acho que temos Grace exatamente onde queremos. Nada de sangue nas próximas noites, entendeu?

Mimma concordou.

— Sim, capitã.

— Nada de sangue — repetiu Lola, sorrindo. — Isso deve lançar o apetite crescente da pequena Grace para a estratosfera.

CAPÍTULO 30
Sob ataque

— Não gosto disso — disse Trofie Wrathe, andando de um lado para o outro da cabine do capitão, usando o que parecia um macacão prateado, mas que, na verdade, era sua nova armadura feita sob medida para batalhas.

— Eu sei, querida — respondeu Barbarro —, mas temos instruções claras. Precisamos operar num estado constante de alerta vermelho, estamos correndo perigo. Ou nosso navio ou o do meu irmão é o próximo alvo dos Vampiratas. Não saberemos qual, até que aconteça.

Trofie suspirou.

— Nós já enfrentamos aquela pavorosa Lady Lockwood, por que devemos nos esconder aqui embaixo? Se ela ou seus companheiros ousarem abordar o *Tífon* de novo, quero ser eu a brandir a primeira arma. — Enquanto falava, ela passou os dedos da mão de ouro sobre sua nova espada de prata, com a qual a Federação a equipara recentemente.

— A capitã Li é a principal autoridade em questões vampirescas — lembrou Barbarro. — Ela e sua equipe estabeleceram o modo como devemos lutar contra essas criaturas. O que Li e sua tripulação não sabem sobre os Vampiratas não vale a pena ser descoberto. Para ser sincero, querida, estou tão inquieto quanto você. Não é da minha natureza me esconder sob o convés e esperar um ataque. Mas nós estamos lidando com um novo tipo

de inimigo, e estou pronto para ouvir os que têm mais experiência com eles do que nós.

Trofie estendeu sua mão de ouro, cujas unhas de rubi reluziam à luz das velas.

— Será que preciso lembrá-lo, marido, de que eu mesma tenho uma experiência direta e pessoal com essas criaturas malignas?

Barbarro assumiu um ar sério.

— Não, *min elskling*, não precisa me lembrar. Sinto uma dor profunda quando penso no que aquela bruxa fez com você. — Ele puxou a esposa para junto do peito largo, envolvendo-a com os braços, e beijou sua testa lisa como porcelana.

A carranca de Trofie se transformou num sorriso.

— Você *nunca* me chama de *min elskling*. Gosto disso.

Nesse momento houve uma pancada fortíssima no teto acima deles. O capitão e sua imediata ficaram paralisados. Uma cacofonia de gritos, vários estrondos e tiros de canhão vieram em seguida.

Trofie desprendeu-se do abraço do marido e estendeu a mão de novo para a sua nova espada de prata, tirando-a da bainha.

— Bom — disse ela. — Parece que os Vampiratas fizeram a escolha.

— É — respondeu Barbarro, com a voz forte como aço. — E agora vamos defender não só nosso navio, mas todo o nosso modo de vida. E vingar a morte do meu irmão.

— Isso — concordou Trofie. — Vamos destruir os assassinos de Porfírio, sem perda de tempo!

De mãos dadas eles abriram a porta da cabine e, com uma velocidade que contradizia a idade, correram para se juntar à luta.

A multidão da noite de sexta-feira apinhava a taverna de Madame Chaleira, depois de ser revistada pelo durão, mas excessivamente charmoso, Peças 08.

— Aproveitem a noite! — gritou ele atrás dos últimos a chegar, jogando as espadas confiscadas num baú numerado, para serem guardadas.

A própria Madame Chaleira estava parada no centro do salão principal, examinando a cena ao redor. Sentia-se como o ponto fixo no centro de um carrossel. Ao redor, tudo se movia, barulhento e repleto de cores. As garçonetes e os garçons eram atléticos, movendo-se quase como bailarinos enquanto levavam bebidas para os clientes insaciavelmente sedentos e recolhiam os copos vazios. A Madame olhava tudo aquilo, como fazia noite após noite, ano após ano, desde que podia se lembrar. Diziam que os tempos estavam mudando no mundo dos piratas, porém Madame tinha uma certeza:

quaisquer que fossem os novos perigos, os piratas sempre teriam a necessidade e o desejo de uma taverna assim, onde poderiam encontrar uma recepção calorosa e uma bebida por um bom preço.

Seu devaneio foi interrompido pela chegada de sua ajudante de confiança, Docinho, que segurava uma quantidade improvável de copos nos dedos.

— Noite movimentada, hoje! — declarou a Madame. — Como vai minha equipe?

— Estamos ótimos — respondeu Docinho que, como a Madame, tinha a capacidade de permanecer calma e controlada independentemente do tumulto ao redor. — Depois dos murmúrios sombrios dos últimos tempos, acho que todos estão satisfeitíssimos em ver tantos fregueses.

— Como nos velhos tempos — disse, com um clarão de tristeza no olhar.

Docinho captou a mudança na expressão da patroa.

— Você está bem, Ma?

— Ah, estou! — disse Matilda Chaleira, voltando a demonstrar força, como era de seu feitio. — Sim, querida, estou bem. Só não consigo deixar de me sentir meio nostálgica em noites assim. Espere até chegar à minha idade...

— Você *não* é velha, Ma! — insistiu Docinho.

Matilda deu um riso agudo.

— Se eu não sou velha, devo estar morta, porque ando por este salão de bar há mais de meio século! — Ela deu um sorriso terno para Docinho. — Você é jovem, querida. Nós olhamos a vida por lados diferentes do espectro. Você vê o que está à frente; o futuro é empolgante para você. Mas eu não posso deixar de olhar para trás. — Ela fez uma pausa, observando de novo o inebriante carrossel da taverna. — Às vezes, em noites como esta, olho em volta e todo mundo parece jovem demais. Todo mundo, menos eu. Talvez eu esteja ficando muito velha para este jogo. Talvez seja hora de juntar os trocados e comprar um lugarzinho ao sol.

Docinho pousou os copos vazios no balcão e abraçou a Madame.

— Talvez você só precise de uma noite de folga. Consegue se lembrar da última vez em que pôs os pés para cima? É, acho que não.

— Vou ficar bem. Olha, aquela não é a tripulação do *Diablo* que está entrando? — Ela sorriu. — O Sortudo logo vai estar aqui. Ele vai me animar.

— É! — disse Docinho. — Molucco sempre anima você. Tive uma ideia. Vá retocar a maquiagem, e eu colocarei uma garrafa do champanhe de ostra que ele mais gosta na mesa VIP dele. O que acha?

— Certo — respondeu a Madame, com os olhos se iluminando. Docinho viu-a sair para se arrumar para Molucco. Matilda não havia mentido, ela não era nenhuma garota, contudo, por baixo das rugas e das camadas de maquiagem seu rosto ainda se iluminava como o de uma menininha quando falava com Molucco. Era uma pena, refletiu Docinho, que o capitão pirata nunca tivesse reconhecido a dona da taverna como sua mulher. Ela sorriu. Talvez ainda houvesse tempo.

— Aluar! — exclamaram Barbarro e Trofie ao mesmo tempo.

Eles haviam chegado ao convés superior do *Tífon*, esperando enfrentar o ataque da vanguarda dos Vampiratas. Em vez disso, encontraram membros de sua própria guarda cercando o filho adolescente, que parecia decididamente chateado com isso.

— O que está acontecendo? — perguntou Barbarro ao filho. — Onde você esteve? Deveria ficar em sua cabine esta noite. Você faz *alguma* ideia do perigo que todos estamos correndo?

Aluar passou a mão pelo cabelo, despreocupado. Não foi muito longe; o cabelo estava grosso com brilhantina.

— Não que seja da sua conta, pai, mas eu saí para um encontro.

— Um *encontro!* — Barbarro ficou incrédulo, o rosto cor de ameixas muito maduras. — Nós corremos o risco de sermos atacados pelos Vampiratas e você sai para um encontro?

Trofie não pôde deixar de sorrir.

— Quem é a garota de sorte? Alguém que a gente conheça?

— Informação confidencial, mamãe. — Aluar cruzou os braços diante do peito. — E só porque nós podemos ou não ser atacados por góticos demônios eu não posso ter uma vida social saudável e ativa? — Ele olhou irritado para o pai. — Pai, você poderia ordenar que esses seus capangas saiam de cima de mim?

— Ah... sim — disse Barbarro, carrancudo. — À vontade, tripulação!

— Desculpe, capitão. — O líder da brigada virou-se e se aproximou. — Mas tivemos instruções rígidas de disparar o canhão e iniciar a estratégia de defesa no instante em que fôssemos abordados. Por favor, acredite, capitão, não fazíamos ideia de que fosse o jovem senhor Aluar.

Barbarro apertou o ombro do tenente.

— Eu acredito. Você não tem motivo para se censurar, tenente. Agiu exatamente segundo as instruções. Parece que, *mais uma vez*, sou *eu* que devo pedir desculpas pelo

comportamento incompreensível do meu filho. — Ele olhou furioso para Aluar. — Fique tranquilo, ele será *severamente* punido por isso.

— Ah, papai, por favor, não tire a minha lancha! — Aluar revirou os olhos. — Como se a minha vida *pudesse* ficar pior!

— Vá para a sua cabine! — berrou Barbarro com tamanha força que, pela primeira vez, o filho não protestou, e simplesmente foi andando com os ombros caídos. Sua mãe se virou, olhando-o, fazendo mentalmente um inventário de talentosas jovens filhas de piratas que seriam um par adequado para seu filho e herdeiro.

Barbarro deu um passo adiante, batendo palmas e atraindo a atenção da tripulação.

— Bom trabalho! — gritou. — Vamos tratar esse incidente infeliz como um ensaio bem-sucedido. Vocês fizeram exatamente o que foi instruído para uma situação de ataque. Ainda não estamos fora de perigo, portanto recarreguem o canhão e retomem as posições. A noite ainda é uma criança.

O grito uníssono de "Sim, capitão" foi trovejante. Os piratas do *Tífon* moveram-se rapidamente para cumprir as ordens do capitão e retomar as posições.

— Venha, Trofie — disse Barbarro. — Precisamos voltar para baixo.

— É — respondeu ela, marchando depressa ao lado dele. Por um momento ficou distraída, pensando no vestido que encomendaria para o casamento pirata de Aluar. Era hora de dar trabalho a alguns bichos-da-seda. Depois retornou ao assunto do dia. Como sempre, Trofie Wrathe possuía uma aguçada noção de prioridades. Primeiro trucidar os Vampiratas até o último sugador de sangue, *depois* chamar seu estilista pessoal.

Docinho notou que a mesa VIP de Molucco ainda estava vazia, e decidiu colocar mais gelo no balde do champanhe — quando ele chegasse, atrasado e com sede, não gostaria de tomar champanhe morno. Enquanto passava por baixo da corda de veludo para pegar o balde de gelo, escutou uma voz atrás dela.

— Ele *ainda* não chegou?

Docinho virou-se e viu Madame Chaleira, a ansiedade nítida em suas feições maquiadas.

— Vai chegar logo — respondeu Docinho, voltando por baixo da corda de veludo. — Tenho certeza. Eu só ia pegar mais gelo.

Apesar do tom leve de Docinho, a expressão da Madame continuava séria.

— Você vai achar que sou uma velha boba, mas tenho a sensação de que as coisas não estão indo bem com ele. De que ele precisa de mim.

— Molucco? Por quê?

Madame deu de ombros.

— Ele sempre foi meio louco, minha cara. É uma das coisas de que gosto nele. Mas os loucos como o Sortudo precisam de gente firme ao lado para guiá-los e protegê-los de seus instintos mais selvagens. Ele *tinha* pessoas boas: Cate Morgan, Bartholomew Pearce, Jez Stukeley, que Deus o tenha, e o jovem Connor Tormenta. Bom, até Cheng Li era uma boa influência, ainda que Sortudo jamais me agradeça por dizer isso. Mas, de um modo ou de outro, agora todos se foram e estou preocupada pensando que Molucco possa ter perdido o equilíbrio vital de que tanto necessita.

Quando ela pronunciou o nome, um jovem pirata veio se juntar às duas.

— Não pude deixar de ouvir — disse ele. — Estão falando do capitão Wrathe?

— Era uma conversa particular — reagiu Madame rispidamente. Ao ver primeiro a juventude, depois o rubor profundo do recém-chegado, ela se acalmou. — É, por acaso estávamos falando do Molucco. Por quê?

— Eu sou da tripulação dele — disse o rapaz, fazendo uma reverência. — Kane Eden Charles... Terceiro.

— Achei que você parecia familiar. Eu me lembro do seu pai e do seu avô. — Ela ficou perdida em pensamentos por um instante.

Docinho aproveitou para falar com o jovem pirata.

— Nós estávamos imaginando se o capitão Wrathe apareceria esta noite.

Kane Eden Charles Terceiro sorriu.

— Tenho certeza que sim, porém acho que vai demorar mais um pouco. Hoje fizemos um ataque muito bem-sucedido e o capitão está na cabine dele, contabilizando o butim.

— Aí está! — Docinho deu um soco no ar, aliviada. — Ouviu, Madame? O rei dos piratas está em seu escritório, contando seu lucro sujo!

De repente Kane Eden Charles Terceiro deu um tapa na testa.

— A senhora é Madame Chaleira... quero dizer, *a* Madame Chaleira! Ouvi falar muito da senhora, pelo meu pai e meu avô, além de outros. A senhora é uma lenda entre os piratas!

— Obrigada, querido — respondeu ela. — Eu estava me sentindo velha antes de você chegar, agora me sinto definitivamente mumificada.

— Não quis ofendê-la! — exclamou Kane Eden Charles, ficando ruborizado outra vez.

— E não ofendeu — explicou Docinho, dando um sorriso suave e levando a Madame para longe. — Olha, se o Molucco vai ficar um tempo na cabine, por que você não leva

uma garrafa de espumante e faz companhia a ele?

Matilda pensou na proposta por um momento.

— Não, ele não vai querer interrupção. Eu o conheço. Conheço melhor do que qualquer pessoa. Vou esperar aqui.

Docinho olhou para ela.

— Nesse caso, acho que você deveria descansar. Eu posso cuidar muito bem das coisas aqui. No minuto em que ele chegar, chamo você.

Madame parecia a ponto de protestar, mas, em vez disso, mostrou-se agradecida.

— Você é uma boa garota — disse, levantando uma mecha do cabelo louro de Docinho e prendendo com carinho atrás da orelha. — É a filha que nunca tive, mas com quem sempre sonhei. — Seus olhos se encheram de lágrimas. — Ora, sou uma manteiga derretida! O que, afinal, deu em mim esta noite?

— Você só está cansada e emotiva — disse Docinho. — Vá pôr os pés para cima na sua cabine. Mesmo que seja só por vinte minutos, vai se sentir renovada. Vou preparar um pouco de chá revigorante de ouriço-do-mar e levo até lá.

Madame sorriu.

— Descansar a vista. É como a gente chamava. Talvez eu só precise disso. — Ela se virou e olhou para Docinho, implorando: — Você vai me chamar assim que o Sortudo tiver chegado?

— No segundo em que ele entrar. Prometo.

Na verdade Molucco Wrathe *não* estava sozinho em sua cabine a bordo do *Diablo*. Acomodada numa pilha de almofadas de seda na poltrona diante do capitão estava sua cobra de estimação e companheira constante, Scrimshaw. Juntos examinavam o lote de finas pedras preciosas, resultado do ataque daquele dia.

— Deleite-se, Scrim — disse Molucco. — Já viu belezas tão raras? — Num dos olhos, Molucco usava um monóculo de joalheiro, e levou uma safira para perto das lentes. De repente arfou. — Depois de todos esses anos! Encontrei! A safira perfeita!

Aninhando a joia na palma da mão, Molucco tirou o monóculo e pousou-o sobre a mesa. Lágrimas de felicidade escorreram por seu rosto enrugado.

— Ah, Scrimshaw, hoje sou um sujeito feliz. A safira perfeita. Quem imaginaria? Bom, eu tinha começado a acreditar que não existia uma coisa dessas. — Ele estendeu a pedra para Scrimshaw avaliar. Ela deslizou para fora da almofada e rastejou por cima da mesa, para investigar.

— É isso aí, meu garoto — disse Molucco, acariciando gentilmente a pele da serpente. — Você tem sido meu companheiro mais fiel nos últimos anos. Qual é a sua idade mesmo? — Ele pensou. — Bom, são quase vinte anos desde que meu irmão Barbarro e eu encontramos você e seu irmão, Escaramuça. Vinte anos! É mais do que o tempo de vida de muitos piratas. Temos que planejar uma comemoração! — Molucco sorriu para o réptil que se retorcia no meio das joias brilhantes.

— Já estou farto de companhia humana. Muitos vieram e se foram, aproveitando-se de mim ou mesmo me traindo. — Molucco tomou um gole de rum. — No fim das contas, amigo, só há duas coisas com as quais posso contar... minhas safiras e você! — A cobra olhou para Molucco e parecia entender as palavras do dono. — Brindo a você! — disse Molucco, levantando o copo de novo.

— Bom, vejam se não é uma cena acolhedora!

Molucco levou um sustou ao escutar outra voz na cabine. Seus olhos se reviraram, sombrios, examinando o lugar, quando viu três pessoas cercarem a mesa: um rapaz e duas jovens atraentes. O homem usava um chapéu de caubói ridículo, as duas mulheres usavam capas presas com broches brilhantes. O olhar de Molucco foi atraído imediatamente pelas pedras preciosas. Erguendo a cabeça, viu que as duas tinham tatuagens em forma de coração em volta do olho direito.

— Então vieram me visitar, não é? — disse Molucco. — Primeiro mataram meu irmão, Porfírio. Depois roubaram a mão da minha cunhada. E agora é minha vez de ser abordado.

— É uma boa forma de se avaliar a situação — respondeu o homem. Suas companheiras sorriram.

— Disseram-me para esperar uma visita — disse Molucco, perfeitamente calmo. — Ah, sim, eles tinham todo tipo de ideias e instruções sobre como minha tripulação e eu deveríamos nos defender.

O sorriso do homem congelou.

— Você sabia que nós viríamos?

Molucco sorriu, falando de novo com Scrimshaw.

— Eles não esperavam isso, está vendo? Acham que têm todas as respostas, mas estão errados.

O homem tirou o chapéu.

— Desculpe a falta de educação. Meu nome é Johnny Desperado e essas damas são Nathalie e Jacqueline. Somos, para cunhar uma expressão, Vampiratas.

— É, é, eu sei o que vocês são. — Molucco olhou para Johnny e deu um risinho. — Vampiratas, é? Você parece mais um caubói.

Johnny deu de ombros.

— A gente pode ser muitas coisas ao mesmo tempo.

As duas mulheres estavam olhando para Scrimshaw.

— Ela é linda — disse Jacqueline, estendendo um braço nu por baixo da capa. — Venha dizer olá, bonitinha. — Ela estendeu o braço firme e Scrimshaw se enrolou em volta. Jacqueline riu baixinho. — Olhem só. Parece uma joia viva.

— Solte minha cobra, senhora — disse Molucco, petulante.

Jacqueline deu um belo sorriso.

— Foi ela que prendeu *minha* mão, senhor, e não o contrário. Parece que ela gosta de mim.

— Bom, vocês passaram aqui para dizer olá. É hora de irem embora. Não estou com clima para amenidades sociais.

— Tudo bem — disse Johnny. — Não vamos ocupar mais seu tempo, não é, senhoras?

Ele se virou para as companheiras e as duas sorriram, com os incisivos despontando entre os lábios abertos.

Molucco se virou para Johnny.

— O que estão fazendo aqui? O *Diablo* é um navio particular. Como passaram por meus guardas no convés?

Johnny deu de ombros.

— Nós os matamos — disse despreocupadamente. — Ah, mas talvez você goste de saber, eles lutaram muito bem.

— É. — Nathalie lambeu uma gota de sangue embaixo do lábio.

— Vocês os mataram? — perguntou Molucco. — Por quê? Não entendo nada disso.

— Na verdade, é tudo muito simples — respondeu Johnny. — Nós viemos tomar este navio.

— Bom, vocês não podem ficar com ele — vociferou Molucco. — Vão embora! O navio é meu. Sempre foi, sempre será.

Johnny sorriu.

— Você não ouviu dizer? Os tempos estão mudando, vovô, e nós estamos expandindo nossa frota. — Ele deu um passo para o lado, aumentando a distância entre os pés no piso da cabine. — Meu serviço é colocar este navio sob nosso controle esta noite.

Molucco empurrou a cadeira para trás, com raiva, e se levantou para ficar cara a cara

com Johnny.

— Se você quer esse navio, vai ter que me matar primeiro.

Os dois se encararam. Os olhos de Molucco transbordavam fúria, mas os de Johnny estavam cheios de fogo.

— Eu mataria você com todo o prazer. Mas, veja bem, sou um cavalheiro e o prometi a essas duas damas. — Com isso ele fez um sinal, e Jacqueline e Nathalie se aproximaram de Molucco, uma de cada lado.

— Quer que eu tome conta da cobra? — perguntou Johnny a Jacqueline.

— Ah, sim, boa ideia. — Jacqueline entregou Scrimshaw a Johnny.

— Não! — protestou Molucco. — Façam o que quiserem comigo, mas não machuquem uma escama sequer de Scrimshaw!

Molucco não estava em condições de negociar. Agora se encontrava totalmente imobilizado nas garras das duas criaturas.

Johnny acalentou Scrimshaw nos braços.

— Talvez você queira olhar para o outro lado, coleguinha — disse ele.

CAPÍTULO 31
A manhã seguinte

Madame Chaleira abriu os olhos e demorou um instante para se acostumar ao ambiente. Estava deitada em sua cama, ainda usando as anáguas engomadas que eram sua marca registrada. Através de um rasgo nas cortinas antigas, um filete de luz acinzentada penetrava hesitante no quarto. Ela estava desorientada. Poderia mesmo já ser de manhã? Estendeu a mão para o velho barril de uísque que usava como mesinha de cabeceira e pegou os óculos que raramente usava fora deste cômodo. Eles estavam encostados num bule de chá frio que ficara ali, intocado, desde que fora trazido. A Madame lembrou-se vagamente de Docinho ter oferecido uma bebida para acalmá-la.

Colocando os óculos, examinou o relógio que tiquetaqueava na parede, com o pêndulo oscilante em forma de âncora. Sete e quinze, já! Não! Ela havia se deitado para um cochilo na noite anterior e dormira direto. Isso era muito pouco característico. Talvez estivesse com alguma doença. É, pensou séria. A *idade*.

Não era uma manobra nem um pouco fácil mover as vastas saias e as pernas contidas dentro delas para fora da cama até pisar no chão de tábuas. Quando se levantou, Madame Chaleira recuperou o fôlego. As lembranças da noite anterior estavam começando a voltar. A taverna movimentada. A conversa com Docinho e o jovem pirata, que mal tinha idade para passar uma navalha sobre as bochechas. Qual era o nome dele? Isso ao menos importava? Acima de tudo, lembrava-se de ter esperado a chegada de Molucco. E

esperado. E esperado.

Ele não tinha vindo, pensou agora. Ou talvez tivesse. Talvez, enquanto ela estava apagada em seus aposentos, ele tivesse passado pela taverna e se servido daquela garrafa de champanhe de ostra que fora posta no gelo para ele. É, claro que deve ter sido isso o que aconteceu.

A Madame empurrou a cortina. A luz da manhã era fraca, mas suficiente para obrigá-la a franzir os olhos. Lá fora caía uma chuva fina. Abriu uma fresta na janela para que um pouco de ar entrasse. Algo estava incomodando-a. Se Sortudo *tivesse* vindo, certamente falaria com ela, não? Ele não era estranho em seus aposentos, e Docinho iria deixá-lo entrar. Um rio de pânico gelado correu pelas veias de Matilda Chaleira.

Ela lançou um olhar rápido para o velho espelho, franzindo a testa diante do reflexo, depois saiu do quarto sem se incomodar em calçar sapatos nos pés vestidos com meias finas. A taverna estava silenciosa como um túmulo a esta hora da manhã. Era sempre assim. As jovens empregadas da Madame haviam desabado, exaustas, nos colchões pouco tempo antes, de modo que agora estariam num sono profundo, recebendo o descanso necessário entre o turbilhão de uma noite e o da outra.

Na maioria das manhãs, Matilda gostava de andar sozinha pela taverna. Enquanto passava entre as mesas e cadeiras vazias, o local costumava pulsar com lembranças de felicidade e risos, piadas relembradas e incidentes da véspera e das noites anteriores. Seus pensamentos felizes se estendiam, recuando noite após noite pelos muitos anos desde que havia posto pela primeira vez o letreiro de néon no topo do penhasco, dando as boas-vindas aos piratas de toda parte. Aquilo parecia ter acontecido há alguns instantes, mas, na verdade, fazia um longo tempo.

Nesta manhã, enquanto andava pela taverna deserta com os pés calçados apenas com meias finas, notando as cadeiras vazias e as canecas com restos de cerveja, a Madame não estava cheia de seu ânimo de sempre. Nesta manhã o vazio tomou conta de seus velhos ossos. Viu-se pensando em todos os piratas que tinham estado ali e partido — que haviam bebido, dançado e gargalhado ali e depois foram mortos e arrastados para o baú de Davy Jones.

— Estou ficando piegas! — censurou-se. — É melhor guardar esses pensamentos antes que as meninas acordem!

Madame conseguiu dar um minúsculo sorriso quando passou por baixo da bola de espelhos em forma de caveira com ossos cruzados que pairava sobre a pista de dança. Foi até a porta que dava no terraço e abriu-a. A chuva fina caiu em seu rosto pintado e

penetrou nas meias, mas ela não se importou. Havia um calor oculto na chuva, e a Madame podia senti-lo trazendo-a gentilmente de volta à vida.

Pisou nas tábuas do terraço, fechando a porta silenciosamente, e ao fazer isso notou um navio velejando no horizonte; uma embarcação pirata seguindo seu rumo. Isso a fez sorrir de novo. Outro dia começava. No fim das contas, era só por isso que se podia esperar e agradecer; mais um dia nesse mundo tumultuado.

Foi então que a Madame notou que não estava sozinha no terraço. Alguém estava sentado à mesa na outra extremidade, também olhando o oceano. Ela reconheceria aquela silhueta em qualquer lugar. Seu coração se animou. Molucco Wrathe. Podia identificá-lo a mais de um quilômetro de distância, mesmo sem seus óculos secretos, tamanha era a conexão entre os dois. Então ele *tinha* vindo à taverna! Mas por que estava sentado ali, na chuva? Por que não viera encontrá-la? Foi até a mesa dele, decidida a obter respostas.

Ainda não havia chegado à mesa quando percebeu que algo estava errado. Sem dúvida era Molucco — impossível confundir aqueles dreadlocks cor de arco-íris ou o tricórnio de veludo azul que o capitão usava elegantemente por cima deles —, mas estava totalmente imóvel, parado demais até mesmo para alguém que estava dormindo. Além disso, ninguém dormia sentado daquele jeito.

Com o coração na boca, Matilda apressou o passo. Suas meias se prenderam num pedaço de tábua rachado e ela sentiu uma lasca de madeira perfurar o pé; mesmo assim continuou andando na direção de Molucco.

Mal conseguia olhar, mas sabia que era necessário. Quando parou diante da mesa, teve a visão mais terrível de sua vida. Por mais que ainda lhe restasse algum tempo de vida, nada jamais a abalaria tanto. Ali, encarando-a, estava seu querido Sortudo, o capitão Molucco Wrathe. Usava as roupas finas de sempre, mas até a última gota de seu sangue fora retirada de dentro dele. Seus óculos azuis redondos ainda repousavam no rosto mumificado.

— Ah, Sortudo! — gritou a Madame, consciente de como o apelido parecia inadequado, agora. Ele se fora; uma lenda entre os piratas, o amor de sua vida. Ela sempre imaginara que os dois envelheceriam juntos em algum lugar. Agora a realidade talhou essa fantasia. Molucco não ficaria mais velho. Era insuportável. — *Meu* Sortudo! — gemeu ela. — Como você *pôde* partir e me deixar? — Nunca sentira tanta solidão.

Foi então que notou um pequeno movimento junto ao ombro de Molucco: o cabelo dele balançou para a frente, como se soprado pela brisa. Mas não era o vento, e sim sua cobra de estimação, com os olhos escuros cheios da mesma dor e perplexidade que havia

nos de Matilda.

— Ah, Scrimshaw! — exclamou ela, enquanto a cobra aparecia totalmente. — Ah, pobre, querido Scrimshaw. Você esteve com seu amado mestre até o fim.

A cobra olhou com tristeza para a Madame, depois virou o rosto desolado e se enterrou de novo no abrigo familiar dos dreadlocks arco-íris de Molucco.

Na cabine de Sidório a bordo do *Capitão de Sangue*, as comemorações haviam continuado até muito depois do amanhecer — sob o convés, claro. Sidório e seus dois tenentes estavam vagarosos, com as muitas garrafas vazias ali perto contando a história da festa.

— E sabe o que ele me disse então? — A língua de Johnny estava começando a se enrolar, as palavras misturando-se umas nas outras. — Vou contar o que ele disse...

Stukeley interrompeu o amigo.

— Não, *eu* vou contar. Ele disse: "Se quiser esse navio, vai ter que me matar antes."

Johnny balançou o dedo na direção de Stukeley.

— Isssso! — exclamou, surpreso. — Exatamente! Como você sabia?

Stukeley balançou a cabeça, sorrindo.

— Porque é a vigésima sexta vez que você conta essa história.

Johnny deu de ombros, pegou a garrafa aberta ao seu lado e tomou um gole.

— É uma história que merece ser contada!

Sidório deu um sorriso paternal para seus tenentes.

— Você se saiu bem hoje, chapelão — disse, virando-se. — E você também, quando tomou o *Albatroz*, Stukeley. Os dois provaram que estão prontos para se tornarem capitães.

— Vou beber a isso! — Stukeley pegou a garrafa mais próxima e estendeu para os outros. As três garrafas tilintaram. — Um por todos... — disse Stukeley, olhando esperançoso para os outros. Sidório e Johnny retribuíram seu olhar com uma expressão vazia. — E todos por um! — disse Stukeley. — Só uma vez, era de se pensar que vocês lembrariam!

Houve uma batida à porta.

Sidório levantou a cabeça.

— Entre!

A porta se abriu e Obsidiano Darke entrou na sala como uma nuvem sombria.

— O senhor pediu para me ver, capitão — disse ele, com o olhar vazio varrendo aquela cena e mostrando sua aversão evidente.

— Isso mesmo, tenente — respondeu Sidório, enfiando a mão no caixote e estendendo uma garrafa na direção de Darke.

— Não, obrigado — disse ele. Enquanto Sidório arqueava uma sobrancelha, incrédulo, ele acrescentou: — Minha política é não beber depois que o sol nasce.

— Como quiser! — Sidório desatarraxou a tampa e serviu-se do líquido. — Delicioso! Sabe, Darke, você deveria se soltar, se divertir um pouco. Só trabalho, sem diversão, faz de Darke um Vampirata muito bobão.

Johnny gargalhou, acrescentando:

— Bobão, bobão, bobão.

Dando apenas uma importância mínima às palavras deles, Obsidiano Darke afastou cuidadosamente algumas garrafas vazias e sentou-se.

— Quando soube que o senhor queria me ver a esta hora, capitão, achei que deveria ser um assunto urgente de fato.

Sidório sorriu.

— Quer dizer, para tirá-lo de seu sono de beleza? — Ele cutucou Johnny, que soltou uma gargalhada. Stukeley também riu, e depois bebeu mais sangue.

— Não foi o que eu quis dizer — respondeu Darke.

Sidório pôs sua garrafa no chão e apagou o sorriso do rosto. De repente estava totalmente profissional.

— Tenho mesmo um assunto da maior importância para discutir com você. Esta noite, mais cedo, Johnny trouxe o *Diablo*. Talvez você tenha ouvido falar desse navio pirata, é uma espécie de lenda. Antigamente, Stukeley foi tripulante nele, e eu mesmo naveguei no *Diablo*, ainda que por pouco tempo. Agora ele faz parte de nossa frota.

— Parabéns, tenente Desperado. — Obsidiano Darke se virou e inclinou a cabeça de maneira formal para Johnny.

— *Capitão* Desperado, agora — corrigiu Johnny.

— É mesmo? — Os olhos de Obsidiano se estreitaram. — O *Diablo* era comandado por Molucco Wrathe, se não estou enganado. O que foi feito dele?

Johnny deu um risinho.

— Eu permiti que as garotas de Lola fizessem o serviço. Deixamos Molucco em sua taverna predileta; achamos uma mesa com uma vista excelente.

O rosto de Darke ficou impassível.

— Um troféu — disse ele, depreciativamente. — E a tripulação? Quantos vocês converteram durante o ataque?

Johnny deu de ombros.

— Só alguns. A maioria estava enchendo a cara na taverna.

— Sei — disse Obsidiano, sorrindo para Johnny. — Em outras palavras, você deve receber os parabéns por invadir um navio deserto.

Stukeley partiu em defesa do amigo:

— Não estava deserto.

— Não precisamos discutir semântica — disse Darke, sorrindo totalmente sem humor.

— Não precisamos discutir *nada* — respondeu Stukeley. — Estávamos tendo uma comemoração bastante feliz até você chegar.

— Nada me agradaria mais do que vocês voltarem à diversão. — Darke se virou para Sidório. — Capitão, vamos resolver nossos negócios?

Sidório sorriu.

— É muito simples, tenente. Veja bem, como estamos expandindo a frota, eu e minha cocomandante, isto é, minha adorável esposa, precisamos ver quem tem as qualidades necessárias para assumir o posto de capitão.

— E?

— Boa notícia! — anunciou Sidório. — Você chegou à disputa final, agora só preciso ver o fogo em seus olhos. Por isso vou lhe dar uma missão: *você* comandará o próximo ataque. Espero coisas grandiosas de sua parte, Darke.

Sidório empurrou uma folha de papel muito manuseada na direção do Vampirata. Darke estendeu seus dedos longos e brancos e pegou-a.

— É a lista dos navios piratas que estamos tomando para montar a frota — explicou o capitão. — Risquei os que já foram dominados por mim, por Stukeley e Johnny, você pode escolher outro. Tem 48 horas para preparar o ataque. Escolha qualquer tripulante que quiser para ajudá-lo. Menos eu, obviamente. Jamais sigo ordens.

— De fato — disse Darke, devolvendo a lista e ficando de pé. — Só isso?

— Só.

— Que navio você escolheu? — perguntou Stukeley.

O olhar frio de Darke percorreu os três colegas.

— O *Tigre*.

Johnny gargalhou.

Stukeley soltou um assobio.

— Você não perde tempo, não é, meu chapa?

— Parece que minha escolha é motivo de diversão para vocês...

— Não, não — disse Stukeley, trocando um sorriso com Johnny. — Só que talvez você encontre *aqueles* piratas um pouco mais bem-preparados para a luta.

Darke levantou uma sobrancelha.

— É o navio dos assassinos de Vampiratas — explicou Johnny.

Darke não reagiu.

— Vou me retirar e começar a planejar minha estratégia. — Cumprimentando Sidório, ele se virou e saiu.

Quando a porta se fechou com força atrás dele, Johnny tomou outro gole de sua garrafa.

— Não gosto desse *hombre* — disse.

— Ninguém gosta — respondeu Sidório. — É disso que eu gosto nele! Porém, ele certamente sabe estragar o clima de uma festa. Vou para a cama.

Stukeley apontou para Johnny, cujos olhos já estavam fechados.

— Parece que o nosso cauboizinho também está pronto para pegar o trem para a terra do sono!

— Não na minha cabine! — trovejou Sidório, chutando Johnny com sua bota.

— O que foi? — perguntou Johnny, arregalando os olhos, confuso. — Onde estou?

Ignorando os murmúrios do companheiro, Stukeley falou com Sidório:

— Capitão, há uma coisa que eu estava querendo dizer a noite toda, mas sempre acabava sem conseguir.

— Agora estou cansado — respondeu Sidório. — Você perdeu a oportunidade. Tente de novo outra hora.

Stukeley insistiu.

— É sobre o Connor.

O interesse de Sidório foi instigado imediatamente.

— O que tem ele?

— A notícia é boa. Na verdade é a notícia que você vinha esperando.

Sidório bateu com os pés no chão.

— Continue.

Stukeley sorriu.

— A fome de sangue dele aumentou.

Sidório arregalou os olhos, depois sorriu, com os incisivos dourados brilhando à luz do lampião.

— Stukeley, meu velho amigo, essa notícia pede outra bebida. Acorde a Bela

Adormecida aí e abra mais algumas garrafas.

CAPÍTULO 32
A caçada

Querida Grace,

Acorde, acorde! Espero que tenha dormido bem e tido sonhos deliciosos. Esta noite as meninas e eu vamos sair do navio numa pequena excursão e adoraríamos que você fosse junto. Nossa carruagem chega às dez em ponto. Vista algo maravilhoso e nos encontre no convés.

LLL xxx

P.S. Por favor, traga isto com você. Pode ser útil mais tarde.

O bilhete de Lola provocou um sorriso no rosto de Grace. Ela havia acabado de acordar, mas eram apenas 8 horas da noite e havia tempo suficiente para se preparar. Sentia-se cheia de energia — um tanto inquieta, na verdade — e um passeio fora do navio com Lola, Mimma e o resto da turma parecia perfeito. Imaginou se elas levariam mais um pouco daqueles deliciosos *macarrons* cor-de-rosa. Certamente havia sentido falta de mordiscá-los nas últimas duas noites.

Grace notou o clipe preso no canto do bilhete de Lola. Virando o papel, encontrou uma carta de baralho presa sob ele. Intrigada, tirou-a e levou para perto da luz. Parecia uma carta comum — a Dama de Copas — só que preta. Grace sorriu, imaginando se isso

faria parte de algum jogo que aconteceria mais tarde. Depois deixou a carta e o bilhete de Lola de lado e abriu o armário. Tinha uma decisão muito importante a tomar: que vestido e que sapatos usaria para o passeio noturno?

Ela estava vestida e pronta para sair às nove e meia. Sentia um frio na barriga, mas não sabia o motivo. Por que o tempo demorava tanto a passar?

Houve uma batida à porta e, agradecida, ela correu para lá. Quem poderia ser? Talvez Johnny, pensou com um sorriso.

Abrindo a porta, encontrou Mimma vestida e arrumada impecavelmente, como sempre.

— Adorei sua roupa — disse Grace, deixando Mimma entrar.

— Adorei a sua também! — respondeu Mimma. — Acho que nunca vi você usando esse vestido antes. A cor destaca bastante os seus olhos.

Grace ficou vermelha de orgulho e ansiedade pela noite que viria.

— Estou muito ansiosa pelo passeio. Diga: aonde vamos e o que Lola planejou?

Mimma sorriu.

— Tudo a seu tempo, querida. Garanto que será uma noite memorável. — Ela abriu a bolsa de mão. — Já que você viria conosco esta noite, pensei que talvez quisesse o coração negro outra vez. — Ela levantou os pincéis de maquiagem, pronta para a ação.

— Ah, sim! É uma ideia maravilhosa.

Mimma começou a trabalhar e, como antes, foi meticulosa. Finalmente pousou o pincel e levou Grace ao espelho, para avaliar o trabalho.

— Está ótimo! — disse Grace. — Ah, mas você fez em volta do olho *esquerdo*. Vocês todas têm o coração em volta do olho direito, só o de Lola é no outro lado.

Mimma sorriu e pôs a mão no ombro nu de Grace, e ela percebeu que estava tremendo por algum motivo. O toque de Mimma ajudou-a a se firmar.

— Você é especial — disse Mimma. — Agora você é a filha de Lola.

As outras estavam esperando no convés quando Mimma chegou com Grace, de braços dados. Lola se virou e se separou do grupo. Estava estonteante, numa capa comprida com acabamento de pele e um chapéu de caça com um feixe de penas exóticas presas na aba.

— Boa noite, Mimma. E quem é *essa* dama sofisticada? — A cabeça de Lola se virou lentamente de um lado para o outro. — Será? Não, acho que não... mas é... ora, é Grace Tormenta. Olhem como ela cresceu diante de nossos olhos!

Grace ficou ruborizada de orgulho de novo.

— Obrigada — disse, ainda meio nervosa. — Espero que não se incomode por eu estar usando o coração... Quero dizer, do lado esquerdo.

Lola sorriu e apertou as mãos de Grace.

— Adorei! — Seu olhar encontrou os olhos de Grace. — Querida, você está tremendo. É melhor levá-la para um lugar mais quente. — Em seguida se virou para falar com o resto da tripulação. — Venham, todas! Nossas carruagens esperam!

*

As cinco carruagens sacolejavam subindo a estrada na colina, cada qual puxada por um cavalo preto. Grace pensou em Nieve e imaginou se Johnny estaria cavalgando sozinho esta noite. O cocheiro de sua carruagem não parecia muito diferente de Johnny, mas não era tão bonito, refletiu Grace. Cada um dos jovens cocheiros das cinco carruagens vestia um fraque formal e uma cartola.

Grace ia na carruagem de Lola, junto com Mimma e Zofia. Elas haviam trazido o que pareciam ser três maletas grandes, que foram postas no piso da carruagem e balançavam de um lado para o outro enquanto as rodas sacolejavam pela trilha irregular.

— São cestas de piquenique? — perguntou Grace.

As outras riram.

— Não — respondeu Mimma.

— Para ser justa, ela não errou por muito — disse Lola, virando o rosto para a janela. — Estamos quase chegando. Olhe, Grace, não é uma casa bonita? Não é muito diferente do lugar onde fui criada.

A mão enluvada de Lola bateu no vidro da janela, e Grace se inclinou para olhar. A estradinha continuava até o topo do morro, e, aninhada bem lá em cima, como um lindo bolo confeitado, estava uma mansão branca com colunas na entrada.

— É linda — disse Grace, recostando-se de novo no assento. — É de algum amigo seu? Eles vão dar uma festa?

Lola deu um sorriso animado.

— É, querida. Quase isso.

As cinco carruagens circularam em volta da fonte ornamental no centro da entrada de veículos. Quando Grace desceu da carruagem, tudo parecia um cenário de contos de fadas, com a água salpicada de prata ao luar.

Lola foi até o cocheiro.

— Obrigada, Rodrigo. Espere por nós aqui. Você sabe o que fazer.

— Sim, senhora — respondeu o cocheiro, tirando a cartola para a capitã.

Grace olhou para trás, vendo vários rostos familiares saírem das outras carruagens: Jacqueline, Nathalie, Jessamy, Camille, Leonie e Holly. Eram 16 no total, todas vestidas lindamente; cada uma carregando uma maleta preta e volumosa.

— O que são essas maletas, afinal? — perguntou Grace a Lola. — Por que eu não tenho uma?

— Não se preocupe, querida. Você está aqui mais como observadora.

— Para observar o quê?

Lola não respondeu. Já estava junto à porta, batendo com força a elaborada aldrava de latão. Houve uma breve espera e então a porta se abriu, revelando um corredor muito iluminado. Um mordomo bem-vestido apareceu, e Lola se inclinou para falar com ele. Quando ela fez isso, os dois desapareceram da visão de Grace. De qualquer modo, ela foi distraída por Leonie e Holly, que tinham vindo elogiá-la pelo vestido e pela "tatuagem" do coração negro.

Lola reapareceu nos degraus da varanda e bateu palmas rapidamente com as mãos enluvadas.

— Venham, senhoras! Acho que teremos que ir sozinhas até a sala de jantar. Parece que o mordomo está indisposto.

Lola entrou e as outras a seguiram. Quando Grace chegou ao corredor, notou algo caído no chão. Não, não era algo, e sim *alguém*. O mordomo. Seu rosto era de um cinza pálido e havia uma poça de sangue vermelho escorrendo de dois furos em seu peito.

— Vá andando, Grace — disse Holly, atraindo seu olhar. — Eu cuido dele. — Ela agachou-se ao lado do homem e abriu sua pasta. Grace viu-a enfiar a mão lá dentro para pegar algum equipamento. Seria algum tipo de kit médico?

— Venha! — Mimma arrastou Grace pela passagem.

Era um corredor de tamanho impressionante, mas Lola parecia saber exatamente aonde ia. Quinze pares de saltos ressoavam no piso de mármore. Grace sentiu de novo o frio na barriga, enquanto viravam uma esquina e moviam-se como um dragão chinês em direção a uma porta dupla. Lola se posicionou no centro dela e ajeitou o chapéu e a capa. Jessamy e Camille seguraram, cada uma, um lado da porta, e dirigiram um olhar à capitã, que o retribuiu. Elas abriram, e Lady Lockwood entrou na sala a passos largos.

Jessamy e Camille sinalizaram para as tripulantes entrarem depois da capitã. Mimma

segurou a mão de Grace e levou-a para a mesa de jantar no centro da sala. Um grupo de pessoas vestidas com elegância parecia estar nos últimos estágios de uma refeição refinada. Grace contou as cabeças ao redor da mesa. Doze. Depois olhou para suas colegas de tripulação, todas de pé, com uma maleta preta ao lado.

O homem de cabelos prateados sentado à extremidade da mesa levantou-se.

— O que significa essa intromissão? Quem são vocês?

Lola soltou o alfinete do chapéu e tirou-o.

— Coronel Marchmain — disse ela. — Certamente sua memória não é tão ruim assim, é? Sou Lady Lola Lockwood Sidório, proprietária da vinícola Coração Negro. Marquei uma reunião com o senhor para falar de nossa mercadoria. Certamente não se esqueceu, não é?

Lola notou que a mulher idosa, mas bem-cuidada, sentada à outra extremidade da mesa, estava lançando olhares furiosos para o velho coronel.

— Não me lembro de marcar nenhum compromisso com uma vinícola — disse ele.

Lola demonstrou irritação.

— Bom, isso é um tanto desagradável. Como pode ver, não é uma questão de inconveniência apenas para mim, eu trouxe toda a equipe da vinícola. — Lola fez um gesto para as colegas. A tensão na sala era palpável.

— Geoffrey! — exclamou a mulher na extremidade da mesa. — Não sei o que está acontecendo aqui, mas, por favor, diga a essa mulher medonha para ir embora. Não permitirei que a *soirée* de noivado da minha filha seja arruinada! Ponha-a para fora!

— Deixe isso comigo, Honoria — respondeu o coronel, mal-humorado. — Tudo está sob controle. — Ele se aproximou de Lady Lola, que o observou com distanciamento frio, as mãos nos quadris. — Agora veja bem — disse o coronel. — Não sei como essa confusão surgiu, mas não me lembro de ter marcado hora com a vinícola Coração Negro nem com qualquer outra vinícola. O fato é que eu compro todo o meu vinho na Clarke's. Sempre comprei. — Seu tom de voz se suavizou. — Mas, diante do fato de que a senhora e suas companheiras se incomodaram de vir até aqui, por qualquer motivo, eu estaria disposto a marcar uma reunião em outra ocasião, para discutir um pequeno pedido.

Enquanto avaliava suas palavras, Lola tirou lentamente as luvas compridas.

— Não haverá necessidade de outra reunião, coronel. Não estamos aqui para *vender* vinho. Isto é mais uma missão de colheita.

O coronel olhou-a com expressão vazia. Grace sentiu o coração disparar. De repente entendeu do que isso tudo se tratava. Como pôde ter sido tão lenta?

Lola estalou os dedos.

— Senhoras, ao trabalho!

*

Grace ficou no corredor. Tinha sentido que ia desmaiar na sala de jantar, olhando Lola e sua tripulação trabalhando. Foi estranho. Não sabia se era totalmente repulsa, havia sentido uma fome também — e não era mais uma fome de bolinhos ou comidas convencionais.

Com o canto dos olhos, viu Holly desconectando seu equipamento do cadáver do mordomo. Ela enxugou a ponta da mangueira e depois acomodou-a na bolsa que usava ao redor da cintura, antes de voltar a atenção para as seis garrafas que estavam ao lado. Colocou uma tampa em cada garrafa e guardou-as na mala preta. Grace ficou olhando com um horror fascinado. Lembrava-se do que pensou anteriormente, que as malas poderiam conter coisas para um piquenique e das palavras de Lola: *"Ela não errou por muito."*

Um grito e passos frenéticos atraíram sua atenção para longe da mala, então virou-se e viu uma jovem correndo em sua direção. Ela estava com o tórax sangrando e, enquanto corria, o sangue ia molhando o belo vestido de tule.

— Por favor! — gritou ela. — Socorro!

— Venha! — disse Grace. — Eu vou... vou ajudar você. — Holly se virou, surpresa, quando Grace pegou a mão da garota e desceu correndo os degraus, passando pela porta aberta e sumindo na noite.

Junto à fonte na entrada de veículos, a garota parou um momento, recuperando o fôlego com um soluço.

— Todos foram mortos. E pior ainda...

— Está tudo bem — disse Grace, segurando-a com firmeza. Viu-se cara a cara com a garota. Era bonita, e não muito mais velha do que ela. Grace lembrou-se das palavras da mulher idosa e, em seguida, dirigiu-se à jovem novamente. — Era a sua festa de noivado, não era?

A garota confirmou, com lágrimas escorrendo pelo pescoço e se misturando ao sangue.

— Agora tudo acabou. Tudo acabou.

— É — disse Grace, e pegou-se olhando o sangue quente que ainda brotava no colo da

jovem. De repente só conseguia se concentrar no sangue. As palavras da garota, suas lágrimas, desapareceram. Grace só conseguia pensar na fome que dominava todos os seus sentidos, impulsionando-a.

Antes que soubesse o que estava fazendo, inclinou-se e lambeu o sangue. Sentiu a garota se encolher, mas, instintivamente, apertou-a com mais força, comprimindo-a contra a borda da fonte. De repente o frio na barriga sumiu. O mesmo aconteceu com aquele estranho sentimento de fome. Agora sabia exatamente do que precisava... Avançou mais uma vez.

Nesse momento Grace sentiu duas mãos puxando-a pela cintura.

— Grace! Solte-a! — Era Lola.

Grace agarrou-se com firmeza à jovem noiva, mas Lola venceu. Quando a capitã a puxou para longe, a garota caiu, frouxa, no cascalho.

Lola olhou para Grace.

— Ora, ora — disse. — Você é meio gulosa, não é? — Em seguida enfiou a mão no bolso e pegou um lenço, enxugando o círculo de sangue em volta da boca de Grace. — Assim está melhor — continuou. — Agora, você deve saber que nós temos um modo de fazer as coisas por aqui, e não é esse.

As tripulantes de Lola começaram a sair da casa e seguiram até as carruagens que as esperavam, com os saltos altos fazendo barulho no cascalho, as maletas nas mãos.

Lola estalou os dedos.

— Camille! Grace começou aqui, você poderia assumir?

Abrindo sua mala, Camille ajoelhou-se ao lado do corpo da garota.

— Venha, querida — disse Lola, levando Grace para longe com firmeza. — Acho que você teve agitação suficiente por uma noite, não é?

Grace estava atordoada demais para falar, mas agora Lola sorriu.

— Não fique sem graça, querida. É maravilhoso que sua fome tenha surgido, claro que é! Sid ficará empolgado com a notícia. Mas não posso admitir que nenhuma tripulante minha, e certamente não minha própria enteada, se comporte de modo tão inculto. Isso destruiria minha reputação.

Grace baixou a cabeça, mas Lola estendeu a mão e levantou seu queixo.

— Venha, vamos voltar à nossa carruagem antes que ela vire abóbora! — brincou.

Enquanto partiam de braços dados, Lola fez uma pausa.

— Você trouxe aquela carta de baralho?

Grace confirmou, enfiando a mão no bolso da saia e tirando a carta da Dama de

Copas negra que havia acompanhado o bilhete de Lola.

— Perfeito! — disse a capitã, pegando a carta. Em seguida se virou e jogou-a na direção do corpo caído da garota. A carta flutuou como uma mariposa antes de pousar na boca aberta da jovem. Lola apertou o braço de Grace. — É o meu cartão de visita — explicou.

Lola a conduziu de volta à carruagem. Mimma e Zofia já estavam esperando lá dentro, com as três maletas arrumadas junto aos pés. Lola ajudou Grace a subir, depois se virou para o jovem cocheiro.

— Estale o chicote, Rodrigo! Nosso trabalho aqui terminou.

CAPÍTULO 33
Precisamos conversar sobre Grace

— Elas começaram a usar novos cintos de ferramentas e malas — disse Grace. — Antes precisavam levar as pessoas para o *Errante* para tirar o sangue com eficiência, mas agora têm equipamentos portáteis, o que significa que podem drenar os corpos e engarrafar o sangue em qualquer lugar.

Darcy estremeceu.

— Ah, Grace. E você viu isso acontecendo? Que horrível!

— Tudo bem, Darcy. Não fiquei muito tempo na sala.

— Não quis dizer que era horrível para *você*. — Pensando que pode ter sido um pouco dura, acrescentou: — Se bem que, claro, eu não gostaria de ver essas coisas. Deve ter sido perturbador.

Mosh Zu concordou.

— Então é assim que elas organizam o que chamam de caça ao sangue. Uma informação tremendamente valiosa. — Virando-se de volta para Grace, perguntou: — E você disse que 12 vítimas foram encurraladas e mortas pela tripulação de Lola Lockwood?

Grace confirmou. Havia uma expressão estranha em seus olhos, que Darcy achou impossível de decifrar. Tinha a impressão de que a distância entre ela e Grace aumentava a cada uma daquelas reuniões noturnas, e não sabia o que fazer a respeito.

— Há mais alguma coisa que queira nos contar? — perguntou Mosh Zu.

Grace parecia agitada, e então respirou fundo.

— Uma delas escapou. Uma garota. O jantar era para comemorar o noivado dela...

Darcy sobressaltou-se, levando a mão aos lábios, horrorizada.

— Eu estava no corredor — continuou Grace, com olhos arregalados. — A garota correu na minha direção. O vestido dela estava rasgado, e a carne, perfurada. — Ela fez uma pausa, com uma expressão distante nos olhos.

Darcy virou-se para Mosh Zu, esperando atrair sua atenção, mas ele estava totalmente concentrado em Grace, aguardando que ela continuasse.

— A garota pediu minha ajuda. Eu disse, é claro, que ajudaria. Nós corremos para fora da casa. Havia uma fonte do lado de fora. A fonte mais linda que eu já vi. — O rosto de Grace estava beatífico.

— E a garota? — perguntou Mosh Zu. — Como ela estava?

Grace estreitou os olhos, como se os focalizasse de novo.

— A garota estava fraca, do sangramento, talvez...

Ou talvez por ter visto todas as pessoas que ela amava serem massacradas na noite de sua festa de noivado, pensou Darcy com raiva.

— Ela estava fraca — continuou Grace. — Ela se recostou na fonte... para descansar.

Grace ficou quieta e fechou os olhos por um tempo, como se estivesse viajando de volta àquele lugar e àquele momento. Quando abriu os olhos de novo, Darcy ficou imóvel. Os lindos olhos esmeraldas de Grace haviam desaparecido. No lugar estavam profundos poços de fogo. Darcy não era estranha a esse tipo de visão — seus próprios olhos sofriam a mesma transformação quando ela sentia fome de sangue —, mas não estava preparada para o choque de ver os olhos de Grace naquele estado.

— O que aconteceu na fonte? — pressionou Mosh Zu.

Grace pareceu sentir dor.

— A garota estava sangrando. Estava fraca. Eu não pude evitar... — Ela parou, depois começou de novo. — Não pude evitar... — Deu um suspiro profundo e seus olhos se fecharam de novo.

— Não pôde evitar *o quê?* — perguntou Mosh Zu.

Grace abriu os olhos. Estavam normais de novo, mais verdes e maiores do que nunca, como pedras lavadas num riacho da montanha. Darcy quase chorou de alívio.

Grace pareceu momentaneamente desorientada, depois continuou: — Não pude evitar que ela fosse apanhada — respondeu. — Não havia nada que eu pudesse fazer. Lola e as outras saíram da casa e logo começaram a trabalhar nela.

— Coitada — disse Darcy.

Mosh Zu se levantou e foi na direção de Grace.

— Como você se sentiu depois dessa experiência difícil?

— Exaurida, acho. E cansada.

— Você deve descansar — disse Mosh Zu. — A noite está quase acabando.

— Onde está Lorcan? — perguntou Grace. — Por que não veio me ver hoje?

— Nós dissemos, quando você chegou — respondeu Darcy. — Não lembra?

Grace balançou a cabeça, franzindo a testa ligeiramente.

— O treinamento de combate está exigindo tanto de seu tempo e sua energia que ele não conseguiu se juntar a nós esta noite — explicou Mosh Zu.

Grace franziu a testa.

— Eu tentei visitá-lo antes, mas não consegui. Ele está me evitando?

Darcy não pôde conter a irritação.

— Claro que ele não está evitando você, Grace! *Todos* nós temos papéis difíceis nesta missão. Às vezes não é possível estarmos juntos ao mesmo tempo.

Grace ergueu uma sobrancelha.

— Certo, Darcy! Eu só estava perguntando!

— Tudo bem — disse Mosh Zu, em tom tranquilizador. — Como eu disse antes, as horas de escuridão já vão terminar. Devo mandar Darcy de volta ao seu posto na proa do navio.

Grace deu um sorriso.

— Figura de proa durante o dia... — começou, mas seus poderes de projeção já estavam se esvaindo. Sua voz sumiu e Darcy ficou olhando enquanto a imagem de Grace desaparecia aos poucos. Quando ela sumiu, a cabine do capitão pareceu ecoar o silêncio e o vazio.

Darcy virou-se para Mosh Zu.

— Precisamos conversar sobre Grace — disse ela.

Ele assentiu.

— Você viu a expressão nos olhos dela — continuou Darcy. — Não viu? Quando ela estava falando da garota na fonte.

Mosh Zu confirmou de novo.

— Sim, eu vi a fome.

— Temos que trazê-la de volta antes que ela seja movida pela fome.

Mosh Zu não respondeu.

— E então? — perguntou Darcy. — O que acha?

— Ah, Grace já tomou sangue — respondeu ele calmamente.

— Não! — Darcy fechou o punho. — Não! — repetiu, a voz marcada pelo desespero.

— Nós, mais do que todo mundo, sabemos que tomar sangue, em si, não é uma coisa ruim. O que importa é *como* se toma. Grace tomou sangue da garota na fonte, mas tenho fortes suspeitas de que não foi a primeira vez. Acho que alguém vem ajudando-a a instigar o apetite.

Darcy sentiu que se encolhia diante das palavras dele.

— Você acha mesmo que Grace se alimentou daquela pobre garota?

— Só um pouco. O apetite de Grace está apenas começando a aparecer.

— Como você pode... *aceitar* isso com tanta facilidade?

— Grace é uma dhampira. Você não sabia disso quando a conheceu, por isso formou seu ponto de vista sobre ela e seu caráter baseado na noção de que ela era mortal. Agora precisa ajustar esse ponto de vista. Isso pode ser trabalhoso.

Darcy ergueu as sobrancelhas.

— Eu posso superar a ideia de que Grace é uma dhampira e que tem apetite por sangue, mas há outras mudanças que estou achando mais difíceis de aceitar. Ela parece ter se tornado fria e egoísta. Grace nunca foi assim. Ela está mudando, sem dúvida graças à influência daquela maligna Lola Lockwood e de Sidório.

Mosh Zu deu de ombros.

— Mudando fundamentalmente *ou*, como um camaleão, adaptando-se *temporariamente* às circunstâncias desafiadoras em que se encontra?

— Eu gosto muito de Grace — disse Darcy com firmeza. — É uma das minhas amigas mais queridas. Ela fez um trabalho incrível naquele navio, mas agora é hora de trazê-la para casa.

Mosh Zu deu um sorriso suave.

— Em breve — disse ele. — Mas por enquanto, não.

— Por quê não? — perguntou Darcy, incapaz de esconder a irritação. Desejava que Lorcan estivesse ali para apoiá-la, mas, como ele não estava, teria que travar essa batalha sozinha. — A missão de Grace era ver como o império rebelde atua e nos informar. Bom, ela fez isso, noite após noite, e nos deu detalhes suficientes para causar sonhos perturbadores em todos nós.

— Você está certa. As informações que Grace nos trouxe são excepcionais.

— Agora sabemos o suficiente. *Mais* do que o suficiente. A missão dela está completa.

Mosh Zu discordou com um gesto.

— Você vê apenas o efeito que os outros estão tendo sobre Grace. Deveria parar e considerar o impacto que *ela* está causando *neles*.

Darcy mostrou-se incrédula.

— Com certeza você não quer sugerir que Grace está agindo como uma força civilizadora sobre os rebeldes, está? Certamente não parece isso, pois eles saem toda noite caçando sangue, sequestrando navios piratas e matando desenfreadamente qualquer um que esteja no caminho.

— As aparências podem enganar — disse Mosh Zu. — Grace está se infiltrando no coração do império de Sidório, como o capitão quer.

Darcy se imobilizou ao ouvir a menção ao capitão.

— É *realmente* o que ele quer ou o que *você* quer? — Sua voz era dura como aço enquanto continuava: — Sinto muito, mas para mim não está mais claro quem comanda este navio: ele ou você.

A voz de Mosh Zu permaneceu calma.

— Nada mudou, garanto. Estou apenas segurando as rédeas até a volta do capitão, depois retornarei a Santuário e o capitão assumirá seu lugar de direito, no coração do mundo dos Noturnos.

— É. É isso o que você diz, noite após noite. Mas só temos a sua palavra de que o capitão *vai* retornar. E, com todo o respeito, não sei se acredito mais em você. O capitão jamais enviaria Grace para uma situação tão perigosa; e, se enviasse, certamente já a teria resgatado. *Antes* que ela tomasse sangue.

— Não, você está errada. O capitão sabe exatamente em que situação Grace está. Ele quer e precisa que ela esteja lá. Darcy, o capitão que você conheceu, ou que pensava conhecer, não existe mais. Quando ele retornar, você descobrirá que ele é um homem mudado.

— O que quer dizer com isso?

— Exatamente o que eu disse. — O rosto de Mosh Zu estava sereno.

— Pare de falar por meio de charadas! Você sempre faz isso, e é irritante! — Ela se sentia mais frustrada com ele do que nunca.

Mosh Zu sorriu.

— Não falta muito para o amanhecer — disse. — Você deve assumir seu posto como figura de proa outra vez.

— Em outras palavras — respondeu Darcy enfurecida, já indo para a porta —, estou

dispensada.

— Exatamente — disse Mosh Zu.

Johnny estava se preparando para dormir. Fora outra noite de ação ininterrupta, e ele estava mais do que pronto para umas boas oito horas de sono. Puxou a camiseta por cima da cabeça e procurou uma limpa para vestir, mas quando se virou, ficou pasmo ao encontrar Grace parada bem no meio da cabine.

— Grace, o que está fazendo aqui?

— Por favor, não fique com raiva! — disse ela.

Ele abriu um sorriso caloroso.

— Não estou com raiva, *carina*, só fiquei surpreso. Eu nem ouvi a porta se abrir.

Ela pareceu agitada.

— Não vim pela porta. — Havia uma expressão assombrada em seus olhos.

— Ei — disse ele, chegando mais perto e estendendo os braços. — O que há de errado, G? — Johnny envolveu-a com os braços, mas percebeu que eles se moveram através dela, e se pegou abraçando a si mesmo. — Ei, aonde você foi?

— Ainda estou aqui — respondeu Grace, enquanto ele dava um passo para trás e a olhava com curiosidade. — Só que não estou exatamente aqui. Essa é uma projeção astral minha. Meu corpo físico ainda está no *Errante*, mas eu precisava conversar com você. Isso é só uma coisinha que eu consigo fazer.

— Parece que seus dons não têm fim. — Johnny deu uma piscadela. Em seguida enfiou a camiseta e puxou-a sobre o peito bronzeado, depois estendeu a mão para Grace outra vez. — Uau! Minha mão passa através de você. Grace, isso é estranho... mas muito maneiro. Pode me ensinar a fazer?

— Não sei. — O olhar de Grace estava dolorido. — Johnny, eu precisava muito falar com você. Preciso da sua ajuda.

O rosto dele ficou sério.

— Claro. Qualquer coisa por você, Grace. O que há?

Grace olhou para ele de forma suplicante.

— Eu preciso de sangue. Estou com tanta fome de sangue... Achei que talvez você pudesse me ajudar a arranjar um pouco.

— Uau! Tranquilo! Quero dizer, sim, claro.

— Obrigada! — Ela sentiu um alívio profundo.

Johnny cruzou os braços diante do peito.

— Vou ao *Errante* assim que escurecer.

Grace pareceu dominada pelo pânico.

— Não pode vir agora, Johnny?

Ele olhou o relógio ao lado da cama.

— Desculpe, Grace, mas o sol vai nascer em alguns minutos. A luz do sol e os Vampiratas não se misturam... como você bem sabe. — Vendo o óbvio nervosismo dela, ele refletiu por um momento. — Olha, se você precisa de sangue, já está no lugar perfeito. O *Errante* é o principal depósito de todo o nosso sangue. Desça até a adega e abra uma garrafa!

Grace ouviu as palavras dele, mas parecia longe de ficar mais tranquila.

— Estou com medo de beber demais ou ter uma reação ruim. Queria muito que você estivesse comigo.

— Eu sei — disse ele, a voz soando com um tom suave e quente como chocolate derretido. — Olha, você não pode esperar umas... 12 horas? Vou assim que o sol se puser.

— Doze horas? — Grace mordeu o lábio. — Não sei se posso esperar tanto...

— Pode tentar, *carina*? — perguntou Johnny, sorrindo de modo encorajador. — Por mim?

— Certo. Vou me esforçar ao máximo.

CAPÍTULO 34
A decisão de Connor

Connor estava parado na praia, esperando Kally e ouvindo as ondas se chocarem contra a areia. Ainda se sentia entorpecido pela notícia de que Molucco estava morto. Stukeley havia lhe contado que agora o sangue do ex-comandante deles enchia seis garrafas trancadas na "adega" de Lola. O mais apavorante para Connor era que esse tipo de informação não o chocava mais. Agora ele habitava um mundo completamente diferente. Houve uma época em que via Molucco como uma figura paterna. Que irônico, refletiu, enquanto os borrifos das ondas batiam em seu rosto, passara todo aquele tempo pensando que Molucco poderia ser seu novo pai, quando o verdadeiro pai, Sidório, esperava para entrar em cena.

Connor tivera que se livrar de um personagem depois do outro, num curto espaço de tempo — filho de faroleiro, órfão, pirata prodígio. Agora era Connor Quinto Antônio Sidório, o dhampiro. E onde ficava sua lealdade?

Stukeley havia lhe contado sobre o próximo ataque. Por direito, deveria estar guardando a informação. No entanto, ali estava de novo, na praia, esperando para repassar a notícia ao inimigo de Sidório: a Federação dos Piratas. Mas seria a última vez que passaria esse tipo de informação. Não porque estivesse mudando de lado, nada tão simples assim. Mas essa guerra estava fugindo do controle e ele não podia mais impedi-la,

assim como não podia impedir que a maré chegasse ao litoral. Agora estava resignado a isso. Fizera o máximo por Cheng Li e pela Federação, esperava que eles usassem essas últimas informações do melhor modo possível. Talvez até mesmo, por algum milagre, conseguissem repelir Obsidiano Darke e sua tripulação. Mas Connor precisava ser realista: era bem mais provável que Cheng Li fosse derrotada. Isso realmente encerraria a carreira de Connor como pirata, porque, ainda que Molucco frequentemente reivindicasse o crédito, Cheng Li é que o havia resgatado do oceano e o transformado em pirata. Mas, apesar de seus primeiros sinais como um pirata promissor, desde o início o jogo estivera contra ele.

Ao ver o familiar cabelo espetado de Kally surgindo, Connor mergulhou e começou a nadar na direção dela. Como sempre, ela ficou feliz em vê-lo, mas hoje ele não tinha tempo nem inclinação para jogar conversa fora. Queria — *precisava* — resolver isso o mais rápido possível.

— Desculpe apressar você — disse —, mas precisamos ir logo ao que interessa.

Ela nadou ao lado dele até uma pedra ali perto. Quando Connor saiu da água, Kally passou a mão pelo cabelo e, em seguida, pousou o rosto de elfo nos braços e os apoiou na pedra.

— Beleza, cara. O que está rolando?

Connor experimentou um súbito fluxo de ansiedade, sentindo o fardo pesado do que tinha a dizer. Então um entorpecimento cada vez mais familiar voltou, e ele retomou o ar profissional de novo.

— O próximo ataque vai ser amanhã à noite — disse. — E é o maior. Eles vão atacar o *Tigre*.

Os olhos cor de arco-íris de Kally se arregalaram.

— Obsidiano Darke vai comandar o ataque. Eu já falei sobre ele, lembra?

— Frio que nem mármore e implacável — respondeu Kally.

— Isso mesmo. Como sempre, ele poderá escolher a equipe.

— Uau! — disse Kally. — Então isso vai realmente acontecer. Cheng Li vai pirar, mas, pelo que ouvi dizer, ela está preparada. Segundo Jacoby, ela e Cate têm uma nova arma secreta.

As orelhas de Connor se aguçaram ao ouvir isso.

— Uma nova arma? Você sabe o que é? Ela encomendou mais espadas com o mestre Yin?

— Só me disseram o que eu precisava saber. Nem tenho certeza se *Jacoby* sabe o que é.

— Cheng Li gosta de manter um ou dois ases na manga. Sempre gostou, sempre vai gostar.

— Bom, é melhor eu ir logo jogar essa bomba. E contar a eles seus planos, claro. Você vem comigo agora ou amanhã?

Connor ouviu as palavras dela. Estivera esperando-as, preparando-se para elas, mas agora que tinham vindo, não respondeu nada, só olhou no fundo dos extraordinários olhos de Kally.

— Connor? — insistiu ela. — Quando você quer fugir para a liberdade? O relógio está correndo, não está?

— Não vou voltar com você.

— Hoje não, mas amanhã sim, não é? — Ela observou-o, preocupada.

— Não, Kal. Eu não vou voltar. E ponto final.

— *O quê*?

— Kally, há coisas que você não sabe sobre mim, e eu quero que continue desse jeito. O fato é que este é o meu lugar. Com o tempo acho que você vai entender.

Lágrimas brotaram dos olhos dela.

— Não. Como você pode dizer que este é o seu lugar, com esses monstros? Depois do que eles fizeram com Molucco...

— É complicado, e não temos tempo para falar agora. Você precisa levar a mensagem do ataque a Jacoby o mais rápido possível. Com ou sem arma secreta, Cheng Li e Cate vão ter que dar tudo de si desta vez.

— Estou indo. Mas encontro você aqui à mesma hora, amanhã. Talvez você tenha mais informações para que eu repasse.

— Já contei tudo, não há mais nada a dizer. Deseje sorte a eles. — Connor fez uma pausa. — E diga a Jasmine que eu sinto muito.

— Só venha me encontrar — disse Kally, engolindo as emoções. — Como um favor a uma velha amiga.

— Vou pensar.

Do alto do cesto de gávea, Bart tinha uma visão excepcional do convés do *Tigre*. Ficou olhando enquanto, lá embaixo, Cate e Cheng Li esgotavam o restante da tripulação com o último dos torturantes treinos de combate. A "dupla horripilante" como ele as chamava carinhosamente, tinha aumentado os treinos de combate para duas sessões de noventa minutos por dia, e nos últimos dias elas haviam proposto alguns novos movimentos

desafiadores. Olhando para baixo agora, viu que tanto Jasmine quanto Bo Yin haviam dominado esses novos movimentos. Nada surpreendente: às vezes ele achava que a pequena Bo Yin tinha elásticos junto dos músculos. Outros tripulantes precisavam de mais tempo para dominar as novas sequências de ataque.

Mas Cate e Cheng Li guardavam um segredo que Bart conhecia. Os novos movimentos tinham sido criados graças às informações fornecidas por Lorcan Furey em suas visitas recentes. Cate ameaçara estrangular Bart pessoalmente caso ele revelasse a Cheng Li que sabia disso — e ele não duvidava de que ela estivesse falando sério. Não iria abrir o bico. Muita coisa dependia disso. Capitães piratas estavam sendo assassinados pelos oceanos: Bojan Petrović, capitão do *Redentor*, Narcisos Drakoulis, capitão do *Albatroz*; e agora Molucco Wrathe, capitão do *Diablo*. Bart pensou nesse último assassinato, o mais chocante. Molucco frequentemente falava que a vida do pirata era curta porém alegre, mas Bart sabia que o capitão jamais esperaria terminar seus dias nas mãos de um Vampirata.

Olhando por cima do oceano, achava totalmente inconcebível pensar que Molucco Wrathe jamais velejaria de novo; parecia tão ridículo quanto imaginar que o sol não nasceria. Todo mundo tivera uma opinião sobre Molucco. O próprio Bart o culpava pela morte de Jez Stukeley, mas agora havia superado isso. Na verdade já havia superado há um bom tempo. O velho e louco cão do mar não merecera morrer daquele jeito. Ninguém merecia.

Olhando de sua posição no topo do navio, teve uma estranha sensação de paz e calma, apesar de estar vivendo tempos tão conturbados. Não sabia direito de onde vinha esse sentimento, mas de repente os movimentos da tripulação abaixo pareciam graciosos como um balé — não que Bart Pearce alguma vez já tenha ido a um balé —, e no coração de tudo aquilo estava Cate. Ele a conhecia há muito tempo, mas nunca deixara de se surpreender com seu talento, seu comprometimento e sua beleza. Nem todo mundo via, mas, para ele, Cate Morgan era especial. Observando-a, Bart tomou uma decisão. Olhou o relógio para registrar a hora: 2h49; queria se lembrar desse momento exato. Talvez fosse necessário um tempo de crise para as pessoas entenderem o que é realmente importante. Percebeu, sem qualquer sensação de constrangimento, que tinha o maior sorriso do planeta na cara.

Bart viu o escaler de Jacoby roçando sobre as águas em direção ao *Tigre,* de volta do contato diário com a rabo de peixe, Kally. Segundo o jovem Jacoby, Kally dissera que havia conhecido Bart no passado e mandou lembranças, mas ele não conseguia de jeito nenhum se lembrar de ter conhecido uma rabo de peixe, e dentre todas as coisas malucas que haviam lhe acontecido em seus 23 anos, tinha quase certeza de que isso era algo de

que iria se recordar.

Enquanto Jacoby atracava o barco e começava a subir pelo costado do *Tigre*, Bart desceu ao convés; era hora da mudança de turno. Os dois rapazes chegaram quase no mesmo instante, e, ao ver Jacoby, Cheng Li gritou, ordenando uma pausa. A tripulação pousou as armas, agradecida, e recuperou o fôlego.

Jacoby caminhou pelo convés até a capitã, que tomava água num cantil, sedenta. Ele estava com expressão sombria. Bart viu isso e foi em sua direção. Outros tripulantes também perceberam. Jasmine. Cate. Bo Yin. Cada rosto olhava para ele cheio de expectativa.

Cheng Li jogou o cantil no chão.

— E então, quais são as novidades, Jacoby?

Pela primeira vez o subcapitão não floreou a notícia.

— Somos o próximo alvo — disse.

Houve um silêncio absoluto no convés. Cada membro da tripulação ficou imóvel ao ouvir as palavras de Jacoby.

Cheng Li não se abalou.

— Vocês todos ouviram? Bom! — Em seguida estendeu a mão para a espada e levantou-a, fazendo-a brilhar ao sol da tarde. — Sabíamos que esse momento viria. E estamos prontos. Os Vampiratas cometeram seu primeiro erro. Este é o ponto em que tudo muda. Estamos em vias de escrever nossos nomes na história dos piratas!

Bart se virou ao escutar a batida na porta da cabine.

— Entre! — gritou, cobrindo rapidamente com uma camisa o velho baú de marinheiro em que estivera remexendo. — Está aberta.

Jacoby apareceu à porta, parecendo agitado. Uma visita do subcapitão à sua cabine era algo inédito.

— O que há, meu velho? — perguntou Bart. — Você parece à beira de um ataque.

— Isso não está longe da verdade. Desculpe incomodar você, Bart, mas eu não sabia mais com quem falar. É sobre o Connor.

Cate balançou a cabeça.

— Connor não vai voltar?

— Foi o que ele disse à Kally.

— Mas por quê?

— Não sei. Catie, nenhum de nós sabe. Mas deve ser uma coisa muito séria para o Connor tomar essa decisão.

Cate afastou o olhar e espiou a luz que agonizava sobre o oceano. O drama cotidiano de luz e sombra, céu e água, jamais fora monótono para ela.

— Tomei duas grandes decisões hoje — disse Bart.

Estavam juntinhos perto da amurada. Cate deu as costas para o pôr do sol e olhou curiosa para o velho companheiro, agora namorado. O termo ainda parecia estranho para ela — provocava a mesma sensação incômoda das poucas vezes em que tinha usado um vestido — mas não havia absolutamente nenhuma dúvida sobre a profundidade de seus sentimentos por Bart Pearce. Ele havia se tornado seu porto seguro num mundo cada vez mais turbulento. Firme como o mastro, forte como a vela. Era como pensava nele.

— Fale dessas decisões.

— Vou atrás do Connor — disse Bart. — E, por favor, não tente me convencer do contrário, Catie. Combinei com o Jacoby: vou com ele para o encontro matinal com Kally. Vou fazer com que ela me leve ao Connor para colocar um pouco de tino na cabeça dele. — Bart parou de falar. Cate não disse nada.

Ele olhou no fundo dos olhos dela.

— Eu tinha certeza de que você ia dizer que era loucura, que o Connor pode cuidar de si mesmo, que há coisas maiores em jogo...

Cate sorriu.

— O que é maior do que a segurança e a felicidade de um amigo querido? — perguntou. Depois sorriu. — Além disso, quando se trata de batalha, minhas principais lutadoras são Jasmine e Bo Yin. Se *elas* dissessem que iam dar uma saída, teríamos uma conversa séria. Mas você... você é totalmente diferente, seu palerma.

Bart acariciou o rosto de Cate com ternura.

— E eu aqui, sofrendo a ilusão de que estava ficando indispensável para você. Agora, sério, Catie, não estou desertando na hora que você mais precisa de mim. Pretendo estar de volta ao anoitecer, trazendo o Connor. Vamos acabar com os Vampiratas ao seu lado.

— Parece bom. Mas as coisas podem ser mais complicadas com o Connor do que você prevê. Se ele precisar de tempo, dê tempo a ele. Só o traga para casa em segurança, e se cuide também. Isso é uma ordem de sua oficial superior!

Bart sorriu e prestou continência.

Cate ficou vermelha, mas achou que já deveria estar acostumada com o jeito de Bart. Contudo, talvez era isso que fazia os dois darem certo. Ele era extrovertido e sociável,

cheio de gestos ousados. Ela era muito mais quieta, mais contida. Ele a tirava de seu mundo interior e ela o acalmava. Cate então sorriu, envolvendo a cintura dele com os braços.

— Você disse que tinha tomado *duas* grandes decisões. A primeira era sobre o Connor. E a segunda?

— Eu contarei a você — respondeu Bart, falando baixinho e olhando no fundo dos olhos dela. — Mas a outra notícia pode esperar até eu voltar e essa loucura toda acabar.

Ele sorriu para ela de novo e, enquanto olhava em seus olhos, Cate teve um rápido vislumbre da eternidade. *Firme como o mastro, forte como a vela.*

CAPÍTULO 25
A surpresa de Johnny

— Pode abrir os olhos agora — sussurrou Johnny no ouvido de Grace.

Quando ela fez isso, seus cílios roçaram nas mãos de Johnny, que permaneciam encostadas gentilmente em seu rosto. Ela só conseguia ver fiapos de luz das estrelas brilhando pelas frestas estreitas entre os dedos dele.

— Não é justo! — disse. — Deixa eu ver!

Johnny gargalhou.

— Certo. Você foi muito paciente, Grace. Vou tirar as mãos contando até três. Um... dois...

Ele manteve a mão no lugar de novo, por um momento hipnotizante.

— Três!

Finalmente afastou os dedos dos olhos de Grace e pousou-os nos ombros dela.

— Ah, Johnny! — exclamou Grace. Ali, parado na areia, à beira d'água, estava um cavalo. Seu corpo parecia de um dourado brilhante ao luar, menos a crina e o rabo, que eram de um branco puro. — *Essa* é a minha surpresa? — perguntou ela. — Ele é tão lindo! O corpo parece de ouro.

— Não é um "ele". — Johnny riu. — O nome dela é Nieve. E o corpo *é* dourado; ela é uma égua palomino.

— Nieve — disse Grace. — É um nome irlandês, não é? — Instintivamente pensou em

Lorcan.

— Eu a nomeei Nieve. É neve em espanhol.

— Ah, sei! Porque a crina e o rabo são brancos como neve recém-caída. — Grace se virou para Johnny.

Ele pareceu distante por um momento.

— Bom, em parte, sim.

Então Grace se lembrou de sua visão de Johnny cavalgando na neve. A história dele havia começado e terminado na neve. Lembrou-se do fim terrível: Johnny enforcado numa árvore enquanto a neve caía ao seu redor. Sentiu-se péssima por ter deixado de perceber a conexão, mas quando olhou-o, descobriu que ele estava sorrindo e que seus olhos brilhavam de novo.

— Agora podemos ficar aqui parados admirando de longe a beleza de Nieve ou podemos dar um passeio com ela na praia. O que acha?

Grace sentiu o coração disparar.

— Nunca andei a cavalo antes. — Pensar nisso deixou-a nervosa, mas também empolgada.

— É moleza — disse Johnny, estendendo a mão para ela. — Eu faço todo o trabalho. Além disso, Nieve não vai causar nenhum problema, ela adora um passeio noturno. Venha conhecê-la.

Johnny levou Grace pela areia e, quando estavam a poucos passos de Nieve, ele começou a falar com a égua. Imediatamente Nieve reagiu. Grace pôde ver a força do elo entre o animal e o ex-vaqueiro.

— Bom, Nieve — disse Johnny, com a voz grave e suave. — Sei que você gosta de galopar na areia e mergulhar as patas nas águas frescas do oceano. E sei que você gosta que sejamos só nós dois, Nieve e Johnny. Mas esta noite, olha só, eu trouxe uma amiga muito especial para passear conosco.

Ao ouvir Johnny falar com a égua, Grace pensou de novo no tempo em que estavam em Santuário e ela havia lido a fita com as memórias dele. Na época não somente o vira montando, mas também montara como se fosse ele. Sabia que ele tinha uma profunda ligação com cavalos.

O tempo todo em que falava com Nieve, Johnny estava acariciando a égua palomino e coçando seu nariz. Agora enfiou a mão no bolso e pegou um cubo de açúcar, então colocou-o na palma da mão e Nieve lambeu-o gentilmente.

— Agora você — disse Johnny, olhando para Grace. — Estenda a mão.

Um tanto apreensiva, Grace estendeu a palma da mão, e Johnny pôs um segundo cubo de açúcar sobre ela.

— Apresente-se a Nieve — sussurrou no ouvido de Grace.

Grace olhou nos olhos castanhos e suaves de Nieve.

— Olá — disse, estendendo a mão. — Meu nome é Grace e estou meio nervosa porque nunca montei antes.

Nieve balançou a cabeça, despreocupada, e pegou o segundo cubo de açúcar na mão de Grace.

— Bom — disse Johnny — acho que estamos praticamente prontos, não é, meninas? Grace, vou ajudá-la a subir primeiro.

Grace virou o rosto para ele, confusa.

— Não tem sela.

— Assim é mais seguro. Se você cair, vai cair solta, os estribos não vão arrastá-la. Vai ferir apenas o traseiro e o orgulho. — Vendo a expressão tensa da garota, ele acrescentou: — Não se preocupe, Grace. Você *não* vai cair.

Mesmo assim ela hesitou. Antes que pudesse fazer mais algum protesto, Johnny levantou-a, colocando-a montada em Nieve.

— Aí está — disse ele. — Sente-se no centro, com os cotovelos próximos ao corpo. Excelente. Não deixe de apertar Nieve com as pernas, isso vai ajudar no seu equilíbrio.

Grace apertou as pernas. Ao fazer isso percebeu Nieve movendo-se para a frente. Sentiu uma onda de pânico, mas Johnny estava ali, dizendo para Nieve nem pensar em ir a qualquer lugar sem ele. O animal pareceu entender totalmente. Agora Johnny se virou para Grace.

— Sinais confusos — disse ele. — Você apertou as pernas com um pouco mais de força, e esse é o sinal para andar.

— Ah! Desculpe.

Johnny sorriu.

— *No problema*! Segure a crina, Grace. Isso, bem apertado. Ela não vai se importar.

Grace estava sentindo-se surpreendentemente ansiosa e bastante fora de sua zona de conforto. Apesar das instruções calmas de Johnny, podia sentir que Nieve estava desesperada para sair correndo pela areia. Apertou a crina da égua com mais força, decidida a se sentir o mais segura possível.

— Suba logo! — disse, instigando Johnny.

— Não há outro lugar onde eu preferiria estar — respondeu ele, piscando e usando

uma pedra ali perto para se impelir para trás dela. — Boa garota, Nieve. — Falando com a égua, sua respiração batia quente na orelha de Grace. Ela não havia percebido como os dois estariam próximos assim que ele montasse. Agora ficaram mais perto ainda quando Johnny passou os braços em volta da cintura de Grace e pegou as rédeas.

— Encoste-se em mim para ficar bem estável — disse Johnny a Grace.

Ela obedeceu, sentindo uma fagulha de eletricidade quando suas costas fizeram contato com o peito de Johnny. Então, pensando de repente em Lorcan, encolheu-se momentaneamente.

— O que foi? — perguntou ele.

— Nada — respondeu ela, decidindo que estava sendo boba. Tudo que ele dizia para ela fazer se destinava ao seu próprio conforto e segurança. Ela só iria dar um passeio de cavalo com um bom amigo, não tinha motivo para sentir-se culpada. Quando falasse com Lorcan na próxima vez, contaria tudo, não haveria segredos entre eles.

Recostou-se mais, até ficar totalmente abrigada pelo peito de Johnny, atrás, e pelos braços dos dois lados. Olhando para baixo podia ver os músculos dos antebraços quando ele esticou as rédeas.

Nieve já estava começando a andar pela areia. Grace riu de prazer e surpresa.

— É mais fácil do que imaginei!

— É moleza! — disse Johnny. Mesmo sem olhar para ele, Grace soube que ele estava sorrindo.

Sentiu-se relaxar e se apoiou mais no peito de Johnny. Mesmo quando Nieve começou a se mover um pouco mais rápido, Grace continuou sentindo-se perfeitamente confortável. Seu nervosismo inicial havia desaparecido rapidamente, substituído por um sentimento de empolgação e ansiedade.

— Isso é um trote — disse Johnny. — É mais ou menos a mesma velocidade em que um ser humano saudável consegue correr, uns 13 quilômetros por hora. Se você prestar atenção, pode ouvir os cascos de Nieve marcando duas batidas na areia. Está ouvindo?

— Estou — respondeu ela em um tom de voz mais alto. — Estou ouvindo... e sentindo também. — E, mesmo não tendo dito, a sensação era bem desconfortável. Nesse ritmo ela não sabia quanto tempo duraria montada em Nieve sem a comodidade de uma sela.

Johnny não percebeu seu desconforto.

— Agora vamos passar para o que chamamos de meio-galope macio. Isso significa que Nieve ainda está sob nosso controle. Agora você vai escutar três batidas, em vez de duas.

Grace sentiu o ritmo aumentar com grande suavidade e, sem dúvida, podia ouvir as

três batidas na marcha de Nieve. Olhou para o lado, para as águas da baía reluzindo sob as estrelas. Era maravilhoso vê-las dessa perspectiva completamente nova. Podia vislumbrar a silhueta do *Errante* e o casco enorme do *Capitão de Sangue* ancorados lado a lado. Os dois já haviam se afastado um bocado dos navios; ali o oceano estava deserto. Era uma visão tranquila, um espelho refletindo o céu estrelado. Novamente sentiu a velocidade aumentar, e desta vez a mudança foi bem-vinda.

— E agora estamos a meio-galope pleno — confirmou Johnny. — Era isso que Nieve estava esperando, não era, garota?

Agora que iam mais depressa, Grace ficou surpresa ao descobrir que estava mais confortável, e não menos. Apertada contra Johnny, sentia-se segura como se estivesse numa poltrona.

Entregou-se ao ritmo suave, hipnótico, da cavalgada e sentia as preocupações se dissolvendo. Durante um tempo, nem ela nem Johnny falaram. O tamborilar dos cascos de Nieve na areia se fundia com o sopro do ar noturno e as ondas batendo na praia. Era uma sinfonia que certamente empolgava e acalmava os sentidos.

Grace virou o rosto para deixar que a brisa do oceano a refrescasse e, quando fez isso, sua bochecha roçou na de Johnny. Ficou surpresa ao perceber como se sentia bem tão perto dele. Mais uma vez, pensou em Lorcan e sentiu culpa. Então recordou-se de que não estava fazendo nada de errado e de que estava se divertindo mais do que poderia se lembrar. Ultimamente vinha passando por momentos tão sombrios que tinha se esquecido de como era estar despreocupada. Que presente precioso Johnny lhe dera! Por que estragá-lo?

Os passos longos de Nieve carregavam Grace e Johnny pela areia, em direção à margem do oceano. Quando os cascos da palomino bateram nas ondas rasas, mandaram a água salgada para o ar, e Grace sentiu o gosto do mar nos lábios. Agora seu coração também estava disparado, batendo no ritmo exato dos movimentos de Nieve.

Nieve lançou um novo jato de água nos rostos de Grace e Johnny, e o jorro frio fez Grace rir de surpresa e prazer. Ela se virou e viu que Johnny também estava rindo. Seu rosto estava escorregadio com a água salgada. De repente ela sentiu um desejo avassalador de beijá-lo. Os dois estavam tão próximos fisicamente, que tudo de que ela precisava era se encostar um pouco e... Johnny sorriu para ela, os olhos dançando cheios de luz, os lábios parecendo mais convidativos do que nunca. Grace se forçou a virar de novo para o outro lado, ruborizada. Queria beijá-lo, mas não devia. Era ir longe demais. Continuaram cavalgando em silêncio.

Depois de um tempo Johnny encorajou Nieve a ir mais devagar. As batidas rítmicas dos cascos se transformaram em quatro batidas regulares enquanto eles diminuíam a velocidade até um caminhar suave.

— Boa garota — disse Johnny, coçando suavemente o flanco de Nieve. — É hora de você descansar um pouco.

Eles pararam e Johnny desceu, estendendo os braços em seguida para ajudar Grace a desmontar.

Ela demorou um momento para se acostumar de novo com o chão sólido. Johnny passou o braço por seu ombro.

— Você está tremendo — disse ele.

— Estou? — Estava, e o toque dele não ajudava nem um pouco a acalmá-la, pelo contrário. — Acho que ainda estou cheia de adrenalina da corrida.

Johnny riu, feliz.

— Eu sabia que você iria adorar. Desde que nos conhecemos, eu queria levá-la para uma cavalgada. Você não me conhece de verdade enquanto não tiver cavalgado comigo, é isso que eu sou. — Ele pareceu subitamente acanhado e continuou a falar, talvez num esforço de encobrir as emoções. — Assim que deixarmos Nieve descansar um pouco, vamos montar de novo e retornar pela praia.

Grace sorriu diante dessa perspectiva.

— E então — disse Johnny. — Foi uma surpresa boa?

— Foi. — Ela olhou em seus olhos. — Sim, Johnny, foi uma surpresa linda. Obrigada! — Sentindo uma onda de emoção que não conseguia mais conter, inclinou-se para ele e deu um beijo suave em seu rosto salgado.

Ele sorriu.

— Ora — disse, levando a mão à bochecha. — Essa também foi uma bela surpresa. Uma tremenda surpresa.

Ele parecia mais bonito do que nunca. Talvez fosse o luar. Talvez fosse a distância dos navios e dos outros. Talvez fosse por vê-lo em seu estado mais natural, como ele deveria ser. Sentiu como se ele a estivesse laçando, puxando-a cada vez mais para perto a cada segundo, mas na verdade tudo o que Johnny estava fazendo era sorrir.

Lutar contra a tentação desse jeito não era nem um pouco fácil. Grace recuou.

— O que foi? — perguntou Johnny, com o olhar firme, mas penetrante.

— Eu me empolguei — disse ela, sem graça. — Estou me divertindo tanto que esqueci de mim mesma.

— Você *tem o direito* de se divertir.

— É — respondeu Grace com cautela. — Mas preciso ser justa com você...

Johnny sorriu.

— Você me ouviu reclamando de alguma coisa?

— *E* com Lorcan. — Quando Johnny não reagiu, Grace continuou, suavemente. — Meu namorado.

— Entendo. Mas Lorcan está muito longe e não vai se ressentir se você estiver se divertindo um pouquinho de forma inofensiva, não é?

Grace olhou no fundo dos olhos de Johnny. Ele não iria facilitar para ela.

— Não deveríamos voltar aos navios? — perguntou.

Johnny encarou-a. Por um momento não disse nada. Depois concordou.

— Certo. Se você estiver pronta, acho que demos um bom descanso a Nieve, não é?

Ele puxou a égua gentilmente da beira d'água. Grace ouviu-o dizer:

— Sei que você está com sede, mas nem pense em beber isso. A água salgada iria fazer um estrago nas suas tripas.

Olhando-o abordar Nieve com tanta gentileza, Grace ficou sem jeito. *Ela* havia beijado Johnny. E não o contrário. Se alguém havia se aproveitado, era *ela*, e não ele. Johnny lhe oferecera esse presente incrível e ela havia pagado com maus modos. Essa não havia sido sua intenção. Decidiu esclarecer as coisas antes de voltarem.

— Johnny — falou alto, indo até ele. — Você sabe que eu gosto de você, não sabe?

Ele sorriu.

— Fico feliz em ouvir isso, Grace. Achei que talvez você tivesse tomado uma decisão com relação a mim e que esse fosse um assunto encerrado.

— Eu tinha me decidido, depois de você sair de Santuário daquele jeito. Mas desde que nos reencontramos percebi que fui muito rápida em julgar. Há muitos aspectos diferentes em você.

— Bom, obrigado por se dar ao trabalho de rever seus conceitos. — Ele estendeu a mão.

Ela hesitou. Mais uma vez, teve a sensação do laço se apertando.

Ele sorriu.

— Só vou ajudá-la a montar em Nieve, meu doce.

Claro que sim. Ela ficou mortalmente sem graça. Baixando a cabeça, avançou e permitiu que ele a ajudasse a montar de novo.

Desta vez, montada lá em cima, nas costas douradas de Nieve, Grace sentiu-se

totalmente à vontade. Num instante Johnny estava atrás dela, outra vez envolvendo-a com os braços e pegando as rédeas. Grace se recostou, como ele tinha dito para fazer antes.

Quando Nieve começou a voltar pela areia, Grace fechou os olhos, saboreando o momento. As coisas estavam se complicando. Sabia disso. Mas fazia muito tempo que não se sentia tão bem assim, e queria desfrutar cada segundo da volta para casa.

CAPÍTULO 36
O filho de Sidório

Connor sentou-se na pedra da praia onde tinha os encontros diários com Kally. Sem dúvida este seria o último contato. Mas onde ela estava? Em geral sua noção de tempo era impecável. Hoje ela já estava meia hora atrasada. Será que ele deveria se preocupar com a segurança dela? Se Kally estava em perigo, o que ele poderia fazer para salvá-la? Havia um bocado de oceano para revirar em busca de uma pequena rabo de peixe.

Uma hora depois, Kally ainda não havia chegado. Connor ficara com calor, sentado ao sol, então decidiu dar um mergulho. Tirou a camisa e pulou na água fresca. Demorou um tempo embaixo da superfície, desfrutando o silêncio. Sentia um pouco de inveja de Kally. Esse era seu mundo, e ela podia ficar lá embaixo quanto tempo quisesse, sem ter de contar com a quantidade limitada de ar que cabia num pulmão humano. Enquanto formava esse pensamento, Connor sorriu. Nas últimas semanas, seu corpo havia passado por várias mudanças profundas. Ele não era mais vulnerável à vertigem. Sua força crescia a cada dia. E quando era ferido, como no embate com Sidório, a carne se curava bem mais depressa. Portanto, não seria possível que pudesse ficar embaixo d'água por mais tempo? Decidiu tentar. Olhou o relógio e começou a nadar para longe da praia.

Dez minutos depois, a cabeça de Connor atravessou a superfície. Mesmo assim não foi porque havia ficado sem oxigênio — seus pulmões pareciam perfeitamente à vontade

—, mas porque sentia frio e queria voltar para o sol. Empolgado com mais uma demonstração de seus novos poderes físicos, ficou boiando com os braços e as pernas abertos, deixando o sol do meio-dia banhá-lo com os raios quentes.

Depois de um tempo, entediado, Connor nadou de volta até a pedra para secar-se. Deitado no calor, com o corpo agradecendo o descanso, caiu facilmente no sono.

— Connor! — Ele acordou e encontrou um conhecido par de olhos cor de arco-íris encarando-o por baixo de uma franja azul espetada.

— Kally! — Connor ficou aliviado. — Você se atrasou tanto! Fiquei preocupado.

— Ficou? — Ela pareceu satisfeita. — Bom, fico feliz porque você veio e duplamente feliz porque me esperou, cara. Tenho uma bela surpresa.

— Uma surpresa? — Connor sentiu a calma desaparecer instantaneamente. As surpresas não eram mais bem-vindas para ele.

Kally se virou, levou os dedos aos lábios e assobiou. Connor observou-a com curiosidade, depois ficou em pé na pedra e virou o olhar na direção em que ela havia assobiado. Viu um barco familiar roçando as águas, vindo até eles.

Connor mostrou-se preocupado.

— Kally, o que você fez?

Dando de ombros, ela deslizou para trás e mergulhou sob a água, e Connor ficou olhando e esperando o barquinho vir até a praia. Agora estava suficientemente perto para perceber quem vinha a bordo. Viu Bart acenar. Connor sentira-se empolgado muitas vezes ao ver o velho amigo. Esta não era uma delas. Mesmo assim levantou a mão, depois mergulhou de novo e nadou até a praia.

Connor estava esperando na areia quando Bart ancorou o barquinho e avançou pela arrebentação. Bart sorria enquanto vinha pela areia.

— É muito bom ver você — disse abrindo os braços e puxando Connor num abraço.

Ele recuou.

— É sempre bom ver você, Bart. Mas eu gostaria que não tivesse vindo.

— O que você esperava? Que fosse mandar uma mensagem dizendo que ia ficar aqui e nós simplesmente iríamos aceitar?

Connor estreitou os olhos virados contra o sol. Não sabia o que dizer. Havia a verdade, claro, mas aquela não era uma conversa fácil de se iniciar.

— Você é importante demais para nós, Connor — disse Bart. — E espero que, depois de tudo que passamos juntos, você sinta a mesma coisa.

— O sol está muito forte aqui. Vamos andar um pouco?

Bart concordou e os dois começaram a andar lado a lado pela praia.

— E então, vai me dizer o que está acontecendo?

— É complicado. Não sei bem como começar.

Bart sorriu.

— É só falar, meu velho. Como sempre fez.

Connor respirou fundo.

— A primeira coisa a dizer é que minha decisão de ficar aqui não é uma rejeição a vocês; nada poderia estar mais longe da verdade. Isso tem a ver comigo, com o que estou passando.

— Fiquei preocupado com essa missão desde o início, velho. Achei que era loucura Cheng Li mandar você sozinho.

— Não é a missão.

Bart parou e se virou.

— Não entendo.

Connor parou também.

— Estou passando por um monte de mudanças.

Bart estendeu a mão e a pousou no ombro dele.

— Eu sei, velho. Vi você crescer diante dos meus olhos. Desde aquela noite em que chegou a bordo do *Diablo*, lembra?

Connor fez que sim com a cabeça.

Bart passou o braço em volta dos ombros de Connor enquanto eles seguiam pela praia.

— Nós estávamos um ao lado do outro quando Jez foi assassinado e nos ajudamos a superar aquilo. E quando matou pela primeira vez, você sabe como fiquei preocupado.

— Eu sei.

— Você é como um irmão para mim, Connor Tormenta. Estou aqui para ajudá-lo a enfrentar qualquer coisa. Cate sente a mesma coisa. E Jacoby, e Cheng Li, e Bo Yin. Connor, todo mundo sente a sua falta. Todos querem que você volte para casa.

Connor respirou fundo.

— E Jasmine? Ela disse alguma coisa sobre eu voltar?

— Não com todas as palavras, mas sei que ela também gosta de você. Por que pergunta?

Connor deixou a cautela de lado.

— Aconteceu uma coisa entre Jasmine e eu quando fomos a Lantau.

— Sei. — Bart estreitou os olhos. — Bom, ela guardou segredo sobre isso e, até onde eu sei, ela e o Jacoby ainda estão juntos. — Ao ver Connor se encolhendo, acrescentou: — Entendo que você esteja dividido com tudo isso. Você é um cara decente, e Jacoby é seu amigo. Se você e Jasmine se apaixonaram um pelo outro, tudo bem. Volte e resolva isso. Segundo minha experiência, essas situações raramente são tão ruins quanto parecem.

Connor sorriu.

— Obrigado pelo conselho. Mas a situação é muito mais complicada.

Bart deu de ombros.

— A praia é comprida e eu não estou com pressa.

De repente Connor parou, examinando a água.

— Cadê a Kally?

— Ela está bem, nadando por aí. Eu disse que queria um tempo a sós com você.

— A gente deveria voltar. Preciso retornar ao *Capitão de Sangue*. E você precisa pegar o seu barco e voltar ao *Tigre*.

— Nós mal começamos a falar, velho. Eu vim até aqui por sua causa, me dá mais um tempo.

— O relógio está correndo. Você sabe do ataque ao *Tigre* amanhã à noite. Deveria estar lá para lutar.

— Vou voltar a tempo. Com você ao meu lado.

— Eu não vou voltar, Bart. Sei que é difícil para você entender, mas há coisas que não sabe a meu respeito.

— Então conte — disse Bart, com a frustração evidente na voz. — Porque até agora você só contou uma historinha sobre você e Jasmine Pavão. Não vou voltar para aquele barco enquanto não me der um motivo bem melhor. — Seu olhar se cravou fundo nos olhos de Connor, e ele soube que o amigo cumpriria a palavra.

— Certo. Vou contar tudo. Mas você terá que voltar sem mim.

— Comece.

— Você sabe da história de Cheng Li, sobre ter convencido Sidório de que eu sou filho dele, certo?

Bart deu um risinho.

— Claro que sei. Dizem que não existe um idiota melhor do que um idiota velho. Acho que isso também é verdade para os imortais.

Connor sentiu o coração latejando quando abriu a boca de novo.

— Ele acreditou porque era verdade. Eu *sou* filho de Sidório.

Bart ficou sem fala por um momento.

— Isso é piada, não é? Você vai contar um final hilário agora?

— Não é piada. Nossa mãe teve um relacionamento com Sidório e teve dois filhos com ele. Grace e eu somos dhampiros, meio mortais e meio vampiros. Há muito mais coisas na história, mas esses são os fatos fundamentais que você precisa saber.

De modo pouco surpreendente, Bart ficou abalado.

— Há quanto tempo você sabe disso?

— Não muito. Cheng Li descobriu antes de mim. Ela me contou, e ao Sidório, quando estávamos nos retirando do ataque no casamento dele.

— Você sabia esse tempo *todo* e não me contou?

Agora foi Connor que ficou sem palavras.

— O que eu iria dizer? Como você entenderia?

— Sou seu amigo, Connor. Independentemente do que aconteça com você, quero ajudá-lo. Certo, isso é bem radical. Então você é meio humano e meio vampiro. Bom, deve ser melhor do que ser cem por cento vampiro, não é?

Connor deu de ombros.

— Talvez. Não sei. Como eu disse, andei passando por muitas mudanças. Você se lembra da minha vertigem?

— Claro.

— Sumiu. E se você achava que eu era forte antes, deveria me ver agora. Além disso, meu corpo tem uma nova capacidade de se curar.

Bart mostrou-se espantado.

— Você está parecendo uma espécie de super-herói. Isso é fantástico, Connor! Quando voltar ao *Tigre*, vai ser uma força impossível de ser parada.

— Eu já disse: não vou voltar.

O rosto de Bart estava tomado pela dor.

— Mas ainda não entendo o por quê. Quero dizer, eu entendo completamente como essa situação maluca muda a sua visão de mundo, tira você do eixo; claro que sim. E você está enfrentando tudo isso sozinho...

— Eu não estive exatamente sozinho. Grace também está lá. E o Stukeley.

— Jez? Claro.

— Ele está me mostrando o caminho. Afinal, ele passou por uma situação parecida.

— Mas ele é um vampiro comum, certo? E não um dhampiro, como você.

— Verdade, mas ele e eu temos uma coisa em comum.

— Você também tem um monte de coisas em comum comigo e com todos os seus outros colegas piratas — disse Bart enfaticamente.

Connor não conseguiu mais se conter.

— É. Mas agora há uma grande diferença que separa a gente e me liga a Stukeley, Sidório e o resto dos Vampiratas.

— Não precisa dizer. — Bart fechou os olhos.

— Preciso. Porque, se eu disser, talvez você entenda que nada pode ser como antes. Se eu disser, talvez pule de volta nesse bote, vá embora e esqueça que já conheceu alguém chamado Connor Tormenta.

— Não — disse Bart, levando as mãos aos ouvidos. — Não quero ouvir.

— Eu sinto fome de sangue! — gritou Connor. Em seguida tentou tirar as mãos de Bart de cima dos ouvidos. — Eu, Connor Tormenta, preciso de sangue e quero sangue.

Bart baixou as mãos. Havia lágrimas em seus olhos.

— Você, não. Você, não. — Depois, quase num sussurro: — Você, não.

Connor franziu o cenho.

— Eu não queria que você passasse por isso. Não quero fazer com que nenhum dos outros passe por isso. Por esse motivo é melhor eu ficar aqui. Agora talvez você entenda.

Bart pareceu arrasado.

— Vou voltar ao navio — disse Connor. — Logo vai escurecer e eles vão se perguntar onde estou. — Ele encarou o amigo. — Eu sou péssimo em despedidas, então vou simplesmente dar meia-volta e andar por essa praia e você vai entrar no seu barco e partir. Ok?

— Ok — respondeu Bart, e a palavra pequena tinha o peso de toda a tristeza do mundo. Ficou parado na areia, olhando, impotente, Connor seguir em sua jornada solitária.

CAPÍTULO 37
O hóspede não convidado

Depois do encontro doloroso com Bart, Connor pisou no convés do *Capitão de Sangue* com o coração pesado. Não fora fácil dizer ao velho amigo para ir embora e se esquecer dele. Na verdade, Connor jamais havia se sentido tão solitário. Justo quando mais precisava de amigos como Bart, algo dentro dele dizia que deveria se afastar de todos — mais para a proteção deles mesmos do que sua.

O convés estava deserto e Connor sentiu-se grato por ser o primeiro do grupo a chegar. Uma brisa noturna soprava fresca e Connor inalou-a, esperando que o suspiro profundo ajudasse a acalmar sua mente atormentada. Foi até o parapeito e olhou para o oceano. O céu já era de um negro aveludado, e o mar assumia os mesmos tons escuros. Era como olhar para um vazio infinito. Ele não tinha certeza se era esse pensamento ou a brisa que o fazia estremecer.

De repente sentiu uma mão sobre seu ombro. Instintivamente ele se curvou, e Connor se virou para ver quem era.

— Boa noite, Connor.

Ele pegou-se encarando os olhos frios e avaliadores de Obsidiano Darke.

— Tenente Darke, boa noite.

— Você parece meio agitado. Está com alguma preocupação?

— Não. Só estou esperando os outros para ir ao *Tiffin* no *Errante*.

— *Tiffin* — disse Darke. — Um absurdo, se quer saber minha opinião. Um bando de vampiros cochichando como se estivessem num coquetel. Uma perda de tempo completa e absoluta. Mesmo para aqueles de nós que têm um tempo ilimitado à disposição.

— Se você pensa assim, por que se incomoda em ir?

Darke pensou nas palavras dele e deu de ombros.

— Seu pai quer que eu esteja lá, e todos devemos marchar no ritmo dele. Não é? Afinal, ele é o rei dos Vampiratas. Pelo menos por enquanto.

— Todos temos que fazer nossas escolhas. Ser donos de nós mesmos.

Darke sorriu, ainda que os cantos da boca mal se erguessem.

— Como você é jovem, Connor Tormenta! Como é jovem! — Ele deu um passo para trás. — Bom, não vou esperar o resto do bando com você. Quanto antes chegar lá, mais cedo posso pedir licença para sair. — Ele se virou e foi até o outro lado do navio, onde uma prancha se estendia até o *Errante*.

Connor se virou para a amurada, sentindo-se aliviado por estar livre da companhia incômoda de Darke. Mas não ficou sozinho por muito tempo. Ao ouvir passos, virou-se para ver qual dos outros havia saído primeiro para o convés. Quando ergueu os olhos, seu coração se apertou.

— O que está *fazendo?* Eu mandei você ir embora!

— Eu sei — disse Bart. — Mas não podia ir desse jeito. Você é importante demais para mim, para todos nós. Eu tinha que vir conversar com você só mais uma vez.

— Conversar não vai resolver isso. A gente poderia conversar durante dias e não iria chegar a uma solução.

— Não estou pronto para abrir mão de você, meu velho. — Bart passou o braço musculoso em volta do ombro de Connor.

Ele soltou-se do abraço de Bart e se virou para encará-lo.

— Você precisa sair desse navio agora mesmo. A cada segundo que fica aqui coloca nós dois em sério perigo.

Demonstrando não se importar, Bart se virou e encostou no parapeito da amurada. A mensagem era clara: não iria a lugar algum. Connor ergueu as sobrancelhas. O que poderia fazer? Sabia que Bart estava agindo por bondade, mas isso era loucura, uma atitude tremendamente perigosa.

Atrás dele a porta do convés se entreabriu com um ruído, e Connor viu duas figuras saindo. Stukeley e Johnny viram-no e levantaram a mão, cumprimentando-o, então vieram juntar-se a ele. O sangue de Connor gelou.

— Quem é o seu amigo? — perguntou Stukeley, enquanto chegava com Johnny ao lado de Connor.

Bart se virou para eles. Johnny permaneceu impávido, mas o rosto de Stukeley ficou mais branco ainda.

— O que está fazendo aqui? — perguntou ele com frieza.

Bart sorriu.

— É assim que você recebe seu velho camarada? Parece que eu dei boas-vindas mais amigáveis quando você voltou ao *Diablo*, não faz muito tempo.

Stukeley não se alterou.

— Todos nós percorremos muitas águas desde então. Você está no nosso navio e não é bem-vindo, especialmente agora que faz parte do esquadrão de assassinos de Vampiratas no *Tigre*. — Stukeley olhou furioso para Bart.

O olhar de Connor saltou de um amigo para o outro. Viu Bart dar de ombros, despreocupado, e estender a mão para o ombro de Stukeley.

— Parece que sua memória está ficando tremendamente seletiva, meu velho. Você e seu colega caubói aqui não fizeram um trato com minha capitã, Cheng Li, chefe do esquadrão de assassinos? Vocês não juntaram forças com ela na tentativa de assassinar Lady Lola Lockwood, mulher de seu comandante-chefe?

Stukeley trocou um olhar sombrio com Johnny, depois fitou Bart novamente. Nenhuma outra palavra foi dita, mas era visível que haviam chegado a um impasse.

— O seu *amigo* vai se juntar a nós no *Tiffin*? — perguntou Johnny a Connor, animado.

— Não — respondeu ele.

— Sim — disse Bart simultaneamente.

— Não — negou Connor de novo, mais alto.

Stukeley sorriu.

— Na verdade — disse ele —, acho que Bart *deveria* ir. Seria divertido.

Johnny sorriu.

— Bom, ele não pode ir com essas roupas. Elas nem podem ser consideradas um traje casual elegante. Você sabe que Lola é rígida com essas coisas.

— Algum de vocês pode me emprestar alguma coisa para usar? — perguntou Bart.

Johnny sorriu de novo.

— Como pode ver, *hombre*, você é um pouquinho maior do que nós três. Eu ficaria feliz em emprestar umas roupas, mas não creio que você conseguiria abotoá-las.

— É, ele está coberto de razão — concordou Stukeley. — Só tem uma pessoa nesse

navio com o mesmo manequim que você.

Como se tivesse ouvido a deixa, a porta do convés se abriu e Sidório veio andando. Como sempre, vestia-se de forma elaborada, com uma roupa feita sob medida pelo alfaiate predileto de Lola. O capitão foi até os rapazes em meio a uma nuvem da pungente loção pós-barba que usava.

— Boa noite, pessoal. — Notando a presença de Bart, ele ergueu uma sobrancelha. — Quem é você?

Connor reagiu antes que os outros pudessem dizer qualquer coisa.

— É o meu amigo Bart. Veio me visitar, só para passar a noite. Se não for problema para você.

Sidório olhou Bart de cima a baixo, depois se virou para Connor com um sorriso.

— Como você quiser — disse ele. Em seguida estendeu a mão para Bart. — Qualquer amigo do meu filho é bem-vindo em meu navio.

Connor ficou olhando Bart e Sidório apertarem as mãos. Aquele encontro era surreal. Imaginou se Stukeley diria alguma coisa sobre o lugar de onde Bart viera, mas Jez segurou a língua, pelo menos por enquanto. Foi Johnny que rompeu o silêncio.

— Capitão, estávamos dizendo que Bart precisa de alguma coisa mais formal para usar no *Tiffin*; não queríamos ofender Lady Lola. Ele está usando roupas muito básicas e realmente agradeceria se pudesse pegar uma camisa e uns *pantalones* emprestados com você.

— *Pantalones?* — gritou Sidório, levantando os olhos. — O que diabos é isso?

— Ele quer dizer calça — interveio Stukeley. — É o termo em espanhol para calça.

— Ah! — Sidório parecia incrivelmente aliviado. — Connor, você sabe onde fica a minha cabine. Leve seu amigo até lá e arranje alguma coisa para ele usar. Nós três vamos ao *Errante*, nos adiantando. Como você sabe, Lola odeia ficar esperando.

— Sim, pai — disse ele. Qualquer coisa para manter a paz. Percebeu Bart encolhendo-se quando disse isso.

Com firmeza, Connor guiou Bart pelo convés, passando pela porta que levava ao interior do navio.

Quando estavam seguros do lado de dentro, Connor se virou de novo para Bart.

— Isso é loucura! Stukeley e Johnny devem estar contando sobre você ao Sidório agora mesmo.

Bart pareceu não se importar.

— Talvez. Mas estou presumindo que o capitão não saiba do pacto secreto deles com

Cheng Li. Creio que essa bomba deve me garantir algumas horas de proteção, não acha? — Ele sorriu.

— Você não está mais lidando com mentes mortais. Precisa entender que as coisas são muito diferentes aqui.

— Não se preocupe comigo, sei me cuidar. Vamos devagar, um passo de cada vez. Nosso próximo desafio é encontrar alguma coisa que sirva em mim, mas não seja feita de couro nem de malha. E absolutamente nada de penas!

Lola se afastou do lado de Sidório quando Grace entrou no aposento, acompanhada de Mimma e Nathalie. Lola sorriu sozinha, notando como as três pareciam góticas de gostos semelhantes. As garotas haviam feito um trabalho excepcional com sua enteada.

— Grace, querida, como você está encantadora! Sid vai ficar emocionado ao vê-la usando o broche da mãe dele *de novo*. E vejo que Mimma fez outra tatuagem de coração em você.

— É. — Os olhos de Grace estavam brilhantes. — Eu estava pensando se deveria mandar tatuar de verdade.

— Imagino que sim — respondeu Lola, afastando-a dos outros e levando-a para um canto vazio. — Precisamos bater um papinho, querida.

Grace revirou os olhos.

— O que eu fiz agora?

— Humm. O que será? — Ela cruzou os braços. — Deixe-me dar uma dica. Tem a ver com uma chave, minha adega e certo caubói bonitão.

Grace percebeu que não tinha como se livrar.

— Desculpe — disse ela.

— Eu já falei, Grace. Tenho padrões elevados para minha tripulação, e mais elevados ainda para os membros da minha família. — Sua expressão se suavizou e ela estendeu a mão revestida com uma luva de seda para o ombro de Grace. — Se você queria sangue, só precisava pedir; afinal de contas, sou a maior *connoisseur* deste assunto no mundo. Esgueirar-se na adega com o Johnny, bom, não é assim que *gente como nós* se comporta.

Os olhos de Grace estavam arregalados e famintos.

— Você me daria sangue mesmo?

— Claro. — Os olhos de Lola brilharam e ela chamou Jacqueline, que estava carregando uma bandeja de prata com uma garrafa e duas taças. Lola ergueu a garrafa e serviu uma quantidade modesta do líquido cor de rubi em cada taça. Depois estendeu

uma para Grace. — Espera! — ordenou imperiosamente. — Primeiro nós inclinamos, depois giramos o líquido e nos deleitamos com o aroma. E então, *e só então*, bebemos.

Lola levou a taça aos lábios e tomou um pequeno gole. Grace pegou a sua e esvaziou-a num só gole sedento, ao que Lola trocou um olhar exasperado com Jacqueline.

— Tal pai, tal filha — disse. — Exatamente do que eu preciso: outro projeto.

Mimma apareceu ao lado delas, sorrindo animada.

— Com licença, capitã, mas seu marido está perguntando por você. Parece que Connor chegou com um amigo.

— Verdade? — O interesse de Lola foi estimulado. Ela se virou para Grace. — Jacqueline vai servi-la bem durante o *Tiffin*, mas é preciso aprender a bebericar, e *não* engolir de uma vez. Não vou admitir uma bêbada no clã Lockwood Sidório. — Ao dizer isso, ela se virou e foi andando para junto do marido.

— Querida — começou Sidório, estendendo a mão para acariciar as costas dela —, gostaria que você conhecesse um amigo de Connor, Bart Pierce. Ele veio passar a noite, de visita.

Lola estendeu a mão enluvada para Bart e sorriu.

— Bem-vindo ao *Errante*, Bart. — Ela deu um riso galanteador. — Ouvi dizer que o chefe Escoffier vai servir carne fresca esta noite, mas não fazia ideia de que era isso que ele queria dizer.

Bart baixou a cabeça e beijou a mão de Lady Lola.

— É um prazer conhecê-la, Lady Lockwood. Quero dizer, Lady Sidório! Connor me contou muitas coisas boas sobre a senhora.

— Verdade? — Lola arqueou uma sobrancelha, depois sorriu para Bart. — Por favor, me chame de Lola. — Ela passou o braço pelo dele. — Bom, vamos pegar uma bebida para você — disse ela, conduzindo-o, com Connor e Sidório logo atrás.

Bart olhou para a anfitriã, desculpando-se.

— Não pretendo ser grosseiro, mas infelizmente não bebo o que a senhora está servindo.

Lola balançou a mão.

— Sei disso, bobinho, mas eu tenho algumas garrafas de vinho mais convencional na minha adega, você sabe. Quando meu marido disse que você vinha, mandei as garotas descerem para pegar uma garrafa de Shiraz de 2505. Imagino que seja do seu gosto, não?

— Bom, sim! — respondeu Bart, tão surpreso quanto aliviado.

Sorrindo, Lola estalou os dedos e Zofia apareceu ao lado dela com uma garrafa e uma

taça.

— Bart, Zofia. Zofia, Bart. Zofia vai cuidar especificamente de suas bebidas esta noite, não é, querida?

Zofia confirmou e deu um sorriso bonito. Lola fez Bart girar em direção à mesa.

— Se eu soubesse antes que teríamos visita, teria pedido ao chefe para preparar mais comida.

O olhar dos dois percorreu a mesa que, como sempre, estava rangendo sob o peso das criações do *chef* Escoffier.

— Parece que há o suficiente — disse Bart.

Lola pôs a mão enluvada no antebraço de Bart e apertou.

— Um homem de suas dimensões precisa ser bem-alimentado. Mas não se preocupe, Grace parece estar sem fome neste momento, por isso você pode ficar com a parte dela! Olhe, ali está ela, a irmã gêmea de Connor; não que você a reconhecesse como tal só de olhar.

— Nós nos conhecemos.

— Conhecem? Ah, a vida não é divertida? Grace! Ei, Grace! Venha dizer olá a um velho amigo.

Grace pegou a mão de Johnny e os dois se aproximaram de Bart e Lola.

— Olá, Grace — disse Bart, abrindo os braços para envolvê-la.

Ela olhou-o estranhamente e não o abraçou, mantendo uma das mãos apertando a de Johnny com força e a outra envolvendo a taça.

— Bart, que surpresa vê-lo aqui! Conhece meu bom amigo, Johnny Desperado?

— É, nós já nos conhecemos — respondeu, voltando-se jovialmente para Johnny. — Como vai sua noite?

— De vento em popa, obrigado — disse ele, inclinando o chapéu na direção de Bart. — E a sua?

— Muito esclarecedora.

Lola estendeu a mão e tirou o chapéu da cabeça de Johnny. Em seguida jogou-o no canto da sala, onde ele pousou num cabide de chapéus.

— Johnny, querido, você conhece a regra. Nada de chapéu aqui dentro. E, francamente, o motivo para você querer cobrir essa cabeleira linda é um mistério para mim. — Ela passou a mão enluvada pelos cabelos densos e escuros do rapaz.

Grace apertou a mão de Johnny.

— Você não queria conversar comigo em particular? — perguntou ela.

Johnny olhou-a.

— Queria? Ah, é, claro que sim. — Ele acompanhou-a na direção de um canto discreto.

Lola sorriu para Bart.

— Não formam um casal lindo? Bom, Bart, sente-se. — Ela olhou por cima do ombro. — Você também, Connor. Você sabe como a comida do *chef* é deliciosa.

— É — respondeu o filho do capitão, sentando-se e indicando a cadeira ao lado para o amigo.

— Conversamos mais tarde — disse Lola, com a mão massageando o ombro de Bart. Depois passou o outro braço pelo do marido e empurrou-o para longe.

Bart cutucou Connor.

— Isso não está indo nem um pouco mal, meu velho — disse. — Comida fantástica. Bom Shiraz. Lindas garotas. E sua madrasta, Lady Lola... é uma tremenda figura. Fico feliz por sua tentativa de assassinato ter fracassado. Assim tive a chance de conhecê-la direito.

Connor ergueu as sobrancelhas.

— Não se deixe enganar pelas aparências. E não baixe a guarda nem por um momento. Você pode morrer gargalhando.

Mas Bart sorriu, irrefreável como sempre.

— Meu velho, eu já disse: posso me cuidar. Agora me passe o camarão gigante e tente *relaxez-vous*!

CAPÍTULO 38
O quarto bucaneiro

Bart cutucou Connor.

— Grace mudou um bocado, não é?

Connor deu de ombros.

— Mudou?

— Roupas, cabelo, tatuagem de coração preto, namorado Vampirata... é, eu diria que ela mudou um bocado desde que a vi pela última vez.

Connor olhou para a irmã. Ela estava de mãos dadas com Johnny, contando algo às companheiras. Elas pareciam ligadas em cada palavra. Evidentemente, Grace era a popularidade em pessoa em meio às Vampiratas. Aparentava estar se divertindo bastante — talvez até estivesse de verdade. Nesse caso, bom para ela! Sem dúvida Grace estava achando a transição para dhampira muito mais fácil do que ele.

— Velho, você acha que aquilo no copo de Grace é *sangue*? — perguntou Bart.

— Não sei — respondeu Connor, meio entediado. — Por que essa sua nova obsessão por Grace? — Mesmo assim ele se pegou olhando de novo, bem a tempo de vê-la tomar um longo gole. Quando ela fez isso, tinha a fome evidente nos olhos. Será que Grace poderia *mesmo* estar tomando sangue como se fosse suco de uva? Era possível. Connor não podia condená-la. Enquanto seu olhar percorria o salão, de repente teve consciência

de todo o sangue nas proximidades. Em garrafas. Em taças. Podia sentir o cheiro. O gosto. Queria sangue. Agora.

— Connor? — Ele sentiu a mão de Bart apertando-o. — Cara, você ouviu o que eu disse?

Connor foi arrancado de seu devaneio. Virou-se para Bart e notou a expressão do amigo.

— O que foi? — perguntou Connor. — Parece que você viu um fantasma.

— Um fantasma, não — disse Bart, rouco. — Mas por um momento você estava com fogo de verdade nos olhos.

Connor pareceu não se importar.

— Isso acontece quando tenho fome. Acontece com todos nós.

Havia uma expressão assombrada no rosto de Bart.

— Lembro de quando vi o Jez... quero dizer, o Stukeley, desse jeito pela primeira vez. E agora você estava com a mesma expressão.

— Não se preocupe. Não estou prestes a me aproximar e perfurar seu pescoço, se é com isso que você está preocupado. Eu tenho controle.

— Como você tem certeza?

— Podemos, *por favor*, falar de alguma coisa que não seja sangue? — perguntou Connor, impaciente.

Bart fez um gesto afirmativo, aliviado ao ver que os olhos do amigo estavam normais outra vez.

— Fale dos meus velhos amigos. — Connor percebeu as palavras saindo da boca antes de ter tempo de censurá-las. — Fale de Cate.

— Claro! — exclamou Bart, sorrindo. — Na verdade há uma coisa que eu queria contar o dia inteiro. Você sabe que Cate e eu nos tornamos mais íntimos ultimamente, não é?

Connor assentiu.

— Bom, eu tomei uma decisão. Quando voltar ao *Tig*... — Ele engoliu as palavras, consciente da plateia, e baixou a voz. — Quando eu voltar, vou pedi-la em casamento.

— Vai? — O rosto de Connor se abriu num sorriso enorme. — Que notícia fantástica!

Bart concordou e bateu no bolso.

— Achei a aliança da minha avó. Estava naquele velho baú que eu carrego esse tempo todo. Vou dar à Catie.

— Fico feliz de verdade por você — disse Connor, abraçando o amigo.

— Espero que você pense em voltar para o nosso casamento.

— Claro — respondeu Connor, por falta de algo melhor para dizer. — Vou pensar nisso.

Olhando a distância, Lola cutucou Sidório.

— Aquele australiano corpulento com certeza parece ter animado o Connor. É a primeira vez que eu o vejo sorrir direito há noites.

Sidório mostrou-se preocupado.

— Você sabe de qual navio o Bart vem, não sabe?

— Do *Diablo*, certo? Pelo jeito foi um dos piratas sortudos que escaparam quando Johnny e as garotas tomaram o navio.

Sidório balançou a cabeça.

— Ele *estava* no *Diablo* originalmente, com Connor e Stukeley, quando Stuke ainda jogava do outro lado. Mas agora foi repassado ao *Tigre*.

— Ao *Tigre*? — Os olhos de Lola se arregalaram. — O navio dos supostos assassinos? Os que tentaram me apagar no nosso casamento? O próximo navio da nossa lista?

— Sim, querida, o próprio. — Ele se virou para ela. — Você não acha uma tremenda coincidência ele aparecer do nada esta noite, a noite anterior ao ataque?

— Você acha que aqueles piratazinhos sabem de alguma coisa?

Sidório deu de ombros.

— Não podemos descartar isso, mas não imagino como possam saber. E você?

— Creio que não. Talvez ele só esteja *mesmo* aqui para ver o velho amigo. Está claro que os dois têm uma ligação genuína. — Agora seu olhar estava grudado em Bart. — Mas fico pensando... você acha que ele veio para contar alguma coisa ao Connor? Ou não, não para contar, mas para *perguntar* alguma coisa. Sobre nós? Sobre nossas ambições, talvez?

— Quem sabe? Mas não quero que ele volte ao *Tigre* antes que Obsidiano Darke e sua equipe partam para lá amanhã à noite. É de nosso interesse manter esse pirata aqui, sob nossa vigilância, pelas próximas 24 horas.

Lola concordou, e seus olhos brilharam como diamantes.

— Querido, tive uma ideia melhor ainda. Já que ele deixa Connor tão feliz, por que não o mantemos aqui indefinidamente?

— O que está sugerindo?

Lola chegou mais perto e sussurrou no ouvido do esposo.

— Han-han! — pigarreou Stukeley, interrompendo-os. Ele havia subido numa cadeira e estava sinalizando para todo o salão.

— Senhoras e senhores, posso ter sua atenção por um momento?

— Se quebrar essa Chippendale vai ter que lidar com muito mais do que a minha atenção! — gritou Lola. Houve uma gargalhada geral.

— Prometo que terei cuidado — respondeu Stukeley, depois se virou de novo para o grupo. — Temos um convidado muito especial esta noite, e eu gostaria que todos vocês preparassem as taças para um brinde a ele.

Connor e Bart olharam alarmados para Stukeley. Ele havia conseguido a atenção de todo mundo. Zofia avançou para encher a taça de Bart e ofereceu uma taça de vinho a Connor também, que aceitou com relutância. Pensando bem, era melhor do que a outra alternativa.

No salão, o resto da equipe de Lola se ocupava enchendo todas as taças, até que cada Vampirata estivesse preparado. Stukeley continuou o brinde:

— Como muitos de vocês sabem, nos velhos tempos eu era um pirata.

Houve sibilos e vaias ao redor, ao que Connor e Bart franziram a testa novamente. Aonde Stukeley iria com aquilo?

Stukeley fez "tsc-tsc".

— Ah, seus miseráveis — disse, provocando o salão. — É, eu fui pirata e trabalhei junto do jovem Connor e desse garoto robusto, Bartholomew Pearce. De fato, nós três éramos tão unidos que demos a nós mesmos um apelido... os Três Bucaneiros. E tínhamos um ditado, não é, rapazes? Ele olhou para Connor e Bart, com os olhos brilhantes. — *Não é, rapazes?*

Eles assentiram em silêncio.

— É — continuou Stukeley, num tom de voz mais alto. — E era assim. — Ele ergueu ainda mais a taça. — Um por todos! — Em seguida se virou com expectativa para os outros. — Vamos, caras! Um por todos...

Connor e Bart se levantaram, com as taças na mão, mas quando abriram a boca para falar, outra voz se fez ouvir.

— E todos por um! — gritou Johnny, levantando-se e erguendo sua taça.

A gargalhada característica de Sidório trovejou na sala.

— Parece que, onde havia três bucaneiros, agora existem quatro! — disse ele.

— Muito bom, querido! — Lola deu um riso gutural e levantou sua taça bem alto. — Amigos, familiares, tripulantes! — Seu olhar varreu a sala e pousou em Bart. — Honrados hóspedes! Um brinde aos *Quatro* Bucaneiros!

— Aos Quatro Bucaneiros! — gritaram todos em coro. Taças foram levantadas e Bart

observou enquanto, por toda parte, sangue era bebido em sua homenagem. Seu olhar foi de Lola a Sidório e então a Stukeley, que saltou da cadeira para se juntar a ele. O olhar de Bart percorreu a atraente tripulação de Lola; seria sua imaginação ou todos o encaravam? Finalmente chegou a Grace, com sua estranha e nova tatuagem e seu namorado caubói. Por fim, seu olhar pousou em Connor. Bart o viu levar a taça aos lábios e a fome de sangue relampejar de novo nos olhos do velho amigo. Agora Connor estava bebendo sangue também? Não sabia mais.

Bart pousou sua taça na mesa, mas estava com a mão tremendo e a taça tombou, derramando um leque vermelho na toalha de damasco engomada.

— Desculpe — disse, virando-se para Connor. — Desculpe, não posso fazer isso. Preciso de ar... — Ele empurrou a cadeira para trás e abriu caminho entre a multidão, desesperado para encontrar a porta.

Connor pousou abruptamente sua taça e foi para a saída.

Lola avançou para examinar o vinho entornado, mas sua tripulação eficiente já estava limpando a mesa.

Quando ela saiu de perto do marido, Obsidiano Darke aproveitou a oportunidade para se aproximar de Sidório.

— Capitão — disse Darke, enfiando a mão no casaco. — Fiz minha lista para o ataque de amanhã à noite. — Ele pegou um pedaço de papel do bolso e abriu-o antes de passá-lo a Sidório. — Esta é a equipe que quero para me apoiar.

Sidório olhou a letra previsivelmente impecável de Darke e sorriu.

— Escolheu bem. O que carece em quantidade, você mais do que compensou em qualidade. Esses são os meus melhores lutadores; sem me incluir, claro.

— Então tenho sua permissão para requisitar esses homens e mulheres, capitão?

Sidório fez um gesto afirmativo, dobrando a lista e entregando-a a Obsidiano Darke.

— Excelente — disse Darke, guardando o papel novamente. — Há mais dois nomes que eu gostaria de acrescentar à lista, mas eu não conhecia o protocolo a ser seguido.

Sidório ergueu uma sobrancelha.

— Que nomes?

Darke pigarreou antes de continuar.

— Connor e Grace.

O interesse de Sidório se aguçou.

— Você gostaria que meu filho e minha filha participassem do ataque?

— É claro que ouvi falar das habilidades de luta do seu filho, e vi com meus próprios

olhos quando ele o derrotou há algumas noites. Se os boatos são verdadeiros, sua filha é igualmente talentosa.

— Eles têm bons genes — disse Sidório com orgulho. — Darke, você pode levar Grace para o ataque, mas Connor não está disponível. — O capitão deu um sorriso largo. — Amanhã à noite iniciarei meu filho no hábito de tomar sangue.

— Sei. Bom, claro, esse é um momento... um momento na vida de qualquer jovem vampiro...

Sidório balançou o dedo.

— Connor não é meramente um vampiro. É um dhampiro.

— Isso mesmo — disse Darke. — Bom, parece que terei que me virar apenas com um dos gêmeos. — Ele voltou-se para Sidório. — Capitão, obrigado pelo empréstimo de sua filha.

— Certifique-se de que nada de ruim aconteça com ela. Caso contrário haverá consequências.

— Entendido, capitão. — Ao ver Lola vindo na direção deles, Obsidiano Darke apressou o discurso. — E agora devo retornar ao *Capitão de Sangue* para analisar o ataque com mais detalhes.

— Espero que não esteja saindo por minha causa — disse Lola enquanto voltava para perto do marido.

Darke negou.

— Como sempre, são os negócios que me chamam. Obrigado por um *Tiffin* interessantíssimo. — Ele se virou e foi rapidamente para a porta.

— Esse sujeito fica mais odioso a cada noite — disse Lola.

— É — concordou Sidório. — Estou começando a torcer para que algum dos assassinos de Vampiratas consiga derrotá-lo.

Lola gargalhou e bateu com sua taça na dele.

— Vou beber a isso.

Darke não perdeu tempo e atravessou o convés até a prancha que levava de volta ao *Capitão de Sangue*. Ventava forte e ele havia levantado o capuz. Enquanto este balançava à brisa, Darke viu Connor do outro lado do convés, conversando com seu amigo pirata. Por um momento pensou em voltar e falar com eles, mas o vento da noite estava forte e o tempo, como sempre, era curto. Como era seu hábito, ele manteve a cabeça baixa e foi rapidamente cuidar de seus afazeres.

Connor e Bart estavam junto à amurada do *Errante*.

— Preciso ir embora — disse Bart.

— É — concordou Connor.

Bart olhou para seu escaler parado preguiçosamente na água embaixo.

— Eu diria para você pular lá para dentro, meu velho, mas agora vejo que isso não daria certo.

Connor suspirou.

— Se ao menos fosse tão simples! Eu adoraria voltar para você, Cate, Jasmine e os outros. Vocês me deram um lar quando eu não tinha um, e sempre vou ser grato por isso.

— Agora tudo é diferente — disse Bart. — Você está certo. Seu lugar é aqui, com Stukeley e os outros. Sei como ele pode ser um ótimo amigo, e espero que seja um bom amigo para você agora, porque, meu velho, mais do que nunca você precisa de alguém ao seu lado.

— Não vamos prolongar essa situação — disse Connor, esforçando-se ao máximo para conter as emoções. — Eu disse a você que sou péssimo em despedidas.

Os olhos de Bart estavam vazios e abalados.

— Você vai contar aos outros a verdade sobre mim? — perguntou Connor.

Bart hesitou um momento.

— Não. Eles não precisam saber.

Connor deu um sorriso agradecido.

— Pode dizer a Jasmine que eu gostaria que as coisas fossem diferentes? — Depois recuou. — Na verdade é melhor não dizer nada a ela. Espero que ela encontre a felicidade de novo com Jacoby. — Lágrimas surgiam nos olhos de Connor. — Estou *muito* feliz por você e Cate. Vocês foram feitos um para o outro. São tudo o que existe de bom e verdadeiro... — Sua voz embargou e ele não pôde terminar.

Bart deu um passo e abraçou o amigo.

— Não precisa dizer mais nada, meu velho. Nem eu. Nós dois sabemos o que significamos um para o outro.

Connor abraçou Bart, tentando afastar o pensamento de que seria a última vez que faria isso. Quando o amigo finalmente soltou-o, ele disse baixinho:

— Vou voltar à minha cabine no *Capitão de Sangue*. Preciso ficar sozinho por um tempo.

Enquanto Connor se afastava pelo convés, Bart passou por cima da amurada e desceu

até o escaler que o esperava lá embaixo.

Bart não perdeu tempo. Precisava sair daquele lugar e voltar à normalidade o mais rápido possível. Não podia se dar ao luxo de pensar em Connor ou Jez. Era doloroso demais, entorpecedor demais.

Acendeu seu lampião e o prendeu ao mastro do barco, depois puxou a âncora. Quando ela pousou com um ruído surdo no centro da pequena embarcação, Bart percebeu como seu coração estava pesado. Ignorando isso, examinou seus mapas. Não tinha a rabo de peixe para guiá-lo na viagem de volta, mas iria se sair bem orientando-se pelas estrelas; isso manteria sua mente ocupada.

Assim que havia ganhado certa distância, permitiu-se lançar um último olhar para os dois navios Vampiratas. Então, para seu horror, viu mais três navios ancorados lado a lado, na água. No fim da fila estava o *Diablo*, a última aquisição da frota dos Vampiratas. Não havia como confundir as linhas características do galeão. Sabia que eles o haviam tomado, mas de algum modo não acreditara. Agora viu que era verdade. Chega, pensou. Eles não teriam sucesso em tomar o *Tigre*. Virou para a frente novamente, prometendo não olhar para trás de novo.

Quando fez isso, notou um par de mãos à estibordo do barco.

— Kally? — perguntou, surpreso. Ela havia dito que ia voltar ao *Tigre* antes do anoitecer.

— Quem é Kally? — perguntou uma voz familiar, enquanto uma figura esbelta, vestindo uma roupa de mergulho vermelha que cobria o corpo todo, menos o rosto, as mãos e os pés, subia com agilidade no barquinho.

Bart ficou olhando perplexo quando o gorro da roupa de mergulho foi tirado. Lola Lockwood sacudiu os cabelos pretos.

— Assim é melhor — disse ela, sorrindo.

— O que está fazendo aqui? — perguntou ele. — Eu vou para casa agora.

Lola pareceu meio ofendida.

— Depois da recepção que eu lhe dei, Bart, estou meio ofendida por não ter se despedido de mim pessoalmente. E esqueceu que ainda está vestido com as roupas do meu marido?

Bart tentava avaliar a situação, mas sentia-se cansado e não havia previsto essa estranha reviravolta. Percebeu que, independentemente de qualquer coisa, precisava manter Lola falando.

— Então é isso? — perguntou, ensaiando um sorriso. — A senhora veio para dizer adeus? Para pegar de volta as roupas do seu marido? — Ele começou a desabotoar a camisa.

— Adeus é uma palavra muito definitiva. Isso é apenas um *au revoir*.

Enquanto continuava a desabotoar a camisa de Sidório, os dedos de Bart se imobilizaram de repente. Notou a adaga de cabo de madrepérola na mão de Lola. De onde aquilo viera? Sua espada estava fora do alcance. *Não se preocupe*, acalmou-se. Ele era muito maior do que ela, poderia dominá-la facilmente e jogá-la no mar. Lembrou-se da última aula de combate dada por Cate e se preparou para defender-se.

Mas antes que ele percebesse, Lola estava estrangulando-o. Bart sentiu-se totalmente paralisado pela força dela. Os dois pareciam presos em uma terrível simulação de um abraço. A boca de Lola estava perto de seu ouvido e ela falou baixinho:

— Achei que um jovem pirata bonito como você gostaria de morrer pela adaga. É, querido, é isso. Vou matar você agora. Mas não precisa ter medo. — Seu olhar fixou-o com uma ternura estranha. — Vou cravar a adaga direto no coração. Vai ser súbito e praticamente indolor.

Ela estava louca, absolutamente louca, mas Bart não tinha poder para fazer nada além de ouvir aquelas palavras absurdas.

— Você vai cair numa espécie de sono profundo. Chamamos esse estado de antessala, porque é um ponto de espera para o próximo estágio da sua jornada. — Sua voz era gentil e tranquilizadora, como a de uma mãe que acalenta o bebê. — Você vai dormir e, nesse meio-tempo, vamos levá-lo de volta aos navios. Lá, meu marido terminará o processo. Ele vai transformar você, Bart. E você será um de nós. Connor ficará muito feliz, não acha? Pude ver que ele não queria que você fosse embora, e agora você não irá nunca mais. Portanto, veja, meu doce pirata, realmente *não é* um adeus, e sim *au revoir*.

Enquanto falava essas últimas palavras, Lola pegou a adaga com cabo de madrepérola e, fiel à sua promessa, cravou-a no peito de Bart. Mas, antes mesmo que a ponta perfurasse a carne, Bart Pearce soube que seu velho e grande coração estava irreparavelmente partido. Pensou em Connor. Pensou em Jez e Molucco. Pensou em Cate. E depois em nada.

CAPÍTULO 39
Retrato de família

Connor abriu a porta da cabine de Lola e ficou surpreso ao descobri-la silenciosa e vazia. Não, não estava vazia... Quando fechou a porta percebeu que havia mais uma pessoa ali: Grace. Ela estava de pé do outro lado da mesa, diante de um cavalete que fora coberto com veludo vermelho. Quando percebeu a presença de Connor, ela se virou para olhá-lo. A princípio foi um choque vê-la com a tatuagem do coração negro em volta do olho esquerdo, mas então ele percebeu que, na verdade, ela vinha usando-a nas últimas noites — ele tinha a impressão de que estava vendo a irmã pela primeira vez.

— Cadê todo mundo? — perguntou, aproximando-se da mesa. A comida fora arrumada para eles, embora, pelos padrões usuais, a quantidade fosse modesta, mais como um piquenique do que um festim.

— Estão todos se preparando para o ataque — disse Grace. — Há um bilhete de Lola aqui. — Ela apontou para a mesa, mas Connor não se incomodou em pegá-lo. — Diz que virá mais tarde com Sidório e que deveríamos começar a nos servir.

Connor hesitou, mostrando-se um tanto relutante em sentar-se à mesa.

— O ataque desta noite — disse Grace. — É contra o seu navio, não é? O *Tigre*.

— É. Mas, estritamente falando, o *Tigre* é o navio de Cheng Li.

O olhar de Grace encontrou o dele.

— Você não está preocupado com ela e seus outros colegas?

— Claro que estou preocupado, mas se alguém pode se defender dos Vampiratas, é a tripulação do *Tigre*. Na verdade, se alguém precisa se preocupar, é Obsidiano Darke. Ele é que vai comandar o ataque rebelde.

Grace estremeceu com a simples menção a Darke. Havia algo inquietante nele. Ela foi em direção à mesa e examinou a comida. Como sempre, parecia deliciosa, mas, desde que começara a tomar sangue, sua fome pelas iguarias do *chef* Escoffier havia diminuído. De repente virou-se para Connor com os olhos brilhantes.

— Você alertou Cheng Li sobre o ataque, não é?

Connor sorriu, mas não disse nada.

Grace montou o quebra-cabeça em sua mente.

— Era *isso* que o Bart estava fazendo aqui. Você mandou uma mensagem através dele.

— Você chegou perto, mas na verdade o aparecimento de Bart me pegou de surpresa. A mensagem foi enviada antes da visita dele.

Grace puxou uma cadeira e sentou-se.

— Invejo você, Connor. Durante tudo isso você sempre soube de que lado estava. Sua vida tem muita clareza: você é um pirata numa missão secreta. Independentemente do que aconteceu aqui, do quanto se tornou próximo de Sidório e Stukeley, você nunca perdeu sua missão de vista. Estava aqui simplesmente para espionar os rebeldes e mandar informações, e foi isso o que fez. E agora imagino que sua missão esteja concluída com sucesso e você voltará ao *Tigre*, presumindo que ele sobreviva ao ataque desta noite.

Connor puxou a cadeira ao lado dela.

— Ele *vai* sobreviver ao ataque — disse, sentando-se. — Cheng Li e Cate se prepararam durante meses para isso. — Ele fez uma pausa, agora com a voz mais suave. — Mas não vou voltar.

O olhar de Grace registrou surpresa.

— Como assim?

Connor sustentou o olhar dela.

— É exatamente o que eu disse. Agora sou um dhampiro. Claro, sempre fui, só não sabia disso. E agora tenho essa constante fome de sangue. Como posso voltar e viver entre pessoas normais?

— Mortais — corrigiu Grace.

— Como eu disse, pessoas normais. Não sou mais mortal. Sou um dhampiro, filho de Sidório. Odeio isso, claro, odeio a fome e a violência. Francamente, odeio praticamente tudo na minha vida a bordo do *Capitão de Sangue*. Mas, acima de tudo, odeio essa coisa

que eu me tornei. Daria tudo para voltar à minha vida antiga, mas essa opção não existe. Não posso lutar contra meu verdadeiro eu, mas *posso* proteger as pessoas com quem realmente me importo, e isso significa ficar o mais longe possível delas.

— Ah, Connor. — Grace estendeu a mão para tocá-lo. — Lamento muito que você se sinta desse jeito. Gostaria que tivéssemos conversado antes.

Ele deu de ombros e apertou a mão dela, mas soltou-a em seguida.

— De que adianta conversar? Provavelmente vamos superar isso. Geralmente superamos.

Grace pareceu preocupada.

— Connor, odeio vê-lo assim. Agora você é imortal. Nós dois fomos abençoados com essa dádiva incrível. Você não pode simplesmente pensar que vai "superar" a eternidade. Tem que haver mais do que isso. Temos que dar significado às nossas vidas!

Connor deu um sorriso amargo.

— Bart e Molucco têm o seguinte lema: a vida do pirata deveria ser "curta e alegre". Eu nunca vi o sentido disso antes, mas quando penso na alternativa, *nesta* alternativa, entendo completamente.

Grace estremeceu.

— Você está realmente dizendo que trocaria de lugar com Molucco? Agora ele está morto, não está?

— Sim e sim.

— Ah, Connor — lamentou Grace.

— Vamos falar de você — disse ele. — Parece que você se adaptou à vida aqui com muita facilidade, diferentemente de mim.

— Com facilidade demais. Não se esqueça de que eu também vim numa missão. Bom, na verdade em duas missões. Minha missão oficial era semelhante à sua, espionar os rebeldes e informar aos Noturnos. — Vendo a expressão perdida do irmão, ela lembrou. — Foi esse o novo nome que Mosh Zu e Lorcan deram à tripulação deles.

— É, eu lembro. E como foi sua missão?

— Fiz minha parte, passando informações a eles todas as noites através da projeção astral. — De repente ela fez uma pausa, olhando para o irmão. — Ei, e você? Como mandou as mensagens para Cheng Li?

Connor sorriu.

— Por meio de uma rabo de peixe, uma espécie de sereia. De que outro modo seria?

Grace mostrou-se impressionada.

— Bom, como eu disse, fiz a minha parte. Contei a eles como as coisas são por aqui: as colheitas de sangue de Lola, esse tipo de coisa. Acho que eles consideram que foi útil.

— Você não parece ter muita certeza.

Grace deu de ombros.

— Estou certa dos sentimentos deles; é dos meus que tenho menos certeza. Apesar de ter vindo em missão oficial, tive minhas missões particulares também. Queria mudar o modo como as coisas são aqui. Achei que poderia usar minha influência, essa nova posição como filha de Sidório, para mudar algumas atitudes dos Vampiratas. Ingenuamente, achei que poderia ser uma espécie de força civilizadora.

— O que aconteceu para mudar seu pensamento?

— Isso — respondeu Grace, passando a mão em cima da mesa. Pegou um minúsculo *macarron* cor-de-rosa e pôs na palma da mão. — Esses lindos bolinhos, e tudo o que eles nos serviram desde a primeira noite, estão temperados com sangue. Eles usaram a comida para estimular minha fome. A sua também, claro.

Connor concordou. Tudo aquilo fazia sentido.

— Parece que você conseguiu controlar a fome muito melhor do que eu — disse Grace. — Eu estou descontrolada, Connor. Tenho muita vergonha de admitir, mas há algumas noites, em uma das caçadas de Lola por sangue, quase matei uma garota. Não é terrível?

A expressão de Connor era sombria.

— Já há um assassino sentado à mesa — disse ele. — Por que não haver dois?

Grace odiou ouvi-lo ser tão duro consigo mesmo.

— Você tinha bons motivos para matar aquele guarda, agiu para salvar a vida de um amigo. Mas as farras de Lola não passam de um esporte. Todo aquele sangue engarrafado na adega é totalmente desnecessário.

— Claro que é totalmente necessário. Todo mundo que está nesses dois, ou melhor, nesses *cinco* navios precisa de sangue para sobreviver, Grace. Inclusive nós.

— É — admitiu ela. — Mas existe outro modo, o modo dos Noturnos. Eu perdi isso de vista em meio a essa névoa de fome, mas agora estou começando a ver com clareza de novo. — Ela encarou Connor. — A ideia de tomar sangue nunca foi terrível para mim, porque vi como isso pode ser feito de modo disciplinado, responsável; pelo sistema de doadores. — Ela esmagou o *macarron* de sangue na mão e jogou as migalhas no chão. — Ninguém precisa morrer para que prosperemos.

Connor ficou impressionado com a súbita demonstração de força interior da irmã.

— Você disse que invejava minha clareza de objetivo, mas parece que você é que tem a visão clara, Grace. Se é capaz de aceitar sua fome de sangue, então sabe em que navio *deveria* estar viajando, de quais pessoas deveria estar cercada. Do meu ponto de vista, parece que você tomou sua decisão, irmã.

— A coisa não é tão clara assim, Connor, e você sabe disso. Eu gosto daqui. Sempre achei os Vampiratas fascinantes, adoro a cultura deles e adoro ouvir suas histórias pessoais. Não foi a coisa mais terrível do mundo descobrir que, de fato, eu pertencia a esse mundo. Achei que seria horrível ficar a bordo do *Errante*, mas em muitos aspectos ele é mais divertido do que o *Noturno*. Fiz grandes amigas: Mimma, Jacqui e Nat...

— E o Johnny?

Grace ficou vermelha.

— É, e o Johnny. Ele é muito legal. Eu o conheci antes, você sabe, em Santuário. Ele acha que é um sujeito mau, mas no fundo não passa de um gatinho.

Connor ergueu as sobrancelhas.

— Pelo que ouvi dizer, ele comandou o ataque contra Molucco. Seu gatinho pode ser um tigre, o assassino de outro homem.

Grace estava na defensiva.

— Johnny é muito suscetível à influência dos outros. Era assim na vida mortal e continua assim desde que fez a travessia. Ele foi moldado por Sidório e Stukeley, mas também está aberto às boas influências...

— Como você.

— Bom, sim.

— Achei que você já tinha um namorado.

— Tenho. E gosto profundamente de Lorcan. Ele tem sido brilhante desde o início. A última coisa que eu desejaria é magoá-lo, mas acho que talvez já tenha feito isso.

Connor apertou a mão dela.

— Você é jovem. Nós dois somos. Sempre soubemos que teríamos a vida inteira pela frente; só não sabíamos que teríamos o bônus da eternidade. Grace, depois de tudo o que passamos, acho que temos o direito de cometer alguns erros para descobrirmos em que acreditamos e o que somos.

Grace deu um sorriso.

— É. Você está certo.

— Foi bom ter essa chance de conversarmos, só nós dois. Na verdade, é loucura: nós nos aproximamos um do outro pela primeira vez em séculos e mal falamos duas palavras

por noite.

— É, mas muitas coisas estavam acontecendo ao nosso redor. É bom saber que você está por perto.

Connor sorriu para ela.

— Obrigado, Grace. Isso significa muito para mim.

Ela apertou a mão dele outra vez.

— Estou sempre à sua disposição. Você pode estar afastando outras pessoas da sua vida, mas, por favor, não me afaste. — Ela sorriu. — Acho que estou começando a perceber que controlamos muito mais o nosso destino do que pensávamos.

Nesse momento a porta se abriu e Lola entrou, com Sidório logo atrás.

— Olá, queridos — disse Lola, indo para a mesa a passos largos. — O que há com vocês? Nem tocaram na comida.

— Não estou com fome — respondeu Connor sem se desculpar.

— Estávamos ocupados conversando — acrescentou Grace. — Foi bom ter um tempo para a família.

— Por falar em família — Lola voltou-se para Sidório —, tenho uma surpresa para você, amor.

Três pares de olhos se viraram com expectativa para Lola. Sorrindo, ela passou pelos gêmeos e foi até a extremidade da mesa, aproximando-se do cavalete coberto por veludo vermelho.

— O *signor* Caravaggio entregou o retrato de família hoje, no fim da tarde. Eu me obriguei a não espiar até que todos estivéssemos juntos. Aproximem-se todos vocês, vou revelá-lo.

Os gêmeos se levantaram e foram se juntar a Lola. Sidório os seguiu.

A capitã segurou o veludo pelo canto e puxou.

— Um... dois... três!

Grace sobressaltou-se.

Connor franziu a testa.

Sidório sorriu.

Lola jogou o pano longe e bateu palmas.

— Ah, não é maravilhoso? Ele não fez um trabalho incrível?

— É — disse Sidório, puxando Lola de lado. — A minha família.

— A *nossa* família — corrigiu ela, chamando os gêmeos para perto.

Connor demorou um tempo perto do retrato, relutante em participar de um abraço

grupal. A pintura era absolutamente grotesca. Todos tinham sido pintados com o fogo da fome nos olhos, e ele e Sidório tinham sangue pingando pelos cantos da boca. Ainda que o pintor tivesse reproduzido-os com uma boa semelhança, também havia empregado uma boa dose de licença artística. Eles certamente não precisariam ter posado tantas horas para *isso*.

— É muito bom — disse Grace, atordoada. — Onde vocês vão pendurar?

Sidório deu de ombros, mas, como sempre, Lola estava à frente do marido.

— Querido, achei que você deveria ficar com ele no *Capitão de Sangue*, afinal de contas, é o principal navio da nossa frota. Desse modo, mesmo quando Grace e eu não estivermos fisicamente a bordo, você terá uma linda lembrança das duas mulheres mais importantes da sua vida.

Sidório concordou e se inclinou para beijar a esposa.

— Perfeito.

Lola pegou o quadro e presenteou-o ao marido.

— Por que não o leva agora? — sugeriu. Em seguida se virou para os gêmeos. — Bom, vendo que nenhum dos dois tocou a comida, declaro que o *Tiffin* terminou. Além disso, a noite guarda bastante agitação para vocês dois. — Ela deu um sorriso enigmático.

— Que tipo de agitação? — perguntou Grace.

Lola se virou para Sidório.

— Vou deixar que seu pai explique.

Sidório sorriu, com os dentes de ouro reluzindo.

— Lola está certa. Esta *é* uma noite muito especial para vocês dois. Grace, você deve se apresentar no convés do *Diablo*. Obsidiano Darke requisitou-a para se juntar à força de ataque.

O rosto de Grace ficou lívido.

— Ele quer que *eu* participe do ataque ao *Tigre*?

— Não é empolgante? — disse Lola. — Vá correndo, querida, não falta muito tempo para eles partirem. Ah, e talvez você devesse pensar em trocar esses sapatos.

Antes que Grace pudesse protestar, Sidório se aproximou de Connor.

— Meu filho, esta será a noite da sua iniciação. Esta noite você irá se tornar um dhampiro completo, quando nós dois tomarmos sangue juntos. — Sidório sorriu orgulhoso para o filho. — Vá agora para sua cabine a bordo do *Capitão de Sangue*. Lá você vai encontrar um bilhete meu e o primeiro de três presentes que marcam esta memorável noite.

CAPÍTULO 40
Os rápidos e os mortos-vivos

Grace sentiu a adrenalina atravessar o corpo enquanto o *Diablo* acelerava pelo oceano em busca do *Tigre*. Nunca estivera envolvida numa batalha e não fazia absolutamente nenhuma ideia do que esperar. Nem tinha qualquer pista do motivo para Obsidiano Darke tê-la reivindicado para a equipe — ou a razão pela qual Sidório e Lola haviam concordado com o pedido. Estaria sendo mandada para o campo de batalha para ser posta à prova ou meramente para morrer? Menos de uma hora antes ela estivera conversando calmamente com Connor sobre a imortalidade dos dois, mas não pensara que seria despachada para a guerra naquela mesma noite! Certo, não houvera qualquer baixa entre os Vampiratas nos três ataques anteriores — pelo menos nenhuma que tivesse sido informada —, mas esta noite era totalmente diferente: eles iam atacar um navio de dedicados assassinos de Vampiratas. Um medo frio tomou conta de Grace. Ela não possuía qualquer treinamento de combate — a não ser algumas lições durante a breve estadia naquele mesmo navio —, e se as coisas acontecessem como eram esperadas, este seria de fato um confronto bastante violento.

Depois de se separar de Connor e dos outros, Grace voltara à sua cabine. Encontrou um novo par de botas e uma espada antiga sobre a cama, junto com mais um bilhete de Lola:

Acho que essas duas coisas podem ser úteis para você. A espada já pertenceu a outra Grace — uma pirata irlandesa cujo sobrenome era O'Malley. Eu peguei "emprestada" na Academia dos Piratas. Sua mamãe!
LLL xxx

Agora Grace segurava o punho da espada antiga com a mão direita. A outra apertava com força a mão de Johnny. Ele ficara chocado ao vê-la chegar ao convés, e tranquilizou-a rapidamente dizendo que iria vigiá-la durante a luta. Ela ficou grata. Era ótimo Lola ter lhe dado a espada de uma pirata lendária, mas Grace não fazia a menor ideia de como usá-la. De fato era Connor quem deveria estar ali, no seu lugar — ele saberia exatamente o que fazer —, mas parecia que Sidório tinha outros planos para seu irmão.

Grace olhou para a proa do navio, onde Obsidiano Darke estava sozinho, com as costas viradas para o resto da tripulação; o luar mal o iluminava. O *Diablo* estava navegando sem luzes para se aproximar do *Tigre* sem qualquer aviso. Se bem que, lembrou-se ela, Connor já mandara um aviso, de modo que, mesmo que o momento do ataque fosse uma surpresa, o fato em si não deveria ser. Era estranho navegar na escuridão absoluta, abrindo caminho pela noite. Ao redor o oceano havia se tornado um vazio. Com a visão limitada, os outros sentidos de Grace se intensificaram. Podia ouvir o cordame pesado rangendo acima, mas, quando olhou para o alto, seus olhos nem podiam identificar o topo do mastro.

Darke, para quem seu olhar retornou agora, era um enigma semelhante. Em muitos aspectos Grace achava a presença dele mais arrepiante do que a de Sidório, que ultimamente havia revelado um lado mais humano. Ela não havia conseguido romper as defesas de Darke. Talvez isso fosse bom. Grace podia apenas supor quais seriam as camadas de sedimento escuro que haviam se acumulado ao longo dos anos para formar o caráter de Darke.

Enquanto o galeão balançava de bombordo para estibordo, o equilíbrio de Darke parecia de uma solidez sobrenatural. Com a silhueta desenhada pelo luar — braços cruzados, cabeça fixa no horizonte — ele parecia uma estátua. Não as estátuas graciosas que a gente encontra nos museus, mas aquelas do tipo mais brutal, erguidas por ditadores com sua própria imagem em parques e praças, para lembrar a um povo subjugado o que tinham a receber da vida.

Johnny cutucou Grace e apontou adiante. Ali, no meio do oceano escuro, estava um navio muito iluminado: o *Tigre*. Sua vela mestra estava baixada e as luzes do convés,

acesas. Grace sentiu uma onda de náusea. O navio parecia vulnerável demais. Será que a mensagem de Connor não teria alcançado Cheng Li?

Agora Obsidiano se virou para falar com as tropas rebeldes.

— Estamos quase chegando — gritou, a voz trovejante percorrendo não apenas o convés, mas também espalhando-se pelo oceano. — Vocês já receberam as instruções, só tenho uma coisa a acrescentar. — Nesse ponto um raio de luar iluminou o rosto duro e os olhos frios de Darke. — Matem ou mutilem qualquer pirata que atravesse nosso caminho. Mas deixem a capitã para mim.

Quando o *Diablo* se chocou contra o costado do *Tigre*, os dois cascos de madeira estalaram e soltaram lascas com o impacto. Vampiratas começaram a saltar pela abertura entre os dois navios antes que as Três Desejos caíssem em posição.

— Fique perto de mim! — gritou Johnny, segurando a mão de Grace e levando-a para a Desejo do meio. — Veja onde pisa. As Desejos ficam escorregadias e você precisa estar atenta a movimentos súbitos. É melhor ir depressa.

Grace foi atrás de Johnny, seguindo suas instruções. Quando pulou no convés do *Tigre*, sentiu uma nova onda de adrenalina percorrendo suas veias. Não era de espantar que Connor tivesse se viciado nesses momentos. Ela estava cheia de medo, no entanto, jamais se sentira tão viva.

Ainda que o navio pirata tivesse parecido despreparado para o ataque, isso era obviamente um ardil, porque agora os tripulantes surgiam de todos os cantos, balançando espadas e soltando gritos de batalha. A luta havia começado.

Grace ficou perto de Johnny. Já havia tomado uma decisão: seria misericordiosa e só usaria a espada para se defender. Só torcia para ser capaz disso. Enquanto testemunhava a velocidade e a força da luta ao redor, recuou para a borda do convés.

Sua impressão geral era de velocidade e confusão — e sangue, muito sangue. Havia imaginado essas batalhas como um dos jogos de futebol de Connor, mas a realidade não era nem um pouco parecida com aquilo. Ali não havia ordem. Era difícil até mesmo dizer quem estava de que lado. No geral, os Vampiratas e os piratas vestiam roupas semelhantes e ambos os lados tinham espadas parecidas. Vários corpos já haviam caído no convés, criando obstáculos para quem permanecia de pé.

De repente Grace viu um rosto familiar passando por ela.

— Cate! — gritou, reconhecendo imediatamente a mentora de Connor e sua ex-companheira. Cate não a viu ou optou por ignorá-la, uma vez que a mestre de armas foi

para o centro do convés e, segundos depois, cravava a espada num Vampirata diante dos olhos de Grace.

— Vamos lá! — parabenizou-se Cate enquanto corria para o centro do convés.

Grace nunca a vira assim. Cate podia ser uma pirata, e não uma Vampirata, mas nesse momento ela também tinha fogo nos olhos.

Obsidiano Darke movia-se objetivamente pela zona de batalha, observando sério enquanto os membros de sua equipe eram derrubados. Era cedo demais para dizer que lado estava obtendo vantagem. Seus olhos escuros viram Stukeley abrir um rasgo nas fileiras dos piratas, e ele percebeu que havia subestimado o tenente de Sidório. Tendo-o visto frequentemente bancando o palhaço no *Tiffin*, Darke retificou-se ao vê-lo agora como um guerreiro poderoso. Seu olhar procurou Johnny e Grace, mas não pôde localizá-los no meio da luta.

Dois piratas o atacaram simultaneamente, mas Obsidiano Darke despachou ambos com habilidade. Nem os viu como adversários genuínos, eram apenas insetos irritantes que deviam ser espantados. Tinha apenas um alvo e nada iria impedi-lo de chegar a ela. Por fim, viu-a adiante, na proa do navio: Cheng Li, a capitã do *Tigre*. Líder dos supostos assassinos de Vampiratas. Por fim ela estava em sua mira. Darke avançou até ela.

Cheng Li estava monitorando o progresso da batalha e o número de mortos e feridos que caíam nas tábuas limpíssimas de seu convés. Nos primeiros estágios parecera que a estratégia de Cate, e especialmente as ideias que tivera a partir das sessões com o deleitável Lorcan Furey, estavam gerando dividendos. Observar sua jovem tripulação despachando aqueles demônios presunçosos havia enchido Cheng Li com um sentimento caloroso e agradável. Mas então vários "mortos" haviam se levantado do convés, apesar dos ferimentos, e retornado ao combate — pior, parecia que agora possuíam uma nova energia e determinação.

— Cate! — gritou Cheng Li. — Espalhe a notícia. Precisamos de mais mortes instantâneas!

Sem perder o pique, Cate correu pelo centro do convés, levando a mensagem.

— Certifiquem-se de que acabaram com eles, pessoal!

Jacoby a ouviu e pegou a deixa, gritando:

— Na dúvida, decapitem!

Cheng Li assentiu. Essa luta estava longe de terminar, mas não tinha dúvida de que

sairia vitoriosa. Não poderia ser de outro modo. Durante toda a vida estivera se dirigindo a essa missão e a esse momento, era a batalha mais importante na história da Federação dos Piratas. Depois desta noite, quando os piratas falassem em tom reverente e baixo sobre algum Li, seria sobre ela, e não sobre seu pai.

Adiante, os Vampiratas haviam obtido alguma vantagem e Cheng Li notou com desprazer que dois de seus melhores jovens guerreiros haviam caído. Seus assassinos foram em frente sem remorso, num movimento flanqueado, ambos na direção de Cheng Li. Ela não perdeu tempo, lançando-se no ar em outro movimento criado por Cate e Lorcan. Antes mesmo de pousar, havia chutado um dos oponentes pelo convés, contra a amurada. Ele bateu no chão, atordoado, dando tempo e espaço para a capitã cuidar do outro agressor.

O Vampirata obviamente havia se permitido saciar-se com uma das vítimas anteriores; o sangue escorria de sua boca para o queixo. Cheng Li trincou os dentes. Nem mesmo uma visão repulsiva como aquela iria tirá-la do jogo. Executou outra das manobras especiais de Cate e Lorcan, saltando por cima do Vampirata, depois girando no ar e golpeando com a espada de prata pelo outro lado.

Irritantemente, seu golpe — por muito pouco — não teve a força necessária e, ainda que a espada se cravasse na barriga do Vampirata, não penetrou o suficiente para tirá-lo da luta por muito tempo. Cheng Li estendeu a mão para puxar a espada de volta e tentar de novo, mas o Vampirata foi mais rápido. De repente sua espada estava nas mãos *dele* e *ele* a atacava. Ela ficou mais indignada do que com medo. Como, pelos oceanos, o duelo poderia ter virado tão rapidamente na direção errada?

O Vampirata levantou a espada de prata para atacar, ao que, inabalável, Cheng Li levou as mãos às costas para pegar suas duas *katanas*. Mas quando as mãos fizeram contato com as costas, ela percebeu que havia algo errado.

— Procurando alguma coisa? — perguntou o demônio, obviamente divertindo-se. Cheng Li acompanhou o olhar dele até a borda do convés, onde agora estavam suas *katanas*, impotentes e inúteis. Ele deve ter cortado as tiras enquanto ela pulava por cima dele. Furiosa consigo mesma por não ter percebido, encarou a perspectiva de ataque iminente por parte desse Vampirata enquanto — não! — um segundo se posicionava atrás dele.

Cheng Li xingou o Vampirata. Xingou a si própria. Esta era a noite em que deveria escrever seu nome nos livros de história. Agora teria sorte se merecesse uma nota de rodapé no capítulo sobre Molucco Wrathe. Isso não podia terminar assim. Não podia.

Mas, enquanto o Vampirata sorridente, com sangue escorrendo do queixo para seu lindo convés, baixava a espada, Cheng Li se preparou para um encontro desconfortável com seu pai na outra vida. Só podia imaginar o olhar de desaprovação no rosto de Chang Ko Li.

Agora o segundo Vampirata — que vinha por trás de seu atacante — ergueu a espada, e Cheng Li ficou imóvel. Estaria destinada a ser morta não por um, mas por dois demônios?

Depois de ter garantido mais uma morte, Jacoby respirou fundo e examinou o convés. Estava cheio de empolgação e orgulho enquanto via seus colegas atuando de modo ofuscante. Viu Cate lutar contra dois Vampiratas simultaneamente. Seu rosto podia estar vermelho, mas ela ainda não tinha começado a suar. Logo depois dela, Jasmine também estava se saindo bem. Dominara os novos movimentos ensinados por Cate com muita habilidade e sem esforço, como ele havia esperado. Vendo-a espetar o oponente vampiro como se fosse um churrasquinho demoníaco, Jacoby sentiu uma nova onda de respeito e afeto pela namorada. E ali, ao lado dela, estava aquela infatigável máquina de luta, Bo Yin. Não havia ninguém mais atlético na tripulação. Bo fazia círculos em volta de seus atacantes.

Jacoby se virou, pronto para voltar correndo à luta, mas, quando fez isso, viu Cheng Li na proa. Ela estava encurralada, com dois Vampiratas atacando-a. O sangue de Jacoby gelou. Não tinha tempo para alcançá-la. A capitã estava sozinha, e parecia que ele estava prestes a receber uma indesejada promoção...

O olhar de Cheng Li foi do primeiro atacante para o segundo Vampirata, que vinha atrás dele. De qualquer modo, a situação não parecia promissora para ela.

O segundo Vampirata vociferou no ouvido do primeiro.

— Deixe-a ir!

— Sai fora! — gritou o primeiro, com raiva. — Eu cheguei primeiro! — Ele ergueu a espada e Cheng Li se preparou para o fim, mas, para seu espanto e confusão, o segundo Vampirata levantou a arma e decapitou o colega, com calma e precisão. O rosto maligno do primeiro demônio registrou uma surpresa considerável enquanto sua cabeça voava, passando pela capitã a caminho do oceano.

Enquanto isso o corpo abandonado fazia círculos confusos, até que a mão forte de alguém o empurrou de lado e o fez girar para longe no convés.

— Eu disse antes — trovejou a voz imperiosa de Obsidiano Darke. — A capitã é minha.

CAPÍTULO 41
Os aliados

Cheng Li olhou no rosto de seu assassino. Agora eram só os dois, separados do resto da batalha, de pé na proa do navio. Os olhos cinza-escuros do Vampirata se cravavam nos dela. Ele se virou e pegou a espada de Cheng Li, que o primeiro atacante empunhara antes de ser decapitado. Curiosamente, o Vampirata entregou a espada de volta à capitã.

— Você vai precisar disso — disse ele. — E daquelas *katanas* também, acho.

Cheng Li ergueu uma sobrancelha enquanto o Vampirata estendia os braços e as *katanas* voavam para suas mãos, como se atraídas por um impulso magnético. Em seguida, ele lhe devolveu essas armas também.

— É um duelo que você quer? — perguntou Cheng Li ao adversário.

Ele pensou nas palavras, depois balançou a cabeça.

— Não com você, capitã Li. Há muito trabalho a ser feito, não deveríamos perder tempo lutando um contra o outro.

— Não entendo. Quer dizer que você *não* vai me matar?

— Exatamente — respondeu ele, com a voz parecendo mais humana. — Vire-se e eu conserto os suportes para que você possa carregar essas *katanas* de novo.

O primeiro pensamento de Cheng Li era de que isso era um truque, mas mesmo assim virou-se, achando que ele já a teria matado se tivesse essa intenção. Sentiu o Vampirata apertar as tiras nas suas costas e enfiar as duas espadas nas bainhas. Depois,

para sua maior surpresa, ele pôs as mãos em seus ombros e virou-a para encará-lo.

— Estou confusa — disse ela. — O que está acontecendo? Quem *é* você?

Agora os cantos da boca do Vampirata se ergueram num sorriso.

— Meu nome é Obsidiano Darke e eu sou um capitão Vampirata.

— Exato. Você comandou esse ataque. Presumivelmente tem a intenção de me matar, não é?

— Não sou seu assassino, capitã Li. Sou seu aliado. Meu nome talvez não signifique nada para você, então deixe-me explicar. Sou o capitão do *Noturno* e da tripulação dele, os Noturnos. Fiquei escondido por um tempo e deixei instruções para meus colegas se prepararem para a guerra. Nesse meio-tempo, estive infiltrado no império rebelde de Sidório, observando cada movimento dele. Enquanto eu estava lá, você fez uma aliança com Lorcan Furey, meu tenente. Ele estava agindo em meu nome.

Cheng Li pareceu não acreditar.

— Então você não é simplesmente *um* capitão Vampirata. Você é *o* capitão.

— Sim, capitã Li. — Ele deu um sorriso. — É bom estar de volta.

Cheng Li estava empolgada não somente pela salvação na última hora, mas também por essa reviravolta nos acontecimentos. Agora que sabia que não estava prestes a morrer, quis verificar como as coisas estavam se desenrolando. Olhou para além do aliado e examinou a cena no convés.

— A batalha nos espera — disse ela.

Obsidiano Darke concordou, depois levantou as mãos de novo, e desta vez elas evocaram uma névoa. Ela chegou tão de repente e tão completamente que a batalha parou na mesma hora. Os combatentes perplexos, de ambos os lados, se imobilizaram esperando que a névoa se dissipasse. Ninguém podia ver um centímetro à frente do rosto. O convés ficou num silêncio fantasmagórico. Então houve uma pancada e um estalo a estibordo, e o *Tigre* estremeceu. Era como se outro navio tivesse parado junto deles.

A névoa se dissipou tão rapidamente quanto havia chegado. O coração de Cheng Li disparava. Um terceiro navio estava mesmo ao lado deles, o *Noturno*, e agora o restante do exército Noturno, comandado por Lorcan Furey, entrou na luta.

Obsidiano Darke se virou para Cheng Li.

— Acho que a maré acaba de virar — disse ele.

Os olhos de Cheng Li estavam brilhantes.

— Vamos acabar com isso — disse. — Juntos.

Ao ver Lorcan e suas forças aliadas se posicionando, Cate se encheu com uma nova carga de energia. Examinou o convés e viu outra Vampirata com a tatuagem do coração negro. Talvez fosse outro membro da tripulação maligna que havia assassinado Molucco Wrathe. Cate já havia enfrentado duas outras pessoalmente — por que não fazer uma trinca? Esta, estranhamente, estava se mantendo na beira do convés. Seria uma vitória fácil. Cate soltou um grito e correu para ela, com a espada de prata erguida.

Grace ficara pasma pelo surgimento da névoa e depois pela visão de Lorcan chegando ao convés. Mas não foi somente a chegada dele que a tomara de surpresa, foi também a aparência: Lorcan parecia totalmente diferente de como ela se recordava. Nas últimas visitas astrais notara que ele vinha ganhando músculos devido aos treinamentos noturnos, mas só agora percebia que sua evolução para se tornar um imponente jovem guerreiro estava completa. Acenou e começou a avaliar como poderia abrir caminho na batalha até ele.

Mas, antes que pudesse pensar num modo de fazer isso, viu-se diante de um problema muito mais urgente: Cate corria em sua direção, com a fúria nos olhos e uma espada girando na mão. Quis gritar para fazer com que ela parasse, mas morreria antes que tivesse tempo de se apresentar. As ações teriam que falar mais alto do que as palavras. Com os nervos pulsando no corpo, desembainhou sua espada e, segundos depois, a prata se chocou contra o aço.

Para seu espanto, conseguiu se defender do primeiro golpe de Cate, mas não havia tempo para se parabenizar; a mestre de armas já emendava o segundo ataque. Grace deveria estar aterrorizada, mas, curiosamente, seu medo havia sumido. No lugar dele sentia uma calma e uma energia concentrada.

Quando Cate girou a espada pela segunda vez, Grace descobriu que sua lâmina já estava na posição perfeita para repeli-la. Sem ceder, Cate preparou o próximo ataque, e de novo, sem pensar, Grace moveu sua espada diante dela. Cate preparou outro ataque, ao que, mais rápida do que nunca, a espada de Grace saltou no ar, e desta vez ela mandou a de Cate para trás com alguma força. Grace estava cheia de adrenalina. Era como se pudesse ler cada movimento da adversária antes que ele acontecesse! Aquilo era empolgante.

Cate ficou surpresa ao ver como a garota Vampirata lutava bem. Uma espadachim nata. Era um prazer lutar com alguém tão competente — a maioria dos combatentes anteriores

havia mostrado pouca habilidade e, em vez disso, contava com a agressividade crua, coisa que tinham de sobra.

Quando olhou mais fundo nos olhos da oponente, não pôde acreditar no que viu.

— Grace! — exclamou ela. — Grace Tormenta!

— É — gritou Grace. — Eu quis contar, mas você teria me cortado ao meio antes que eu falasse meu nome.

— O que você está *fazendo* aqui? — perguntou Cate, incrédula.

— É complicado, e não há tempo para explicações longas. Mas, Cate, não vim aqui para lutar com você nem com nenhum pirata. Fui mandada para este ataque contra a minha vontade.

Cate lembrou-se de Molucco e avaliou as opções.

— Grace, você não faz parte da minha tripulação. E se não faz parte da minha tripulação, é minha inimiga.

Grace deu de ombros, com os olhos em chamas.

— Se é assim que você se sente, vamos lutar! — Sua espada já estava pulsando de energia. Sentia-se pronta.

Jasmine estava começando a ficar um pouco fatigada depois dos muitos embates. Tinha um ferimento na escápula esquerda, mas não parecia sério. A dor era suportável e o fluxo de sangue parecia estancado por enquanto. Apesar disso, estava satisfeita com seu sucesso e o dos companheiros. Agora que os aliados haviam chegado, os Vampiratas estavam caindo em grande número e rapidamente.

Mas o problema de acabar com o inimigo continuava, e logo Jasmine se viu atacada por alguém que tinha o rosto familiar.

— Matei você há cinco minutos — gritou, indignada.

— Mais uma chance! — disse o Vampirata com um sorriso.

Enquanto ele atacava, Jasmine saltou instintivamente para trás, para abrir mais espaço. Quando pousou, em vez de encontrar as tábuas sólidas do convés, seus pés encontraram um corpo. Jasmine perdeu o equilíbrio e caiu em cima de um Vampirata morto. Seu atacante não perdeu tempo: inclinou-se sobre ela com um sorriso torto e estendeu a espada. Com um Vampirata morto embaixo e um decididamente “morto-vivo” em cima, ela não podia fazer nada além de rezar.

De repente o sorriso do atacante congelou e Jasmine viu uma ponta de aço atravessar o peito dele.

— Role, Jasmine! — gritou uma voz familiar. Obedientemente, ela rolou de lado enquanto o Vampirata despencava junto do colega. Levantando os olhos, ela viu Bo Yin tirar a espada das costas do Vampirata.

Bo Yin sorriu enquanto estendia a mão para ajudar sua colega.

— Você me deve uma, Jasmine Pavão!

Jacoby sorriu deliciado ao ver Lorcan e sua equipe entrando na luta. A maré havia definitivamente virado a favor deles, e agora era hora de acelerar a batalha. O convés do *Tigre* estava coberto com os mortos dos dois lados. O fedor era horrível, as tábuas estavam escorregadias com o sangue e a água do mar, e ficava cada vez mais difícil se locomover. Jacoby olhou para o convés vazio do *Diablo* e avaliou a distância. Depois, levantando a espada bem alto, abriu caminho pela multidão e se lançou da amurada do *Tigre* para o outro navio. Mais uma vez o antigo galeão estava sob o controle de um pirata.

Jacoby ficou parado no convés com as mãos nos quadris, olhando com frieza para os Vampiratas a bordo do *Tigre*, e um deles retribuiu seu olhar diretamente, sombrio e pensativo. Jacoby o conhecia. Com o nome de Jez Stukeley, ele fora um lendário guerreiro pirata. Pelo que Jacoby havia observado esta noite, Stukeley continuava no auge de sua forma. Ele seria um adversário digno.

Sorrindo, Jacoby chamou-o.

— Venha, então. — E desembainhou a espada. — Venha até aqui se é capaz!

Com os olhos em chamas, o Vampirata começou a correr na direção dele.

A espada de Grace se chocou com a de Cate outra vez. Mesmo tendo prometido só usar a espada de Grace O'Malley para se defender, à medida que a luta progredia Grace estava se descobrindo igualmente apta a iniciar os ataques. Pensou nessa nova habilidade. Será que ela decorria dessa espada em particular, com o espírito de Grace O'Malley guiando sua mão de algum modo, ou era de fato outra manifestação de seus poderes de dhampira? Qualquer que fosse a hipótese, Grace sentia-se satisfeita quando golpeou a espada de Cate com tanta força que ela caiu da mão da pirata. Instintivamente, ela avançou para impedir que a adversária recuperasse a arma.

— Espera! — Cate levantou a mão. — Eu me rendo! — Seu rosto estava pálido. — Antes de me matar, diga uma coisa. — Ela parou para respirar fundo. — O que vocês fizeram com Bart?

Grace mostrou-se indignada.

— Eu *não* vou matar você. Eu *nunca* iria matar você.

— Diga onde Bart está. Ele foi visitar Connor há dois dias e desde então nós não o vimos.

— Ele foi visitar o Connor. Esteve no navio ontem à noite, mas ficou chateado e foi embora.

— Olhe em volta, Grace. Você está vendo o Bart? — Agora o rosto de Cate estava cinzento. — Ele não voltou.

Agora Grace baixou a espada.

— Não entendo. Onde ele está?

CAPÍTULO 42
O terceiro presente

— Aí está — disse Sidório. — Meu último presente. Como eu disse, não está *totalmente* pronto para você.

Connor não conseguia falar. Quando olhou para o interior da cabine, cada fibra do seu ser se imobilizou. Ali, deitado numa cama baixa, estava Bart. Ou melhor, o corpo de Bart. Seria isso algum truque, alguma alucinação provocada pela sua primeira ingestão real de sangue? Não. Era aquilo mesmo. Ele podia ver e sentir. O terceiro presente. Isso, esse *horror*, era realmente a concepção de Sidório de um presente melhor que todos os outros.

— O que você fez? — perguntou Connor, rouco. — *Por que* fez isso? — Ele abriu a boca e soltou um gemido fundo, lancinante.

Sidório pôs o braço em volta do ombro de Connor.

— Calma — disse. — Acalme-se e deixe-me explicar.

— Como você pode explicar isso? — Connor estava incrédulo, com lágrimas quentes escorrendo pelo rosto. — Você matou meu melhor amigo. E agora me apresenta o corpo dele e espera que eu *agradeça*?

Sidório franziu o cenho diante da angústia de Connor.

— Na verdade foi Lola que o matou. Era algo que nós dois queríamos fazer para você

juntos. Você não está percebendo, filho. O presente não é o *corpo* dele. Eu disse antes: ele ainda não está pronto para você. Eu vou transformá-lo. Vou soprar a vida eterna em Bart. *Esse* é o meu presente para você.

— Você é louco! Você e Lola. São doidos varridos, de pedra.

Enquanto trocava golpes com Jacoby no convés do *Diablo*, Stukeley não conseguia deixar de ficar impressionado com a habilidade do jovem pirata.

— Você é bom nisso — observou, enquanto as espadas se chocavam.

— Eu sei! — Jacoby fez força para pressionar o adversário para trás.

Stukeley riu, censurando-se e preparando-se para o próximo ataque.

— E arrogante, também. Eu era como você, sabia?

— Quer dizer, vivo?

Stukeley gargalhou, erguendo a espada para repelir de novo o ataque de Jacoby.

— Vivo ou morto-vivo, não faz diferença — disse, enquanto trocavam golpes no convés deserto. — O que importa é a habilidade com que você maneja a arma. — As espadas se chocaram de novo. — E você — disse Stukeley, recuperando o fôlego —, você maneja bem o aço, amigo.

Jacoby sorriu.

— Minha espada é feita de prata. É melhor para destruir você, Vampirata! — Seu olhar encontrou o de Stukeley. — Por que tantos elogios? Daqui a pouco vai tentar me recrutar para o lado negro.

— Não é má ideia. Não é nada mal ter suas habilidades na nossa equipe. Você deveria pensar nisso, pirata.

— Só por cima do meu cadáver — gritou Jacoby, levantando a espada mais uma vez.

Stukeley gargalhou novamente. Desta vez tivera vantagem no conflito. Depois de uma troca rápida de golpes, sua rapieira fez contato com a carne do antebraço de Jacoby. Quando o sangue escorreu, ele riu.

— Geralmente a morte *é* parte do nosso processo de recrutamento.

Em contraste com o vazio *Diablo*, o convés do *Tigre* ainda estava apinhado de combatentes. Johnny não tinha muito espaço de manobra, mas isso não o impedira de conquistar algumas boas vitórias. Estava se divertindo muito, tanto que temporariamente perdera Grace de vista. Havia prometido cuidar dela durante a luta e, até certo ponto, tinha feito isso, mas este último embate o deixara isolado no centro do convés, não muito

longe do mastro. Agora tentou abrir caminho pela multidão para encontrá-la, mas quando fez isso, sentiu a mão de alguém segurando-o pelo colarinho e puxando-o para trás.

Johnny girou para encarar o adversário e encontrou um par de familiares olhos azuis.

— Ora, ora — disse. — Lorcan Furey. Como vai, meu chapa? Faz um bom tempo.

— Não sou seu chapa — respondeu Lorcan, com olhar severo. — Na última vez que o vi foi em Santuário, onde você se comportou como um peão de rodeio demente. Tive de intervir para resgatar Grace de você.

— Bom, é. Tenho certeza de que foi assim que *você* viu a situação. Tenho certeza de que você vai para a cama todo dia e sonha em salvar donzelas em perigo. Fico feliz em ter sido útil. — Os movimentos dos combatentes de ambos os lados pressionou Johnny e Lorcan mais para perto um do outro. Lorcan estendeu o braço para empurrar Johnny para longe de novo, e este deu um sorriso. — Parece que alguém andou malhando.

— Alguma vez você fecha essa matraca hiperativa? — vociferou Lorcan.

— Às vezes — respondeu Johnny, sorrindo. — Por exemplo, quando estou beijando uma linda dhampira.

Os olhos de Lorcan faiscaram na direção de Johnny.

— Se você encostou um dedo em Grace — disse ferozmente —, vai ter que prestar contas a mim. — Ele empurrou Johnny com força, mas nada podia tirar o sorriso do rosto do caubói.

— Parece que Grace cresceu um bocado desde que você a viu pela última vez. Agora ela é capaz de tomar as próprias decisões e eu não a ouvi reclamar em momento algum quando nós saímos para cavalgar todas as noites, bem agarradinhos.

— Fique longe dela, ouviu? Você não serve para ela.

— Você não está interessado no que é bom para Grace. Só quer ficar com ela. Pode ter sido o primeiro Vampirata em que Grace esbarrou, mas agora ela tem alguém com quem comparar. Agora ela pode fazer uma escolha mais... bem-*informada*.

— Você pode ter jogado um charme superficial para cima dela, mas não pode fazer nada que se compare à ligação profunda que nós compartilhamos.

— Eu sei, eu sei, foi você que a tirou do oceano. É uma história velha, *amigo*.

Os olhos de Lorcan estavam brilhantes.

— Nós temos uma relação muito mais antiga do que isso. Eu a segurei no colo quando ela era apenas um bebê.

Johnny revirou os olhos.

— E você não acha que há algo de bizarro em querer ser namorado dela?!

— Eu não *quero* ser namorado dela — disse Lorcan em tom sombrio. — Eu *sou*.

— Não tenha tanta certeza, *amigo*. Pelo modo como Grace tem agido ultimamente, talvez você não continue mais em cena. Não: eu diria que o júri está muito indeciso com relação a isso. Mas, ei, não precisamos discutir. Grace está aqui mesmo, neste convés. Vamos encontrá-la e mandar que ela explique em que pé as coisas estão.

Lorcan ficou visivelmente alarmado ao saber que Grace estava no navio, no meio daquela batalha feroz. Era o último lugar em que achava que ela deveria estar. Controlou o medo e manteve o olhar fixo em Johnny.

— Podemos falar com Grace num instante, mas primeiro vou dar uma surra em você.

— Verdade? — perguntou Johnny, achando aquilo tremendamente divertido.

Lorcan assentiu, finalmente arranjando espaço para desembainhar a espada.

— Em geral não gosto de infligir dor, mas no seu caso, Desperado, será um prazer.

Sidório parecia consternado.

— Connor, não entendo. Estou revirando o cérebro, fazendo tudo que posso para deixar você feliz, mas você não parece sentir nenhuma gratidão.

— *Feliz*? — Connor estava praticamente sem fala. — *Gratidão?*

— Sei como sua amizade com Bart era profunda, pude ver como a visita dele o deixou feliz. Mas não poderia dar certo, ele sendo mortal e você dhampiro. — Sidório sorriu e estendeu as mãos. — Essa era a solução óbvia. Assim que eu soprar a vida de volta nele, assim que eu o transformar, como fiz com Stukeley, os Três Bucaneiros estarão reunidos por toda a eternidade! Nenhum pai poderia oferecer um presente maior ao filho.

O olhar de Connor foi do corpo sem vida de Bart para o rosto sorridente de Sidório.

— Eu não pedi nada disso. Não pedi para ser seu filho. Para ser uma aberração faminta por sangue. Você não vê? Eu *era* feliz antes, quando tinha uma carreira como pirata e bons amigos na vida. — Seus olhos relampejaram fogo para Sidório. — Agora nunca mais serei feliz, graças a você e sua mulher insana. Só me arrependo de não ter conseguido matar Lola quando tive a chance. Se eu tivesse sido bem-sucedido, Bart ainda estaria vivo.

— Connor, vejo que você está magoado, mas, por favor, não diga essas coisas. Sua madrasta só quer o melhor para você. Eu também. E Bart *vai* viver de novo. — Ele avançou na direção do corpo.

— Não! — gritou Connor. — Fique longe dele!

Sidório virou-se, evidentemente perplexo. Abriu os braços num gesto paternal, mas Connor se afastou. Quando tocou a parede, deixou-se cair encostado nela, passando os braços em torno dos joelhos e chorando incontrolavelmente.

Sidório se aproximou e encostou na parede ao lado do filho.

— Sei como é ser solitário, Connor. Talvez você esteja se esquecendo de que eu também fiz essa jornada, por isso sei exatamente o que você está passando. Eu fui morto, por César, claro, e depois recebi o presente da imortalidade. E não duvide: esse *é* o maior presente que um mortal pode receber. — Seu tom ficou mais suave. — Mesmo assim o início *é* solitário. Todos sabemos disso. Você é separado imediatamente de todos os amigos e da família. Sabe que vai ficar com a mesma aparência enquanto eles envelhecem, adoecem e morrem. Existe uma opção: ficar e suportar essa tortura constante ou se afastar. Eu fiz minha escolha. Dei as costas para minha vida antiga e fui para o mundo. Tive algumas aventuras incríveis, mas, confesso, frequentemente me sentia solitário. Durante um tempo enorme fiquei sozinho, recusando-me a deixar que qualquer pessoa chegasse perto.

Connor sentiu as lágrimas secando na pele. Ouviu, sentindo-se intrigado, mesmo contra a vontade, com a forma com que Sidório falava.

— Os primeiros cem anos são os piores. Não quero isso para você. Sua situação é melhor, de qualquer modo. Você nunca ficará sozinho. Você tem sua irmã. Tem a mim, tem Lola e Stukeley. Está cercado de pessoas que o amam e o entendem de verdade, Connor. Não percebe como é felizardo?

Connor emitiu um riso oco.

— Você acha mesmo que me entende? Você não entende *nada*.

Sidório ficou desolado. Connor virou o rosto e se levantou. Foi até o corpo de Bart e pegou a mão do amigo. Estava fria e frouxa, absolutamente sem vida. Novas lágrimas escorreram pelo seu rosto.

— Sinto muito, Bart. Você sempre demonstrou apenas gentileza e generosidade comigo. Não merecia isso. É tudo minha culpa, e eu lamento muito.

— Connor. — Sidório havia se levantado e estava ao lado do filho novamente. — Você não tem do que se desculpar. — Agora seus dentes de ouro estavam proeminentes. — Quer ficar e assistir enquanto eu faço a transformação?

Connor olhou incrédulo para Sidório. Será que o louco, o monstro, não tinha entendido uma palavra que ele dissera? Será que era idiota? Completamente perturbado? Sem dúvida a resposta às três perguntas era: sim. A única coisa que Sidório entendia era a

ação e, especificamente, a ação violenta.

Connor fez a única coisa que lhe restava. Desembainhou a espada e a apontou direto para o peito de Sidório. A ponta da lâmina cortou a camisa de grife e pressionou a carne do capitão.

— Ouça com atenção — disse Connor. — Se você sequer tocar no meu amigo eu o atravesso com minha espada. E mais uma vez, e outra, e outra. Você pode ser imortal, mas eu descubro um modo de destruí-lo. Prometo: eu descubro um modo.

CAPÍTULO 43
Verdade e consequências

A espada de Connor estava comprimida contra a carne de Sidório. Pai e filho se encaravam; os olhos de Connor faiscavam de raiva, os de Sidório estavam repletos de consternação. O capitão também carregava uma espada, numa bainha presa ao cinto, mas nem levou a mão até ela.

Passos ressoaram no corredor, o som ficando mais alto à medida que se aproximavam. A porta da cabine estava ligeiramente aberta, e agora se escancarou.

Lola entrou e fechou rapidamente a porta.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou.

A cabeça de Sidório virou em sua direção.

— O terceiro presente de Connor não foi do agrado dele.

Lola se dirigiu a Connor.

— Baixe a espada. — Seu tom era educado, porém firme.

O olhar de Connor se demorou em Sidório, mas, lentamente, ele baixou a espada.

— Assim está melhor — disse Lola. — Agora vamos conversar sobre isso. Como pessoas civilizadas.

Connor soltou um riso oco, mas permitiu que ela continuasse.

— Qual é, exatamente, o problema, Connor?

Ele se virou e olhou para ela com um espanto cheio de repulsa.

— Qual você *acha* que é o problema, querida madrasta? Você matou meu melhor amigo.

— Bom, sim — respondeu Lola, confusa e um tanto impaciente. — E agora seu pai vai transformá-lo para você, para que ele tenha vida eterna.

A voz de Connor saiu firme.

— Ninguém vai transformar o Bart. Nem esta noite nem nunca.

Lola arqueou uma sobrancelha e olhou para Sidório. Podia ver a preocupação desenhada no rosto dele. Seu olhar encontrou o de Connor.

— Sem dúvida a ideia foi sua — disse ele. — Um ato de vingança porque tentei matar você.

Lola sorriu com indulgência.

— Vingança? Não, Connor. Não lembra o que eu disse quando o recebi a bordo do *Errante*? Todas as transgressões do passado estavam esquecidas e nosso relacionamento começaria de novo a partir daquele momento. Fui absolutamente sincera. Desde que descobri que você era filho do meu marido, eu o recebi em meu navio, no nosso lar, de braços abertos. Só agi com gentileza e generosidade. Levo muito a sério minhas responsabilidades de madrasta. E é assim que você retribui, levantando sua espada contra seu próprio pai? Connor, estou decepcionada.

— Você ainda não entendeu, não é? Nenhum dos dois entende. Vocês mataram Bart, seus demônios. Nunca vou perdoar isso enquanto todos nós vivermos.

— Você parece se esquecer de que somos todos imortais — respondeu Lola. — É tempo demais para guardar ressentimento, querido. Além disso, você não deveria nos perdoar, deveria *agradecer*. Poucos pais podem dar um presente assim ao filho.

— Não estou interessado em seus presentes.

— Não descarte isso. Seu pai e eu estamos construindo um grande império, um império como o mundo não vê há muito tempo. Naturalmente queremos você e Grace ao nosso lado. — Lola suspirou. — Connor, se você puder deixar de lado essa desagradável angústia adolescente e abrir os olhos para as verdadeiras oportunidades, acho que veria que estamos oferecendo o mais incrível dos futuros.

Lola trocou um olhar com Sidório. Ele pareceu animado pelas palavras dela.

Connor permaneceu inabalado.

— Não quero nada de nenhum de vocês.

— Isso está ficando meio chato — disse Lola. — Lamento se houve falhas de comunicação aqui, mas achamos de verdade que, ao soprar a imortalidade no corpo

impressionante, mas ainda assim mortal, de Bart, iríamos fazer de você um jovem dhampiro feliz. — Seu olhar se fixou no de Connor.

Ele sustentou o olhar dela.

— Acharam errado.

— Eis o que eu sugiro — disse Lola, recusando-se a aceitar a derrota. — Descanse e esfrie a cabeça um pouco. Temo que o clã Sidório tenha mesmo uma tendência a se enraivecer depressa. Você não pode lutar contra seus genes! Se pensar nisso com calma, tenho certeza de que verá que está assumindo o ponto de vista errado. Então Sidório poderá continuar com a transformação de Bart e todos poderemos seguir em frente. Como uma família unida.

Connor ficou quieto por um momento, ao que Lola deu um sorriso tranquilizador para Sidório, acreditando ter recuperado o controle.

Então Connor abriu os pulmões e soltou um temível grito de fúria.

— Não! Não vou esfriar a cabeça nem pensar nisso com calma. E, de uma vez por todas, ninguém vai transformar Bart. Quanto a fazer parte de uma família com vocês... Esqueçam! Vou embora do navio hoje mesmo e vou levar o Bart comigo. O mínimo que posso fazer é dar um enterro decente a ele.

Tremendo, Connor passou por Sidório e levantou Bart da cama. O corpo de seu amigo era pesado, mas, mesmo sem sua recém-descoberta força, Connor teria quebrado os próprios ossos, se necessário, para tirá-lo da cabine. Pôs o corpo de Bart sobre o ombro e se virou para sair. Sua espada estava a postos, para o caso de Sidório e Lola tentarem alguma coisa.

O capitão acompanhou-o ao corredor.

— Connor, por favor, não nos abandone assim. Não deixe que isso termine desse jeito.

Connor se virou para ele, com os olhos cheios de fogo.

— *Eu* não terminei com isso. *Você* terminou. Você e essa sua esposa demoníaca.

Connor se virou categoricamente e foi andando. No fim do corredor, virou-se para a escada principal do navio e, para seu horror, descobriu que estava indo na direção do retrato de família. Sidório deve tê-lo pendurado ali mais cedo.

Connor podia ouvir os passos de Lola e Sidório logo atrás. Certificando-se de que Bart estivesse firme sobre o ombro, chegou perto do retrato, então levantou a espada e fez um talho diagonal na tela. Foi especialmente gratificante cortar o rosto de Lola ao meio. Ergueu a espada e retalhou o resto do quadro e, com o coração latejando, baixou a arma e

começou a subir.

Lola segurou o braço de Sidório quando os dois viram o retrato destruído.

— Ah, não! — exclamou ela, pasma. — Depois de todo o belo trabalho do *signor* Caravaggio!

— Você acha que ele pintaria outro?

— Seria embaraçoso demais sequer pedir. — Ela estremeceu. — Mais cortante que o dente da serpente é ter um filho ingrato!

Sidório olhou-a com expressão vazia.

— Eu citei Shakespeare — disse Lola, impaciente. Ao ver a dor nos olhos do marido, seu tom ficou mais suave. — O Sr. William Shakespeare escrevia peças de teatro, querido. Na verdade, há uma que eu acho que você gostaria bastante. Tenho na minha biblioteca, vou ler para você mais tarde, Sid. Talvez isso acalme seus nervos em frangalhos.

No convés do *Diablo*, as espadas de Johnny e Lorcan se encontraram de novo.

— Claro — disse Johnny, sem se abalar, enquanto tentava acertar o adversário —, a mudança verdadeiramente *grande* em Grace é que ela desenvolveu um grande apreço por sangue desde que você a viu pela última vez.

Lorcan girou a espada contra a de Johnny.

— Não perca o fôlego com mentiras baratas. Você vai precisar de toda a energia que puder reunir.

Os olhos de Johnny estavam brilhantes.

— Não é mentira, *amigo*. Grace adora aquela coisa vermelho-rubi. — Ele girou a espada no ar, defendendo-se do ataque de Lorcan. — E por que não gostaria? Ela *é* uma dhampira.

— Uma dhampira não precisa de sangue para sobreviver.

— Verdade — concordou Johnny em tom amigável, entre dois movimentos de defesa. — Eles têm opção, diferentemente de você ou de mim. Mas Grace definitivamente curtiu o sangue. Bom para ela, eu diria. É um dos motivos para ela se encaixar tão bem na tripulação dos nossos navios. Veja, nós não nos censuramos por nosso apetite. Diferentemente de vocês, do navio de vampiros que odeiam a si mesmos.

Suas espadas se chocaram de novo e ficaram presas. Agora Lorcan jogou todo o peso contra Johnny, empurrando-o de costas pelo convés.

— Os Noturnos não odeiam a *si mesmos*. Só odiamos Vampiratas como vocês. Vocês dão má fama a todos nós.

Johnny deu de ombros.

— Acho que você acaba de provar meu argumento. Não é de espantar que Grace tenha se entediado com vocês e decidido desertar para o lado divertido. — Ele firmou os calcanhares de modo a usar toda a sua força contra Lorcan. Por enquanto estavam presos num impasse.

Lorcan deu um sorriso sinistro.

— O único motivo de Grace ter ido ao seu navio foi para espionar. O que quer que ela tenha feito, fosse cavalgar com você ou fingir que gostava de sangue, só fazia parte de sua missão. Nós estávamos enganando vocês, caubói, e você simplesmente foi idiota demais para perceber.

A expressão de Johnny mudou. Sua presunção sumiu num instante.

— Não acredito em você — disse. — Eu sei o que aconteceu entre Grace e eu.

Lorcan foi implacável.

— Claro que acredita, posso ver em seus olhos. Você se apaixonou por Grace. Queria ficar com ela desde a primeira vez que a viu em Santuário. Tentou roubá-la de mim naquela ocasião, quando eu estava cego e doente. Esse é o tipo de criatura desprezível que você é, Desperado. Mas não pôde tê-la naquela época, e não pode tê-la agora. Encare os fatos, você só fazia parte do jogo dela.

Lorcan empurrou Johnny para trás e suas espadas finalmente se separaram.

O rosto de Johnny estava sombrio.

— Vou matar você, Furey — cuspiu ele. Em seguida atacou Lorcan, e dessa vez ele estava com o pé mal-apoiado. Um espaço se abriu em sua guarda e a espada de Johnny achou um caminho. A lâmina atravessou o cabelo de Lorcan. Enquanto uma mecha escura caía no convés, a espada de Johnny continuou na direção do pescoço de Lorcan, pressionando-o logo abaixo do lóbulo da orelha direita. Johnny encarou seu rival, com os olhos cheios de fogo. — Talvez eu não possa ter Grace. Mas agora, *amigo*, você também não pode.

Cheng Li e Obsidiano Darke estavam lutando lado a lado e mostravam-se uma força impossível de ser contida. Enquanto despachavam as últimas vítimas, Cheng Li se virou para o capitão Vampirata.

— Sempre achei que você era um pacifista — disse ela —, e não um homem de ação.

— Eu era pacifista. — A voz dele soou baixa. — Mas os tempos mudaram e eu precisei mudar também. Não foi uma transformação fácil, mas era necessária.

O olhar de Cheng Li percorreu o convés.

— Acho que estamos vencendo.

— Temos que vencer — respondeu o capitão, com os olhos escuros como seu sobrenome, Darke. Ele ergueu a espada e correu de volta para a luta.

Lorcan sentiu o aço frio da espada de Johnny contra o pescoço e olhou para os olhos escuros e zombeteiros do caubói. Dava para ver que ele estava adorando aquilo. Imaginou por quanto tempo ele retardaria o momento da vitória.

— Pare!

Johnny e Lorcan ficaram paralisados ao ouvir a voz familiar, a voz que tinha tanto poder sobre os dois.

Agora Grace estava ao lado deles, com sua própria espada em mãos. Os olhos cor de esmeralda iam de Johnny a Lorcan.

— Baixe a espada, Johnny.

Ele soltou o ar lentamente.

— Não posso fazer isso, Grace. Sinto muito. — Ele apertou o gume da espada com mais força contra a carne de Lorcan. Mais um milímetro e tiraria sangue dele.

— Espera! — disse Grace. — Ouvi o que Lorcan disse e entendo por que está com raiva.

— É verdade? — perguntou Johnny, com o olhar evitando os dois e fixo apenas na ponta da espada.

Grace hesitou.

— *É verdade?* — repetiu o caubói. — Grace, se não quer que eu faça algo ruim, precisa começar a falar depressa.

— Parte é verdade.

— Que parte?

— Pare de provocá-la — disse Lorcan, rouco. — Faça logo o que tiver que fazer. Não é assim que os caubóis agem?

— Cala a boca! — fumegou Johnny. — Grace, eu perguntei que parte era verdade.

— A princípio eu fui até vocês numa missão de espionagem, e no início não confiava em você. Sempre gostei de você, Johnny. Sei que Lorcan não vai me agradecer por falar isso, mas todos nós sabemos que é verdade. Eu tenho o direito de gostar de vocês dois. Depois do que aconteceu em Santuário, era difícil confiar em você de novo, mas você mostrou todo um lado novo naquelas cavalgadas noturnas. Gostei de conhecê-lo, o

verdadeiro Johnny. — Ela fez uma pausa. — E você sabe que, se quiser algum tipo de futuro comigo, prejudicar o Lorcan seria a pior coisa que poderia fazer.

Enquanto falava essas palavras, ela chegou mais perto.

O olhar de Johnny saltou de Grace para Lorcan.

— Não sei em que acreditar — disse ele.

— Acredite em *mim* — respondeu Grace.

— Ela só está dizendo isso para salvar a minha pele — disse Lorcan.

— Uau — exclamou Johnny. — Você quer mesmo morrer, não é? Bom, acabou a hora da conversa, vou realizar seu desejo. — Ele recuou a espada e se preparou para o golpe mortal.

Quando sua espada girou para a frente, foi recebida por outra. Mas desta vez não era Lorcan que encarava Johnny do outro lado das lâminas. Era Grace.

CAPÍTULO 44
Escolhas

Grace olhou para Johnny na outra ponta da lâmina da espada.

— Não tenho medo de usar isso, se for preciso — disse. Sua confiança aumentou com o fato de saber que, se necessário, podia brandir a espada de Grace O'Malley com total habilidade.

Johnny olhou-a com espanto.

— Não quero lutar com você — disse ele.

Grace encarou-o. Pegou-se pensando nas reviravoltas do relacionamento entre os dois. O Johnny brincalhão que mantivera o ânimo elevado naquelas noites difíceis em Santuário. O solitário que lhe confessara sobre as escolhas ruins que fizera na vida e depois da travessia. O Johnny que a havia atacado e dissera, ao sair para se juntar ao grupo de Sidório: "Não é que eu não *possa* ser bom. É só que sou muito melhor sendo mau." Ali ela havia perdido a fé em Johnny, mas desde que chegara ao *Errante* passara a conhecer um homem diferente. Pensou nas cavalgadas noturnas e na aventura louca na adega de Lola. Lembrou-se da expressão frenética dele, no início daquela noite, quando a viu no convés do *Diablo*. Suspeitou que ele fora mandado por Lola numa espécie de ofensiva, mas, mesmo que fosse verdade, Grace não duvidava de que os sentimentos por ela eram genuínos. Uma conversa, acima de todas as outras, estava gravada na sua mente.

"Quando você falou que eu era mil vezes mais divertido do que o Lorcan, falou sério?"

"Não, Johnny. Você não é mil vezes mais divertido. É um milhão de vezes."

Lembrou-se da vulnerabilidade que viu nos olhos dele então. Johnny tinha a mesma expressão agora. Vê-los juntos deixou-a cheia de culpa. Tinha sentimentos pelos dois — não eram exatamente os mesmos, mas ainda assim eram sentimentos fortes. Fora um exagero, provocado pela adrenalina da noite e pela ingestão de sangue, dizer que ele era um milhão de vezes mais divertido do que Lorcan. Seu relacionamento com Johnny era mais fácil em muitos sentidos, mas havia nuances e complexidades no relacionamento com Lorcan que davam à relação entre eles raízes mais profundas.

— Sei que você não quer lutar comigo — disse ela. — E agora precisa deixar Lorcan ir. — Ela olhou por cima do ombro. — Vocês estão perdendo a batalha, sua equipe precisa de você.

Johnny olhou para além de Grace, examinando o convés. Ela estava certa, sua equipe estava sendo dizimada. Não havia sinal de Stukeley; e ali, no coração da zona de batalha, estava Obsidiano Darke lutando contra seus próprios Vampiratas. O que estava acontecendo?

Johnny se virou de novo para Grace.

— Você está certa, preciso ir. Espere por mim, está bem? Fique fora da luta e aguarde até voltarmos ao *Diablo*.

— Não vou com vocês — disse com alguma tristeza.

Então ela esperou que ele se afastasse — Johnny precisava voltar à luta —, mas ele parecia enraizado ali, os olhos tremeluzindo de dor.

— Então eu era mesmo só uma parte da sua missão.

— Não, Johnny. Eu já disse que gosto de você, não estava mentindo. Mas não posso voltar com você ao *Errante* e ao *Capitão de Sangue*. Você estava certo: eu *tenho* fome de sangue, mas não suporto a ideia de alguém morrer para que eu me alimente. O modo como Sidório e Lola comandam seus navios é abominável para mim. Isso quase me levou a matar uma pessoa para obter sangue. É por isso que preciso voltar ao *Noturno*. Você diz que é um navio de vampiros que se odeiam, mas está errado. É um navio de vampiros que reconhecem sua necessidade de sangue e encontraram um modo responsável de satisfazê-la.

Os olhos de Johnny pareciam um pouco mais brilhantes.

— Ouvi o que você disse. Eu gostaria que fosse diferente, mas sei que, por enquanto, não pode ser. — Ele estendeu o braço para ela e bateu nas palavras tatuadas ali. — Como

está escrito aqui, Grace: a cavalgada está longe de terminar. Para todos nós.

Ele piscou, depois fez uma saudação enquanto corria pelo convés. Grace viu-o entrar na batalha, esperando com fervor que ele saísse ileso.

Ainda havia muitos duelos, mas muitos Vampiratas rebeldes já haviam sido forçados a recuar, passando pelas Três Desejos e retornando ao *Diablo*. Grace viu uma luta que continuava no convés do outro navio: Stukeley e Jacoby Blunt. Intrigada, assistiu por um momento o equilibrado duelo. Enquanto mais rebeldes corriam em busca de segurança, sua visão do embate foi bloqueada. Voltando o olhar de novo para o *Tigre*, viu Jasmine Pavão cuidando de uma colega ferida — uma garota que parecia uma versão mais jovem da própria Jasmine. Grace procurou Johnny no meio da confusão, e seu olhar localizou-o. Ele havia pulado no corrimão da amurada e estava sinalizando a retirada oficial. Grace exalou com alívio. Estava acabado.

Sentiu uma mão no ombro e, virando-se, encontrou Lorcan. Ele abriu os braços e apertou-a com força. Depois de todo esse tempo separados, estar de novo nos braços dele era como voltar para casa.

— Obrigado por salvar minha vida — disse ele.

— Estou às ordens — respondeu ela, com a voz rouca de emoção.

Enquanto os últimos rebeldes saltavam de volta do *Tigre* para o *Diablo*, Johnny se aproximou de Obsidiano Darke e Cheng Li. Agora era o único rebelde que restava no convés. O espaço entre os dois navios ia aumentando minuto a minuto, e ele não tinha muito tempo, mas agora que Obsidiano havia trocado de lado — e com Stukeley já em algum lugar no *Diablo* — Johnny havia assumido o comando das forças rebeldes e não tinha intenção de fugir com o rabo entre as pernas.

Parou com os pés afastados, diante dos oponentes.

— Então, tenente Darke, estava jogando contra nós esse tempo todo?

O olhar escuro de Obsidiano encontrou o de Johnny.

— Isso nunca foi um jogo — disse. — Vidas foram perdidas esta noite, dos dois lados. São coisas a serem levadas muito a sério.

Johnny inclinou o queixo em direção ao talho sangrento na frente da camisa de Darke.

— É uma pena que seu oponente não tenha mirado um pouco mais alto. Seu lado agora poderia estar dando o toque de retirada.

Cheng Li falou com Johnny:

— Esta noite marcou o início de uma nova aliança entre a Federação dos Piratas e os

Noturnos. Temos uma mensagem para os seus capitães. — Ela trocou um olhar com Obsidiano, depois continuou: — Diga a Sidório e Lola Lockwood que a guerra que eles tanto queriam acabou de começar.

— Meu único pesar é que Sidório e Lola não estavam aqui esta noite — completou Obsidiano. — Caso contrário, este poderia ter sido o fim, e não o início. — Seu olhar percorreu o convés. — Você viu como derrotamos fragorosamente as forças rebeldes esta noite. Informe isso a eles. Diga que, com nossa aliança inviolável, os Vampiratas rebeldes jamais vencerão.

Assentindo sério, Johnny se virou e começou sua jornada pelas Desejos. Não estava ansioso para informar isso — nada disso — aos capitães. Bom, pelo menos não estaria sozinho; como sempre, Stukeley estaria ali ao seu lado.

— Deixe-me olhar você de novo — disse Lorcan, com as mãos pousando nos ombros de Grace. Em seguida sorriu. — Você está mais linda do que da última vez em que a vi. E vai ficar ainda mais quando limpar esse coração horrível do rosto.

Grace franziu o cenho, mas ele não pareceu notar.

— Você foi tão forte contra o Johnny, pareceu tão convincente. Bom, eu mesmo quase acreditei.

Grace mordeu o lábio enquanto encarava os olhos azuis dele.

— Lorcan, eu não menti para o Johnny. Tudo que disse era verdade. — Ela sentiu o corpo dele se retesar, mas precisava ser honesta. — Eu gosto do Johnny. E gosto de sangue. Sei que você preferiria que nenhuma dessas coisas fosse verdade, mas não posso mentir só para poupar seus sentimentos. — Ele mostrou-se preocupado quando ela continuou. — Tanta coisa aconteceu comigo recentemente, passei por tantas mudanças... Se queremos que as coisas deem certo entre você e eu, temos que ser completamente honestos um com o outro.

A expressão carrancuda de Lorcan começou a se dissolver.

— É um alívio ouvir você falando sobre as coisas darem certo. Por um momento pensei, tive medo, de que estivéssemos terminando.

Grace balançou a cabeça.

— Lorcan, eu disse que gostava do Johnny, não que estava apaixonada por ele.

Os olhos dele brilharam de novo.

— Então quer dizer que está apaixonada por mim?

Grace foi distraída por um movimento no centro do convés. Os vitoriosos estavam

começando a se enfileirar na borda do *Tigre* e olhavam para o *Diablo*, que começava a bater em retirada.

— Não é a hora nem o lugar para discutirmos nossos sentimentos — disse Grace. — Venha, vamos nos juntar aos outros.

Ela se virou e atravessou o convés a passos largos, cheia de energia e objetividade. Lorcan assistiu-a ir, sentindo como se tivesse sido empurrado para longe. Ela dissera que não havia tempo para falar, mas ele só precisava escutar uma palavra: sim.

Por fim os aliados podiam descansar. Piratas e Noturnos vieram de todos os cantos do convés para ficarem juntos enquanto o *Diablo* se afastava pela noite. Suas luzes tinham sido acesas e, ao ver os vitoriosos enfileirados, as forças rebeldes começaram a formar sua fila equivalente na beira do convés.

Os aliados estavam solenes enquanto observavam os inimigos derrotados. Sabiam que, na guerra que estava por vir, nem todas as batalhas seriam vencidas. Já esta noite, muitos de seus colegas haviam pagado o preço definitivo por essa vitória. Muitos, dos dois lados, tinham ferimentos.

Obsidiano Darke estava ao lado de Cheng Li. A capitã olhou para o *Diablo*, sentindo um orgulho justo com a história dessa noite. Depois disso, ela seria motivo para os brindes da Federação, mas, na verdade, isso importava muito menos do que a ideia de que ela e seu grupo, trabalhando ao lado dos Noturnos, haviam alcançado algo importante, além de histórico. Essa vitória não tinha a ver com escrever seu nome nos livros de história — apesar de essa não ser a pior coisa que poderia acontecer —, e sim com dar início a conseguir uma paz duradoura nos oceanos, garantindo que os piratas do futuro possam navegar em águas muito menos turbulentas.

À direita de Cheng Li estava Cate Morgan, notável mestre de armas e especialista em ataques. A batalha desta noite fora seu momento de maior orgulho em termos militares e consolidaria sua reputação extraordinária no mundo pirata. Ela havia elevado seu jogo, sua arte, a um novo nível ao trabalhar com Lorcan Furey e criar técnicas de combate para repelir o inimigo sobre-humano. Apesar disso, Cate não conseguia evitar um sentimento de vazio. Enquanto olhava para o oceano, só conseguia pensar em Bart. Ele deveria estar ao seu lado agora. Tentou manter a esperança de que Bart estivesse vindo para casa, mas, no fundo do coração, sabia que ele jamais retornaria.

Ao lado de Cate estava Jasmine Pavão, e depois Bo Yin. As duas garotas tinham sido feridas na batalha. Elas sustentavam suas cicatrizes com orgulho, sabendo que haviam se

distinguido como guerreiras talentosas e maduras. Jasmine e Bo estavam apenas no começo da carreira de pirata. Quem poderia saber que feitos gloriosos elas alcançariam nas próximas batalhas?

O restante da tripulação de piratas se enfileirava ao lado de Bo Yin, e do outro lado de Obsidiano se estendia a linha dos Noturnos. Ao lado do capitão estava seu tenente, Lorcan Furey. O olhar dele estava voltado para o outro navio, em particular para Johnny. O Vampirata rebelde era uma ameaça em vários sentidos, e Lorcan não deixaria que ele se safasse facilmente.

Os pensamentos de Lorcan se voltaram para Mosh Zu. O guru Vampirata não havia participado da batalha, mas tinha representado um papel vital na preparação dos Noturnos. Às vezes Lorcan sentira-se frustrado com ele, a ponto de duvidar de suas garantias de que o capitão iria retornar. Agora baixou a cabeça e reconheceu que não conseguira ver o quadro geral. Pensou em outra colega importante que também estava faltando: Darcy Flotsam. Ela também havia representado seu importante papel contra os rebeldes. Podia não ter usado uma espada, mas sua colaboração não fora menos válida.

Grace Tormenta caminhou por trás da fileira de aliados e se posicionou no lugar que Lorcan e Obsidiano haviam guardado para ela. Quando parou ali, na beira do convés, com a brisa do oceano soprando o cabelo, sentiu uma conexão repleta de força e solidariedade com os outros na fila. Cada um, a seu modo, havia representado um papel numa missão aparentemente impossível. Olhou para os outros, maravilhando-se com essa estranha, porém poderosa nova aliança entre o mundo dos piratas e o dos Vampiratas. Unidos, não havia ameaça que não pudessem enfrentar.

Ao observar o navio que se afastava, pensou em como as aparências enganavam. Na verdade, agora poderia facilmente estar a bordo do *Diablo*. Havia elos fortes ligando-a a Johnny e aos outros. Sidório ainda era seu pai. Mais importante ainda, Connor continuava a bordo do *Capitão de Sangue*. Grace imaginou como teria sido a iniciação do irmão no sangue e pensou na conversa que haviam tido mais cedo. Fora doloroso ouvir o nojo dele por se transformar em dhampiro. O que quer que acontecesse no futuro, ela precisava ajudá-lo a se adaptar e a se sentir confortável consigo mesmo.

Mas Connor sabia cuidar de si e, por enquanto, o lugar dela era ali, com os Noturnos. Podia ver que Johnny continuava olhando-a enquanto seu navio recuava pela noite. Com alguma dificuldade, afastou o olhar e se virou para Obsidiano Darke.

Ele era *mesmo* o capitão Vampirata? Isso era algo grande demais com que se acostumar. Quando ele se disfarçava atrás de uma máscara e uma capa, havia despertado

um medo profundo nos outros, porém, jamais nela. Agora que tinha rosto humano, ela achou-o muito mais desconcertante.

Ouvindo passos atrás de si, Grace virou-se e olhou por cima do ombro. Viu Mosh Zu e Darcy chegando juntos pelo convés. Deviam ter vindo do *Noturno*. Grace ficou feliz em vê-los de novo, mas sentiu-se nervosa. Ela e Darcy haviam se separado em um clima raivoso, e tudo por culpa de Grace. Será que Darcy iria perdoá-la? Quando os dois companheiros chegaram à fileira, Mosh Zu se separou para ocupar seu lugar na ponta, mas antes que Darcy pudesse segui-lo, Grace estendeu a mão e puxou-a para o espaço ao seu lado. Ela pareceu surpresa, mas satisfeita. Deu um sorriso doce para Grace, deixando transparecer que ela também estava ansiosa para superar qualquer sentimento desagradável. Ficaram lado a lado. A fila estava completa.

De repente o silêncio foi rompido.

— Jacoby! — gritou Jasmine. — Jacoby!

Todos os olhares se viraram para Jasmine, depois foram na direção que seu dedo apontava. Ela indicava o *Diablo*. O navio estava quase totalmente coberto pela escuridão, mas duas novas figuras haviam entrado na fileira. Johnny não estava mais sozinho no centro do navio; junto a ele estava seu colega, o tenente Stukeley, e ao lado deste, estava Jacoby Blunt.

— Jacoby! — gritou Jasmine de novo.

Jacoby olhou para a amplidão que aumentava, mas não parecia vê-la. Não parecia ver nenhum deles. Havia uma expressão estranha, desconectada, em seu olhar. Seria prisioneiro dos Vampiratas? Ninguém parecia estar segurando-o e sua camisa estava encharcada de sangue. Uma fria corrente de medo pulsou no coração de Jasmine. Será que o impensável já havia acontecido?

Sua pergunta permaneceu sem resposta enquanto o espaço entre o *Tigre* e o *Diablo* aumentava e a embarcação Vampirata era finalmente engolida pela noite.

CAPÍTULO 45
Batidas de coração

— Connor — disse Kally. — Tem certeza de que quer fazer isso? Não é tarde demais para Sidório transformá-lo. Você ainda pode trazer o Bart de volta.

Connor se lembrou da noite, seis semanas antes, em que ele, Bart e o restante da tripulação de Cheng Li haviam se reunido no Salão da Lua Cheia. Connor viu, com toda a clareza, Bart batendo com o punho na palma da outra mão. "Uma vida curta, porém alegre. Foi esse o pacote que comprei. Quando eu morrer, me enterrem tão fundo quanto as profundezas do inferno, de onde nenhum vampiro possa me desenterrar e fazer com que eu me junte à tripulação deles."

O fogo nos olhos de Bart quando disse essas palavras ainda estava nítido na mente de Connor enquanto ele se virava para Kally.

— Não — disse. — Por mais que seja tentador para mim, não posso fazer isso com ele. — Connor fizera uma promessa ao amigo e iria honrá-la. Olhou por cima da água para o cadáver de Bart, deitado na areia. — Ele merece uma morte de verdade e a paz que vem em seguida. É a única coisa que me resta fazer por ele.

— Tem certeza? — perguntou Kally de novo.

Connor assentiu. Já ia nadar de novo para perto de Bart, mas hesitou, virando-se para Kally. — Antes de irmos, há uma coisa que eu gostaria de falar com você.

Ela espiou-o, com os olhos cor de arco-íris cheios de curiosidade.

— Ontem tive um sonho com você. Foi sobre nosso encontro na *Calle del Marinero* e a estadia com vocês no *Lorelei*.

Os olhos de Kally brilharam.

— Connor, você lembrou! Finalmente!

— Sonhei que fomos nadando para o barco. Era noite, e você e os outros rabos de peixe já estavam embaixo d'água. Bart, Jez e eu os seguimos. A princípio a água estava escura, mas então se encheu de luzes coloridas, como lasers. — Connor sorriu ao lembrar. — As luzes vinham de você e dos outros rabos de peixe. Você estava *tão* linda, Kal, como um anjo subaquático.

Quando parou de falar, Connor viu que havia novas lágrimas nos olhos dela.

— Você lembrou mesmo — disse ela finalmente.

— É. — Ele nadou para perto dela. — E me lembrei de mais uma coisa: você estava se apaixonando pelo Bart.

Kally não disse nada. Fechou os olhos, mas isso não impediu suas lágrimas. Connor se inclinou para a frente e a abraçou, segurando-a enquanto ela soltava os soluços que cresciam dentro de si. Enquanto a consolava, Connor não pôde deixar de pensar em Cate. Ela também havia amado Bart por muito tempo... Ficaria arrasada ao saber da morte dele, talvez mais do que isso se soubesse que ele estivera pensando em pedi-la em casamento. O anel estivera no bolso de Bart e agora estava com Connor. Seu primeiro pensamento fora entregá-lo a Cate, mas não sabia mais se era a coisa certa a fazer. Talvez isso só fosse causar mais dor.

Por fim, Kally ficou em paz de novo e abriu os olhos.

— O que vai acontecer com você, Connor? — perguntou ela. — Vai voltar para Sidório? Ou para Cheng Li? Ou vai embarcar numa viagem totalmente nova?

Connor não tinha resposta.

— Não sei, só sei que nada será como antes. Nem consigo começar a pensar no futuro enquanto não me despedir do Bart.

— Então venha — disse Kally gentilmente. — Vamos levá-lo para nadar.

Connor segurou um dos braços de Bart e Kally pegou o outro e, juntos, os três amigos começaram a jornada para o oceano profundo.

— Há uma oração — disse Connor a Kally enquanto nadavam para longe da praia. — Bart a recitou no enterro de Jez, e acho que eu gostaria de fazer o mesmo por ele.

— Ótima ideia.

— Sei como começa, mas não sei se consigo me lembrar de tudo.

Kally sorriu para ele.

— O que você conseguir vai ser de bom tamanho.

Connor começou a dizer as palavras enquanto nadava.

— Mãe Oceano, pai Céu,
Levem este pirata para descansar.
Ele era um dos melhores...
Liberte seu espírito para voar.

Irmão Sol e irmã Lua,
Banhem-no em sua luz fugaz.
Ele não precisa mais lutar...
Vocês o chamaram depressa demais.

Raio, trovão, vento e chuva,
Deixem enferrujar sua espada...

Connor parou. Lágrimas escorriam pelo seu rosto.

— Tudo bem — disse Kally. — Não importa se não consegue lembrar mais. Bart vai entender.

— Eu lembro. Não sei como, mas lembro. A pior parte é que, na minha cabeça, posso ouvir Bart recitando no enterro do Jez. E agora... — Ele parou. — E agora...

Kally sorriu, tranquilizando-o. Continuaram nadando em silêncio por um tempo, e agora estavam a uma boa distância da praia. Tanto o ar quanto a água eram mais frios ali. Connor tinha consciência de Kally observando-o, mas estava com a cabeça voltada para longe dela. Não queria encará-la. Tinha certeza de que sabia o que ela iria falar.

Por fim Kally disse:

— Connor, acho que já estamos bem longe.

Ele suspirou e parou de nadar.

— Você está pronto? — perguntou ela.

Flutuando, ele fez um gesto de negação, triste.

— Eu nunca poderia estar pronto para esse momento. — E olhou mais uma vez para o rosto de Bart, com novas lágrimas escorrendo pelas bochechas. — Certo, vamos fazer isso. Só deixe eu me despedir dele.

Connor segurou a mão do amigo e tentou controlar as lágrimas.

— Bart, eu só queria dizer que você foi o melhor amigo que eu já tive. Desde a noite em que nos conhecemos, e você deixou que eu ficasse com a sua cama, lembra?, até a última... — Ele respirou fundo. — Vou sentir muito a sua falta, meu velho.

Connor queria dizer muito mais coisas, porém estava perturbado demais para dar voz às palavras.

— Foi perfeito — disse Kally. — Você acha que posso lhe dar um beijo de despedida?

Connor fez que sim com a cabeça. Viu Kally afastar o cabelo da testa de Bart e depois passar os dedos pelo rosto dele. Por fim deu-lhe um beijo de leve nos lábios.

— Durma bem, belo Bart — disse ela.

Kally soltou a mão de Bart e esperou que Connor fizesse a mesma coisa. Connor sentiu o peso do corpo do amigo afundando. Seu coração se apertou. Não estava preparado. Isso era definitivo demais. Sua mão continuou segurando a de Bart e agora ele sentia que era puxado para baixo d'água, seguindo o amigo querido.

Continuou segurando a mão dele enquanto afundavam lentamente, indo das águas brilhantes e claras para as mais escuras, um pouco mais abaixo. Kally vinha logo atrás, e quando a água ficou escura demais para se enxergar qualquer coisa, sua cauda se iluminou e de repente o oceano estava cheio de um arco-íris de luzes, como Connor havia lembrado no sonho.

E assim os três continuaram a jornada para o oceano. Apesar de tudo que odiava no fato de ser um dhampiro, Connor sentiu-se feliz por poder respirar embaixo d'água e acompanhar Bart em sua última viagem.

Uma coisa que ele ainda não podia fazer, mas Kally sim, era falar.

— Este é um lugar lindo, não acha? — disse ela.

Connor olhou os corais e a vegetação no fundo do oceano. De certa forma, era como um jardim, cheio de cores e vida. Quando deixaram Bart numa posição confortável, um cardume multicolorido passou, demorando-se por um momento, como se cumprimentasse o recém-chegado.

Kally tocou o braço de Connor.

— Ele nunca ficará solitário aqui. Prometo, Connor.

Agora Bart parecia em paz. Sabia que era hora de se despedir.

Olhou mais uma vez para aquele que era o mais amigável dos rostos, depois sentiu Kally puxar sua mão.

— Pronto para nadar de volta para cima? — perguntou ela.

Ele assentiu. Finalmente estava pronto.

No *Errante*, Lola abriu a porta de sua cabine e encontrou Sidório sentado, esperando-a. Era evidente que ele estava melancólico.

— Sei que tivemos nossa primeira derrota — disse Lola —, mas foi só um contratempo, querido. Quando a poeira baixar, vamos reconfigurar as tripulações e voltar mais fortes e implacáveis do que nunca, prometo. — Ela foi até a garrafa cheia e serviu sangue de primeira qualidade em duas taças. Ofereceu uma a Sidório, que a aceitou, mas, de modo incomum, não bebeu imediatamente.

Franzindo o cenho, Lola tomou um gole, do qual necessitava tremendamente.

Sidório tinha uma expressão assombrada.

— De que adianta isso? — perguntou.

— De que adianta o quê? — perguntou Lola, perturbada, mas disfarçando os sentimentos com um tom casual, animado.

— Toda essa luta. A expansão do nosso império. Lembre-me, Lola. *Por que* estamos fazendo isso?

Lola não conseguia mais controlar os sentimentos.

— Não acredito que você esteja me perguntando isso! Morro de medo só de ouvi-lo falar assim.

O olhar triste de Sidório encontrou o da esposa.

— Connor foi embora e está claro que não vai voltar. Ele não quer fazer parte do nosso mundo. E agora fico sabendo que Obsidiano Darke era uma fraude, o capitão do *Noturno* disfarçado. Ele levou minha tripulação para a batalha e destruiu metade dela, nos tratou como idiotas.

Lola franziu a testa diante da confirmação dos boatos que ouvira anteriormente.

— E Grace? — perguntou ela. — Sempre achei que ela possuía mais potencial do que o irmão.

— Foi embora. Grace optou por ficar ao lado de seus antigos aliados. Voltou ao *Noturno* com Darke e sua tripulação. — Ele se virou para Lola, com os olhos vazios e desolados. — Meus dois filhos foram embora e não vão voltar. Não vê como isso faz com que tudo pareça sem sentido?

Lola tomou outro gole de sua bebida e se aproximou de Sidório, passando os dedos por sua cabeça macia.

— Sid, sei que está se sentindo por baixo, mas prometo que logo isso vai mudar. —

Sua voz ficou mais metálica à medida que ela prosseguia. — Nós começamos a construir esse império antes mesmo de descobrirmos que Connor e Grace eram nossos parentes e, agora que eles se foram, devemos continuar o trabalho.

Ele fitou-a.

— Desculpe, mas não sei se ainda tenho a capacidade de lutar.

— Você precisa descobri-la de novo — disse ela, com sangue brotando nos olhos escuros. — Sempre esperamos que Connor e Grace fossem herdeiros problemáticos. O lado humano da natureza deles sempre iria detê-los, e a nós também. — Ela tomou outro gole. Era um sangue ótimo: veludo líquido na língua. — Sei que é difícil, mas você precisa deixá-los partir.

— Não posso simplesmente... deixá-los partir. Quer sejam puro-sangue ou mestiços, Connor e Grace são meus. São os únicos filhos que jamais terei.

Lola sorriu e pousou a taça.

— É aí que se engana.

Ela segurou a mão livre de Sidório e levantou-a até que a palma grossa repousasse em sua barriga. Quando fez isso, ele espiou-a, os olhos arregalados de espanto. Baixou o olhar para a mão, notando que a barriga de Lola estava mais curva do que ele se recordava. Como isso havia lhe escapado? Seus olhos se ergueram para encontrar os dela. Eles pareciam dançar à luz.

— Sente as batidas dos corações? — perguntou ela.

— *Corações*? — Ele direcionou todo o foco para a mão e a barriga de Lola, absolutamente em silêncio. A princípio, nada. Depois, para seu espanto, sentiu dois corações batendo, e sorriu para sua linda, extraordinária esposa.

CONTINUA...

NOTA DO AUTOR

Atenção: abaixo há spoiler!

Tive que trazer Lola Lockwood de volta à vida! Ou melhor, tive que trazer Lola Lockwood Sidório de volta aos mortos-vivos. Ela é um personagem divertido demais de escrever e teve um efeito agradavelmente perturbador em todos os personagens ao seu redor. Quando a apresentei em *Coração Negro*, jamais tive qualquer dúvida de que ela seria destruída nas últimas páginas do livro, mas, quase imediatamente, percebi que, como Sidório, eu não estava disposto a deixá-la ir embora. Quando o livro foi publicado, sua legião de fãs me convenceu de que ela precisava retornar. Tentei manter essa reviravolta como segredo, mas se você compareceu ao meu evento no Festival Internacional do Livro de Edimburgo em agosto de 2009 sabe que deixei a verdade escapar lá. Obrigado por manter o segredo de Lola por alguns meses!

Império da Noite também vê o retorno de Kally — a rabo de peixe que vimos pela última vez em meu conto do Dia Mundial do Livro de 2007, *Dead Deep*. Kally é um personagem tão estimulante que achei divertido trazê-la para um dos livros principais num determinado momento, mas foi por acaso que ela nadou para dentro de *Império da Noite*. Isso só aconteceu bem tarde, ao longo do processo de criação da trama. Eu havia decidido que Connor precisava de um modo discreto, mas convincente, de se comunicar com Cheng Li, estando no *Capitão de Sangue*. Depois de revirar muito o cérebro, percebi

que a resposta era óbvia. Quero dizer: que melhor modo de mandar mensagens secretas em alta velocidade pelo oceano do que por uma rabo de peixe?

Como você deve ter visto, há alguns personagens novos neste livro. Primeiramente, há o trio formado por Mimma, Nathalie e Jacqueline, que Lola designa para ficar de olho em Grace. Essas três apareceram num conto que escrevi para a revista *Puffin Post* no ano passado, chamado *Night Harvest* (agora você pode ler a história em inglês no site vampirates.co.uk). Os nomes dessas damas perigosas foram emprestados de boas amigas que tenho na Austrália. Olá, Mim, Jacqui e Nat! Obrigado gente, por deixar que eu as mostrasse como bandidas implacáveis!

O outro grande personagem "novo" é Obsidiano Darke. Para mim, era realmente importante que, quando o capitão Vampirata retornasse à história, fosse de um modo muito forte, e fiquei empolgado quando tive a ideia de plantá-lo no coração da trama. Gosto do modo como Lorcan e Darcy reclamam de seu fracasso em retornar quando, na verdade, ele já está ali, no meio da ação! Claro, Grace só descobre a verdadeira identidade de Obsidiano bem no fim do livro. Uma das coisas que estou ansioso para explorar na próxima aventura de *Vampiratas* é como ela se relaciona com o antigo mentor em sua nova e bastante diferente encarnação. Ele ainda é um enigma, porém diferente, agora que, por fim, sua máscara foi retirada.

Esse livro também apresenta dois personagens célebres que arranquei descaradamente da História: o pintor italiano Caravaggio (1571-1610) e o renomado *chef* de cozinha francês Auguste Escoffier (1846-1935). Talvez você se interesse em saber que Escoffier realmente criou um famoso "banquete branco e rosa" e eu o reproduzi com bastante fidelidade no Capítulo 17, inclusive a famosa sobremesa do *chef*, o Pêssego Melba!

Ao mesmo tempo em que vê a chegada de alguns personagens novos, este livro também assiste à triste partida de dois importantes membros do elenco que estavam conosco desde o início. Não vou mencionar o nome deles aqui — para o caso de você ter corrido para ler isto antes de terminar a história. O que direi é que não abandonei nenhum dos dois personagens levianamente. Para mim é incomum — na verdade, sem precedentes — chorar enquanto escrevo, mas as lágrimas desciam pelo meu rosto enquanto eu escrevia o Capítulo 45!

Deixando de lado esse momento chorão, no geral foi divertido escrever *Império da Noite*, provavelmente o mais agradável da série *Vampiratas* até hoje. Como sempre, agradeço às pessoas que me ajudaram no processo. Não entre em pânico — não vou fazer um discurso estilo Oscar; acho que a maior parte delas sabe como estou agradecido. O

trabalho de escritor pode ser um negócio solitário, um dos motivos para eu gostar tanto de sair por aí e conversar com meus leitores pelo Reino Unido e pelo mundo afora. Eu estava "na estrada" em vários momentos em que escrevia *Império da Noite*. Em abril de 2009 fiz minha primeira turnê como escritor pelos Estados Unidos, e o dia que passei na maravilhosa Housman Elementary School em Houston me fez ver com outros olhos o personagem Johnny, que também é do Texas.

Às vezes alguns capítulos e cenas surgem agourentos à minha frente, e é bom conversar sobre eles antes de começar a escrever. Tive um "bloqueio" desses no duelo de Connor e Sidório no Capítulo 20. Depois de uma sessão animada com um grupo de inspirados alunos do South Molton Community College, em Devon, saí cheio de ideias e, mais importante, com entusiasmo para voltar a escrever. Também devo a Hedd ap Emlyn, da Wrexham Libraries, os detalhes sobre como cavalgar, que ela me forneceu enquanto me levava ao trem em que eu iria para casa depois de três dias de eventos em North Wales. A cavalgada noturna de Grace e Johnny seria infinitamente mais pobre se não fossem as ideias de Hedd.

Finalmente um enorme agradecimento a todos os Noturnos por aí que, semana sim, semana não, mandam mensagens para o meu blog em vampirates.co.uk. Um escritor não poderia desejar um grupo de leitores mais dedicados. Se você ainda não visitou o site, venha juntar-se ao papo.

Confie na maré!

Justin Somper

Março de 2010

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela
Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Império da noite

Página sobre o livro no Skoob:
http://www.skoob.com.br/livro/231822-imperio-da-noite

Sinopse da série Vampiratas:
http://prateleiradebiblioteca.blogspot.com.br/2012/08/sinopse-vampiratas.html

Artigo sobre a autora na Wikipédia:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Justin_Somper

Site oficial da série Vampiratas:
http://www.vampirates.co.uk/

Página sobre o autor no Skoob:
http://www.skoob.com.br/autor/155-justin-somper

Fan page do autor no Facebook:
https://pt-br.facebook.com/OfficialJustinSomperPage

Perfil do autor no Twitter:
https://twitter.com/JustinSomper

Perfil do autor no Goodreaders:
http://www.goodreads.com/author/show/337831.Justin_Somper

Sumário

CAPA
SÉRIE VAMPIRATAS
ROSTO
CRÉDITOS
DEDICATÓRIA
ABERTURA
PRÓLOGO
SEIS SEMANAS ANTES...
CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16
CAPÍTULO 17
CAPÍTULO 18
CAPÍTULO 19
CAPÍTULO 20
CAPÍTULO 21
CAPÍTULO 22
CAPÍTULO 23
CAPÍTULO 24
CAPÍTULO 25
CAPÍTULO 26
CAPÍTULO 27
CAPÍTULO 28
CAPÍTULO 29
CAPÍTULO 30
CAPÍTULO 31
CAPÍTULO 32
CAPÍTULO 33
CAPÍTULO 34
CAPÍTULO 35
CAPÍTULO 36
CAPÍTULO 37
CAPÍTULO 38
CAPÍTULO 39
CAPÍTULO 40
CAPÍTULO 41
CAPÍTULO 42
CAPÍTULO 43
CAPÍTULO 44
CAPÍTULO 45
NOTA DO AUTOR
COLOFON
SAIBA MAIS